



Isaac Gomes Moraes de Souza

**Construções Verbais Seriadas: uma
Caracterização Intermodal**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Orientadora: Cilene Aparecida Nunes Rodrigues

Coorientador: Josep Francesc Quer Villanueva

Rio de Janeiro
Outubro 2023



Isaac Gomes Moraes de Souza

**Construções Verbais Seriadas: uma
Caracterização Intermodal**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Cilene Aparecida Nunes Rodrigues
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Josep Francesc Quer Villanueva
Coorientador
Universitat Pompeu Fabra

Ronice Muller de Quadros
UFSC

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes
UNICAMP

Ana Maria Barros de Brito
Universidade do Porto

Miguel Rodríguez-Mondoñedo
Pontificia Universidad Católica del Perú- PUCP

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2023.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, dos orientadores e da universidade.



Isaac Gomes Moraes de Souza

Alcançou o título de Mestre em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, em 2016. Graduou-se em Pedagogia, pelo INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), em 2012. No mesmo ano, graduou-se em Letras-Libras, bacharelado com ênfase em tradução e interpretação, pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Concluiu a especialização em 2014 em Educação de Surdos pelo INES.

Ficha Catalográfica

Souza, Isaac Gomes Moraes de

Construções verbais seriadas : uma caracterização intermodal / Isaac Gomes Moraes de Souza ; orientadora: Cilene Aparecida Nunes Rodrigues ; coorientador: Josep Francisco Quer Villanueva. – 2023.
304 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2023.
Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3. Construções com verbos seriados. 4. Coordenação. 5. CVSs-sanduíche. 6. Sequência de verbos AB. I. Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes. II. Quer Villanueva, Josep Francisco. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 400

Antes, cresci na graça e no conhecimento de Cristo.
A Ele seja a glória, agora e para sempre! Amém.
2ª Pedro 3:18

Agradecimentos

Ao longo da caminhada entendemos que não aprendemos sozinhos, nada é fruto do acaso, e que todas as coisas trabalham em conjunto para proporcionar o bem daqueles que amam a Deus. Faço neste momento meus agradecimentos a todos que me deram forças quando em senti fraco e abriram os meus olhos quando me senti forte demais. Agradeço à **Deus**, em primeiro lugar, pois sem Ele nada poderia fazer.

Sou grato por minha amada (e linda) esposa, **Natália Maia**, que pacientemente me motivou, que diligentemente me ofereceu a mão quando me senti preso em um poço escuro, que sofreu calada a minha ausência ao longo de minhas horas, dias, meses, anos a fio de estudo. A você, minha flor rara, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço à minha amada mãe, **Denise Gomes**, que muito batalhou para me ver chegar até aqui. Sei que minha ausência muitas vezes a afetou, mas hoje podemos cantar essa vitória juntos. Obrigado por suas orações, conselhos e por me fazer o homem que hoje sou. Não posso, em hipótese alguma, deixar de dedicar mais uma conquista a você. Obrigado!

Agradeço, também à minha família, em especial aos meus irmãos, **David** e **Moisés**, ao meu padrasto, **Joelson**, e as minhas cunhadas, **Aline** e **Thais**. Obrigado por cada momento e por cada “*ele vai estudar...novidade!*” Vocês fazem a diferença na minha vida. De igual modo, agradeço aos meus mais novos familiares, meus sogros, **Affonso** e **Elizete**, e cunhados, **Cassia**, **Danielle** e **Francisco**. Obrigado pelo incentivo e compreensão em todas as horas. Sou grato a todos vocês!

Agradeço à minha orientadora, **Cilene Rodrigues**, que me conduziu até a concretização de um grande sonho e me incentivou a continuar a caminhada em busca de novos horizontes. Sou grato por cada debate, cada ‘puxão de orelha’, cada momento em que pacientemente me ouviu. Obrigado por me instruir e me indicar os caminhos para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu coorientador **Josep Quer**, que prontamente me aceitou. Obrigado pelas orientações, pelos apontamentos e por sua prontidão em

auxiliar essa pesquisa a todo tempo. Obrigado pelo carinho e solicitude. Você foi uma peça fundamental para a conclusão desse trabalho. *Gràcies per les direccions!*

Não posso me esquecer de agradecer à **Comunidade Surda**. Sem ela esse trabalho seria inviável. Essa comunidade que me acolheu, mesmo eu sendo um 'estranho no ninho'. Obrigado a todos os surdos e surdas que me incentivaram a continuar nessa jornada de conhecimento de seu mundo. Aproveito para agradecer, especialmente, aos **participantes voluntários da pesquisa**. Vocês foram essenciais para a conclusão deste trabalho. Dedico à comunidade meu ofício, a minha amizade e essa tese.

Aos meus queridos amigos do INES, sou ternamente agradecido. Obrigado por acreditarem em meu potencial, em investirem em mim e me incentivar dia a dia. Especialmente agradeço à **Bruna Viana**. Você definitivamente foi um diferencial na minha vida, em especial nesse último ano. Obrigado pelo crédito, pelo carinho, por tudo!

Agradeço, por fim, mas não menos importante, à **PUC-Rio**, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado. Aproveito o ensejo para salientar que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (**CAPES**) - Código de Financiamento 001. Obrigado, pelos investimentos feitos a mim e, conseqüentemente, aos estudos linguísticos sobre a Língua Brasileira de Sinais!

Muito obrigado!



Resumo

Souza, Isaac Gomes Moraes de; Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes (orientadora); Quer Villanueva; Josep Francesc (coorientador), **Construções Verbais Seriadas: uma caracterização intermodal**. Rio de Janeiro: 2023. 304p. Texto da Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As CVSs têm sido amplamente descritas em línguas orais e são produtivas em línguas de sinais. Elas se caracterizam como estruturas multiverbais sem elemento coordenador manifesto, apresentando compartilhamento de marcadores funcionais e de argumentos interno e externo, semântica de evento único e prosódia monossentencial. O objetivo deste trabalho é apresentar uma caracterização a partir de dados translinguísticos e intermodais, sugerindo uma análise formal para o fenômeno com base em uma caracterização pioneira dessas construções em Libras. Duas tarefas de aceitabilidade gramatical, utilizando a técnica *playback*, foram conduzidas com a participação de surdos 'nativos' de Libras, abordando sequências verbais seriadas simétricas e assimétricas. Essa metodologia permitiu a obtenção de dados robustos sobre a estrutura e o uso das CVSs em Libras. As observações empíricas indicam, primeiramente, que as sentenças com empilhamento verbal em Libras são distintas em termos semânticos e sintáticos quando comparadas às sentenças com coordenação, tanto a coordenada explícita quanto a encoberta. Além disso, as CVSs em Libras demonstraram ser produtivas e apresentaram restrições semelhantes às observadas na literatura para línguas orais e de sinais. Identificou-se também a produtividade das 'CVSs-sanduíches' em Libras, que, apesar de compartilhar algumas semelhanças com CVSs em outras línguas de sinais, comportam-se de maneira distinta, funcionando como estruturas de foco com reduplicação verbal. Adicionalmente, foram observadas as sequências de verbos AB com mudança de perspectiva, embora sejam menos produtivas. Estas se distanciam de estruturas passivas convencionais, assemelhando-se mais a predicados complexos. Com base na literatura sobre o fenômeno e nos dados obtidos em Libras, a análise teórica adotada sugere que as CVSs

em Libras envolvem a gramaticalização de um dos componentes verbais seriados, atuando como marcador de aspecto e sendo incorporado na estrutura como um elemento periférico à estrutura argumental projetada pelo verbo não gramaticalizado. Este estudo oferece uma contribuição significativa para o entendimento das CVSs em línguas de sinais, demonstrando a complexidade intrínseca da estrutura linguística em Libras. Além disso, abre perspectivas para futuras pesquisas na área da linguística de línguas de sinais e para uma caracterização mais robusta das CVSs nas línguas naturais.

Palavras-chave: língua brasileira de sinais, construções com verbos seriados, coordenação, CVSs-sanduíche, sequência de verbos AB.

Summary

Souza, Isaac Gomes Moraes de; Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes (advisor); Quer Villanueva; Josep Francesc (co-advisor), **Serial Verbs Constructions: a Cross-Modality Characterization**. Rio de Janeiro: 2023. 304p. Phd Thesis – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Serial verb constructions (SVCs) have been extensively described in oral languages and are also productive in sign languages. These are characterized as multi-verb sequences without manifestation of a coordinator or subordinator element. These sequences share functional marker related to tense, aspect and negation, and the external and the internal arguments. They denote a single event and have monosentential prosody. The aim of this work is to present a characterization of SVCS, based on crosslinguistic and intermodal data, proposing a formal analysis for the phenomenon built upon first-hand data from Libras. Two grammaticality judgment tasks using the playback technique were conducted with the participation of 'native' Libras signers, addressing both symmetric and asymmetric SVCs. Our observations indicate, firstly, that multiverb sequences in Libras are distinct in semantic and syntactic terms when compared to overt and covert coordinated sentences. SVCs proved to be productive in Libras and exhibited restrictions like those documented in the literature for oral languages and other sign languages. 'Sandwiched SVCs' are also productive in Libras, but despite sharing some similarities with SVCs in other sign languages, behave differently, functioning as focus structures with verbal reduplication. Sequences of AB verbs with change of perspective, while less productive, were also observed. These contrast with conventional passive structures, resembling more complex predicate structures. Based on the theoretical and typological literature and on the data collected in Libras, we adopted a syntactic analysis in which SVCs involve grammaticalization of one of the verbs sequences. This grammaticalized form serves as an aspect marker, heading an aspect projection at the left periphery of the argument structure projected by the

non-grammaticalized verb. This study offers a significant contribution to the understanding of SVCs in sign languages, demonstrating the intrinsic complexity of Libras grammar. Moreover, it opens new avenues for research in the field of sign language linguistics and for a more robust characterization of SVCs in natural languages.

Keywords: Brazilian Sign Language, serial verbs constructions, coordination, CVSSs-sandwich, AB verbs sequence.

Sumário

1. Construções com verbos seriados: uma visão geral	21
1.1. Separando o joio do trigo.....	21
1.2. Distribuição do fenômeno nas línguas naturais.....	30
1.2.1. CVSs nas Línguas orais.....	30
1.2.2. CVSs nas Línguas de sinais.....	32
1.3. Caracterização da pesquisa.....	37
1.4. Organização da Tese.....	39
2. Construções com verbos seriados: um olhar intermodal do fenômeno	40
2.1 O fenômeno das CVSs sob uma ótica intermodal.....	41
2.2. Caracterização intermodal da estrutura das CVSs.....	50
2.2.1. Ausência de itens subordinadores e coordenadores.....	50
2.2.2. Estrutura argumental das CVSs e a contiguidade verbal.....	55
2.2.3. Manutenção de propriedades morfossintáticas.....	58
2.2.4. Estrutura eventiva única.....	60
2.2.5. Marcação das categorias gramaticais.....	65
2.2.5.1. Marcação de tempo, aspecto e modo (TAM).....	65
2.2.5.2. Negação.....	68
2.2.6. Compartilhamento de argumentos.....	73
2.3. Contorno prosódico.....	82
2.4. Caracterização semântica.....	84
2.5. Conclusões do capítulo.....	94
3. Diferentes tipos de construções multiverbais em línguas de sinais.....	97
3.1. Identificando e distinguindo construções multiverbais de CVSs em LSs.....	97
3.1.1. Coordenação e subordinação vs. seriação.....	97
3.1.2. Bateria de testes para a detecção de construções seriadas (Lau, 2012).....	106
3.2. Sequências com verbos AB.....	112

3.3. Sequências com reduplicação verbal.....	117
3.4. Conclusões do capítulo.....	120
4. CVSs com empilhamento verbal em Libras: metodologia de coleta de dados.....	121
4.1. Empilhamento verbal em Libras: questões e hipóteses.....	121
4.2. metodologia de coleta de dados.....	128
4.3. materiais e método.....	130
4.4. Estruturação dos testes de aceitabilidade gramatical.....	141
4.4.1. TJAG-1: empilhamento verbal: coordenação ou seriação?	141
4.4.2. TJAG-2: foco nas CVSs-sanduíches.....	149
4.5. Resumo do capítulo.....	159
5. Estruturas com empilhamento verbal em Libras: análise descritiva....	160
5.1. Tipos semânticos de CVSs	160
5.2. TJAG-1: resultados obtidos	165
5.3. TJAG-2: resultados obtidos	173
5.4. Mudança de perspectiva e a sequência de verbos AB.....	177
5.5. Conclusões do capítulo.....	187
6. A periferia do vP em construções com verbos seriados.....	190
6.1. Análises anteriores.....	190
6.1.1. Ramificação ternária.....	191
6.1.2 CVSs como estruturas de adjunção.....	194
6.1.3. CVSs como subordinação de SVs.....	197
6.1.4. CVSs como estruturas com especificação de núcleos funcionais.....	204
6.2. CVSs e especificação de núcleos funcionais na periferia do vP.....	211
6.2.1.CVSs simétricas e assimétricas.....	212
6.2.2. CVSs-sanduíche: interação entre apagamento de cópias e realização em PF de traço de foco.....	214
6.3. Conclusão do capítulo.....	219

7. Conclusões finais.....	220
Referências Bibliográficas.....	222
Anexos.....	245

Lista de Tabelas

Tabela 1: Classificação das CVSs conforme Veenstra & Muysken (2017:12).....	90
Tabela 2: Verbos de CVSs do tipo 1 (VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:13).....	90
Tabela 3: Propriedades rígidas e parametrizadas das CVSs.....	95
Tabela 4: Características universais das CVSs.....	95
Tabela 5: Testes para a diferenciação de estruturas multiverbais de Lau (2012).....	112
Tabela 6: Estruturas coordenadas e estruturas com empilhamento verbal em Libras: realização dos verbos no espaço de sinalização.....	127
Tabela 7: Dados sociolinguísticos dos participantes da pesquisa.....	131
Tabela 8: Apresentação do experimentador.....	132
Tabela 9: Apresentação dos personagens das histórias.....	135
Tabela 10: Primeira história: ‘festa de aniversário da Júlia no parque de diversões’	136
Tabela 11: Segunda história: ‘as crianças na escola’	137
Tabela 12: Design experimental do TJAG-1.....	147
Tabela 13: TJAG-2: configurações de CVSs sanduiches testadas.....	157
Tabela 14: Contextos para a verificação de diferentes tipos de CVSs...162	
Tabela 15: Julgamento de P03 para os itens da TJAG-1.....	166
Tabela 16: Leitura prosódica bissentencial para estruturas com elementos intervenientes.....	168
Tabela 17: Considerações de P03 sobre itens inconsistentes	169
Tabela 18: Diferenças entre os resultados para construções empilhadas e coordenadas.....	173
Tabela 19: TJAG-2: Nota atribuída pelo Julgamento de P03 coletados por condição.....	174
Tabela 20: TJAG-3: Microcontextos para a verificação de estruturas ativas, passivas e AB.....	182

Lista de figuras

Figura 1: mudança de perspectiva em verbos AB (SLONIMSKA & CAPIRCI, 2019:1).....	114
Figura 2: seção de prospecção com P01.....	133
Figura 3: Introdução às tarefas experimentais. Apresentação do experimentador.....	132
Figura 4: Sinal de Tiago.....	135
Figura 5: Sinal de Marcos.....	135
Figura 6: Sinal de Carmem.....	135
Figura 7: Sinal de Julia.....	135
Figura 8: P02 sinalizando a primeira história contextualizadora.....	136
Figura 9: P02 sinalizando a segunda história contextualizadora.....	137
Figura 10: Versão de Schlenker (2016, 2018) do método playback para a coleta de dados.....	139
Figura 11: Método playback adotado nessa pesquisa para a coleta de dados.....	140
Figura 12: Foco do objeto como estratégia de passivação (Miranda, 2014:62).....	179

Lista de abreviações

ACC - caso acusativo

ADV - advérbio

AdvP – adverb phrase

AFF - afirmativo

AOR - aoristo

ART - artigo

ASP - aspectual

AspP- *aspect phrase*

CAUS - causativo

CL - classificador

CO - sufixo de conexão

CONT - contável

CONT- contínuo

COORD - coordenador

CSC - *Coordinate Structure Constraint*

DC - declarativo

DEF- definido

DET - determinante

DIST - distributivo

DU - dual

DP - *determiner phrase*

ERG - caso ergativo

EST - estativo

EXCL - exclusivo

EPP- *Extended Projection Principle*

F - feminino

Fe – foco enfático

FOC - foco

FUT - futuro

FUT2 - futuro próximo

FP - *focus frase*

HAB - habitual

IMED - imediato
INCL - inclusivo
INDEF - indefinido
LF - *logical form*
lit. - literalmente
LOC - locativo
LS - língua de sinais
NEG – negação
M - masculino
NOM - caso nominativo
NP - *noun phrase*
OBJ - objeto
OSH - *Object Sharing Hypothesis*
PART - partícipio
PASS - passado
PASS2 - passado recente
PERF - marcador de aspecto perfectivo
PF - *phonetic form*
PL - plural
POSS- possessivo
POT - potencial
PREP - preposição
PROG - progressivo
REAL - real
SG ou S- singular
SUJ – sujeito
SV – sintagma verbal
SD – sintagma determinante
SN – sintagma nominal
SP – sintagma preposicional
TAM - tempo, aspecto e modo
TR - transitivo
TP - *tense phrase*
T - tempo

TEMPO - marcador de tempo

V1 - primeiro verbo

V2 - segundo verbo

VP1 - *verbal phase 1*

VP2 - *verbal phase 2*

V3 - terceiro verbo

Vn - verbo da cadeia

VP - *verbal phrase*

v - *little v*

Convenções de notação de dados de línguas de sinais

i – sinais manuais

ÁRVORE	sinal lexical
CL_SASS:	classificador nominal associado à uma configuração de mãos indicando forma ou tamanho
Egg-CAKE	sinal composto de dois sinais lexicais
C-A-R-L-O-S	sinal soletrado
CL_SEM:	classificador semântico
CL_HANDLE:	classificador de manipulação
{ }	construções simultâneas
IX _j	apontamento correferencial
IX _a	apontamento pronominal
menino _a	produção do NP em um <i>locus</i> do espaço de sinalização
₀ DAR ₃	slots de concordância verbal de sujeito e de objeto
GASTAR+++	reduplicação
DV	Descritor Visual
[RS-x]	Role- <i>shift</i> para a perspectiva x

ii - Marcadores não-manuais sintáticos

___rel / ___r	marcador de sentença relativa
___wh	marcador de sentença interrogativa
___top/ ___t	marcador de tópico

iii- Marcadores não-manuais prosódicos

___head nod/ ___hn	aceno de cabeça
___blink/ ___bl	piscar os olhos
___hs	movimento lateral de cabeça
___br	levantamento de sobrancelha
___bd	deslocamento do corpo
___puffed cheek	bochecha inflada
___pursed lips	lábios comprimidos
___eye gaze/ ___eg	fixação do olhar
___lips down	lábios para baixo

Lista de abreviações das línguas de sinais

AdaSL - língua de sinais de Adamorobe (*Adamorobe sign language*)

ASL - língua de sinais americana (*American Sign Language*)

Auslan - língua de sinais australiana (*Australian Sign Language*)

BSL - língua de sinais britânica (*British Sign Language*)

DSL - língua de sinais dinamarquesa (*Danish Sign Language*)

FinSL - língua de sinais finlandesa (*Finnish Sign Language*)

HKSL - língua de sinais de Hong Kong (*Hong Kong Sign Language*)

Libras - língua brasileira de sinais

LIS - língua de sinais italiana (*Lingua dei Segni Italiana*)

LSA - língua de sinais argentina (*Lengua de Señas Argentina*)

LSC - língua de sinais catalã (*Llengua de Signes Catalana*)

NGT - língua de sinais holandesa (*Nederlandse Gebarentaal*)

NSL - língua de sinais norueguesa (*Norwegian Sign Language*)

RSL - língua de sinais russa (*Russian Sign Language*)

TID - língua de sinais turca (*Türk İşaret Dili*)

1.

Construções com verbos seriados: uma visão geral

Como introdução, esse capítulo tem por objetivo apresentar o fenômeno investigado: as construções com verbos seriados (CVSs). Para isso, de partida, separamos ‘o joio do trigo’ (1.1), apresentando objetivamente tipos de construções multiverbais que não se enquadram no conjunto de estruturas que aqui analisaremos. Em nossa investigação, consideramos a manifestação do fenômeno da seriação verbal em línguas naturais em diferentes modalidades: oral-auditiva e visuoespacial. Reportamos a distribuição das CVSs na literatura (1.2) e, com base nas propriedades gerais identificadas, levantamos hipóteses, desenhamos uma metodologia de coleta de dados para alcançar os objetivos propostos nessa tese (1.3). Por fim, pontuamos a estrutura desse trabalho para fins didáticos de leitura (1.4).

1.1.

Separando o joio do trigo

O fenômeno em investigação nesta tese é amplamente conhecido na literatura como construções com verbos seriados (*serial verb constructions* - doravante CVSs), ou construções multiverbais (*multiverbs constructions*). Essas construções são amplamente produtivas em diversas línguas naturais e são frequentemente ilustradas com dados como (1) da língua edo (nigero-congolesa, Nigéria).

- (1) Ózo ghá mièn iyán èvá lé
Ozo FUT find yam two cook
Ózo FUT encontrar inhame dois cozinhar
 ‘Ozo will find two yams to cook (and do so).’¹
 ‘Ózo encontrará dois inhames (e) cozinhar (e o fará).’²

(BAKER & STEWART, 2002:3)

As CVSs caracterizam-se como sentenças com dois (ou mais) verbos principais (e.g., *mièn* e *lé* em (1)), sem a presença aberta ou encoberta de uma conjunção coordenadora ou subordinadora, comportando-se como um único predicado, tanto do ponto de vista da forma quanto do significado, já que apresentam um único contorno entonacional e denotam um único evento, composto por subeventos³.

A literatura relata que verbos seriados compartilham seus argumentos, *iyán èvá* (‘inhame dois’) em (1), e recebem a mesma marcação TAM (aspecto, tempo e modo), como *ghá* (FUT). Semanticamente, denotam um evento único com alguma relação semântica de causa, resultado ou intencionalidade, entre os subeventos expressos pela série verbal. Por exemplo, (1), de acordo com Baker & Stewart (2002), é interpretado como ‘*Ozo encontrará dois inhames com a intenção de cozinhá-los*’.

¹ Os dados apresentados nessa tese serão apresentados na seguinte ordem: (i) dado original da língua; (ii) glosa dada pelo autor da fonte original do exemplo (em itálico); (iii) glosa em língua portuguesa, traduzida por mim, Isaac Gomes, autor da presente tese (em itálico); (iv) tradução feita pelo autor da fonte original do exemplo; (v) tradução feita por mim (autor da presente tese), em língua portuguesa. Embora por demais extensa, esta apresentação dos dados resguarda a originalidade e a acessibilidade dos dados.

² Investigamos nesse estudo uma construção que se distancia categoricamente de construções com coordenação sintática, produtivas em um conjunto particular de línguas. Portanto, para que a tradução para a língua portuguesa dos dados apresentados não induza uma leitura de coordenação, adotaremos o uso de parênteses entre o elemento coordenador na tradução para evidenciar sua ausência no dado original.

³ A noção de evento tem sido tradicionalmente associada a uma estrutura sintática, especialmente a partir de predicados verbais, que expressa uma ação, situação ou estado. As investigações que assumem a eventualidade única em CVSs tomam por critério de definição a intuição, a tradução, a entonação, as restrições culturais e o escopo de modificadores temporais. Entretanto, não é claro se uma CVS, de fato, denota um único evento e como se poderia sustentar tal proposição (CROWLEY, 2002; FOLEY, 2010; PAWLEY, 2011; DEFINA, 2016). A partir de uma análise de gestos associados à fala, Defina (2016) observa que as CVSs em avatime (nigero-congolesa, Gana), denotam um macro evento principal único composto que unifica uma sequência de subeventos.

De saída, podemos advertir que CVSs não podem ser confundidas com estruturas bissentenciais com coordenação encoberta⁴, como em (2) da língua yorùbá (nigero-congolesa, Nigéria).

- (2) Olú gbé aga Olú wá
Olú took chair Olú came
Olú pegou cadeira Olú veio
 ‘Olú pegou uma cadeira; Olú veio.’ (AWOBULUYI, 1973:87)⁵

Apesar da sentença exemplificada em (2) também conter dois sintagmas verbais sem a presença de um coordenador manifesto, os verbos não formam um predicado único, o que a distancia categoricamente do fenômeno observado em (1). Note, primeiramente, que o argumento externo, *Olú*, é repetido, precedendo seus predicados. Não há, portanto, compartilhamento de argumentos. Além disso, semanticamente, (2) denota dois eventos distintos: *gbé aga* (‘pegar a cadeira’) e *wá* (‘vir’). E, por fim, não há um contorno prosódico único no enunciado, sendo observada uma quebra entonacional entre os predicados, fator necessário para a identificação de uma CVS, conforme Cleary-Kemp (2015:2). A sentença em (2), portanto, embora possa apresentar semelhanças superficiais com as CVSs, não tem a estrutura interna de uma CVS. De fato, nem todas as sentenças multiverbais se enquadram formalmente no fenômeno em análise. Portanto, antes de avançarmos em nossa apresentação, é preciso separar ‘o joio do trigo’, uma vez que a literatura tem usado a terminologia de ‘construções com verbos seriados’ para caracterizar sentenças que não apresentam todas as propriedades de uma CVS verdadeira.

No que pese a abrangente literatura sobre essas construções, ainda carecemos também de definições e caracterizações consistentes do fenômeno (cf. HASPELMATH, 2016). De fato, não há na literatura um consenso bem estabelecido sobre que tipos de estruturas multiverbais devem, ou não, ser abarcadas pelo rótulo ‘construções com verbos seriados’. Essa falha levou alguns pesquisadores a rejeitarem o rótulo

⁴ Para mais detalhes sobre coordenação encoberta, ver Baker (1989).

⁵ O dado no original não apresenta a tradução do autor.

‘CVSs’, considerando essas estruturas como heterogêneas e de difícil análise (DELPLANQUE, 1998; PAUL, 2008; SEUREN, 1990). Para esses pesquisadores, a literatura tem usado o termo como um rótulo ‘guarda-chuva’ que inclui um conjunto de construções diversificadas e com propriedades formais e semânticas muito díspares, devendo, portanto, ser abandonado.

Com uma visão mais abrangente, Aikhenvald (2006b), em conformidade com outros estudos tipológicos, traça um conjunto de características para as CVSs, pressupondo que a classificação dessas estruturas deva ser realizada a partir de uma abordagem escalar, em que as construções em análise não precisam ter todas as características de uma CVS, se enquadrando como estruturas mais próximas ou mais distante de uma ‘CVS prototípica’.

Entretanto, em contraste com a proposta de Aikhenvald, estudos formais apostam em uma categorização baseada em um conjunto de propriedades comuns às diversas estruturas superficiais observadas, como Haspelmath (2016) e Veenstra & Muysken (2017). Nesta mesma linha, na presente pesquisa, restringimos e filtramos o conjunto de estruturas classificadas como CVSs, ‘limpando o terreno’ empírico para a descoberta de generalizações que possam nos guiar na identificação da estrutura sintática dessas construções.

De antemão, desconsideramos como CVSs as construções multiverbais lexicalizadas que o dado do chinês em (3) exemplifica. As construções multiverbais lexicalizadas se cristalizam como expressões idiomáticas, e vem sendo tratadas como CVSs por autores como Comrie (1995), Thornes (2003) e Aikhenvald (2006b).

(3) tai sung sik faan
look dishes eat rice
olhar pratos comer arroz

‘live within one’s means.’

‘Viva dentro de seus limites.’ (lit. ‘Coma arroz olhando para o prato.’)

(MATTHEWS, 2006:79)

Embora essas sentenças se assemelhem às chamadas CVSs simétricas prototípicas da forma [V₁ NP V₂ NP], distinguimos aqui CVSs de expressões idiomáticas e de compostos lexicalizados. Expressões cristalizadas apresentam rigidez composicional e não são produtivas, sendo construídas a partir de um conjunto restrito de verbos e de argumentos. Uma CVS *bona fide*, em contraste, possui maior liberdade em sua composicionalidade, como apresentando em Cleary-Kemp (2015:103). Retomaremos essa discussão no capítulo 2, onde exploraremos em detalhe as propriedades dos diferentes tipos de CVSs em línguas orais.

Podemos usar o critério de produtividade para classificar uma língua como licenciadora de CVSs ou não. Uma língua X é uma língua serializadora se, e somente se, X licenciar CVSs formadas a partir de um conjunto amplo de combinações verbais. Casos em que há restrições lexicais impostas ao tipo de verbo, com combinações muito específicas, sugerem um processo de lexicalização de construções multiverbais, como a expressão idiomática em (3)⁶. A inclusão dessas construções no conjunto de estruturas CVSs torna-se um complicador, dado as limitações das entradas lexicais observadas nessas construções (HASPELMATH, 2016:297).

Outra construção multiverbal que alguns autores assumem como CVSs são estruturas com inserção de verbos fonologicamente distintos, mas são sinônimos ou quase-sinônimos (AIKHENVALD, 2006b; DURIE, 1997), como no exemplo da língua kambera (austronésica, Indonésia) em (4).

⁶ As construções lexicalizadas multiverbais não parecem apresentar uma relação semântica composicional, e, portanto, embora sejam consideradas na literatura tipológica como CVSs, essas não preenchem todos os critérios de uma CVS verdadeira, como observa Cleary-Kemp (2015). O dado de koro (sino-tibetana, Índia), a seguir, apresenta uma restrição de s-seleção em que a 'morte' é ocasionada estritamente pelo ato de 'bater'.

- (i) Komu i ngap tehene chinal a u k-a-ni
 word real:3sg run thus devil dist 3pl.sbj perf-non.sg-perf
palavra REAL:3SG correr assim diabo DIST 3PL.SUJ PERF=NOM.SG+PERF
 Tah-i i k-i-ni mat
strike-spec.obj 3sg perf-3sg-perf die
bater-SPEC.OBJ 3SG PERF=3SG=PERF morrer
 'Word spread that the devil had been killed'
 'Espalhou-se a notícia de que o diabo havia sido morto.' (CLEARY-KEMP, 2015:111)

Cleary-Kemp sugere que as estruturas multiverbais lexicalizadas envolvem uma entrada lexicalizada com dois verbos com semântica de expressão idiomática. Em concordância com essas observações, desconsideramos as expressões idiomáticas como CVSs para a análise nesse trabalho.

- (4) hunju tobung-danya
slaughter.pig slaughter.cow3person.cont
abater.porco abater.vaca3P.CONT
 ‘They were slaughtering.’
 ‘Eles foram abatidos.’ (AIKHENVALD, 2006b:30)

Essas sentenças são chamadas de ‘*expressões elaboradas*’⁷ e são também denominadas de CVSs sinônimas (AIKHENVALD, 2006b:30). Note, no entanto, que os verbos dessas construções apresentam uma relação de sinonímia, empregados com o objetivo de intensificar o evento/ação. Por não possuir uma semântica eventiva composicional, essas construções também serão descartadas do conjunto das CVSs que investigaremos aqui, consoante à análise de Haspelmath (2016:297).

Outra estrutura que deve ser cuidadosamente diferenciada de CVSs são os predicados complexos (PCs). Embora tanto os PCs quanto as CVSs sejam amplamente analisadas, ainda há estudos que não os discriminam (BUTT *et al.*, 2021). Os dados em (5) apresentam exemplos de CVSs em punjabi (indo-ariana, Índia/Paquistão), enquanto em (6), estruturas de predicados complexos.

- (5) a. o-ne Khat Likh pejya
s/he-ERG letter.M-NOM write.SV1 send.M.PF
Ele/Ela-ERG carta.M-NOM escrever.SV1 enviar.M.PF
 ‘S/he cut and ate the apple.’
 ‘Ele/ela cortou e comeu a maçã.’
- b. Chor Zevar Le nasya
thief.S.M- NOM jewellery.P.M-NOM take.SV run.PF
ladão.S.M- NOM joias.P.M-NOM pegar.SV correr.PF
 ‘The thief took the jewelry and ran away.’
 ‘O ladrão pegou as joias e fugiu.’

⁷ Ver Riddle (1990).

- (6) a. asif-ne saanp-nu Maar ditta
asif.S.M-ERG snake.S.M-ACC kill.V1 put.PF
asif.S.M-ERG cobra.S.M-ACC matar.V1 causar.PERF
 ‘Asif killed the snake.’
 ‘Asif matou a cobra.’
- b. uzma-ne Khana Kha liyaa
uzma.S.F-ERG meal.S.M-NOM eat.V1 take.PF.M
uzma.S.F-ERG refeição.S.M-NOM comer.V1 pegar.PERF.M
 ‘Uzma took her meal.’
 ‘Uzma comeu sua refeição.’

(BUTT *et al.*, 2021:7)

PCs, como em (6), se diferem de CVSs, em (5), pela relação eventiva e pelo tipo de verbo da cadeia. Em CVSs os verbos denotam dois subeventos, formando um macro evento único, enquanto em PCs os verbos denotam uma relação eventiva única, como em (b) em que os verbos ‘*Kha*’ (comer) e ‘*liyaa*’ (pegar) denotam um evento único: ‘*comer refeição*’. Em geral, um dos verbos que compõe a cadeia dos PCs é necessariamente um verbo leve. Entretanto, CVSs, mais especificamente as CVSs assimétricas (ver seção 2.1), também podem ter em sua cadeia seriada um verbo leve (*i.e.*, um verbo gramaticalizado), como em (7), da língua punjabi (indo-ariana, Índia/Paquistão).

- (7) O Bazar Thela Le gya
he/she SG.M-NOM market-LOC bag-SG.M-NOM take-V1 wentPST
ele/ela SG.M-NOM mercado-LOC sacola-SG.M-NOM pegar-V1 irPASS
 ‘He took the bag and went to market.’
 ‘Ele pegou a sacola (e) foi ao mercado.’

Desconsideramos dessa análise, portanto, os PCs, pois, embora se assemelhem às CVSs, essas apresentam uma relação eventiva distinta do fenômeno aqui investigado.

Uma vez que a caracterização das CVSs é controversa, as pesquisas que buscam investigar essas construções precisam observar um conjunto de critérios de caracterização, construídos a partir de abordagens

comparativas. É nessa linha que se inscreve a presente pesquisa, que busca, a partir de dados translinguísticos e intermodais⁸, caracterizar formalmente as CVSs. Nosso objetivo é oferecer uma caracterização sistemática das CVSs, verificando quais generalizações (ponto de convergência) e quais variações paramétricas (pontos de divergência) são observadas na sintaxe dessas estruturas.

Nosso trabalho toma, como ponto de partida, as propriedades listadas abaixo (BAKER, 1989; LARSON, 1991; MUYSKEN & VEENSTRA, 1995; PAWLEY & LANE, 1998; BAKER & STEWART, 2002; AIKHENVALD, 2006b, 2018; CLEARY-KEMP, 2015; HASPELMATH, 2016; VEENSTRA & MUYSKEN, 2017).

- a. ausência de elemento coordenador, subordinador ou de ligação;
- b. sequência verbal: presença de dois (ou mais) verbos contíguos, ou não;
- c. *status* verbal: todos os verbos sequenciados são independentes na língua em análise;
- d. semântica monossentencial: semanticamente os componentes verbais denotam um evento complexo único, sendo cada componente verbal um subevento do macroevento denotado;
- e. manutenção da estrutura morfossintática dos verbos seriados;
- f. compartilhamento de informação funcional: núcleos funcionais que dominam a concha verbal, como tempo, modo, aspecto e negação, são compartilhados;
- g. compartilhamento argumental: compartilhamento de argumentos interno e/ou externo;
- h. entonação monossentencial: em PF, a sequência verbal é marcada por uma prosódia monossentencial.

⁸ Entre a modalidade oral-auditiva das línguas orais e a modalidade visuoespacial das línguas de sinais.

Com base nas características acima, o dado em (1), assim como o dado em (8), da língua saramacano (língua crioula, Suriname), ilustra uma CVS verdadeira.

- (8) A kaí gó a dí baáku
 3SG fall go LOC DET hole
 3SG cair ir LOC DET buraco
 'He fell into the hole.'
 'Ele caiu no buraco.'

(VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:14)

Em (8), (i) não há a manifestação aberta de um elemento coordenador ou subordinador na sentença; (ii) há a presença de dois verbos: *kaí* ('cair') e *gó* ('ir'), (iii) que são lexicalmente independentes, não pertencendo a uma classe específica de verbos; (iv) que denotam um evento único '*caiu e foi para dentro do buraco*', e (v) não sofrem nenhum tipo de alteração em sua composição morfofonológica. Ainda, (vi) observa-se o compartilhamento de informações relativas ao tempo, aspecto, modo e evidencialidade e (vii) dos argumentos que compõem a estrutura argumental dos verbos envolvidos. (viii) Não há evidência prosódica de segmentação sentencial entre V_1 e V_2 , apresentando-se, portanto, como uma estrutura monossentencial.

Além das características listadas acima, Baker (1989) e Baker & Stewart (2002) observam, também, que as CVSs podem envolver uma relação semântica entre os verbos sequenciados, como intencionalidade em (1), que será retomada mais diante no capítulo 2 (seção 2.4).

Além dos diversos estudos que observaram a produtividade desse fenômeno em línguas orais, desde os anos 1990, estudos em línguas de sinais (LSs), embora mais escassos, identificam também a produção de CVSs nessas línguas, como apresentaremos brevemente mais adiante na seção 1.3 e com mais detalhe no capítulo 2.

1.2.

Distribuição do fenômeno nas línguas naturais

Por se tratar de um estudo que envolve dados de línguas pouco estudadas e de línguas de minorias populacionais, nas próximas seções apresentaremos a distribuição linguística das CVSs, indicando, sempre que possível, os trabalhos mais relevantes para a língua mencionada.

1.2.1.

CVSs nas Línguas orais

O estudo de Christaller (1875) sobre a língua twi (nigero-congolesa, Gana) foi o primeiro estudo a observar a ocorrência de uma cadeia verbal seriada. O autor descreveu a serialização como sentenças com sequências de dois ou mais verbos sem conexão por conjunção e com o compartilhamento do sujeito. Mais tarde, em 1930, Westermann descreveu construções similares na língua ewe (nigero-congolesa, Gana). Embora pioneiros, esses dois trabalhos são de cunho puramente descritivo e essas construções foram apresentadas como um problema teórico para as primeiras análises do paradigma teórico proposto pela Gramática Gerativa, pois entendia-se como estruturas monossentenciais apenas estruturas compostas por um único verbo.

Apesar dos estudos pioneiros de Christaller (1875) e de Westermann (1930), as construções com verbos seriados passaram a receber mais atenção apenas após a metade do século passado, a partir de pesquisas sobre línguas nigero-congolesas da África Ocidental (STEWART, 1963; BAMGBOSE, 1973, 1974; AWOBULUYI, 1973). Nos anos sessenta, surgem as primeiras análises formais para as CVSs, especialmente a de Stewart (1963), com base em dados da língua twi (nigero-congolesa, Gana), e com a proposta de que as CVSs seriam derivadas a partir de regras transformacionais. Já nos anos setenta, pesquisadores de línguas nigero-congolesas da África Ocidental, como Bamgbose (1973, 1974) e Awobuluyi (1973), também apresentaram tratamentos teóricos formais para CVSs em yorùbá (nigero-congolesa, Nigéria).

Somente nos anos 80, as CVSs passaram a ser observadas também em línguas não ocidentais, como em línguas do oeste da África (STAHLKE, 1970; GIVÓN, 1975; LORD, 1989, 1993; SCHACHTER, 1974), do sudeste da Ásia (LI & THOMPSON, 1981; CLARK, 1992; MATISOFF, 1969; BISANG, 1992), da Papua Nova Guiné (FOLEY & OLSON, 1985) e da Oceania (DURIE, 1988).

A partir dos anos 90, línguas das Américas também se tornaram objeto de interesse de pesquisadores (América do Norte e Central: HALE, 1991; AIKHENVALD & MUYSKEN, 2011; BECK, 2011; CORRAL ESTEBAN, 2017; JENSEN, 1998; América do Sul: DOURADO, 2002; ROSE, 2009; AIKHENVALD, 2012; BIRCHALL, 2014). As CVSs foram investigadas, também, em línguas asiáticas (chinês: LI & THOMPSON, 1973; CHANG, 1990; DAI, 1990; CHEN, 1993; HANSELL, 1993; LAW, 1996; WANG, 2007; PAUL, 2008; TAO, 2009; FAN, 2016; tailandês: MUANSUWAN, 2001; TAKAHASHI, 2009), em lao (ENFIELD, 2007, 2008); e em hmong (JARKEY, 2010, 2015; MEISTER, 2010). Observou-se, também, a ocorrência da seriação verbal em algumas línguas crioulas e em *pidgins* (JANSEN *et al.*, 1978; CROWLEY, 1990; FORMAN, 1993; MEYERHOFF, 2001).

Ross e Lovstrand (2018) mapearam a distribuição das CVSs nas línguas do mundo, e a partir de uma amostra de 325 línguas, os autores identificaram 120 com ocorrências de seriação verbal, embora os autores não tenham apresentado quais dessas sequências são CVSs verdadeiras.

No passar dos anos, portanto, a análise das propriedades sintático-semânticas das CVSs têm se apresentado como um campo fértil de pesquisa, tornando-se alvo de interesse de pesquisadores em diferentes línguas, tanto com ênfase em estudos tipológicos descritivos (*e.g.*, STAHLKE, 1970; JANSEN *et al.*, 1978; FOLEY & OLSON, 1985; GIVÓN, 1991; AIKHENVALD, 2006b, 2018), quanto com foco em aspectos formais (*e.g.*, BAKER, 1989; LARSON, 1991; LAW & VEENSTRA, 1992; VEENSTRA, 1993; MUYSKEN & VEENSTRA, 1995, 2006; COLLINS, 1997; BAKER & STEWART, 1999, 2002; CARSTENS, 2002; ABOH, 2009, 2018).

Desse modo, podemos dizer que: (a) no que pese as CVSs formarem um fenômeno diverso, ocorrendo em línguas geograficamente e geneticamente independentes, é possível observar um conjunto de características compartilhadas, como apresentado acima, e (b) é relevante também ressaltar que uma definição mais restrita do fenômeno é necessária para que possamos chegar a generalizações empiricamente testáveis, como defendido por Haspelmath (2016). Voltaremos a esta questão nos próximos capítulos.

1.2.2.

CVSs nas Línguas de sinais

O primeiro estudo comparativo entre CVSs em línguas orais e de sinais foi realizado por Supalla (1990). Inicialmente, Supalla & Newport (1978) e Supalla (1978,1982) observaram um conjunto de estruturas em ASL com verbos de movimento, que são verbos com morfologia complexa, capazes de denotar relações de movimento, orientação e caminho⁹. Nesses verbos, diferentes afixos podem ser adicionados à raiz verbal, incluindo morfemas de movimento denotando o caminho, a direção ou o modo do movimento. Podem também ser afixados morfemas classificadores (CL) e de locação espacial associada a um referente. O dado em (9) da ASL exemplifica uma estrutura dessa natureza.

(9) VEHICLE-CIRCLE-DOWNWARD¹⁰

VEÍCULO-CÍRCULO-PARA.BAIXO

‘A vehicle spirals downward.’

‘Um veículo desce em espiral.’

(SUPALLA, 1990:129)

No dado acima, um movimento circular com direção para baixo é afixado à raiz do verbo classificador para denotar o evento de movimento de VEHICLE. Devido à morfologia simultânea desse tipo de verbo,

⁹ ver seção 2.4 sobre a tipologia das CVSs.

¹⁰ Os sinais em línguas de sinais são transcritos com caixa alta.

conforme Supalla, estruturas dessa natureza exigem verbos eventivos que envolvem tanto movimento (CIRCLE), como direção/caminho (DOWNWARD).¹¹

Contudo, Supalla, em 1990, observa um conjunto de sentenças que fogem da configuração morfossintática das estruturas com verbos de movimento. O autor identificou, em ASL, estruturas envolvendo uma sequência (ou série) de verbos, que denotam um único evento de movimento, como o dado da ASL em (10).

- (10) a. PERSON WALK_{human-limping} GO_{circle}
 PESSOA ANDAR_{pessoa-mancando} IR_{círculo}
 ‘A human limping in a circle’
 ‘A pessoa mancou em círculo.’

(ASL, SUPALLA, 1990:133-134)

- b.
- 

V₁: modo do movimento:
pessoa mancando



V₂: Caminho do movimento:
circular

Diferente de (9), em (10) o sinalizador usa primeiramente um verbo classificador, WALK_{human-limping} (‘pessoa andar mancando’), que recebe como afixo uma configuração de mãos para expressar o modo do movimento (mancando). Em sequência, um segundo verbo é realizado, denotando o caminho percorrido, com um sinal de uma mão no mesmo *locus* espacial em que o primeiro verbo foi sinalizado. Note que, apesar da possibilidade da morfologia simultânea de verbos de movimento, que possibilita a incorporação gramatical dos morfemas de modo (LIMPING) e

¹¹ Para mais detalhes de estruturas com verbos de movimento, ver Supalla (1982).

de direção do movimento (CIRCLE) em apenas um mesmo verbo, como observado por Supalla (1978, 1982), em (10a) há uma divisão da carga morfosintática entre dois verbos (WALK e GO), os quais também compartilham os mesmos argumentos (ENGBERG-PEDERSEN, 1993). Importante para a nossa discussão é a observação de que verbos são justapostos no mesmo *locus* no espaço de sinalização, apresentando uma relação semântica intrínseca ao referente observável.

Caracterizando esse tipo de estrutura como sentenças multiverbais, Supalla observou que, sentenças de movimento com dois verbos, como (10), se assemelham às CVSs de línguas orais, apresentando as seguintes propriedades: (i) verbos seriados com apenas um sujeito; (ii) não interrupção da série; (iii) inflexões que aplicam a toda estrutura; e (iv) V₂ tende a ser reduzido em sua forma. Além dessas características observadas por Supalla, Slobin & Hoiting (1994) observam em ASL que estruturas com dois (ou mais) verbos de movimento/caminho são articuladas sem uma pausa interveniente entre os verbos e que denotam um único evento, classificando essas estruturas como CVSs.

Essas estruturas não estão restritas à ASL. Em (11a), dado da língua de sinais holandesa (*Nederlandse Gebarentaal* – NGT), os verbos RUN ('correr'), APPROACH ('aproximar') e ENTER ('entrar'), representados em (11b), compartilham o mesmo argumento externo e estão todos no escopo de categorias funcionais (e.g., Tempo), embora mantenham em sua produção uma forma independente, não havendo perda de material morfofonológico durante sua sinalização.

(11) a. MAN HOUSE RUN APPROACH ENTER
 HOMEM CASA CORRER APROXIMAR ENTRAR

'The man ran home.'

'O homem correu para casa.'

(SLOBIN & HOITING, 1994:491-492)



Dando sequência às observações de Supalla, investigações sobre CVSs foram conduzidas em outras LSs: língua de sinais dinamarquesa (*Danish Sign Language*, DSL (ENGBERG-PEDERSEN, 1993)); língua de sinais de Hong Kong (*Hong Kong Sign Language*, HKSL (TANG, 2003; LAU, 2012)); língua de sinais norueguesa (*Norwegian Sign Language*, NSL (VIBEKE BØ, 2010)); Língua de sinais holandesa (*Nederlandse Gebarentaal*, NGT (BOS, 1996, 2016; VAN GIJN, 2004; COUVEE & PFAU, 2018)); língua de sinais britânica (*British Sign Language*, BSL (MORGAN *et al.*, 2002)); língua de sinais argentina, LSA (BENEDICTO *et al.*, 2008)), línguas de sinais catalã (*Llengua de Signes Catalana*, LSC (BENEDICTO *et al.*, 2008)); língua de sinais de Adamorobe (*Adamorobe sign language*, AdaSL (NYST, 2007, 2013)); língua de sinais de Nicarágua (*Nicaraguan Sign Language*, NSL (RISSMAN *et al.*, 2020)).

Na língua brasileira de sinais (Libras), temos uma lacuna, pois não há análises caracterizando o fenômeno. Preencher essa lacuna é um dos objetivos da nossa pesquisa. No capítulo 5, apresentaremos os dados que coletamos da Libras.

Ao longo dos capítulos que compõem a presente tese, apresentaremos e discutiremos as observações e as análises disponíveis na literatura para as CVSs, buscando por generalizações que caracterizam essas estruturas, tanto em línguas orais como em línguas de sinais. Verificaremos e apontaremos, também, para as variações paramétricas existentes. Propomos, portanto, um trabalho essencialmente teórico-comparativo.

Nossa proposta de análise sintática para as CVSs parte de dados da Libras, na qual se observa sentenças com empilhamento verbal, como (12),

que se assemelham às CVSs¹². Nosso objetivo é primeiramente investigar se sentenças como (12) devem, ou não, ser classificadas como CVSs.

- (12) MARCOS_a LIVRO_b ABRIR_{CL-livro} RASBICAR_{CL-superfície}
 ‘Marcos abriu o livro (para) rabiscar.’

Em (12), assim como em (9) e (10), não há a sinalização aberta de um elemento coordenador, ou subordinador, nem mesmo a marcação de um coordenador manual de ‘bóia’ de lista (LIDDEL, 2003) ou de distribuição no espaço de sinalização (DAVIDSON, 2013; ZORZI, 2018b, 2018b). Dois verbos são sinalizados sequencialmente no mesmo espaço de sinalização de maneira justaposta (ABRIR_{CL-livro} RASBICAR_{CL-superfície}). Ainda, em conformidade com as características de CVSs apresentadas acima, os verbos em (12) são elementos lexicais, atestados independentemente na língua e não apresentam alterações morfossintáticas, mas (12) denota um único evento: *‘Marcos abriu o livro com a intenção de rabiscá-lo, e o fez’*. Além disso, há compartilhamento dos argumentos externo (MARCOS) e interno (LIVRO), além das informações funcionais de tempo e aspecto (passado perfectivo). Não se observa, também, quebras prosódicas entre os verbos, configurando-se como um contorno único¹³. Assim, ao que nos parece, (12) possui as mesmas características de uma CVS verdadeira. Consideramos, portanto, a hipótese de que Libras licencia CVSs. Discutiremos minuciosamente a caracterização dessas construções em Libras no capítulo 5.

¹² A metodologia adotada para a coleta de dados empíricos da Libras é apresentada com detalhes no capítulo 4.

¹³ Couvee & Pfau (2018:8) consideram como quebra no contorno entonacional na língua de sinais holandesa (NGT) os dados em que há uma pausa claramente visível entre os verbos.

1.3.

Caracterização da pesquisa

Justificativa

O fenômeno em análise, embora apresente uma ampla trajetória de estudos e análises, como introduzido na seção anterior, ainda é desconhecido. Isso se deve ao fato de as CVSs serem produtivas em línguas pouco estudadas, fragilizadas e, em alguns casos, de acesso restrito. Esse é um fator que impõe limites à pesquisa sobre o fenômeno, uma vez que o acesso aos dados, muitas vezes, é indireto. Ainda, as análises realizadas pela literatura sobre essas construções não são uniformes. Apesar da densa caracterização, poucas são as propriedades consistentes e rígidas ao se realizar um estudo comparativo entre gramáticas. Poucos são, também, os estudos que buscam investigar as características das CVSs a partir de uma análise comparativa. Análises intermodais são ainda mais escassas, embora muito necessárias. Como resultado, a estrutura sintática das CVSs ainda é pouco conhecida.

Dado que o fenômeno ainda não foi estudado em Libras, ofereceremos também uma contribuição empírica, coletando, descrevendo, analisando e integrando os dados de Libras às observações feitas para outras línguas em análise.

Objetivos da pesquisa

Desse modo, o objetivo geral desse trabalho é propor, por meio de um estudo translínguístico e intermodal (línguas orais e línguas de sinais), uma análise formal unificada das propriedades estruturais das CVSs. Nos propomos, portanto, a apresentar uma descrição detalhada do fenômeno em investigação em línguas de diferentes modalidades, com o objetivo de caracterizá-lo de maneira sistemática; verificar quais aspectos sintáticos das CVSs são universais; e descrever e analisar a estrutura sintática dessas construções em Libras, língua na qual ainda não há uma descrição completa e satisfatória do fenômeno em investigação. Apresentaremos,

portanto, dados empíricos novos considerando suas propriedades sintáticas, semânticas, morfológicas e fonológicas.

Metodologia

Tomando por base a metodologia experimental, os dados empíricos da Libras foram coletados a partir da aplicação de tarefas de julgamento de aceitabilidade gramatical repetidas (método *playback* de cinco etapas) com uso de escala Likert de 5 pontos. Essas foram aplicadas a uma participante Surda adulta sinalizante voluntária, exposta aos dados primários de Libras antes dos dois anos de idade em conformidade com as observações feitas em nossa pesquisa anterior (SOUZA, 2016). Cada tarefa foi precedida por uma fase de pré-testagem (prospecção de dados) com um participante Surdo adulto, também, com exposição precoce à Libras. A metodologia adotada para coleta dos dados de Libras está descrita no capítulo 4.

Hipótese sintática

Assim, buscamos, na presente pesquisa, contribuir para uma descrição mais geral das CVSs, realizando uma comparação translinguística com base em uma meta-descrição e uma meta-análise de dados empíricos já existentes na literatura, integrando resultados de pesquisas conduzidas em línguas específicas ou em famílias de línguas específicas. Propomos uma análise sintática que dê conta das propriedades gerais que emergiram da revisão crítica da literatura. Reavaliemos as análises sintáticas propostas em Aboh (2009, 2018) e Benedicto *et al.* (2008), buscando estender a ideia de que as CVSs envolvem interações com núcleos funcionais na periferia do vP para CVSs simétricas, considerando, particularmente, dados de Libras.¹⁴

¹⁴ A nossa proposta sintática será apresentada no capítulo 6.

1.4.

Organização da Tese

Para fins didáticos de leitura e de apresentação da pesquisa realizada, a presente tese está estruturada do seguinte modo: no capítulo 2 apresentamos e discutimos uma descrição intermodal das CVSs, a partir de dados disponíveis na literatura das línguas orais e línguas de sinais; no capítulo 3 apresentaremos diferentes construções multiverbais em línguas de sinais e como essas devem ser classificadas como fenômenos distintos das CVSs; o capítulo 4 apresentará a metodologia adotada para coleta de dados em Libras, detalhando a estrutura dos testes de julgamento de aceitabilidade gramatical utilizados; o capítulo 5 se destina à caracterização, sistematização e apresentação dos dados coletados da Libras; no capítulo 6, faremos uma revisão crítica das análises formais disponíveis na literatura e oferecemos a nossa contribuição para a caracterização estrutural do fenômeno, desenvolvendo a análise de Aboh (2009, 2018) e de Benedicto *et al.* (2008), de modo a uniformizar o tratamento sintáticos CVSs simétricas e assimétricas; no capítulo 7, a conclusão da tese, realizamos um balanço da pesquisa que conduzimos, seus principais achados, contribuições e limitações, apontando para questões que podem fomentar investigações futuras.

2.

Construções com Verbos Seriados: um olhar intermodal do fenômeno

Neste capítulo, analisamos como a literatura, com foco em línguas orais e em línguas de sinais, tem caracterizado as CVSs, considerando, portanto, uma visão intermodal do fenômeno. Como vimos no capítulo anterior, o fenômeno tem sido estudado majoritariamente em línguas orais, apresentando uma significativa variabilidade nos dados empíricos e tipos de construções. Ademais, muitos estudos se debruçam sobre línguas específicas e, embora sejam ricos e diversos, há uma lacuna no que tange à caracterização exata dessas construções dentro de uma perspectiva formal, comparativa e intermodal. Falta-nos ainda uma análise uniforme das generalizações que subjazem à diversidade descrita. Assim, nosso objetivo neste capítulo, é (i) organizar a descrição das CVSs; (ii) ao olhar para as diversas línguas, tentando verificar quais generalizações são de fato sustentáveis como universais.

Nas seções 2.1 e 2.2 realizamos uma caracterização intermodal do fenômeno, destacando e aprofundando a discussão sobre os tipos de CVSs e suas propriedades sintáticas, observando as propriedades rígidas (generalizações) e as variações que caracterizam o fenômeno. Acrescentamos à discussão, em sequência, as questões que têm sido levantadas sobre a entonação de monossentenças nessas construções (seção 2.3). Fechamos o capítulo com a diversidade dos tipos semânticos na literatura sobre as CVSs (2.4). As conclusões do capítulo estão na seção 2.5.

2.1.

O fenômeno das CVSs sob uma ótica intermodal

Como descrito no capítulo anterior, a vasta literatura sobre as construções com verbos seriados buscou representar o fenômeno com base em línguas, famílias de línguas e/ou regiões geográficas restritas, como a descrição de Foley & Olson (1985) e Durie (1997) para as línguas oceânicas, de Sebba (1987) do sranan, língua crioula baseada no inglês falada no Suriname, e de Veenstra (1996) de saramacan, língua crioula falada no Suriname. Pesquisas nessa linha buscaram descrever de maneira exaustiva as características das CVSs, embora nem todas as características apresentadas sejam verificadas em todas as línguas denominadas ‘línguas serializadoras’ (*serializing languages*). Ainda, além de uma extensa lista de propriedades, a literatura sobre o tema apresenta também diferentes propostas de subclassificação das CVSs, com agrupamentos com base em critérios semânticos e sintáticos, questão que exploraremos na seção 2.4 deste capítulo.

Apesar das primeiras identificações de construções com verbos seriados em línguas orais datarem cerca de um século (CHRISTALLER, 1875; WESTERMANN, 1930), os primeiros estudos do fenômeno nas línguas de sinais datam dos anos 1990 (SUPALLA, 1990). Isso se deve pelo fato de que as línguas de modalidade visuoespacial passam a ser investigadas como línguas naturais apenas há cerca de meio século atrás, após os estudos de Stokoe (1960)¹⁵.

As construções com verbos seriados passam a ser investigadas nas Ls após as observações empíricas de Supalla (1990) em ASL, e de Slobin & Hoiting (1994) em NGT, de construções multiverbais que se assemelham

¹⁵ Desde os estudos de Stokoe (1960), passou-se a se levantar diversas questões sobre a manifestação da linguagem e sobre uma teoria formal geral capaz de acomodar as idiossincrasias das modalidades de externalização da Gramática (QUER & STEINBACH, 2019; RODRIGUES & SAAB, 2023), uma vez que as línguas não diferem apenas na sua modalidade, mas também em suas características históricas. Enquanto as línguas faladas possuem diversos estudos descritivos das origens e das derivações dessas línguas, que contribuem para a compreensão de seu funcionamento interno, muitas das línguas de sinais ainda estão em emergência e sedimentação (SENGHAS & COPPOLA, 2001; RODRIGUES & SAAB, 2023). Diversos estudos intermodais vêm apontando a possibilidade de se identificar propriedades compartilhadas em níveis mais abstratos, buscando um paralelo entre línguas de modalidades distintas como Liddell & Johnson (1989), Sandler (1989) Corina & Sandler (1993); Van Der Hulst (1993) Brentari (1998).

às CVSs em línguas orais. Desde então, linguistas passaram a investigar o fenômeno em diferentes LSs, Tang (2003) e Lau (2012) em língua de sinais de Hong Kong (*Hong Kong Sign Language – HKSL*), Vibeke Bø (2010) em língua de sinais norueguesa (*Norwegian Sign Language - NSL*), Slobin & Hoiting (1994), Bos (1996, 2016), Van Gijn (2004) e Couvee & Pfau (2018) em NGT, Nyst (2007, 2013) em língua de sinais de Adamorobe (*Adamorobe sign language – AdaSL*, Gana) e, Benedicto *et al.* (2008), em ASL, língua de sinais argentina (*Lengua de Señas Argentina - LSA*) e língua de sinais catalã (*Llengua de Signes Catalana - LSC*). Rissman *et al.* (2020) também apresenta evidências de que essas construções ocorrem na língua de sinais da Nicarágua (*Nicaraguan Sign Language – NSL*), assim como em sinais caseiros usados por Surdos adultos da região.¹⁶ Entretanto, muitas dessas investigações se concentraram apenas em sentenças com série de verbos de movimento (*serial verbs of motion*). Rompendo com a ênfase da investigação de CVSs de movimento, Lau (2012), analisando HKSL, observa diferentes tipos de CVSs conforme o compartilhamento argumental entre os verbos da série¹⁷.

Apesar das diferenças de modalidade (*i.e.*, produção e recepção fonoarticulatória) entre as línguas de sinais e as línguas orais, a literatura tem relatado que as características das CVSs observadas em LSs vão ao encontro das propriedades descritas para línguas orais (SUPALLA, 1990; BENEDICTO *et al.*, 2008; LAU, 2012; COUVEE & PFAU, 2018). Desse modo, embora sejam diversas as propostas de caracterização das estruturas com verbos seriados, a literatura, tanto de línguas de sinais como de línguas orais, tem identificado um conjunto de propriedades comuns às CVSs *bona fide* (BAKER, 1989; LARSON, 1991; MUYSKEN & VEENSTRA, 1995; PAWLEY & LANE, 1998; BAKER & STEWART, 2002; AIKHENVALD, 2006b, 2018; CLEARY-KEMP, 2015; HASPELMATH, 2016; VEENSTRA & MUYSKEN, 2017):

¹⁶ Apesar de identificado em diferentes línguas de sinais, o fenômeno não é descrito e/ou caracterizado de forma precisa e clara em muitos desses estudos, limitando análises do fenômeno.

¹⁷ A tipologia proposta por Lau (2012) será considerada na seção 2.4 deste capítulo.

- a. ausência de elemento coordenador, subordinador ou de ligação;
- b. sequência verbal: presença de dois (ou mais) verbos contíguos ou não;
- c. *status* verbal: todos os verbos sequenciados são independentes na língua em análise;
- d. manutenção da estrutura morfossintática dos verbos seriados;
- e. semântica monossentencial: semanticamente os componentes verbais denotam um evento complexo único, sendo cada componente verbal um subevento do macroevento denotado;
- f. compartilhamento de informação funcional: núcleos funcionais que dominam a concha verbal, como tempo, modo, aspecto e negação, são compartilhados;
- g. compartilhamento argumental: compartilhamento de argumentos interno e/ou externo;
- h. entonação monossentencial: em PF, a sequência verbal é marcada por uma prosódia monossentencial.

Logo de início, é importante ressaltar que, embora possuam propriedades semelhantes, as CVSs não apresentam uniformidade em sua configuração, podendo, de acordo com os tipos de verbos na cadeia seriada, ser subcategorizadas conforme a sua simetria (AIKHENVALD, 2006b):

- i. *CVSs simétricas*: consistem em dois verbos 'principais', ou seja, verbos de classe irrestrita;
- ii. *CVSs assimétricas*: incluem um verbo 'menor', ou seja, um verbo de uma classe restrita (como, verbos de movimento, verbos de postura).

As CVSs simétricas consistem em construções com verbos de classe gramatical e semântica irrestrita. Nessas construções, a ordem dos verbos segue uma ordem icônica do evento descrito, havendo desencadeamento

sequencial dos subeventos que compõem o evento principal (BAAH, 2015), gerando uma leitura semântica de consecutividade do tipo $V_1 \rightarrow V_2$. CVSs simétricas podem representar uma sequência temporal de eventos, como em (1 - ewe (nigero-congolesa, Gana)), ou uma relação de causa-efeito como em (2 - igbo (nigero-congolesa, Nigéria)).

- (1) Áma â-ɖa nú ɖu
 Áma POT-cook thing eat
 Áma POT-cozinhar coisa comer
 ‘Ama will cook and eat.’
 ‘Ama vai cozinhar (e) comer uma coisa.’

(AMEKA, 2006:138)

- (2) ó tì-wà-rà étéré a
 he hit-split.open-tense plate the
 ele bater-partir.abrir-TEMPO prato o
 ‘He shattered the plate.’
 ‘Ele quebrou o prato.’

(AIKHENVALD, 2006b:2)

Na língua de sinais de Hong Kong (cf. LAU, 2012), de igual modo, ambos os verbos em uma CVS podem ser de categoria irrestrita e apresentar uma sucessão temporal de subeventos. Em (3), por exemplo, a menina (GIRL) comprou (BUY) o pão (BREAD) e, em sequência, o comeu (EAT).

- (3) BREAD be_located_a+CL_SASS: a_rectangular_object//
 IX-GIRL_i _____^{head nod}
 BUY EAT
 PÃO estar_localizado_a+CL_SASS:objeto_retangular//
 IX-MENINA_i _____^{hn}
 COMPRAR COMER

‘The lady walked (and) entered the bakery. There was a bread.
 She bought (a bread) (and) ate (it).’

‘A senhora caminhou (e) entrou na padaria. Havia um pão.
 Ela comprou (um pão) (e) comeu (isso).’ (LAU, 2012:409)

A mesma relação semântica ocorre entre os verbos da cadeia da CVS simétrica em (4) da língua goemai (afro-asiática, Nigéria). Tanto o verbo *lap* ('receber'), quanto o verbo *s'wa* ('beber') são transitivos e suas posições na estrutura desencadeiam uma relação de sequência de subeventos [receber→beber], podendo ser interpretados como eventos de decorrência consecutiva.

- (4) *lap s'wa zak-yit*
receive drink again
receber beber novamente
 '(He) received (it and) drank (it) again.'
 '(Ele) recebeu (e) bebeu (isso) novamente.'

(HELLWIG, 2006:101)

Embora a interpretação semântica de sequencialidade temporal seja amplamente produtiva, a relação entre os verbos em uma CVSs também pode denotar uma leitura de simultaneidade eventiva. François (2005), considera que, se V_1 for um verbo estativo que descreve o estado da entidade envolvida no evento, a CVS receberá uma interpretação de ocorrência simultânea, e não sequencial, como em (5) - *mwotlap* (oceânica, Ilhas Mota Lava e Ilhas Banks).

- (5) *kê nê-mnay veteg nêk*
3SG STAT-clever leave 2SG
3SG EST-esperto deixar 2SG
 'He's cleverer than you.'
 'Ele é mais esperto do que você.'

(FRANÇOIS, 2005:12)

As CVSs simétricas desencadeiam, portanto, sequências de eventos relacionados entre si, consecutivos ou concomitantes. Essas construções podem apresentar uma relação de causa-efeito, com o verbo causativo precedendo o verbo que manifesta o efeito (ou resultado), como em (2).

As CVSs simétricas também podem caracterizar o modo em que o evento ocorreu. Nessas, um dos verbos denota o modo da realização do evento, enquanto o outro denota qual evento foi realizado, como exemplificado em (6) – ewe (nigero-congolesa, Gana).

- (6) φ ev-í mé-tá yi xɔ-a me o
 child-DEF NEG-crawl go room-DEF containing.region.of NEG
 criança-DEF NEG-rastejar ir sala-DEF contendo.região.de NEG
 ‘The child didn’t crawl into the room.’
 ‘A criança não rastejou para dentro da sala.’

(AMEKA, 2006:139)

Estudos descritivos indicam que as CVSs simétricas tendem a se lexicalizar (cf. COMRIE, 1995; THORNES, 2003; AIKHENVALD, 2006b, MATTHEWS, 2006). Uma vez lexicalizadas, uma CVS pode se tornar uma expressão idiomática, como a sentença em (7) - kambara (austronésica, Polinésia) – e em (8) – chinês.

- (7) hunju tobung-danya
 slaughter.pig slaughter.cow-3person.CONT
 abater.porco abater.vaca3PL.CONT
 ‘They were slaughtering.’
 ‘Eles foram abatidos.’

(AIKHENVALD, 2006b:30)

- (8) tai sung sik faan
 look dishes eat rice
 olhar pratos comer arroz
 ‘live within one’s means’
 ‘viver de acordo com suas possibilidades’

(MATTHEWS, 2006:79)

Contudo, como enfatizado no capítulo 1, há de se diferenciar CVSs simétricas de expressões idiomáticas e compostos lexicalizados.

Desconsideramos do rol de CVSs, portanto, as construções lexicalizadas multiverbais como (7) e (8).¹⁸

As CVSs assimétricas, também conhecidas como CVSs não balanceadas (DURIE, 1997), assim como as CVSs simétricas, são muito produtivas, expressando uma ampla variedade de significados.

A assimetria na cadeia de verbos ocorre se for observada uma restrição na estrutura argumental em pelo menos um dos verbos. O verbo selecionado para a posição restrita (*i.e.*, pertencente a uma classe intransitiva de verbos, como os verbos de movimento), é denominado como ‘verbo menor’, enquanto o verbo com subcategorização irrestrita (*i.e.*, pertencente a uma classe transitiva de verbos) é denominado de ‘verbo principal’. Frequentemente, as CVSs assimétricas são reportadas com um *design* estrutural [V_{principal} V_{menor}], embora a estrutura [V_{menor} V_{principal}] também seja identificada em línguas de sinais como a LSC (BENEDICTO *et al.*, 2008), onde a relação de ordem entre os componentes não precisa necessariamente ser icônica. Em (9), ilustramos uma CVS assimétrica do chinês mandarim.

- (9) Lisi mai hua qu sushe le
Lisi buy flower go dorm PFV
Lisi comprar flores ir dormitório PERF
 ‘Lisi bought flowers and took them to the dorm.’
 ‘Lisi comprou flores (e) as levou para o dormitório.’

(FAN, 2016:236)

O primeiro verbo, *mai* (‘comprar’), é um verbo transitivo, enquanto *V₂*, *qu* (‘ir’), pertence a uma classe semanticamente restrita. *Qu* (‘ir’) vem de uma classe de verbos que denota direção (*e.g.*, ‘ir’, ‘vir’ e ‘voltar’). O componente restrito, que estamos chamando de ‘verbos menores’, pode denotar diversas categorias léxico-semânticas, como direção, orientação, aspecto, mudança de estado, etc. (AIKHENVALD, 2018). Verbos dessa natureza também podem ser chamados de ‘verbos fixos’ (SEBBA, 1987)

¹⁸ Para uma discussão mais aprofundada sobre essa questão, ver Cleary-Kemp (2015).

ou de “verbos leves” (BUTT, 2003). A literatura apresenta diversas características dessa categoria, embora não ofereça uma descrição clara quanto as suas características semântico-lexicais¹⁹.

Analisando CVSs com verbos como GO (‘ir’) e GIVE (‘dar’) e em NGT, Couvee & Pfau (2018), observam que em CVSs assimétricas, verbos como GO tendem a gramaticalizar, perdendo material fonológico, se assemelhando fonologicamente à forma do verbo auxiliar²⁰ GO-TO, a qual opera como um verbo auxiliar para estabelecer uma concordância auxiliar temporal de futuro, como em (11). Entretanto, é importante ressaltar que apesar da gramaticalização²¹ do verbo GO em (10), esse não se comporta como o verbo auxiliar em (11).

(10) GO INDEX₃ WALK

IR INDEX₃ ANDAR

‘(The rabbit) walked (along the path).’

‘(O coelho) caminhou (ao longo do caminho).’

(COUVEE & PFAU, 2018:14)

(11) INDEX₁ GO BEGIN

INDEX₁ IR COMEÇAR

‘I will begin.’

‘Eu irei começar.’

(COUVEE & PFAU, 2018:14)

Supalla (1990) também observou a mesma redução no verbo de que denota o caminho do movimento (V_{path}) na posição de V_2 em construções seriadas de movimento. Couvee & Pfau (2018), contudo, observam que em

¹⁹ Ver Tao (2009: 211).

²⁰ Verbos auxiliares são considerados como itens funcionais que formam um contínuo dos verbos lexicais. Esses tendem a ser semanticamente esmaecidos e gramaticalizados e expressam uma relação aspectuais e modais, bem como outras relações funcionais como a marcação de tempo, de polaridade ou de voz (ANDERSON, 2006).

²¹ A gramaticalização é um fenômeno presente em diversas línguas naturais e se caracteriza por um processo pelo qual um verbo, por exemplo, sofre transformações de suas propriedades lexicais, ocasionando em perda de significado (esmaecimento semântico) e erosão fonológica, para assumir funções gramaticais específicas e, portanto, passa a operar como uma categoria funcional (COUVEE & PFAU, 2018).

CVSs esses verbos mantêm suas características morfossintáticas, embora tenham sua forma alterada em PF e, portanto, embora fonologicamente se assemelhem a um verbo auxiliar, em CVSs os verbos ‘menores’ não têm sua grade argumental reduzida. Portanto, os verbos de classe restrita (e.i., ‘verbos menores’) se distinguem de verbos auxiliares, considerando que podem ser usados como predicados independentes. Em (12) - gurindji kriol (língua crioula, Território do Norte da Austrália), por exemplo, o verbo *put-im* (‘colocar/pôr’), de classe restrita, opera independentemente como verbo principal²².

- (12) koldringk kirri jintaku-ngku put-im tebul-la
soft.drink woman one-erg put-tr table-loc
refrigerante mulher uma-ERG colocar-TR mesa-LOC
 ‘One woman puts the soft drink on the table.’
 ‘Uma mulher colocou o refrigerante na mesa.’

(MEAKINS, 2010:10)

Em contraponto às CVSs simétricas, que tendem a se lexicalizar, o verbo ‘menor’ nas CVSs assimétricas tende a se gramaticalizar, tornando-se um marcador gramatical para aspecto, modalidade, direcionalidade, entre outros (ABOH, 2009, 2015, 2018). Ampliaremos a análise de gramaticalização de CVSs de Aboh para as CVSs simétricas, aplicando-a a uma análise intermodal (ver capítulo 6).

Nas próximas subseções, apresentaremos separadamente cada uma das propriedades gerais apresentadas na literatura para as CVSs, observando pontos de variação e de não-variação, convergência, entre as línguas da mesma modalidade e de modalidades distintas.

²² Embora os verbos menores possam operar como verbos maiores, esses possuem propriedades morfológicas que os distinguem dos verbos maiores. Para mais detalhes, ver Meakins (2010).

2.2.

Caracterização intermodal da estrutura das CVSs

2.2.1.

Ausência de itens subordinadores e coordenadores

As CVSs são estruturas em que não se observa a manifestação de um elemento coordenador ou subordinador, apresentando-se antes como sequências verbais lineares contíguas ou não-contíguas (CROWLEY, 2002, DURIE, 1997)²³. O dado em (13) de mwotlap (oceânica, Ilha Mota Lava e Ilhas Banks) ilustra sequências contíguas, e (14), dado de hmong daw (hmong-mien, China), ilustra sequências não contíguas.

- (13) nok suwyeg-qen têt nu-sus
 1SG AOR:cast-net hold ART-shoes
 1SG AOR:isca-pescar segurar ART-sapatos
 'I go net-fishing with my shoes on'
 'Eu vou pescar com meus sapatos.'

(FRANÇOIS, 2005:4)

- (14) Nws muab riam txiav nqiaj qaib
 3sg take knife cut meat chicken
 3SG pegar faca cortar carne frango
 'She cut some chicken with a knife.'
 'Ela corta um pouco de frango com uma faca.'

(JARKEY, 1991:83)

Assim como as línguas orais, nas línguas de sinais as CVSs também não possuem marcadores explícitos (espaciais, lexicais ou não-manuais) de coordenação²⁴ ou subordinação, evidenciando uma estrutura

²³ Ver próxima seção.

²⁴ Descreveremos com mais detalhes o comportamento de construções com coordenação sintática em LSs no capítulo 3.

monossentencial, tanto em estruturas contíguas, como em (15) da AdaSL e (16) da HKSL, quanto em estruturas não contíguas, como em (17) da NGT. Abordaremos as questões referentes à contiguidade em CVSs na seção 2.2.2, a seguir.

- (15) RUN ENTER-room LOCK
 CORRER ENTRAR-quarto FECHAR
 ‘I ran into the room and locked the door.’
 ‘Corri para o quarto (e) tranquei a porta.’
 (NYST, 2013:78)

- (16) SISTER EGG-CAKE BUY 0GIVE₃ MOTHER
 IRMÃ OVO-BOLO COMPRAR 0DAR₃ MÃE
 FINISH EAT
 TERMINAR COMER
 ‘The sister bought a birthday cake (and) gave (it) to the mother.
 After that, the mother ate (it).’
 ‘A irmã comprou um bolo de aniversário (e) deu (ele) para a mãe.
 Depois disso, a mãe comeu (ele).’
 (LAU, 2012:180)

- (17) ^{eg & bs-3b}
 INDEX₁ PAY INDEX₁ 1GIVE_{2(PL)}
 INDEX₁ PAGAR INDEX₁ 1DAR_{2(PL)}
 ‘I buy (cookies) for you.’
 ‘Eu comprei (biscoitos) para você.’
 (COUVEE & PFAU, 2018:13)

Embora, de modo geral, os exemplos mais recorrentes na literatura não envolvam nenhum elemento concatenador, línguas como o coreano apresentam um marcador combinatorial específico para as CVSs. O elemento coordenador canônico do coreano é a partícula *-ko*, como ilustra (18). Contudo, como exemplificado em (19), em construções com verbos seriados, o sufixo *-e/a* é o elemento inserido para conectar os verbos.

- (18) John-i sakwa-lul kkak-ko mek-ess-ta
John-NOM apple-ACC peel-and eat-PAST-DC
John-NOM maçã-ACC descascar-COORD comer-PASS-DC
 ‘John peeled the apple and ate the apple.’
 ‘John descascou a maçã (e) comeu a maçã.’
 (PYOUN, 2011:7)²⁵

- (19) John-i sakwa-lul kkak-a mek-ess-ta
John-NOM apple-ACC peel-EC eat-PAST-DC
John-NOM maçã-ACC descascar-CO comer-PASS-DC
 ‘John ate the apple by peeling it.’
 ‘John comeu a maçã descascando-a.’
 (PYOUN, 2011:6)

Pyoun (2011) observa que os verbos das CVSs em coreano se fundem semanticamente, denotando um evento único, enquanto em coordenações canônicas (18), denotam dois eventos distintos. Portanto, embora a natureza do sufixo conector *-e/-a* em (19) seja desconhecida, não é claro que seja um elemento coordenador. Não abriremos aqui a discussão da natureza desse elemento na presente tese, mas é possível que esse seja (ou se comporte como) um *linker* (DEN DIKKEN, 2006) - elemento inserido na estrutura para estabelecer uma relação sintático-semântica entre os verbos da sequência.

Além da ausência de um coordenador manifesto, outro fator que diferencia as CVSs de construções coordenadas é a restrição sobre extração de elementos em estruturas coordenadas (*Coordinate Structure Constraint – CSC* (ROSS, 1967))²⁶. Por exemplo, os dados do tailandês abaixo indicam que as CVSs não estão sujeitas à CSC. Em (21), em

²⁵ Em seu trabalho, Pyoun (2011:6) adota a seguinte glosa para a apresentação dos dados do coreano: NOM=*nominative*, ACC=*accusative*, EC=*connecting suffix*, DC=*declarative sentence-ending marker*.

²⁶ Considerando que as construções com coordenação sintática são ilhas, Ross (1967) define a restrição de estruturas coordenadas (*Coordinate Structure Constraint – CSC*) como a impossibilidade da extração de um elemento de apenas um dos conjuntos coordenados.

oposição a (20b), é possível extrair o argumento interno do segundo verbo, topicalizando-o. Ainda, em (20a), dois eventos distintos são realizados, *dŷn* ('andar') e *pay sí: nãŷsí:* ('ir comprar um livro'), enquanto em (21), temos um macroevento interpretado.

- (20) a. Ka:nda: dŷn lé? pay sí: nãŷsí:
Kanda walk and go buy book
Kanda andar e vai comprar livro
 'Kanda walked and went to buy a book.'
 'Kanda caminhou e foi comprar um livro.'

- b. *nãŷsí: i Ka:nda: dŷn lé? pay sí: _____i
book Kanda walk and go buy
livro Kanda anda (e) vai comprar

(SUDMUK, 2005:80)

- (21) nãŷsí: Ka:nda: dŷn pay sí: _____i
book Kanda walk go buy
livro Kanda anda vai comprar

(i) 'As for the book, while Kanda was walking away from the speaker, she bought (it).' (*overlapping*)

'Quanto ao livro, enquanto Kanda estava se afastando do alto-falante, ela o comprou.' (sobreposição)

(ii) 'As for the book, Kanda walks / walked away from the speaker to buy (it).' (*purposive*)

'Quanto ao livro, Kanda se afasta / se afasta do orador para comprá-lo.' (finalidade)

(SUDMUK, 2005:81)

Buscando eliminar do conjunto das CVSs as coordenadas encobertas, Baker (1989) observa que as construções com verbos transitivos em serialização devem necessariamente compartilhar o argumento

interno (cf. Hipótese do Compartilhamento do Objeto).²⁷ Assim sendo, no exemplo em (22), da língua edo (nigero-congolesa, Nigéria), temos uma coordenação encoberta, enquanto em (23), da língua yorùbá (nigero-congolesa, Nigéria), temos uma seriação.

- (22) Òzó gbòó ívìn b̀óló ókà
 Òzó *plant coconut peel corn*
 Òzó *plantou coco descascou milho*
 'Òzó planted coconut and [he] peeled corn.'
 'Ózó plantou coco (e) (ele) descascou milho.'
 (STEWART, 2001:51)

- (23) Bólá s̀e eran tà
 Bola *cook meat sell*
 Bólá *cozinhou vendeu carne*
 'Bola cooked some meat and sold it.'
 'Bólá cozinhou um pouco de carne (e) vendeu.'
 (BAKER, 1989:529)

Voltaremos mais adiante ao compartilhamento de argumentos em CVSs (seção 2.2.6). Por ora, observamos que, embora a estrutura superficial de CVSs se assemelhe à estrutura de coordenação assindética, essa não se comporta como uma coordenada. Isso se deve não apenas à ausência de um coordenador explícito, ou implícito, mas também, ao não assujeitamento às mesmas restrições sintáticas e semânticas.

Apesar da não presença, aberta ou encoberta, de elementos coordenadores ou subordinadores tenha se mostrado uma propriedade robusta na classificação das CVSs (AIKHENVALD, 2006b, 2018; CLEARY-KEMP, 2015; HASPELMATH, 2016; VEENSTRA & MUYSKEN, 2017; LOVESTRAND, 2021), a ausência desses não é suficiente para caracterizar as CVSs em LSs. Isso se deve ao fato que os processos de

²⁷ A Hipótese do Compartilhamento do Objeto (*Object Sharing Hypothesis* -OSH) foi proposta por Baker (1989), e prevê que o objeto de V₁ deve receber o papel *theta* de V₂ em CVSs. Analisaremos essa hipótese mais adiante, na seção 2.2.6.

coordenação e subordinação assindéticas com marcadores não-manuais são comuns nessas línguas (ZORZI, 2018a, 2018b, 2018c). Isso pode ser um complicador para as análises das CVSs em LSs, pois, como adverte Costello (2016), as LSs podem se utilizar desses marcadores não explícitos, colocando em xeque a pressuposição de que as CVSs são estruturas monoclausais apenas pela ausência de um coordenador/subordinador lexical. Entretanto, observando a língua de sinais norueguesa, Vibeke Bø (2010) adota como critério de desambiguação de estruturas multiverbais bissentenciais de CVSs a presença/ausência de quebras entonacionais entre os verbos sequenciados. Desse modo, a ausência de marcadores lexicais de coordenação e seriação devem estar associados à marcadores não-manuais de monossentenças nas CVSs para a sua caracterização.

Pela sua especificidade e por não ter amplamente conhecida, abordaremos a caracterização da coordenação em LSs na seção 3.1.1.

2.2.2.

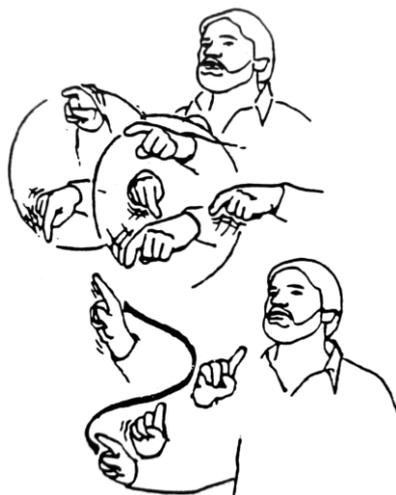
Estrutura argumental das CVSs e a contiguidade verbal

Como apresentado nos dados da seção anterior, conforme a classificação de Aikhenvald (2006b), verbos em CVSs podem estar contíguos ou não (*i.e.*, presença ou não de constituintes entre os verbos da série). O dado em (24) da língua mwotlap (oceânica, ilha Mota Lava e ilhas Banks) e (25) da ASL exemplificam CVSs contíguas, nas quais V_1 é seguido imediatamente por V_2 sem elementos abertos (ou encobertos) entre ambos. Supalla (1990) observa que em ASL, os verbos de uma CVS devem ser contíguos, não licenciando elementos intervenientes entre V_1 e V_2 , tomando essa restrição como uma evidência a favor da monoclausalidade das CVSs.

- (24) kēy [to-yoñteg vēglal vēh] na-lñe]]
 3PL POT₁-hear know POT₂ ART-VOICE:2SG
 3PL POT₁-ouvir saber POT₂ ART-VOICE:2SG
 'They might recognize your voice.'
 'Eles podem reconhecer sua voz.'

(FRANÇOIS, 2006:228)

(25)



'A person running zigzag uphill.'

'Uma pessoa correndo em ziguezague morro acima.'

(SUPALLA, 1990:133-135)

Embora Supalla tenha identificado tal restrição para a ASL, Couvee & Pfau (2018) identificam em NGT um conjunto robusto de dados com ocorrência de elementos intervenientes entre V_1 e V_2 , como em (26).²⁸ A não contiguidade, no entanto, não parece ser uma propriedade exclusiva de algumas línguas de sinais, pois, em dados de línguas orais, como da gurindji kriol (língua crioula, Território do Norte da Austrália) em (27), não

²⁸ Lau (2012:191) apresenta o dado em (i) de uma CVS de classe transitiva como um argumento da contiguidade verbal:

- (i) FATHER HELP YOUNG-MALE COMPUTER REPAIR
 PAI AJUDAR JOVEM-HOMEM COMPUTADOR CONSERTAR
 'The father helped the younger brother to repair the computer.'
 'O pai ajudou o irmão mais novo a consertar o computador.'

Entretanto, o dado apresentado por Lau, se assemelha a uma construção completa, não excluído de nossa análise.

há contiguidade entre o V₁ e V₂, sendo os verbos separados por dois constituintes intervenientes.

(26) INDEX₁ PAY INDEX₁ ^{eg & bs-3b} 1GIVE_{2(PL)}

INDEX₁ PAGAR INDEX₁ 1DAR_{2(PL)}

'I buy (cookies) for you.'

'Eu comprei (biscoitos) para você.'

(COUVÉE & PFAU, 2018:13)

(27) Dei bin put-im im motika-ngka partaj

3PL.SBJ PST put-TR 3SG.SBJ car-LOC climb

3PL.SUJ PASS colocar-TR 3SG.SUJ carro-LOC subir

'They put it up in the car.'

'Eles colocaram isso no carro.'

(MEAKINS, 2010:12)

A contiguidade pode levar a diferenças em relação à posição e ao escopo da negação. Em algumas línguas orais, a negação tem escopo amplo apenas em estruturas contíguas; enquanto em estruturas não contíguas a negação afeta separadamente os verbos. Os exemplos abaixo da língua barai (trans-nova guiné, Papua Nova Guiné), ilustram a questão. Em (28), a negação precede V₁ e tem escopo amplo, também sobre V₂. Em (29), onde há quebra da contiguidade, a negação tem escopo restrito, apenas sobre o primeiro verbo. Voltaremos à questão da posição da negação na subseção 2.2.5.2.

(28) Fu fase naebe fi isoe

he letter NEG sit write

ele carta NEG sentar escrever

'He did not sit and write a letter.'

'Ele não sentou (e) não escreveu uma carta.'

(PAWLEY & LANE, 1998:208)

- (29) Fu naaebe fi fase isoe
he NEG sit letter write
ele NEG sentar carta escrever
 ‘He did not sit down, but did write a letter.’
 ‘Ele não se sentou (e) escreveu uma carta.’

(PAWLEY & LANE, 1998:208-209)

A não-contiguidade dos componentes verbais de uma CVS pode depender da simetria argumental. Em khwe (khoisan, África do Sul), CVSs simétricas podem ser contíguas ou não. Entretanto, CVSs assimétricas aceitam apenas a configuração contígua (KILIAN-HATZ, 2006; AIKHENVALD, 2006b). Embora a marcação gramatical seja realizada em estruturas seriadas assimétricas, essa ocorre apenas no verbo menor, empregando, portanto, uma marcação única (ver subseção 2.2.5.1).

De modo geral, tanto em línguas de sinais quanto em línguas orais foi identificado uma variação translinguística quanto à contiguidade e à simetria verbal. Embora as combinações entre os verbos iniciais e não iniciais de uma cadeia seriada e suas propriedades argumentais nos ofereçam pistas para uma análise da arquitetura sintática dessas construções, por ser variável entre as línguas, a contiguidade não parece ser um critério rígido de caracterização das CVSs (cf. VEENSTRA & MUYSKEN, 2017).

2.2.3.

Manutenção de propriedades morfossintáticas

Como já estabelecido na seção anterior, ao entrar em uma CVS, os verbos sequenciados não ficam restritos a uma classe específica de verbos nem parecem apresentar alterações morfossintáticas (AIKHENVALD, 2006b). No entanto, em que pese o esforço de pesquisadores para compreender as relações fonológicas, morfológicas e sintáticas dessas construções, a entrada lexical dos verbos que constituem essas sentenças ainda é pouco explorada (ABOH, 2018:2).

Uma questão essencial para nortear a caracterização de CVSs verdadeiras está no que deve ser considerado como verbo para fins de definição do fenômeno (HASPELMATH, 2016). A fim de contribuir com uma perspectiva translinguística, Haspelmath (2016:303) assume o critério do verbo independente (*independent verb criterion*): “*um verbo independente é uma forma que pode expressar um evento dinâmico sem qualquer codificação especial na função de predicação e que pode ocorrer em um enunciado não-elíptico sem outro verbo*” (HASPELMATH, 2016:303).²⁹ De acordo com este critério, estruturas multiverbais em que um dos verbos não é independente não são CVSs. Ou seja, sentenças do inglês com verbos modais indicando modo e tempo, como *will*, por exemplo, não são CVSs. Também seriam desconsideradas as estruturas com verbos auxiliares aspectuais, verbos de marcações de papéis (*‘role-marking’*), e outras categorias verbais que não podem encabeçar um predicado de modo independente (SEBBA, 1987; HASPELMATH, 2016; ABOH, 2018).

Em CVSs das LSs, de igual modo, os verbos não pertencem a uma classe gramatical específica, podendo encabeçar uma sentença como verbo principal (SUPALLA, 1990; LAU, 2012; COUVEE & PFAU, 2018), ou seja, também estão sujeitas ao critério do verbo independente (HASPELMATH, 2016). Mesmo em CVSs assimétricas com verbos de classe restrita como GO, GIVE, TAKE e CALL, Couvee & Pfau (2018) observam que na NGT não há evidências de perda da estrutura morfossintática desses verbos, os quais mantêm sua estrutura morfossintática completa, como em (30 - NGT).

- (30) a. INDEX₁ WALK ₁GO₂ PALM-UP
 INDEX₁ ANDAR ₁IR₂ PALMA-CIMA
 ‘I’ll walk to you(r place).’
 ‘Eu caminharei até você (seu lugar).’

²⁹ “Comparative concept ‘independent verb’: for comparative purposes, an independent verb is a form that can express a dynamic event without any special coding in predication function and that can occur in a non-elliptical utterance without another verb” (HASPELMATH, 2016:303)

- b. PLEASE INDEX₁ PAY INDEX₁ ^{/be - ta - len/}GIVE₂ INDEX₂ PALM-UP
 POR-FAVOR INDEX₁PAGAR INDEX₁ ^{/ge - vraagd/}DAR₂ INDEX₂ PALMA-CIMA
 ‘I want to pay you (for it).’
 ‘Eu quero pagar você (por isso).’
- c. INDEX₁ INDEX₁ BROTHER ASK INDEX₁ ^{/ge - vraagd/}CALL_{3a} [. . .]
 INDEX₁ INDEX₁ IRMÃO PERGUNTAR INDEX₁ CHAMAR
 ‘I asked my brother [. . .].’
 ‘Eu perguntei ao meu irmão.’

(BOS, 1996/2016: 238, 244)

Portanto, a caracterização de uma CVS como uma sentença com dois verbos é por demais rasa, sendo necessário um melhor entendimento das configurações argumentais e morfossintáticas dos verbos envolvidos na seriação. Nas CVSs verdadeiras, os verbos devem apresentar as mesmas propriedades na seriação e em predicados principais, sendo esse critério válido tanto para CVSs simétricas quanto para CVSs assimétricas (ABOH, 2018:2).

2.2.4.

Estrutura eventiva única

Outra propriedade proeminente das CVSs se refere ao fato de que os verbos seriados configuram um evento interpretado como único (*‘single interpreted event’*), conforme tem sido defendido por autores como Comrie (1995), Durie (1997), Aikhenvald (2006b) e Bisang (2009). Apesar de possuírem dois ou mais verbos manifestos, as estruturas com seriação verbal denotam um evento único, diferenciando, assim, de estruturas coordenadas e subordinadas. Com base nos dados do coreano, Pyoun (2011) observa que as construções coordenadas (31) se distanciam de CVSs (32), não apenas pelo tipo de conector, mas também pela relação entre os eventos denotados. Enquanto em (32) há uma fusão entre os eventos de *kkak* (‘descascar’) e de *mek* (‘comer’), formando um

macroevento único, em (31) há uma descrição em sequência de dois eventos distintos.

- (31) John-i sakwa-lul kkak-ko mek-ess-ta
John-NOM apple-ACC peel-and eat-PAST-DC
John-NOM maçã-ACC descascar-COORD comer-PASS-DC
 ‘John peeled the apple and ate the apple.’
 ‘John descascou a maçã e comeu a maçã.’
- (PYOUN, 2011:7)

- (31) John-i sakwa-lul kkak-a mek-ess-ta
John-NOM apple-ACC peel-EC eat-PAST-DC
John-NOM maçã-ACC descascar-CO comer-PASS-DC
 ‘John ate the apple by peeling it.’
 ‘John comeu a maçã descascando-a.’
- (PYOUN, 2011:6)

O evento interpretado como único também é observado nas LSs. Lau (2012) e Couvee & Pfau (2018) defendem que a posição sequencial icônica dos verbos na cadeia seriada é responsável pela caracterização de um evento único (ou macroevento). Para a HKSL, Lau observa que os constituintes das CVSs simétricas, como as CVSs transitivas e as CVSs resultativas³⁰ devem seguir iconicamente a ordem temporal de ocorrência dos subeventos descritos, como sugerido por Aikhenvald (2006b). Desse modo, (33) é agramatical porque a ordem [V₁ - V₂] não está de acordo com ordem de acontecimento dos subeventos.

³⁰Os tipos de CVSs em LSs identificados na literatura serão abordados detalhadamente na seção 2.4.

(33) *WINDOW-SILL_a DOG LOOK CLIMB_a
 JANELA-PEITORIL_a CACHORRO OLHAR SUBIR_a

‘There was a window sill. The dog climbed up onto the window sill to look.’

‘Há o peitoril da janela. O cachorro subiu no peitoril para olhar.’

(LAU, 2012:207)³¹

Entretanto, uma vez que os verbos ‘menores’ das CVSs assimétricas não denotam eventos, mas ocorrem como modificadores do verbo de categoria ampla, a ordem não deveria apresentar a mesma rigidez (COSTELLO, 2016; COUVEE & PFAU, 2018). Entretanto, Couvee & Pfau (2018) observam que a partir de dados de Bos (1996/2016) da NGT, TAKE-CVS e GIVE-CVS em NGT, como em (34), os verbos GIVE (‘dar’) e TAKE (‘pegar’) a ordem se mantém fixa.

(34) a. ^{eg & bs-3b a}
 INDEX₁ PAY INDEX₁ 1GIVE_{2(PL)}
 INDEX₁ PAGAR INDEX₁ 1DAR_{2(PL)}

‘I buy (cookies) for you.’

‘Eu comprei (cookies) para você.’

(COUVEE & PFAU, 2018:9)

b. PUNISHMENT_{3a} TAKE^THROW_{3b} PRISON
 PUNIÇÃO_{3a} PEGAR^JOGAR_{3b} PRISÃO

‘As punishment, he was thrown into prison.’

‘Como punição, ele foi jogado na prisão.’

(COUVEE & PFAU, 2018:14)

³¹ Os dados apresentados por Lau (2012) da HKSL são exaustivamente detalhistas quanto às características dessa língua. No que segue, apresentaremos os dados de modo menos extensivo. Porém, reportaremos os dados tais como são apresentados por Lau nas notas de rodapé de cada exemplo apresentado.

(33) No original:

WINDOW-SILL be-located_a+CL_SASS: a_flat_rectangular_object//
 janela-peitoril estar-loc_a+cl_um_plano_retangular_objeto//
 DOG LOOK climb_on_a+CL_SEM: an_animate_entity
 cachorro olhar subir_no_a+cl_sem:uma_entidade_animada
 (‘Há o peitoril da janela. O cachorro subiu no peitoril para olhar.’)

(LAU, 2012:207)

Por outro lado, Couvee & Pfau (2018) observam que o verbo GO ('ir') não apresenta a igual rigidez de ordem em CVSs assimétricas de movimento em NGT, assim como Benedicto *et al.* (2008), identificam em ASL, em (35), e em LSC, em (36).

- (35) a. IX-r 1-1dwn+LIMP<ns> 1+GO<RtoFRONT>
 IX-r 1-1baixo+MANCAR<ns> 1+IR<DIRparaFRENTE>
- b. IX-r 1+GO<RtoFRONT> 1-1dwn+LIMP<ns>
 IX-r 1+IR<DIRparaFRENTE> 1-1baixo+MANCAR<ns>
- 'S/he went limping from right to front.'
- 'Ela/ele foi mancando da direita para a frente.'
- (BENEDICTO *et al.*, 2008:127-128)

- (36) a. 1-1+UP_DOWN_ALT<RTtoFRONT>I 1+GO<>i
 1-1+CIMA_BAIXO_ALT<DIRparaFRENTE>I 1+IR<>i
 1-1+UP_DOWN_ALT<>i
 1-1+CIMA_BAIXO_ALT<>i
- '(A person) goes limping by (from the right to the front).'
- '(Uma pessoa) vai mancando (da direita para a frente).'
- b. 1+GO<1toFRONT>I 1-1+UP_DOWN_ALT<>I
 1+IR<1paraFRENTE>I 1-1+CIMA_BAIXO_ALT<>I
 1+GO<>i(FADE)
 1+IR<>i(SUMIR)
- '(A person) goes limping (to the front).'
- '(Uma pessoa) vai mancando (para a frente).'
- (BENEDICTO *et al.*, 2008:118-119)

Couvee & Pfau (2018) assumem que TAKE e GIVE, em NGT, parecem exigir uma iconicidade temporal de sequencialidade, enquanto para GO, há uma sobreposição da direcionalidade denotada por esse verbo com o verbo de categoria ampla na CVSs assimétrica de movimento, licenciando uma ordem menos rígida.

Embora a interpretação de evento único seja uma propriedade fortemente reivindicada pela literatura para a caracterização de CVSs, há questões que dificultam a observação empírica dessa propriedade. Estudos mais antigos são questionados por fazerem uso de metodologia não experimental, baseando-se antes na intuição, tradução, entonação, restrições culturais e o escopo dos marcadores de tempo (CROWLEY, 2002; FOLEY, 2010; SENFT, 2008).

Com base em dados de gestos concomitantes à fala (gestos co-fala)³², Defina (2016) identificou evidências que vão ao encontro da proposição de que CVSs representam um evento único. Observando dados da língua avatime (nigero-congolesa, Gana), a autora identifica relação entre a construção de eventos na fala e a iconicidade gestual. Em CVSs, há a proeminência de apenas um gesto que sobrepõe a sentença, enquanto estruturas que denotam um conjunto de multieventos, como as coordenadas, apresentam co-ocorrência de diferentes gestos. Defina conclui, portanto, que avatime oferece evidências para a interpretação de um evento único nas CVSs. Apoiando-se, nas evidências experimentais e nas não experimentais disponíveis na literatura, consideramos que as CVSs são estruturas que denotam um evento único, formado por subeventos. Portanto, as CVSs em LSs, bem como nas línguas orais, denotam um evento complexo único, que se desmembra em subeventos, que são posicionados em sequência fixa, relativa à cadeia de realização temporal das situações denotadas.³³

³² O conjunto de gestos significativos e visíveis, como movimento de mãos, de corpo ou de expressões faciais, coocorrentes com a fala são denominados de '*co-speech gestures*' (KENDON, 1986, 2004; MCNEILL, 1992). Autores como Enfield (2009), Kendon (2004) e McNeill (1992) assumem que os gestos coocorrentes com a fala formam um conjunto complexo e significativo com a produção da fala humana.

³³ Há ainda a restrição na disposição do evento proposta por Supalla (1990) para as CVSs de movimento em ASL, em que o verbo de modo deve preceder o verbo de caminho. Apresentaremos essa discussão na literatura ao descrever as CVSs de movimento na seção 3.3.

2.2.5.

Marcação das categorias gramaticais

Outro parâmetro usado na categorização das CVSs é a manifestação estrutural de informações, morfossintáticas e semânticas, como a concordância verbal de tempo, aspecto, modalidade, evidencialidade, negação, mudança de valência, e marcações discursivas, como foco (AIKHENVALD, 2006b:39). Por razões de tempo e de espaço, nesta tese, trazemos para a discussão apenas as marcações de tempo, modo, aspecto e negação.

2.2.5.1.

Marcação de tempo, aspecto e modo (TAM)

Uma das propriedades das CVSs mais discutidas é o compartilhamento de marcadores gramaticais para tempo, aspecto e modo (TAM). A característica que se destaca é a marcação unificada dessas categorias, realizando-se em apenas um dos verbos, ou reduplicando-se em todos os verbos da sequência seriada. Em ghomálá (nigero-congolesa, Camarões), por exemplo, a marcação de tempo ocorre apenas uma vez, antes de V₁, desencadeando uma interpretação da semântica de tempo de realização do evento espalhada sobre todos os verbos.

(37) a. Nônǎ gotí lè jwétsú sò?

Nono FUT2 take food come

Nono FUT2 levar comida vir

‘Nono will bring food.’

‘Nono vai trazer comida.’

b. *Nônǎ lè jwétsú gotí sò?

Nono take food FUT2 come

Nono levar comida FUT2 vir

c. *Tálá kè jó mtáp kè ìŋ
Tala PST2 buy shoes PST2 sell
Tala PASS2 comprar sapatos PASS2 vender

‘Tala bought shoes and sold them.’

‘Tala comprou sapatos (e) os vendeu.’

(MOKAM FOKO, 2020:130)

Stewart (1998) propõe a condição do radical nu (*Bare Stem Condition*)³⁴, de acordo com a qual a ausência de marcadores TAM no radical verbal é o que licencia as CVSs. De acordo com a proposta, a manifestação única de TAM reflete a ausência de traços verbais a serem checados em T, não havendo competição entre V₁ e V₂ para a checagem desses traços. Contudo, estudos posteriores questionam essa condição, como Aikhenvald (2006b), ao identificarem línguas seriadas que marcam tempo em mais de um verbo, como konda (dravidiana, Índia).

(38) vā-n-a sū-ŋ-ap
come-NONPST-1PL.exc see-NONPST-1PL.exc
vir-NAOPASS-1PL.EXCL ver-NAO-PASS-1PL.EXCL

‘We will come and see.’

‘Nós iremos (e) veremos.’

(STEEVER, 1988:73)

Esta múltipla manifestação de TAM é denominada de ‘marcação concordante’ (*‘concordant marking’*), que, em contraste à marcação única, manifesta morfologicamente os traços gramaticais TAM em cada verbo da sequência, registrando abertamente as relações morfossintáticas envolvidas na estrutura. Como descrito por Aikhenvald (2006b), essas marcações podem ser a mesma em cada verbo da estrutura, ou podem se manifestar apenas parcialmente. A marcação concordante é observada, também, em línguas nilo-saarianas e em nigero-congolesas (SCHACHTER, 1974; MCKAY, 2000, AIKENVALD 2006b).

³⁴ “*Bare Stem Condition (BSC): “No verb in the serial verb construction can bear morphological tense inflection.”* (COLE, 2016:128)

Diferente das línguas orais, alguns elementos não têm manifestação na PF das LSs. A categoria tempo, por exemplo, tende a não ter realização em PF (COSTELLO, 2016). Também, algumas línguas de sinais apresentam informação aspectual manifesta, mas nem todas.³⁵ A HKSL, por exemplo, não incorpora informação aspectual ao verbo, usando sinais lexicais de tempo (*e.g.*, YESTERDAY, TODAY), de aspecto (*e.g.*, FINISH, CONTINUE) e de modalidade (*e.g.*, CAN, WILL) (LAU, 2012). No entanto, sendo a posição desses marcadores restritiva em CVs, como exemplifica (39), tais elementos podem ser indicadores de estruturas seriadas. Em (39), dado da HKSL, o marcador de aspecto FINISH ocorre antes do último verbo da sequência e possui escopo sobre os verbos BUY ('comprar') e EAT ('comer').

(39) BREAD_a IX-GIRL_i BUY EAT FINISH GO-HOME
 PÃO_a IX-MENINA_i COMPRAR COMER PRONTO IR-CASA

'There was a bread. That girl bought (it) (and) ate (it).
 Then she went home.'

'Havia um pão. Essa menina comprou (e) comeu (isso).
 Então ela foi para casa.'

(LAU, 2012:279)³⁶

Assim como a língua ghomálá (nigero-congolesa, Camarões), dado em (37), em LSC e em LSA, a reduplicação do movimento verbal denota aspecto habitual e é marcada apenas uma vez na sentença, como nos exemplos em (40) da LSC e em (41) da LSA.

³⁵ A flexão de aspecto tem sido identificada em muitas línguas de sinais. Essa consiste na alteração do movimento, da tensão do movimento, do redobro das mãos, ciclicidade, entre outros marcadores. Para ver mais detalhes sobre esse tipo flexão, ver Klima & Bellugi (1979), Quadros & Karnopp (2004) e Malaia & Milković (2020).

³⁶ (39) no original:

BREAD be_locateda+CL_SASS: a_rectangular_object//
 IX-GIRL_i BUY EAT FINISH//
 GO-HOME

('Havia um pão. Essa menina comprou (e) comeu (isso). Então ela foi para casa.')

(LAU, 2012:279)

- (40) 1-1+UP_DOWN_ALT<RTtoLT>i 1+GO<>i+redup
 1-1+CIMA_BAIXO_ALT<DIRtparaESQ>i 1+IR<>i+redup
 '(A person) usually goes limping (from right to left).'
 '(Uma pessoa) geralmente manca (da direita para a esquerda).'

- (41) IX_{3SG} CORRER 1_y+GO_UP+redup
 IX_{3SG} CORRER 1_y+IR_CIMA+redup
 'S/he usually runs up the hill.'
 'Ele(a) correu a colina acima.'

(BENEDICTO *et al.*, 2008:121)

Benedicto *et al.* (2008) argumentam que a marcação de aspecto possui escopo sobre todos os verbos da série, não sendo possível escopo restrito, apenas sobre V₁ ou V₂.

Em resumo, os dados acima, indicam que TAM pode ser marcado apenas uma única vez ou pode haver marcação concordante, onde os traços de TAM se espalham em todos os verbos da cadeia de maneira plena ou parcial. Vale ressaltar, no entanto, que não se observam marcações distintas de TAM nos verbos da série. O que parece estar em jogo, em termos de variação translinguística, é a possibilidade de reduplicação, plena ou parcial, dos traços de TAM.

2.2.5.2.

Negação

Como visto anteriormente (seção 2.1), a negação pode apresentar variação quanto a sua posição, precedendo o primeiro ou o segundo verbo³⁷. Em maare fulfulde (subdialeto de fulfulde, Nigéria), por exemplo, a negação é realizada como um sufixo no primeiro verbo.

³⁷ Não incluímos aqui a negação de CVS com três ou mais VPs encaixados.

- (42) *Isa yah-aay sood-i gawri*
Isa go-NEG bought corn
Isa ir-NEG comprar milho
 ‘Isa did not go to buy corn.’
 ‘Isa não foi comprar o milho.’

(MUSA, 2018:91)

Igualmente, em tepehuan do Sudeste (uto-asteca tepiman, México), a negação precede o primeiro verbo, tendo escopo amplo, sobre toda a série verbal. Não é possível, de acordo com Garcia (2008), uma interpretação com escopo restrito da negação em CVSs nessa língua.

- (43) *gu chioñ cham miir-da-t jii*
ART man NEG run-CONT-PST move.PST
ART homem NEG correr-CONT-PASS mover.PASS
 ‘The man did not go running.’
 ‘O homem não saiu correndo.’

(GARCÍA, 2008:12)

Na maioria dos dados observados na literatura, a negação ocorre no último verbo da série, como em (44a), haruai (piawi, Papua Nova Guiné), sendo agramatical a posição após V₁ (cf. 44b). A negação pós-V₁ é possível apenas em construções não seriadas, biclausais, tendo escopo apenas sobre a primeira sentença, como em (44c).

- (44) a. *An dw röbö p-öy-n-η*
we go water get-NEG-FUT-1PL
Nós ir água pegar-NEG-FUT-1PL
 ‘We will not go for water.’
 ‘Não vamos buscar água.’

b.*Na dw-ö! röbö p-n-ŋ-a
we go-NEG water get-FUT-1PL-DECL
nós ir-NEG água pegar-FUT-1PL

c. An dw-ö!-ön, röbö p-n-ŋ-a
we go-NEG-SS water get-FUT-1PL-DECL
nós ir-NEG-SS água pegar-FUT-1PL

'We will not go but will get water.'

'Não iremos, mas vamos buscar água.'

(COMRIE, 1995:31-32)

O espalhamento da negação, ou seja, com a negação marcada em todos os verbos da cadeia, também pode ocorrer, como em (45) e (46), dados de akan (nigero-congolesa, Gana e Costa do Marfim).

(45) Yaa re n to brodes n noa n di n da
Yaa PROG NEG buy plantain NEG cook NEG eat NEG sleep
Yaa PROG NEG comprar tanchagem NEG cozinhar NEG comer NEG dormir
 'Yaa will not buy food, cook, eat or sleep.'

'Yaa não vai comprar comida, cozinhar, comer, dormir.'

(NYAMPONG, 2015:63)

(46) Kofi a n kɔ to eduane a n di
Kofi PAST NEG go buy food PAST NEG eat
Kofi PASS NEG ir comprar comida PASS NEG comer

'Kofi did not buy food to eat.'

'Kofi não comprou comida (para) comer.'

(NYAMPONG, 2015:63)

Note que nem todas as línguas licenciam o espalhamento da negação. Em krio (língua franca, Serra Leoa), por exemplo, o espalhamento da negação não é gramaticalmente aceitável.

(47) a. Kofi nɔ bai fud it
Kofi NEG buy food eat
Kofi NEG comprar comida comer

‘Kofi did not buy food to eat.’

‘Kofi não comprou comida (para) comer.’

b. *Kofi nɔ bai fud nɔ it
Kofi NEG buy food NEG eat
Kofi NEG comprar comida NEG comer

(NYAMPONG, 2015:72)

Em diferentes LSs a posição e a marcação da negação têm sido amplamente estudada (e.g., NEIDLE *et al.*, 2000; PFAU, 2002; QUER, 2003, 2012, 2020; GÖKGÖZ, 2020), podendo ser marcada via sinal manual de carga negativa e/ou com marcadores não-manuais, como o balançar da cabeça (*headshake* - hs). Em HKSL, por exemplo, a negação ocorre em todos os tipos de CVSS identificados por Lau (2012), porém se restringe à posição final, pós- V_2 , com escopo amplo sobre toda a sentença, como em (48). Note que, assim como em krio (língua franca, Serra Leoa), em (47), a duplicação da negação também não é possível, como apresentam os dados em (49).

(48) BOY_a GIRL RUN_a be-towards_a NOT
 MENINO_a MENINA CORRER_a estar-em-direção_a NÃO

‘The girl did not run to the boy.’

‘A menina não correu para o menino.’

(LAU, 2012:153)³⁸

³⁸ (48) No original:
 BOY be-located_a+CL_SEM: a_human_entity//
 GIRL RUN
 be-towards_a+CL_SEM: a_human_entity NOT //
 CL_SEM: a_human_entity_a
 ‘A menina não correu para o menino.’

(49) a. MALE CAT DROWN_a DIE_a NOT-HAVE^{hs}
 HOMEM GATO AFOGAR_a MORRER_a NÃO-TER
 ‘The man did not drown the cat (and) (it) did not die.’
 ‘O homem não afogou o gato (e) (ele) não morreu.’

b.* MAN DROWN_a NOT-HAVE^{hs} CAT DIE_a

c.* MAN DROWN_a NOT-HAVE^{hs} CAT DIE_a NOT-HAVE^{hs}

(LAU, 2012:265)³⁹

Benedicto *et al.* (2008) observaram um padrão semelhante em LSC e em LSA: a negação ocorre no final da série verbal e tem escopo sobre toda a sentença, como em (50) - LSC e em (51) - LSA.

(50) 1-1+UP_DOWN_ALT<1toFRONT>i^{lipsdown} 1+GO<>i NO-RES^{hs+prot_tongue}
 1-1+CIMA_BAIXO_ALT<1paraFRENTE>l 1+IR<>i NÃO
 ‘S/he didn’t go limping to the front.’
 ‘Ele(a) não foi mancando para frente.’

(BENEDICTO *et al.*, 2008:120)

(51) IX_{3SGy} CORRER 1_y+GO_UP^{lips down} NADA^{hs+prot_tongue}
 IX_{3SGy} CORRER 1_y+IR_CIMA NADA
 ‘S/he didn’t run up the hill (at all).’
 ‘Ele(a) não correu a colina acima.’

(BENEDICTO *et al.*, 2008:120-121)

³⁹ (49) no original:

a. MALE CAT drown_a+CL_HANDLE: an_animate_entity

NOT-HAVE^{hs}
 die-ata+CL_SEM: an_animate_entity NOT-HAVE
 ‘O homem não afogou o gato (e) (ele) não morreu.’

b.* MAN drown_a+CL_HANDLE: an_animate_entity
NOT-HAVE^{hs} CAT die-ata+CL_SEM: an_animate_entity

c.* MAN drown_a+CL_HANDLE: an_animate_entity
NOT-HAVE^{hs} CAT die-ata+CL_SEM: an_animate_entity NOT-HAVE^{hs}

(LAU, 2012:264-265)

Benedicto *et al.* (2008) afirmam que, em LSC e LSA, a negação posicionada entre V_1 e V_2 tem escopo apenas sobre o primeiro verbo, tornando a estrutura bissentencial, como identificado por Comrie (1995) na língua haruai (piawi, Papua Nova Guiné). Assim, de igual modo, a reduplicação da negação nessas línguas leva a uma estrutura bissentencial, com cada uma das sentenças negadas individualmente.

Em resumo, embora a realização da marcação morfológica única, tanto para TAM quanto para a negação, possa ser uma característica em CVSs em diversas línguas seriadas, essa não é uma manifestação restritiva, pois a ocorrência de reduplicação dessas informações funcionais (*i.e.*, marcação concordante) são produtivas (HASPELMATH, 2016).

2.2.6.

Compartilhamento de argumentos

Outra propriedade já bem discutida na literatura para caracterizar as CVSs é o compartilhamento de argumentos: hipótese do objeto compartilhado (OSH – *objeto sharing hypothesis*, BAKER, 1989), a qual pressupõe que verbos em seriação devem compartilhar pelo menos um de seus argumentos (FOLEY & OLSON, 1985; BAKER, 1989; HALE, 1991; COLLINS, 1997). Essa hipótese tem sido adotada como um dos critérios básicos para a definição de uma estrutura seriada, uma vez que se espera que os verbos nessas estruturas formem um predicado único e complexo.

Em (52), língua oriya (indo-ariana, Índia), exemplificamos essa propriedade com uma sentença composta por quatro verbos seriados. A sequência verbal denota uma relação de subeventos sucessivos; contudo, há apenas um sujeito (*mun*, 'eu') e apenas um objeto (*maachhaTe*, 'um peixe').

- (52) mun maachha-Te kiNi keLaaI bhaaji khaa-il-i
I fish-INDEF buy clean fry eat-PAST-1SG
eu peixe-INDEF comprar limpar fritar comer-PASS-1SG
 ‘Having bought, cleaned and fried fish, I ate it.’
 ‘Tendo comprado, limpado (e) frito um peixe, eu o comi.’
 (SAHOO, 2006:2)

Se em CVSSs, há necessariamente o compartilhamento de pelo menos um dos argumentos⁴⁰, elimina-se corretamente do conjunto de construções seriadas, estruturas multiverbais assindéticas, como (53) do português brasileiro, onde cada sintagma verbal tem suas posições argumentais (argumentos externo e interno) preenchidas por argumentos independentes entre si.

- (53) Joana come bolo, Carlos come docinho.

A questão do compartilhamento argumental, no entanto, tem sido abordada de forma diferente nos estudos funcionalistas e tipológicos, de um lado, e nos formalistas, do outro. A literatura tipológica e funcionalista, com base em observações translinguísticas, apresenta uma ampla discussão sobre o compartilhamento de argumentos em CVSSs, descrevendo diversas possibilidades (CROWLEY, 2002; AIKHENVALD, 2006b), como: (a) compartilhamento de objeto⁴¹; (b) compartilhamento de sujeito); (c) sujeito cumulativo (*‘cumulative subject’* - retomada do sujeito por um pronome); (d) mudança de função (*‘switch-function’*); e (e) compartilhamento do argumento eventivo (*‘event-argument’*).

Dados de mudança de função, em (54) (etulo - idomóide, Nigéria) e de compartilhamento evento-argumento, em (55) (paamese - austronésica,

⁴⁰ Cleary-Kemp (2015) apresenta um dado de mavea (oceânica, Vanuatu) extraído de Guérin (2011:267) em que o compartilhamento argumental entre V₁ e V₂ é produtivo, contudo, com o emprego de um expletivo, o que não se configura como compartilhamento de argumentos. Até o momento não há estudos detalhados sobre essa questão (HASPELMATH, 2016:310).

⁴¹ Também conhecido como troca de sujeito (*‘switch subject’* – DURIE, 1997; FOLEY & OLSON 1985), essa propriedade tem sido difundida como ‘compartilhamento de objeto’, adotada por linguistas como Baker (1989) e Collins (1997).

Ilha Paama), são apresentados na literatura funcionalista e descritiva, porém, por não ser muito claro na literatura até que ponto essas construções são de fato CVSs, não nos ateremos a elas nesta tese. Para mais informações sobre esse tipo de compartilhamento ver Crowley (1987) e Aikhenvald (2006b).

- (54) ó tsàmú òfè kwùlúū
 3SG:SUBJ *push* *door open*
 3SG:SUJ *empurrar porta abrir*
 ‘He pushed the door open.’
 ‘Ele empurrou (e) a porta abriu.’

(EZENWAFOR, 2019:1225)

- (55) Kihulīn ato kail hemal
 2SG-DIST.COUNT-OBJ *chicken* PL 3SG-DIST.be.correct
 2SG-DIST.CONT-OBJ *galinha* PL 3SG-DIST.estar.correto
 ‘You count the chicken it be correct.’
 ‘Você conta as galinhas, está certo.’

(CROWLEY, 1987:40)

Em contraste, as abordagens formalistas apresentam o fenômeno de maneira mais restritiva, considerando que deve haver compartilhamento de argumentos, centrando-se no compartilhamento do argumento interno e/ou externo (e.g. BAKER, 1989; COLLINS, 1997).

O compartilhamento do argumento interno é produtivo em línguas orais, como é exemplificado em (56) da língua etulo (idomóide, Nigéria), e em línguas de sinais, como em (57) da HKSL.

- (56) Ìsésé kíé ènì lè fúé
 Ìsésé *take* *water* PROG *sprinkle*
 Ìsésé *pegar* *água* PROG *borrifar*
 ‘Ìsésé is sprinkling water.’
 ‘Ìsésé está borrifando água.’

(EZENWAFOR, 2019:1225)

(57) DARK-CLOUD TREE_a BRANCH_a LIGTHNING++
 ESCURA-NUVEM ÁRVORE_a GALHO_a RELÂMPAGOS++

STRIKE_{a-CL-electric_sparks} head nod FALL_{a-long_thin_object}
 ACERTAR_{a-CL--raio.elétrico} CAIR_{a-objeto.fino.longo}

'There was a dark cloud in the sky...There was a branch on the tree...There was lightning...The lightning struck the branch (and as a result) the branch fell off from the tree.'

'Havia uma nuvem escura no céu ... Havia um galho na árvore ... Aconteceu um raio ... O raio atingiu o galho (e como resultado) o galho caiu da árvore.'

(LAU, 2012: 196)⁴²

Inicialmente estudos gerativistas de base transformacional buscaram derivar o compartilhamento do objeto via operação de apagamento. Stewart (1963), sendo um dos primeiros linguistas gerativistas a analisar CVSSs, propõe que em estruturas com dois verbos transitivos, V₂ teria seu objeto apagado durante a derivação. Recentemente, a hipótese de compartilhamento do objeto tem recebido atenção especial. Para explicar o compartilhamento do argumento interno, Baker propõe uma estrutura sintática ternária (ver seção 6.1.), onde o argumento interno de V₁ é um constituinte imediato de V₂, estando, assim, em uma relação estrutural e semântica dupla com V₁ e V₂. A estrutura proposta por Baker pressupõe que não é possível a inserção de um argumento interno pós-V₂, ainda que esse seja um pronome co-referencial ao objeto de V₁.

De modo geral, a hipótese de Baker é bem mais restritiva do que as análises tipológicas, pressupondo que o compartilhamento de argumentos internos é obrigatório em CVSSs, como no dado em (58) da língua akan (nigero-congolesa, Gana e Costa do Marfim), uma vez que o papel *Theta*

⁴² (57) No original:

DARK-CLOUD be-in-sky+CL_SASS: a_3D_mass//
 TREE_a BRANCH be-located_a+CL_SASS: a_long_thin_object//
 LIGTHNING++//
 strike-on_a+CL_SASS: a_series_of_electric_sparks
head nod
 fall-off-from_a+CL_SASS: a_long_thin_object
 'Havia uma nuvem escura no céu ... Havia um galho na árvore ... Houve um raio ... O raio atingiu o galho (e como resultado) o galho caiu da árvore.'

(LAU, 2012: 196)

do objeto de V_1 deve ser atribuído também por V_2 . O mesmo pode ser observado em (59), yorùbá (nigero-congolesa, Nigéria). onde V_1 é um verbo transitivo, seguido por V_2 intransitivo.

- (58) Ama sɔ-ɔ Kofi hwɛ-i
Ama test-PAST Kofi look-PAST
Ama testar-PASS Kofi olhar-PASS
 ‘Ama tested Kofi.’
 ‘Ama testou Kofi.’

(NYAMPONG, 2015:61)

- (59) Ó mú ìwé wá
3SG took book came
3SG pegar livro vir
 ‘He brought the book.’
 ‘Ele trouxe o livro.’

(BAMGBOŞE, 1974, *apud* BAKER, 1989:513)

No entanto, a hipótese em questão tem sido criticada. Aboh (2009, 2018), por exemplo, argumenta, com base de dados de gungbe (nigero-congolesa, Nigéria), (exemplo em (60)), que a restrição proposta por Baker (1989) é ilusória. Note que V_1 e V_2 são verbos transitivos e que selecionam obrigatoriamente um argumento interno, porém, em (60), os dois verbos não compartilham o mesmo objeto.

- (60) Òjé! Sésínú kùn mótò cè só *(àdó).
EXCL Sesinou drive car 1SG.POSS hit wall
EXCL Sesinou dirigir carro 1SG.POSS bater parede
 ‘He drove my car into the wall!’
 ‘Ele bateu meu carro na parede!’

(ABOH, 2009:4)

A hipótese da obrigatoriedade do compartilhamento do argumento interno em CVSs torna-se ainda mais frágil quando se observa dados como

(60), também de gungbe, em que V_1 é um verbo inergativo e V_2 é um verbo transitivo.

- (61) Xè ló zrón xè àtín ló jí
bird DET fly climb tree DET on
pássaro DET voar escalar árvore DET em
 ‘The bird flew to the top of the tree.’
 ‘O pássaro voou para o topo da árvore.’

(ABOH, 2018:5)

A partir de dados como (60) e (61), Aboh (2009, 2018) considera que a análise de Baker não pode ser uma condição para a formação de CVSSs. Discutiremos com mais detalhes as questões referentes ao compartilhamento do argumento interno mais adiante, no capítulo 6, seção 6.1., destinada à apresentação e avaliação das análises sintáticas propostas.

O compartilhamento do argumento externo pode ser exemplificado com dados como (62), etulo (idomóide, Nigéria), onde V_1 e V_2 compartilham o mesmo argumento externo.

- (62) Àdí kíkíé lú wà
Àdí walk go PERF
Àdí andar ir PERF
 ‘Adi has walked away.’
 ‘Adi foi embora (andando).’

(EZENWAFOR, 2019:1224)

Nas análises sobre as línguas de sinais, o compartilhamento argumental é identificado, porém não é claramente detalhado em muitos dos estudos realizados. Os dados disponíveis, no entanto, evidenciam obrigatoriedade do compartilhamento do argumento externo, como na ASL (63), na LSC (64), na LSA (65) e em AdaSL (66).

- (63) PERSON WALK_{human-limping} GO_{circle}
 PESSOA ANDAR_{pessoa-mancando} IR_{círculo}
 ‘A human limping in a circle.’
 ‘A pessoa mancou em círculo.’
 (adaptado de SUPALLA, 1990:133-134)
- (64) 1-1+UP_DOWN_ALT<RTtoFRONT>I 1+GO<>i NO-RES
 1-1+CIMA_BAIXO_ALT<DIRparaFRENTE>I 1+IR<>i NÃO
 ‘S/he didn’t go limping to the front.’
 ‘Ele(a) não foi mancando para frente.’
 (BENEDICTO *et al.*, 2008:120)
- (65) IX_{3SG} CORRER 1_y+GO_UP+redup
 IX_{3SG} CORRER 1_y+IR_CIMA+redup
 ‘S/he usually runs up the hill.’
 ‘Ele(a) correu a colina acima.’
 (BENEDICTO *et al.*, 2008:121)
- (66) RUN ENTER-room LOCK
 CORRER ENTRAR-quarto FECHAR
 ‘I ran into the room and locked the door.’
 ‘Corri para o quarto (e) tranquei a porta.’
 (NYST, 2013:78)

A partir de dados de ASL, Supalla (1990) toma o compartilhamento do argumento externo como uma restrição sobre CVs. Para NGT, Couvee & Pfau (2018:10) identificam outras duas restrições sobre compartilhamento de argumentos: (a) se V_1 e V_2 possuem sujeitos distintos, V_2 deve ser um verbo intransitivo; (b) V_1 e V_2 não podem referenciar argumentos externos agentivos distintos, embora possam ter sujeitos não-agentes distintos.⁴³

⁴³ Os autores não oferecem dados com sujeitos distintos, apenas dados com compartilhamento do argumento externo. Além disso, dados de sentenças multiverbais são identificados em NGT em que V_1 e V_2 possuem agentes distintos, como exemplificado abaixo.

(i) INDEX₂ BUY 1GIVE₂
 INDEX₂ COMPRAR 1DAR₂

- (67) a. $\overline{\hspace{10em}}_{hs}$
 GOOD UNDERSTAND INDEX₁ ALSO
BOM ENTENDER INDEX₁ TAMBÉM
- $\overline{\hspace{10em}}_{/vraaq/}$
 ASK ₁CALL₃ PALM-UP
PERGUNTAR CHAMAR PALMA-CIMA
 ‘If I don’t understand it, I just ask (them).’
 ‘Se eu não entendo, eu só pergunto (a eles).’
- b. NEW SIGN ₂TAKE-OVER₁ INDEX₁ ₁GIVE_{3b}
NOVO SINAL ₂PEGAR₁ IX₁ ₁DAR_{3b}
 ‘I pass on new signs to them.’
 ‘Eu passo novos sinais para eles.’

(COUVEE & PFAU, 2018:13)

Collins (1997), trabalhando com dados da língua *ewe* (nigero-congolesa, Gana), propõe uma análise restritiva, considerando que, em CVSs verdadeiras, há compartilhamento tanto do argumento externo como do argumento interno (ver seção 6.1.3). Embora as análises de Baker e de Collins sejam importantes para o estudo formal das CVSs, não é claro que elas sejam apropriadas para uma teoria geral sobre CVSs. Primeiro, especialmente a de Baker, não explicam casos em que V_2 licencia um objeto pós-verbal semanticamente independente, como em (60), ou um pronome co-referencial com o objeto de V_1 , como em (68) (língua *ghómálá* (nigero-congolesa, Camarões)). Segundo, o compartilhamento do argumento externo, semelhante ao compartilhamento do objeto interno, engloba casos em que o argumento externo pode se realizar mais de uma vez na sequência, havendo uma sobreposição de referentes com

‘You bought it from me.’
 ‘Você comprou de mim.’

(BOS, 1996/2016:245)

- (ii) ELECTRICITY ₃GO₁ PALM-UP RUN
ELETRICIDADE ₃hR PALMA-CIMA CORRER
 ‘An electric shock comes and so (the cat) runs away.’
 ‘Um choque elétrico vem e então (o gato) foge.’

(COUVEE & PFAU, 2018:8)

Esses dados não parecem possuir as mesmas propriedades das CVSs aqui analisadas. Em (i) a sentença parece ser biclausal, enquanto em (ii) PALM-UP parece funcionar como uma conjunção entre duas sentenças (cf. COUVEE & PFAU, 2018:8).

correferência exaustiva e não exaustiva. Em paamense (austronésica, Ilha Paama), dado em (69), os verbos da estrutura seriada podem comutar o mesmo argumento externo, mas, enquanto o argumento externo de V_1 refere-se à primeira pessoa do singular, o argumento externo de V_2 , à primeira pessoal dual inclusiva.

- (68) Tǎnjê yèm Símō jwó é
Tagne arrest Simo hit 3SG.ACC
Tagne prender Simo bater 3SG.ACC
 ‘Tagne arrests Simo and hits him.’
 ‘Tagne prende Simo (e) bate nele.’

(MOKAM FOKO, 2020:25)

- (69) ma-kuri-ko lo-va-haa
1SG-IMMED.take-2SG 1DU.INCL-IMMED-go
1SG+IMED-pegar-2SG 1DU/INCL-IMED-ir
 ‘I will take you away with me.’
 ‘Eu vou levar você comigo.’

(CROWLEY, 1987:48)

De modo geral, terminamos essa seção com a seguinte conclusão: embora a literatura não o faça, é necessário diferenciar o compartilhamento sintático, semântico e de referência. O compartilhamento de referência (mesmo que não exaustivo) parece ser obrigatório, tanto da referência do argumento externo quanto da referência do argumento interno. Mas as posições sintáticas desses argumentos não parecem ser obrigatoriamente compartilhadas, já que a estrutura argumental de V_2 pode realizar o argumento externo e interno como pronomes co-referentes aos argumentos de V_1 .

Poderíamos, com base nas restrições impostas por Baker e Collins, excluir do rol das CVSs, exemplos como (68) e (69). Entretanto, essa decisão não é trivial, já que tais estruturas apresentam todas as outras propriedades de CVSs. Portanto, concluímos que a obrigatoriedade de

compartilhamento sintático de argumentos, nos moldes propostos por Baker e Collins é por demais restritiva.⁴⁴

2.3.

Contorno prosódico

O comportamento prosódico das CVSs foi primeiramente descrito por Givón (1991). Em conformidade a análise do autor, os dados de kambara (austronésica, Indonésia - KLAMER, 1998a), anamuxra (trans-nova guiné, Papua Nova Guiné - INGRAM, 2001), taba (austronésica, Indonésia - BOWDEN, 2001) e ambae (austronésica, Indonésia - HYSLOP, 2001) apresentam propriedades entonacionais semelhantes às de uma oração monoverbal.⁴⁵

Semelhantemente, Bos (1996/2016) e Couvee & Pfau (2018), em NGT, e Lau (2012), em HKSL, identificam características de contorno prosódico monossentencial. Em (70), da NGT, por exemplo, de acordo com Couvee & Pfau, há uma articulação labial (*mouthing*) que se inicia no verbo PAY ('pagar') e se espalha até GIVE ('dar'). Essa articulação estendida, para os autores, é tomada como evidência de fronteira prosódica única.

(70) PLEASE INDEX₁ /be - ta - len/ GIVE₂ INDEX₂ PALM-UP
 POR-FAVOR INDEX₁ PAGAR INDEX₁ ₁DAR₂ INDEX₂ PALMA-CIMA
 'I want to pay you (for it).'
 'Eu quero pagar você (por isso).'

(BOS, 1996/2016:238)

Entretanto, embora evidente o contorno prosódico em LSs, nos estudos em línguas orais são escassas as análises fonológicas que substanciam observações sobre a prosódia das CVSs. A maioria das descrições realizadas se baseiam apenas na intuição do pesquisador ou

⁴⁴ Ver seções 6.1,1. e 6.1,3, para uma discussão mais técnicas a respeito das restrições sintáticas impostas por Baker e Collins.

⁴⁵ Ver também Baker & Stewart (2002), Kroeger (2004), Baird (2008), Defina (2016).

no comportamento morfossintático e morfofonológico de sentenças seriadas (HOPPERDIETZEL & KLINGLER, 2019 CROWLEY, 2002).

Recentemente, Hopperdietzel & Klingler (2019) realizaram um estudo piloto em daakaka (oceânica, Vanuatu), sendo analisada a proeminência fonológica em dois tipos de construções: (i) CVSs com marcação única de TAM e (ii) CVS com marcação múltipla de TAM, considerando as seguintes configurações:

- (i) [SUJ **TAM** V V OBJ]
- (ii) [SUJ **TAM** V OBJ **TAM** V]

Os resultados indicam que CVSs em daakaka com marcação única de TAM apresentam um contorno prosódico único, mas as CVSs com marcação múltipla apresentam um contorno de fronteira prosódica específico para cada verbo. Hopperdietzel & Klingler (2019), no entanto, consideram que a diferença do contorno prosódico entre esses dois tipos de CVSs está relacionada diretamente com o tamanho e com a configuração sintática dessas construções.

Em resumo, a generalização de que as CVSs apresentam um contorno entonacional de monossentenças é sustentada pela literatura (CLEARY-KEMP; 2015:177; HASPELMATH, 2016:308), embora essa propriedade pareça depender do peso estrutural das CVSs em análise. Consideramos, contudo, que estudos em línguas de sinais nos possibilitam caracterizar as CVSs como estruturas como características prosódicas de monossentenças. Essa contribuição das línguas sinais exemplifica a importância de estudos intermodais.

2.4.

Caracterização semântica

Alguns estudos descritivos subclassificaram CVSs seguindo uma análise semântico comparativa, como Luke & Bodomo (2001), que consideram os tipos de eventos denotados por CVSs, na língua dagaare (nígero-congolesa, oeste da África) e em cantonesa (sino-tibetana, Hong Kong). Os autores apresentam as seguintes classes de CVSs: (i) benefactiva (propósito), (ii) causativa (resultativa), (iii) instrumental, (iv) inceptiva e (v) dêitica (direcional). Outra categorização é proposta por Aikhenvald (2006b), a partir de uma análise comparativa das propriedades do sujeito das CVSs: (i) CVS com mudança de função (*'switch-function'*) ((ia), CVS de causa-efeito, (ib) CVS causativa, (ic) CVS com experienciador simultâneo, (id) CVS com mudança de função consecutiva); (ii) CVS com sujeito cumulativo (*'cumulative subject'*); (iii) CVS com argumento eventivo (*'event-argument'*) e (iv) CVS resultativa.

Apesar da classificação semântica das CVSs por critério semântico ser extensa e variada nas línguas orais, a literatura sobre o fenômeno nas línguas de sinais, desde Supalla (1990), tem dado atenção a um tipo específico de serialização: a construção verbal seriada de movimento (*serial verbs of motion* - SUPALLA, 1990; SLOBIN & HOITING, 1994; BOS, 1996, 2016; TANG, 2003; BENEDICTO *et al.* 2008; VIBEKE BØ, 2010 NYST, 2013). Rompendo com a tradição dessas análises, Lau (2012) observa diferentes tipos de CVSs em HKSL: (a) direcionais de movimento, (b) de modo, (c) resultativas, (d) instrumentais, (e) transitivas.⁴⁶

A partir de uma amostra de cem línguas, sendo oitenta delas serializadoras e 20 línguas crioulas, incluindo línguas orais e de sinais, Ross e Lovstrand (2018) analisaram a produtividade de quatro tipos de CVSs amplamente conhecidas: (i) CVSs de movimento, (ii) TAKE-CVSs, (iii) CVSs de postura, (iii) CVS comparativa.

As CVSs de movimento (*motion SVCs*) denotam a direção do movimento do subevento de movimento, geralmente envolvem verbos

⁴⁶ Couvee & Pfau (2018) ampliam a discussão das CVSs em NGT para estruturas com verbos como TAKE ('pegar'), GIVE ('dar'), CALL ('chamar') e GO ('ir').

como GO e COME, como no dado do *pidgin* nigeriano em (71). Em LSs, as CVSs de movimento (ou direcionais) são as amplamente investigadas e incluem verbos de locomoção (*locomotion verbs*), verbos de modo de movimento (*manner of motion verbs*), verbos de caminho do movimento (*path of motion verbs*) e verbos de direção de caminho (*path of direction verbs*). As descrições mais gerais sobre esse tipo de CVSs as entendem como estruturas em que V₁ expressa o modo/forma do movimento e V₂ expressa a direção do movimento, como em (72) da HKSL.

- (71) Im kari di nyam kòm
 3SG carry the yam come
 3SG carregar o inhame vir
 ‘(S)he brought the yams.’
 ‘Ele(a) trouxe os inhames.’

(FARACLAS, 1996:212)

- (72) GIRL_a ^{head nod} RUN
 MENINA_a CORRER
 _____ ^{body shift right}
 IX-boy_i BOY_i be-towards_a+CL_SEM: a_human_entity
 IX-menino_i MENINO_i esta-em_direção+CL+SEM:entidade_humana
 ‘There was a boy (and) she runs to the boy.’
 ‘Havia um menino (e) ela corre até o menino.’

(LAU 2012:147)

As *Take*-CVSs são formadas por dois verbos transitivos, onde V₁ é sempre o verbo TAKE e V₂ um verbo com dois *slots* para concordância. Nessas construções, o verbo *Take* ocupa a posição de V₁, enquanto V₂ pode ser tanto um verbo de atividade ou de realização, sendo a sequência [V₁→V₂] guiada por uma relação icônica entre os subeventos, como em (73) da língua cantonesa (sino-tibetana, Hong Kong). Em HKSL, as *Take*-CVSs podem se subdividir em duas categorias conforme o tipo de argumento compartilhado: instrumental e tema. Na *Take*-instrumental, TAKE ocupa a posição de V₁ e em V₂ um classificador com incorporação

de instrumento é introduzido, enquanto nas construções *Take*-tema, o tema não é incorporado por um classificador manual.

- (73) lei lo di saam lai
you take PL clothing come
 você pegar PL roupa vir
 ‘Bring some clothes.’
 ‘Traga algumas roupas.’

(MATTHEWS, 2006:76)

- (74) *Take*-CVS (instrumental)

TABLE CAN BE_{b_cylindrical_object} CL_{a_rectangular_object}
 MESA CANECA ESTAR_{b_objeto-cilíndrico} CL_{a_objeto-retangular}
 MALE CAN-OPENER TAKE_a OPEN_{cylindrical_object}
 HOMEM ABRIDOR PEGAR_a ABRIR_{objeto.cilíndrico}

‘There was a can on the table. The boy took a can opener to open the can.’

‘Tinha uma lata sobre a mesa. O menino pegou um abridor de lata para abrir a lata.’

(LAU, 2012:233)⁴⁷

- (75) *Take*-CVS (tema)

CLOTHES IX-girl_i GIRL_i TAKE WASH CL_{flat_object}
 ROUPAS IX-menina_i MENINA_i PEGAR LAVAR CL_{-objeto.plano}

‘The girl took the clothes and washed them on the washboard.’

‘A menina pegou as roupas e as lavou na tábua de lavar.’

(LAU, 2012:233)⁴⁸

⁴⁷ (74) No original:

TABLE CAN be-located_b+CL_SASS:a_cylindrical_object //
 CL_SASS:a_rectangular_object
 MALE CAN-OPENER TAKE_a
 open+CL_HANDLE: a_long_object
 CL_SASS: a_cylindrical_object

‘Havia uma lata na mesa. O menino pegou um abridor de lata para abrir a lata.’

(LAU, 2012:233)

⁴⁸ (75) No original:

CLOTHES IX-girl_i GIRL_i TAKE
 WASH
 CL_SASS: a_flat_object_a

‘A garota pegou as roupas e as lavou na tábua de lavar.’

(LAU, 2012:233)

As CVSs de postura são mais conhecidas como CVSs de modo (*manner-SVCs*), mas geralmente envolvem um verbo que descreve postura. Nessas construções, V_1 expressa o modo (ou a maneira) em que os eventos são realizados, como e em (76), dado do *pidgin* nigeriano. Em HKSL, V_1 deve ser um verbo classificador, denotando estado ou ações corporais, e V_2 pode ser verbo classificador ou um verbo eventivo, como em (77).

- (76) Im dè stanôp chop
 3SG IMPF stand eat
 3SG IMPF em-pé comer
 ‘(S)he eats standing.’
 ‘(Ele) come em pé.’

(FARACLAS, 1996:213)

- (77) *WINDOW-SILL_a DOG LOOK CLIMB_a
 JANELA-PEITORIL_a CACHORRO OLHAR SUBIR_a
 ‘There was a window sill. The dog climbed up onto the window sill to look.’
 ‘Há o peitoril da janela. O cachorro subiu no peitoril para olhar.’⁴⁹

(LAU, 2012:207)

As CVS comparativas denotam uma relação de comparação, ‘X passa Y em tamanho’, por exemplo. Em geral, nessas CVSs são empregados verbos como PASS (‘passar’) e EXCEED (‘exceder/ultrapassar’), como em (78) de Dangme (kwa, Gana). Estruturas semelhantes foram identificadas em ASL (WILBUR *et al.*, 2018), como exemplificado no dado em (79).

⁴⁹ (77) no original:

WINDOW-SILL be-located_a+CL_SASS: a_flat_rectangular_object//
 janela-peitoril estar-loc_a+cl_um_plano_retangular_objeto//
 DOG LOOK climb_on_a+CL_SEM: an_animate_entity
 cachorro olhar subir_no_a+cl_sem:uma_entidade_animada
 (lit. ‘Há o peitoril da janela. O cachorro subiu no peitoril para olhar.’) (LAU, 2012:207)

- (78) Dede Ayew fia a bɔɔlu pe Musa
Dede Ayew play HAB ball exceed Musa
Dede Ayew jogar HAB bola ultrapassa Musa
 ‘Dede Ayew plays better football than Musa.’
 ‘Dede Ayew joga futebol melhor do que Musa.’

(CAESAR, 2016:40)

- (79) iEVA SWIM iBEATj jMARY CAN
 iEVA NADAR iVENCERj jMARY SABER
 ‘Eva can swim faster/better than Mary.’
 ‘Eva sabe nadar mais rápido/melhor do que Mary.’

(WILBUR *et al.*, 2018:64)

Indo além das investigações descritivas, a análise formal de Baker & Stewart (2002), a partir de dados das línguas edo (nigero-congolesa, Nigéria), buscou classificar as diferentes manifestações de CVSs, com base nas relações semânticas dos verbos da cadeia, consideram que essas relações decorrem de relações estruturais, sintáticas.⁵⁰ Os autores descrevem três tipos semânticos de CVSs: resultativas (CVSR), consequenciais (CVSC) e de finalidade (ou propositais – *purposive*) (CVSP), como nos respectivos exemplos abaixo.⁵¹ Observem que esses tipos são todos de sequências simétricas.

- (80) CVSs resultativas (CVSR)

Ozo gha gbe ewe wu
 Ozo *FUT hit* goat die
 Ozo *FUT bater cabra morrer*
 ‘Ozo will strike the goat dead.’
 ‘Ozo bater na cabra (e) (ela) morrerá.’

(BAKER & STEWART, 2002:3)

⁵⁰ As variações estruturais dessas construções serão analisadas mais adiante na seção 2.1.

⁵¹ Para mais detalhes dessas construções ver Baker & Stewart (2002).

(81) CVSs consequenciais (CVSC)

Musa du etsi kun

Musa cook yam sell

Musa cozinhar inhame vender

‘Musa cooked a yam and sold it.’

‘Musa cozinhou um inhame (e) vendeu.’

(BAKER & STEWART, 2002:2)

(82) CVSs de finalidade/propositais (CVSP)

Musa wan nangi ya tsigbè

Musa catch goat give medicine

Musa pegar cabra dar remédio

‘Musa caught a goat to give it medicine.’

‘Musa pegou uma cabra (para) dar remédio’

(BAKER & STEWART, 2002:3)

As CVSCs configuram um macroevento composto por eventos denotados por verbos transitivos que compartilham os argumentos, sendo, na análise dos autores, o objeto do segundo verbo encoberto. Na sequência dada, o segundo subevento (V_2) é temporalmente precedido do anterior (V_1) e é interpretado semanticamente como consequência dele por ela. As CVSPs se distanciam das CVSCs, na relação entre os subeventos: o subevento expresso por V_2 é interpretado como a finalidade do subevento expresso por V_1 , não sendo sua realização no argumento externo obrigatoriamente realizada (ou afirmada). (82) pode expressar uma situação em que Musa pegou a cabra para dar remédio, mas não deu remédio para o animal. As CVSRs denotam uma relação eventiva na qual o evento denotado por V_1 (verbo transitivo) resulta no evento de V_2 , que expressa no estado do tema de V_1 .

Veenstra & Muysken (2017), a partir dos dados do saramacano (língua crioula, Suriname), propõem uma classificação das CVSs simplificada, mas suficientemente abrangente para incluir diferentes tipos

semânticos. Cruzando os critérios de seleção lexical restrita/livre (*i.e.*, CVSs assimétricas e simétricas) e de composição de subeventos (mais/menos independentes), os autores subcategorizam as CVSs em quatro tipos, conforme a tabela a seguir.

	<i>Menos independência entre os subeventos</i>	<i>Mais independência entre os subeventos</i>
Lexicalmente restrita	Tipo 1	Tipo 2
Lexicalmente livre	Tipo 3	Tipo 4

Tabela 1: Classificação das CVSs conforme Veenstra & Muysken (2017:12)

Para o saramacano (língua crioula, Suriname), Veenstra & Muysken (2017) apresentam a lista de verbos mais frequentes da classe restrita (cf. na tabela 2).

<i>Tipo</i>	<i>Verbo</i>	<i>Significado</i>
Direcional	Ir	direção para longe
	Vir	em direção a
	Cercar	contornar
	Sair	ponto de partida
	Chegar	ponto final
Introdutor de argumento	Dar	dativo, benefactivo, experienciador, fonte
	Dizer	complementizador finito
Aspectual	Acabar	completivo
	Acabar	já ocorrido
Grau	Passar	comparativo
	Mais	comparativo
	Prejudicar	excessivo

Tabela 2: Verbos de CVSs do tipo 1 (VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:13)

As CVSs direcionais podem empregar o verbo *gó* ('ir') e *kó* ('vir') na posição V₂ como um verbo de movimento, como em (83).

- (83) a. A kaí gó a dí baáku
 3SG fall go LOC DET hole
 3SG cair ir LOC DET buraco
 'He fell into the hole.'
 'Ele caiu no buraco.'

- b. A túe dí súndju gó a dí mátu
 3SG throw DET dirt go LOC DET woods
 3SG jogar DET sujeira ir LOC DET floresta
 ‘He threw the dirt into the woods.’
 ‘Ele jogou a sujeira na floresta.’

(VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:14)

As CVSSs com introdutores de argumento selecionam os verbos *dá* (‘give’) e *táa* (‘dizer’) também em V₂. Note que os argumentos introduzidos dependem dos traços de S-seleção e C-seleção de V₂.

- (84) a. De maá dí fáka dá mi
 3PL sharpen DET knife give 1SG
 3PL afiar DET faca dar 1SG
 ‘They sharpened the knife for me.’
 ‘Eles afiaram a faca para mim.’

- b. Mi sábi táa á búnu
 1SG know say 3SG.NEG good
 1SG saber dizer 3SG.NEG bom
 ‘I know that it is not good.’
 ‘Eu sei que isso não é bom.’

- c. Mi táki táa sáka hen búta!
 1SG say say lower 3SG put
 1SG dizer dizer abaixa 3SG botar
 ‘I said: put it down!’
 ‘Eu disse: abaixe isso!’

(VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:16)

No subgrupo aspectual, V₂ introduz informação aspectual, como *kabá* (‘terminar’) em (85).

- (85) Mi jabí dí dóo kabá
 1SG open DET door finish
 1SG abrir DET porta terminar
 ‘I have finished opening the door.’
 ‘Eu acabei de abrir a porta.’

(VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:17)

Quanto ao grau, V_2 pode denotar uma relação comparativa, a seguir.

- (86) A bebé daán pása/moó mi
 3SG drink rum pass/more 1SG
 3SG bebe rum passar/mais 1SG
 ‘He drinks more rum than me.’
 ‘Ele bebe mais rum do que eu.’

(VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:17)

As CVSs do tipo 2 são estruturas em que um dos verbos pertence a uma classe lexical restrita com posição fixa, geralmente em V_2 (*i.e.*, na posição não inicial), denotando eventos mais independentes entre si, podendo introduzir argumentos (87) ou denotar relações causais diretas (88) ou indiretas (89).

- (87) Me téi dí búku butá alá
 1SG.NEG take DET book put there
 1SG.NEG pegar DET livro pôr lá
 ‘I didn’t take the book and put it there.’
 ‘Eu não peguei o livro (e) coloquei lá.’

(VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:19)

- (88) Dí tjúba tá kái mbéi hen uwíi munjá tooná kó bè
DET rain ASP fall make 3SG hair wet turn come red
DET chuva ASP cair fazer 3SG cabelo molhado virar tornar vermelho
 ‘It is raining so that her hair becomes wet and turns red.’
 ‘Está chovendo (e) o cabelo dela fica molhado e fica vermelho.’
 (VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:19)

- (89) Egbert bebé daán hía pói mbéi a fiká a wósu
Egbert drink rum much spoil make 3SG stay LOC house
Egbert beber rum muito prejudicar fazer 3SG ficar LOC casa
 ‘Egbert drank too much rum, so he stayed home.’
 ‘Egbert bebeu muito rum, então ele ficou em casa.’
 (VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:19)

As CVSs do tipo 3 da tabela 1 são construções assimétricas, em que um dos verbos expressa resultado do evento denotado pelo outro verbo, possuindo uma posição relativamente fixa, não inicial, portanto, com eventos menos independentes entre si.

- (90) a. De hói hen butá.
 3PL hold 3SG put
3PL segurar 3SG pôr
 ‘They kept him under control.’
 ‘Eles o mantiveram sob controle.’
- b. De sikópu hen kíi
 3PL kick 3SG kill
3PL chutar 3SG matar
 ‘They kicked him dead.’
 ‘Eles o chutaram até a morte.’
 (VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:20)

AS CVSs tipo 4 apresentam liberdade quanto aos verbos selecionados e quanto à relação eventiva, como (91).

- (91) A kísi dí fou náki kii limbo bói njan
 3SG catch DET bird hit kill clean cook eat
 3SG *pegar DET pássaro bater matar limpar cozinhar comer*
 ‘He caught the bird, struck it dead, and cleaned, cooked, and ate it.’
 ‘Ele pegou o pássaro, matou-o (e) limpou, cozinhou (e) comeu.’
 (VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:21)

Adotamos na presente pesquisa a classificação de Veenstra & Muysken (2017), acomodando categoricamente as CVSs assimétricas no Tipo 1 e Tipo 2 e CVSs simétricas no Tipo 3 e Tipo 4.

2.5.

Conclusões do capítulo

Nesse capítulo buscamos caracterizar o comportamento das construções com verbos seriados, trazendo um recorte intermodal das propriedades descritivas apresentadas na literatura. Com base nos dados apresentados, identificamos que as CVSs das línguas de sinais e das línguas orais apresentam propriedades gerais semelhantes, independente da modalidade de externalização adotada pela língua (ver tabela 3).

A literatura tem analisado as CVSs como estruturas monossentenciais. Contudo, a propriedade de monossentença não pode ser observada diretamente, sendo um reflexo da estrutura sintática subjacente. As análises sintáticas propostas na literatura sobre o fenômeno serão apresentadas e discutidas no capítulo 6. No entanto, de partida, podemos concluir que as CVSs são, de fato, estruturas monossentenciais, considerando as seguintes características observáveis: ausência de conector (coordenador ou subordinador), semântica de evento único, compartilhamento de argumentos, compartilhamento da camada funcional que compõe a estrutura sentencial, prosódia monossentencial.

Apresentamos, como conclusão da revisão feita, a tabela resumo abaixo com pontos de convergência e de variação entre as línguas consideradas. É relevante observar que o compartilhamento de traços funcionais e de argumentos é uma característica rígida (universal) dessas

construções. No entanto, as línguas variam em relação a essas propriedades: algumas delas reduplicam a informação na sequência verbal, podendo ocorrer marcação concordante de TAM, negação e realização pronominal co-referencial de argumentos.

<i>Propriedades das CVSS</i>	Línguas Orais		Línguas de Sinais	
	Variação	Não- variação	Variação	Não- variação
Ausência de conectores		✓		✓
Contiguidade verbal	✓		✓	
Verbos independentes		✓		✓
Evento único		✓		✓
Manutenção de traços morfossintáticos		✓		✓
Compartilhamento de informação funcional	✓		✓	
Compartilhamento semântico da referência de argumentos	✓		✓	
Entonação monossentencial	?			✓
Monoclausalidade		✓		✓

Tabela 3: *Propriedades rígidas e parametrizadas das CVSS*

Desconsiderando as variações paramétricas observadas (cf. tabela 3), temos o seguinte panorama de caracterização intermodal das CVSSs.

Tipo de sequência verbal	Características estruturais	Características semânticas	Tipos semânticos
Simétrica	Estrutura formada por múltiplos verbos dominados por uma única estrutura funcional	Efeito sanfona – a estrutura denota um único evento formado por múltiplos subeventos	CVS resultativa
			CVS consecutiva
Assimétrica			CVS final
			CVS tipo 1
			CVS tipo 2
			CVS de movimento
			Take-CVS
			CVS de postura
			CVS de comparação
			CVS tipo 3
			CVS tipo 4

Tabela 4: *Características universais das CVSS*

Para finalizar o capítulo, enfatizamos a importância de incluir dados das LSs em descrições e análises formais. No próximo capítulo, nos deteremos em alguns tipos exclusivos de sequências verbais em LSs, diferenciando-as das CVSs. No capítulo 5 apresentamos os dados de Libras coletados por nós com o intuito de (a) descrever o fenômeno na língua, (b) verificar hipóteses formuladas no decorrer da pesquisa, com base nos dados coletados.

3.

Diferentes tipos de construções multiverbais em línguas de sinais

Uma vez que os estudos estruturais das LSs ainda são pouco difundidos, neste capítulo apresentaremos brevemente as principais características de construções multiverbais em LSs (3.1) e, em seguida, relatamos os principais testes para a identificação de CVSs adotados por Lau (2012) para diferenciar estruturas coordenadas e subordinadas (3.2).

3.1.

Identificando e distinguindo construções multiverbais de CVSs em LSs

3.1.1

Coordenação e subordinação vs. seriação

Nas LSs, assim como nas línguas orais, é altamente produtiva a coordenação entre diferentes tipos de sintagmas, a qual pode se manifestar sindeticamente, com um coordenador manualmente manifesto, ou assindeticamente, por justaposição (TANG & LAU, 2012; DAVIDSON, 2013; JANTUNEN, 2016; ZORZI, 2018a, 2018b, 2018c).

Muitas LSs apresentam um sinal manual⁵² em sentenças coordenadas sindéticas conjuntivas (e.g. 'E', 'TAMBÉM'). A ASL, por exemplo, usa o sinal AND, em (1) (cf. PADDEN, 1988). HKSL também possui um coordenador manual, o qual é produtivo apenas em estruturas sintaticamente próximas ao chinês oral (TANG & LAU, 2012). De igual modo, a língua de sinais finlandesa (*Finnish Sign Language* - FinSL) faz

⁵² Os itens lexicais que são denominados “palavras” nas línguas orais e são denominados “sinais” nas línguas de sinais.

uso de coordenadores manifestos em coordenadas sindéticas (VELUPILLAI, 2012)⁵³, como exemplificado em (2).⁵⁴

(1)



AND⁵⁵

(2)



ALSO

PLUS

BUT

OR

(JANTUNEN, 2016:441)

Algumas LSs podem utilizar como marcadores de coordenação sintática um coordenador manual, *Coord-L*, ou um coordenador espacial, *Coord-Shift*. Sentenças coordenadas com *Coord-L* são conhecidas como sentenças de ‘boia de lista’ (*‘list buoys’* - LIDDEL, 2003; LIDDELL *et al.*, 2007; DAVIDSON, 2013; ZORZI, 2018a, 2018b), pois o coordenador se assemelha a um apoio ‘flutuante’ (*i.e.*, uma boia) em que os conjuntos coordenados são enumerados nos dedos da mão passiva. Essas construções tendem a ser prepositivas e multissindéticas (primeiro A, segundo B, terceiro C etc.). Essas coordenações, em ASL, são exemplificadas como dados como (3) e (4). *COORD-L₁* e *COORD-L₂* precedem os constituintes coordenados, que podem ser sinalizados no mesmo *locus* espacial, e os constituintes coordenados recebem marcas não-manuais, acentuando seus limites prosódicos.

⁵³ Embora a língua de sinais australiana (*Australian Sign Language - Auslan*) não tenha um sinal manual para uma coordenação aditiva (*e.g.*, ‘E’), é produtivo um sinal para estruturas com coordenação adversativas (*e.g.*, ‘MAS’) (cf. JOHNSTON & SCHEMBRI, 2007).

⁵⁴ Para um estudo mais detalhado sobre a coordenação em LSs, mais especificamente em LSC, ver Zorzi (2018a).

⁵⁵ <http://lifepprint.com/asl101/pages-signs/a/and.htm>; acessado em 24/09/2018.

(3)

COORD-L₁COORD-L₂

(DAVIDSON, 2013:6)

- (4) HAPPEN? COORD-L₁ [POSS_a PARENTS WILL BUY
 ACONTECER? COORD-L₁ [POSS_a PAIS FUT COMPRAR
 POSS_a CAR] COORD-L₂ [IX_a WILL TRAVEL]
 POSS_a CARRO] COORD-L₂ [IX_a FUT VIAJAR]

'O que vai acontecer? Os pais dela vão comprar o carro dela, e (então) ela vai viajar.'

(DAVIDSON, 2013:7)

Como observa Velupillai (2012), para FinSL, os Coord-Ls são mais salientes que coordenadores lexicais abertos, pois estão associados às marcas não-manuais nos constituintes coordenados. Há, portanto, uma marcação evidente de marcadores não-manuais (*i.e.*, expressões faciais e/ou corporais) em estruturas coordenadas em LSs.

É possível, também, marcar coordenação no uso do espaço de sinalização. A coordenação com *Coord-shift* consiste no estabelecimento de áreas distintas no espaço topográfico, distribuindo os componentes coordenados em pontos distintos à frente do sinalizador (TANG & LAU, 2012; PFAU, 2016; ZORZI, 2018a, 2018b). A coordenação assindética *Coord-shift* é exemplificada nos dados da ASL em (5) e em (6).

(5)



COPO COORD-SHIFT TIJELA

(DAVIDSON, 2013:10)

- (6) HAPPEN? [POSS_a PARENTS WILL BUY POSS_a
 ACONTECER? [POSS_a PAIS FUT COMPRAR POSS_a
 CAR]_b COORD-SHIFT [IX_a WILL TRAVEL]_c.
 CARRO]_b COORD-SHIFT [IX_a FUT VIAJAR]_c

'O que vai acontecer? Os pais dela vão comprar o carro para ela, e (então) ela vai viajar.'

(DAVIDSON, 2013:10)

Nessas estruturas, os contornos prosódicos dos constituintes coordenados são marcados por marcadores não-manuais, como o movimento da cabeça e do corpo e, ainda, a direcionalidade do olhar⁵⁶ (VELUPILLAI, 2012; LEGELAND *et al.*, 2018; ZORZI, 2018a). Os dados em (7) da NGT e em (8) da HKSL exemplificam esse tipo coordenação.

- (7) $\overline{\text{bl-3a}}$ MOTHER IX_{3a} MARKET IX_{left} GO_{left}, $\overline{\text{bl-3b}}$ SON IX_{3b} FRIEND IX_{right} VISIT_{right}
 MÃE IX_{3a} MERCADO IX_{esq} GO_{esq}, FILHO IX_{3b} AMIGO IX_{dir} VISIT_{dir}

'The mother goes to the market (and) her son visits a friend.'

'A mãe vai ao mercado (e) o filho visita uma amiga.'

(LEGELAND *et al.*, 2018:57)

- (8) IX₁ GO-TO BEIJING, (pro₁) $\overline{\text{hn+bt right}}$ TAKE-A-PLANE $\overline{\text{hn+bt left}}$ TAKE-A-TRAIN
 IX₁ IR-PARA BEIJING, (pro₁) PEGAR-UM-AVIÃO PEGAR-UM-TREM

'I am going to Beijing. I will take a plane or a train.'

'Eu estou indo para Pequim. Vou pegar um avião ou trem.'

(LEGELAND *et al.*, 2018:57)

Em resumo, em diferentes LSs, as construções coordenadas são produtivas, podendo ser sindéticas, com a manifestação aberta de um coordenador (*i.e.*, com um sinal manual ou com Coord-L), ou assindéticas, com a marcação espacial saliente dos conjuntos coordenados (*i.e.*, Coord-*shift*). Embora se diferenciem pela presença evidente, ou não, de um

⁵⁶ Reportamos os dados de Legeland *et al.* (2018) com as seguintes abreviações para marcadores não-manuais: bl = inclinação do corpo (*body lean*), bs = deslocamento do corpo (*body shift*), bt = rotação do corpo (*body turn*), hl = inclinar a cabeça (*head lean*), hn = acenar com a cabeça (*head nod*), re = sobrancelhas levantadas (*raised eyebrows*).

coordenador manual, as estruturas coordenadas são acompanhadas de marcadores não-manuais que diferenciam os conjuntos coordenados.

As CVSs se distinguem morfossintaticamente desses diferentes tipos de coordenação. Primeiramente, assim como nas línguas orais, CVSs em LSs sequenciam verbos sem a presença de qualquer tipo de conector ou marcação não-manual que evidencie fronteiras sintáticas e prosódicas (SLOBIN & HOITING, 1994). Além disso, o assujeitamento à restrição de extração de elementos em estruturas coordenadas (*Coordinate Structure Constraint* – CSC (ROSS, 1967)) também diferencia esses dois tipos de estruturas. Coordenadas estão sujeitas à CSC como observa Padden (1988), como os dados em (9) da ASL e em (10) da HKSL mostram. Efeitos da CSC foram também observados em LSC (ZORZI, 2018a).

- (9) $\overline{\quad\quad\quad}^t$
 *FLOWER, $_2$ GIVE $_1$ MONEY, $_j$ GIVE $_i$
 FLOR, $_2$ DAR $_1$ DINHEIRO, $_j$ DAR $_i$
 ‘*Flowers, he gave me money but she gave me. (lit.)’
 ‘*Flores, ele me deu dinheiro, mas ela me deu. (lit.)’
 (PADDEN, 1988:93)

- (10) a. FIRST GROUP RESPONSIBLE COOKING,
 PRIMEIRO GRUPO RESPONSÁVEL COZINHAR,
 SECOND GROUP RESPONSIBLE DESIGN GAME
 SEGUNDO GRUPO RESPONSÁVEL PROJETAR JOGO
 ‘The first group is responsible for cooking and the second group is responsible for designing games.’
 ‘O primeiro grupo é responsável por cozinhar e o segundo grupo é responsável por projetar jogos.’
- b. $\overline{\quad\quad\quad}^t$
 *COOKING $_i$ FIRST GROUP RESPONSIBLE t_i ,
 SECOND GROUP RESPONSIBLE DESIGN GAME
- c. $\overline{\quad\quad\quad}^t$
 *DESIGN GAME $_i$, FIRST GROUP RESPONSIBLE COOKING,
 SECOND GROUP RESPONSIBLE t_i
 (TANG & LAU, 2012:345)

As CVSs, em contraste, não são sensíveis a essa restrição, sendo possível a extração de qualquer um dos argumentos dos componentes sequenciados (JANSEN *et al.*, 1978), como visto no exemplo (21) da seção 2.2.1.

As construções coordenadas assindéticas em LSs se assemelham às coordenadas encobertas de Baker (1989), estando sujeitas, também, à CSC e apresentam marcadores não-manuais que evidenciam fronteiras prosódicas entre os conjuntos coordenados (VELUPILLAI, 2012; LEGELAND *et al.*, 2018; ZORZI, 2018a, 2018b, 2018c), se distanciando morfossintaticamente das construções com verbos seriados.

Enquanto os estudos sobre coordenação sentencial em LSs são relativamente escassos, a subordinação sentencial tem recebido maior atenção desde os anos 70, devido a afirmação de Thompson (1977) de que não há elementos gramaticais subordinadores em ASL. Ao não identificar sinais manuais de subordinação em sentenças relativas, Thompson concluiu que ASL não teria subordinação sentencial. Contudo, trabalhos posteriores, como os de Liddell (1978, 1980), identificaram um conjunto de marcadores não-manuais obrigatórios que marcam fronteiras de estruturas relativas. Liddell identificou, em ASL, sentenças relativas de núcleo interno (11) e de núcleo externo (12). Esses marcadores são inclinação da cabeça para trás, levantamento de sobrancelhas e tensão no lábio superior (LIDDELL, 1980). Em (11) e (12), são representados pela letra ‘r’ (ou ‘rel’) e têm escopo sobre todo o material da relativa.

(11) $\overline{\text{[RECENTLY DOG CHASE+ CAT]}}^r$ COME HOME
RECENTEMENTE CÃO PERSEGUIR+ GATO VOLTAR CASA

‘The dog which recently chased the cat came home.’

‘O gato que o cachorro perseguiu recentemente voltou para casa.’

(LIDDELL, 1978:66)

- (12) ${}_1\text{ASK}_3$ GIVE_1 $\overline{\text{[DOG [URSULA KICK]}_s}$ $\overline{\text{THAT}_C}_{\text{NP}}$
 ${}_1\text{PEDIR}_3$ DAR_1 $[\text{CÃO [URSULA CHUTAR]}_s$ $\text{QUE}_C]_{\text{NP}}$

‘I asked him to give me the dog that Ursula kicked.’

‘Eu pedi a ele/ela para me dar o cachorro que Ursula chutou.’

(LIDDELL, 1978:85)

De modo geral, em LSs, sentenças coordenadas e subordinadas são preferencialmente assindéticas, apresentando, porém, marcações não-manuais específicas (BRANCHINI *et al.*, 2007; QUER *et al.*, 2017; ZORZI, 2018a, 2018b, 2018c). Entretanto, assim como as coordenações, as sentenças subordinadas nas LSs podem se manifestar sindética ou assindeticamente. Para estruturas subordinadas sindéticas, algumas línguas de sinais usam sinais manuais lexicais subordinadores, como a ASL, exemplo em (13), e a língua de sinais italiana (LIS), em (14)⁵⁷.

- (13) a. [RECENTLY DOG (THAT_a) CHASE CAT]
 [RECENTEMENTE CACHORRO (QUE_a) PERSEGUIR GATO]
 COME HOME
 VIR CASA

‘The dog which recently chased the cat came home.’

‘O gato que o cachorro perseguiu recentemente voltou para casa.’

(LIDDELL, 1980:159)

- (14) a. $\overline{\text{[TODAY MAN}_i$ PIE BRING $\text{PE}_i]_{\text{rel}}$ YESTERDAY
 [HOJE HOMEM_i TORTA TRAZER PE_i] ONTEM
 (INDEX_i) DANCE
 (INDEX_i) DANÇAR

‘The man that brought the pie today danced yesterday.’

‘O homem que trouxe a torta hoje dançou ontem.’

⁵⁷ Na LIS, as sentenças relativas são marcadas obrigatoriamente com um sinal manual lexical PE (dedo indicador apontando para baixo e sacudido ligeiramente) co-referencial ao nominal da relativa. Para uma descrição detalhada ver Branchini *et al.* (2007) e, recentemente Branchini & Mantovan (2020).

b. $\overline{\text{INDEX}_i \text{ DOG}_i \text{ FIND}}_{\text{rel}} \text{ PE}_i \text{ PAOLO}_k \text{ INDEX}_k$
 $[\text{YESTERDAY C\~{A}O}_i \text{ ENCONTRAR PE}_i] \text{ PAOLO}_k \text{ INDEX}_k$

(INDEX_i) WASH

(INDEX_i) LAVAR

‘Paolo washed the dog that I found yesterday.’

‘Paolo lavou o cachorro que eu encontrei ontem.’

(BRANCHINI *et al.*, 2007:3)

Em LSs ocorrem também estruturas sentenciais subordinadas com complementizador nulo, mas ainda assim nelas se observam os marcadores não-manuais de fronteiras sentenciais (PADDEN, 1988; VAN GIJN, 2004; BRANCHINI *et al.*, 2007; QUER *et al.*, 2017; BRANCHINI & MANTOVAN, 2020)⁵⁸.

Padden (1988) sugere algumas propriedades sintáticas que identificam subordinação em ASL, como a cópia pronominal (*subject pronoun copy*); a distribuição da marca de negação e a extração de um elemento QU.⁵⁹

A cópia pronominal consiste na presença de um pronome ou de um DP pleno na sentença encaixada, retomando um antecedente presente na sentença mais alta (*e.g.*, sujeito da sentença matriz), como em (15) da ASL e em (16) da HKSL⁶⁰. Note que a cópia do pronome co-referente ocorre no final da sentença subordinada.

(15) $\text{INDEX DECIDE INDEX SHOULD DRIVE}_i \text{ SEE CHILDREN INDEX}$

$\text{INDEX DECIDIR INDEX PODERIA DIRIGIR}_i \text{ VER FILHOS INDEX}$

‘I decided he ought to drive over to see his children, I did.’

‘Decidi que ele deveria ir até lá para ver os filhos, eu fiz.’

(PADDEN, 1988:86)

⁵⁸ Apresentando dados da ASL, da NGT, da HKSL, Tang and Lau (2012: 351) afirmam que, além da ausência de um marcador fonológico aberto, a força ilocucionária das sentenças é declarativa, como (88).

⁵⁹ Van Gijn (2004) realiza um estudo extenso para a identificação de sentenças subordinadas, propondo diferentes testes para a identificação dessas construções na NGT.

⁶⁰ Embora seja um teste de identificação de estruturas subordinadas adotado em ASL, Tang & Lau (2012:352-353) argumentam que esse não é um teste eficaz para LSs como a HKSL e a NGT. As autoras sugerem que o teste da cópia pronominal em estruturas subordinadas deve ser um teste específico para a língua de sinais americana.

- (16) GLADYS_i SUSPECT PIPPEN STEAL CAR IX_{ai}
 GLADYS_i SUSPEITAR PIPPEN ROUBAR CARRO IX_{ai}
 ‘Gladys suspected Phippen stole the car, she did.’
 ‘Gladys suspeitou que Phippen roubou o carro, foi ela.’

(TANG & LAU, 2012:352)

As marcas não-manuais também diferenciam subordinação e coordenação. Marcas não-manuais, tanto de negação quanto de perguntas sim/não, podem se estender da sentença principal até a subordinada (LIDDELL, 1980; PADDEN, 1988, 1989; TANG & LAU, 2012). Em coordenadas, o escopo dessas marcas obedece às fronteiras sentenciais.⁶¹

Como visto anteriormente, as coordenações em LSs estão sujeitas à restrição da CSC na extração de QU. Sentenças subordinadas, em contraste, não apresentam tal restrição, permitindo deslocamentos cíclicos a longa distância, como em (17) da NGT.

- (17) ^{whq} WHO BOY POINT_{right} WANT_{right} VISIT_{left} t_{who}
 QUEM MENINO APONTAR_{dir} QUER_{dir} VISITAR_{esq} t_{quem}
 ‘Who does the boy want to visit?’
 ‘Quem o menino quer visitar?’

(VAN GIJN, 2004:144)

⁶¹ Göksel & Kelepir (2016) buscaram distinguir estruturas coordenadas de subordinadas em língua de sinais turca (*Türk İşaret Dili* - TID) a partir das marcas não-manuais marcando contornos prosódicos. Göksel & Kelepir identificam que em sentenças coordenadas, as marcas não-manuais marcam fronteiras em TP. A manifestação dessas, portanto, evidencia a independência entre os constituintes coordenados, enquanto elas não são evidenciadas em estruturas com subordinação.

3.1.2.

Bateria de testes para detecção de construções seriadas (Lau, 2012)

Lau (2012) discute uma detalhada bateria de testes para diferenciar subordinadas e coordenadas de CVSs. Esses testes incluem distribuição de morfema-Q; extração-A' (topicalização e movimento -QU); correferência pronominal; escopo de advérbios, da negação e de marcadores aspectuais, e licenciamento de marcadores não-manuais.

O teste de distribuição de morfema-Q consiste na extensão do escopo de perguntas sim/não. Em HKSL, esse teste não foi capaz de diferenciar estruturas coordenadas de CVSs. Note que, tanto na CVS em (18) como na coordenada em (19), o morfema-Q (*e.g.*, RIGHT-WRONG) na posição final, sendo aceitável apenas nessa posição para ambas as estruturas, tem escopo amplo. Entretanto, o teste é eficaz para distinguir CVSs de estruturas com subordinação sentencial, em (20), já que o morfema-Q não tem escopo sobre a subordinada, apenas sobre a estrutura da matriz.

- (18) SISTER EGG-CAKE BUY $\overset{\text{br}}{\text{}}_0\text{GIVE}_3$ MOTHER, RIGHT-WRONG?
 IRMÃ OVO-BOLO COMPRAR $\text{}_0\text{DAR}_3$ MÃE CERTO-ERRADO?
 'Is it the case that the sister bought a cake to give it to mother?'
 'Será que a irmã comprou um bolo para dar à mãe?'
 (LAU, 2012:228)

- (19) PIPPEN BRENDA THEY_BOTH GO HORSE-BETTING,
 PIPPEN BRENDA ELES_DOIS IR CAVALO-APOSTA,
 $\overset{\text{hn+bd left}}{\text{}}_{\text{BRENDA WIN,}} \quad \overset{\text{hn+bd}}{\text{}}_{\text{PIPPEN LOSE}} \quad \overset{\text{bk right br}}{\text{}}_{\text{RIGHT_WRONG?}}$
 BRENDA GANHAR, PIPPEN PERDER CERTO-ERRADO?
 'Pippen and Brenda both went horse-betting. Did Brenda win and Pippen lose?'
 'Pippen e Brenda foram apostar em cavalos. Brenda ganhou e Pippen perdeu?'
 (LAU, 2012:227)

- (20) CHILD SAY MOTHER BUY FOOD RIGHT_WRONG^{br}?
 CRIANÇA FALAR MÃE COMPRAR COMIDA CERTO-ERRADO?
 'Is it true that the child said (his) mother would buy food?'
 'É verdade que a criança disse que (sua) mãe compraria comida?'
 (LAU, 2012:230)

Apesar do teste de escopo do morfema-Q ser eficiente na diferenciação de estruturas com subordinação, o teste de extração de -QU não apresenta tal eficácia para nenhuma das estruturas da HKSL testadas por Lau (2012). Ainda que o teste de extração A-barra tenha sido adotado para distinguir CVSs de outras estruturas em línguas orais, considerando os efeitos da CSC, Lau observa a partir da topicalização e de movimento-QU, que o teste não é eficaz em HKSL, uma vez que em coordenadas, em subordinadas e em CVSs a topicalização e o movimento-QU tem comportamentos semelhantes⁶². Uma possibilidade, conclui Lau, é que em HKSL não há movimento em topicalização, mas há a geração (*merge* externo) do elemento topicalizado em sua posição de *spell-out* com retomada por um pronome nulo. Ainda, em todas as estruturas consideradas por Lau, elementos -QU ocorrem estritamente no final da sentença.

O teste de pronome referencial consiste na inserção de um pronome na estrutura, retomando um antecedente presente na sentença. Se CVSs são monossentenças, a relação pronome-antecedente viola o princípio B⁶³. Por outro lado, sentenças multiverbais biclausais, coordenadas e subordinadas, devem licenciar inserção de um pronome na sentença encaixada co-referencial com um DP na sentença mais alta. Em HKSL, o apontamento pode ser articulado no espaço de sinalização. Quando o apontamento se dirige ao *locus* do referente no espaço, esse se configura como um pronome referencial, marcando o sujeito gramatical. Mas, enquanto um apontamento é realizado para cima, ele faz referência ao

⁶² Para uma discussão mais detalhada do teste de movimento de -QU em HKSL, ver Lau (2012).

⁶³ O Princípio B da Teoria da Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981, 1986), assume que um pronome deve ser livre em seu domínio de ligação.

evento como um todo. Esse teste não é eficaz, pois tanto o apontamento pronominal quanto o apontamento não intencional apresentaram as mesmas interpretações para CVSs e para sentenças coordenadas para a HKSL.

Consoante à proposta de Foley & Olson (1985) para CVSs em barai (trans-nova guiné, Papua Nova Guiné), a distribuição de advérbios baixos (adjuntos a SV) é semelhante à da negação, com escopo sobre todos os verbos da série. Em HKSL, esse teste diferencia CVSs de movimento direcional, em que o advérbio tem escopo sobre todos os verbos sequenciados, como no exemplo em (21), de outras construções multiverbais assindéticas em que o escopo do advérbio é restrito a apenas um dos verbos.

- (21) GIRL ^{puffed cheek} RUN be_towards_a+CL_SEM: a_human_entity QUICKLY
 MENINA CORRER está_para_a+CL_SEM:entidade_humana RÁPIDO
 ‘The girl ran quickly.’
 ‘A menina correu rapidamente.’

(LAU, 2012:233)

Verbos em HKSL não apresentam flexão de tempo, estando a interpretação temporal à cargo de advérbios de tempo. Em CVSs, esses advérbios têm escopo sobre todos os verbos em (22). Em contraste, estruturas coordenadas (23) e subordinadas (24) licenciam advérbios com escopo restrito.

- (22) YESTERDAY ELDER-FEMALE EGG-CAKE BUY
 ONTEM MAIS-VELHA-MULHER OVO-BOLO ₀COMPRAR₃
₀GIVE₃ MOTHER
 DAR MÃE

‘Yesterday the sister bought a birthday cake to give (it) to mother.’

‘Ontem a irmã mais velha comprou um bolo e deu (ele) para a mãe.’

(LAU, 2012:275)

- (23) THIS-MORNING IX-boy_i EAT-CHIPS,
 NESSA-MANHÃ IX-menino_i COMER-CHIPS,
 NOW DRINK-SODA
 AGORA BEBER-REFRIGERANTE
 ‘This morning the boy ate chips, and now (he) is drinking soda.’
 ‘Nessa manhã o menino comeu chips, agora bebe refrigerante.’
 (LAU, 2012:273)
- (24) MORNING OLD-LADY ₀ORDER₃ MANAGER
 MANHÃ VELHA-SENHORA ₀ORDENAR₃ GERENTE
 AFTERNOON take+CL_HANDLE:a_handle_of_a_rectangular_object
 TARDE pegar+CL_ALÇA: a_alça_de_um_objeto_retangular
 ‘In the morning the old lady ordered the manager to take the luggage
 in the afternoon.’
 ‘De manhã, a velha senhora ordenou ao gerente que levasse a
 bagagem à tarde.’
 (LAU, 2012:274)

O escopo da negação tem o mesmo comportamento em HKSL: em CVs, incide sobre toda a estrutura seriada (25); em coordenadas (26) e subordinadas (27) incide apenas sobre uma das orações.

- (25) BOY be-located_a+CL_SEM: a_human_entity//
 GIRL RUN
 { be-towards_a+CL_SEM: a_human_entity } NOT //
 { CL_SEM: a_human_entity_a }
- MENINO está-localizada_a+CL_SEM: entidade_humana//
 MENINA CORRER
 { estar-para_a+CL_SEM: entidade_humana } NÃO //
 { CL_SEM: entidade_humana_a }
- ‘The girl did not run to the boy.’
 ‘A menina não correu para o menino.’
 (LAU, 2012:153)

- (26) IX-boy_i BOY_i DRINK NOT-HAVE^{hs}, READ NOT-HAVE^{hs}
IX-menino_i MENINO_i BEBER NÃO-TER, LER NÃO-TER
 ‘That boy did not drink nor read.’
 ‘O menino não bebeu e não leu.’

(LAU, 2012:265)

- (27) CHILD SAY NOT-HAVE^{hs} MOTHER BUY FOOD
CRIANÇA FALAR NÃO-TER MÃE COMPRAR COMIDA
 ‘The child did not say (his) mother bought the food.’
 ‘A criança não disse (a sua) mãe que comprou comida.’

(LAU, 2012:271)

O teste com FINISH consiste no escopo do marcador de aspecto perfectivo FINISH. Assim como o escopo da negação e do advérbio de tempo, o marcador aspectual FINISH tem escopo sobre todos os verbos das CVSs em HKSL. Em coordenadas e subordinadas, o escopo desse marcador recai sobre um dos predicados apenas.

A marcação de fronteiras sentenciais via marcadores não-manuais, como aceno da cabeça, também distingue CVSs (28) de coordenadas (29) e subordinadas (30). Em (28), ocorre apenas um piscar de olhos no final da sentença. Em (29) e em (30), ocorrem diversos marcadores de fronteira.

- (28) SISTER EGG-CAKE BUY GIVE^{blink} MOTHER
IRMÃ OVO-BOLO COMPRAR ₀DAR₃ MÃE
 ‘The sister bought a birthday cake (and) gave (it) to mother.’
 ‘A irmã comprou um bolo de aniversário (e) deu (ele) para a mãe.’

(LAU, 2012:285)

- (29) BOY $\overset{\text{bl}}{\overset{\text{hn}}{\text{IX}_2 \text{ SIT}_a}}$ CHIPS, SODA,
 MENINO $\text{IX}_2 \text{ SENTAR}_a$ CHIPS, REFRIGERANTE
- $\overset{\text{ht right}}{\text{EAT_CHIPS}}$, $\overset{\text{ht left}}{\text{DRINK_SODA}}$, $\overset{\text{ht right}}{\text{EAT_CHIPS}}$,
 COMER-CHIPS, BEBER-REFRIGERANTE, COMER-CHIPS, ...

'A boy is sitting here, he is eating chips (and) drinking soda.'

'Um menino está sentado aqui, comendo batatas fritas (e) bebendo refrigerante.'

(LAU, 2012:283)

- (30) $\text{IX}_1 \text{ LOOK-AT}$ DRESS PRETTY; WANT
 $\text{IX}_1 \text{ OLHAR-PARA}$ VESTIDO BONITO; QUERER
- $\overset{\text{pursed lips + hn}}{\text{BUY GIVE BRENDA}}$
 COMPRAR DAR BRENDA

'I saw a pretty dress; I want to buy it and give it to Brenda.'

'Eu vi um vestido bonito; eu quero comprar e dar para Brenda.'

(LAU, 2012:284)

Em resumo, Lau (2012) aplica, em um conjunto de dados da HKSL, diversos testes para distinguir estruturas coordenadas e subordinadas de CVSs. Entretanto, como observa a autora, alguns desses testes não são efetivos. A tabela a seguir apresenta de forma breve o conjunto de testes adotados por Lau e sua efetividade na distinção entre as estruturas multiverbais.

TESTES PARA IDENTIFICAÇÃO DE CVSs					
	Tipo de teste	Coordenação	Subordinação	CVS	Efetividade do Teste
Testes aplicáveis as LOs e as LSS	Morfema-Q	Escopo amplo	Escopo estrito	Escopo amplo	√/X
	Extração-A': topicalização	Topicalização não aceitável	Topicalização não aceitável	Topicalização não aceitável	X
	Extração-A': moviment o-QU ⁶⁴	Movimento de QU não aceitável	Movimento de QU não aceitável	Movimento de QU não aceitável	X
	Correferência pronominal	Correferência pronominal aceitável	Correferência pronominal aceitável	Correferência pronominal aceitável	X
	Escopo do advérbio	Escopo estrito	Escopo estrito	Escopo amplo	√
	Escopo da Negação	Escopo estrito	Escopo estrito	Escopo amplo	√
Testes para as LSS	Escopo do marcador aspectual (FINISH)	Escopo estrito	Escopo estrito	Escopo amplo	√
	Marcadores não-manuais	Específico por conjunto coordenado	Específico por conjunto subordinado	Único ao final da sentença	√

Tabela 5: Testes para a diferenciação de estruturas multiverbais de Lau (2012)

Para a HKSL, portanto, apenas o escopo de advérbios, negação e de marcador aspectual FINISH, bem como a saliência de marcadores não-manuais, seria eficaz para distinguir as estruturas multiverbais. Voltaremos aos testes propostos por LAU no capítulo 5, em que apresentaremos os resultados da aplicação desses testes em Libras.

3.2.

Sequências com verbos AB

As construções com verbos AB foram investigadas em diferentes LSs como na ASL (BELLUGI *et al.*, 1989; KEGL, 1990); na LIS (PIZZUTO *et al.*, 1990); na língua de sinais sueca (AHLGREN & BERGMAN, 1992); na língua de sinais dinamarquesa (ENGBERG-PEDERSEN, 1993) e na língua

⁶⁴ As CVSs não se sujeitam à *Coordinate Structure Constraint* – CSC (ROSS, 1967), como as estruturas coordenadas. Entretanto, o teste de extração de um elemento -QU não é efetivo para a HKSL, como identificado por Lau (2012), pois os elementos QU nessa língua se mantêm na posição final da estrutura, sendo a posição inicial agramatical.

de sinais britânica (BSL - MORGAN *et al.*, 2002) e consistem em uma mudança de perspectiva no espaço de sinalização por meio de um verbo polimorfêmico com marcadores não-manuais específicos (cf. MORGAN *et al.*, 2002). Morgan *et al.* (2002) exemplificam estruturas AB com dados como (31) de BSL. Sentença em (31), por exemplo, é composta por verbo de ação (HIT) ocorrendo em duas perspectivas distintas (A e B); porém, denotando um evento único. Nessas construções, o sinalizante estabelece pontos referenciais no espaço de sinalização e uma mudança de perspectiva é realizada por meio da flexão do verbo principal, primeiro para apresentar a perspectiva do agente, e, em seguida, para concordar com a perspectiva do paciente. É preciso salientar que, nessas sentenças, a mudança de perspectiva é acompanhada por marcadores não-manuais com escopo amplo: antes da sinalização do verbo flexionado na segunda perspectiva, o sinalizador pisca os olhos (representado por ØØ, em (31a)). O mesmo ocorre com as partes do corpo que são afetadas pelos referentes, podendo ser apontadas pelos sinalizantes antes da mudança de perspectiva, conforme observado em Morgan *et al.* (2002)⁶⁵.

- (31) a. $\frac{><}{\text{GIRL}_j \text{ BOY-PERSON-LEFT}_k} \quad \frac{>>}{j\text{HIT}_k} \quad \frac{\text{ØØ} \quad <<}{j\text{GET-FACE}_1\text{-HIT}_k}$
*MENINA*_j *MENINO-PESSOA-ESQ*_k *jBATER*_k *jSER-FACE-BATIDO*_k
 'The girl hit the boy in the face.'
 'A menina bateu no menino na face.'
 (Ou 'O menino foi batido no rosto pela menina.')



(MORGAN *et al.*, 2002:662-663)

⁶⁵ Morgan *et al.* (2002:664) assumem aos moldes do 'nível do conceitualizador' (*conceptualizer level*), proposto de Levelt (1989) e Levelt *et al.* (1999), que o apontamento pré-verbal nas partes do sinalizador representa um evento pré-verbal que consistiria em uma forma de 'realizar uma ação na(s) parte(s) do corpo de outra pessoa'.

As construções com verbos AB exigem um conjunto de verbos específicos, denominados verbos de concordância⁶⁶. Esses verbos estabelecem relações morfossintáticas com o *locus* dos referentes indexados no espaço de sinalização, possibilitando mudança de perspectiva. Desse modo, essas construções exigem verbos que selecionam a ‘parte do corpo afetada’ como argumento (MORGAN *et al.*, 2002:663), sendo essas produtivas apenas com verbos que tomam esse tipo específico de argumento.

Slonimska & Capirci (2019), com base em LS (língua de sinais italiana), observam que, durante a sinalização da perspectiva A, o corpo do sinalizante indexa apenas o referente de argumento externo. Na mudança de perspectiva⁶⁷ para B, o corpo do sinalizante passa a indexar simultaneamente o tema e a parte do corpo afetada, como em ilustra a figura abaixo.

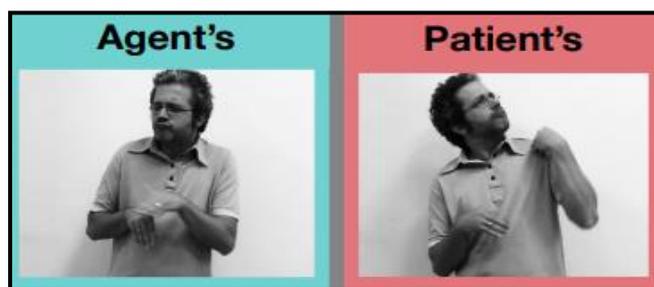


Fig. 1: mudança de perspectiva em verbos AB (SLONIMSKA & CAPIRCI, 2019:1)

Portanto, verbos estativos e verbos não-estativos que não estabelecem concordância locativa (e.g. verbos transitivos com concordância direcional) não licenciam estruturas do tipo AB, como evidencia a agramaticalidade de (32) e (33) da BSL.

⁶⁶ Para uma visão mais abrangente sobre a tipologia verbal das LSs, ver Padden (1990) e Quadros & Quer (2008, 2010).

⁶⁷ A mudança de perspectiva é realizada por uma leve rotação do tronco do corpo do sinalizante, acompanhado da mudança da direcionalidade do olhar e da cabeça, alterando a indexação do referente ao corpo do sinalizante. Essa mudança é tradicionalmente conhecida na literatura das LSs como *role-shift* (LILLO-MARTIN, 1995; VERMEERBERGEN, 1996; ENGBERG-PEDERSEN, 1995). Nessa tese, marcaremos a mudança de perspectiva nos dados apresentados da Libras com [R_s].

- (32) * GIRL # LIKE BOY # GET-LIKED
 MENINA GOSTAR MENINO SER-GOSTADO
 'The girl likes the boy'.
 'A menina gosta do menino.'

(MORGAN *et al.*, 2002:663)

- (33) *BOY # LOOK GIRL # GET-LOOKED-AT
 MENINO VER MENINA SER-VISTA-POR
 'The boy looked at the girl'.
 'O menino olhou a menina.'

(MORGAN *et al.*, 2002:663)

A ordem [A_{agente} → B_{paciente}] é invariável, sendo a ordem [B_{paciente} → A_{agente}] agramatical na BSL. Entretanto, dados da língua de sinais italiana, apresentados por Slonimska & Capirci (2019), indicam que são produtivas, ainda que em menor escala (22,73% dos dados coletados), sentenças iniciadas na perspectiva B, com a ordem [B_{paciente} → A_{agente}]. Enquanto para a BSL, conforme MORGAN *et al.* (2002), a produção de ambas as perspectivas AB é obrigatória, não sendo possível sinalizar individualmente apenas uma das perspectivas, Slonimska & Capirci (2019), afirmam, que na LIS, tais sentenças independentes são produtivas, seja na perspectiva do agente (A) ou do paciente (B). Não é obrigatória, portanto, em LIS, a sinalização de ambas as perspectivas consecutivamente (AB).

Para Bellugi *et al.* (1989), essas construções se assemelham às CVSs, pressupondo estrutura monossentencial, com verbos justapostos que compartilham argumentos. Contudo, com dados da ASL, Kegl (1990) refuta a caracterização de Bellugi *et al.* (1989), argumentando que, apesar de ambos os verbos selecionarem os mesmos sujeito e objeto, as construções com verbos AB seriam estruturas bissentenciais, em que a segunda sentença (B) é a passiva da primeira (A), que se mantém na voz ativa.

A passivização de sentenças é uma distinção gramatical que, semanticamente, induz a perspectiva da qual o evento é visto. Em sentenças ativas, o agente é o foco da ação. Em passivas, o agente é des-

ênfâtizado (MORGAN *et al.*, 2002). A partir da hierarquia de controle dos argumentos - agente/tema, Kegl (1990) analisa as estruturas com verbos AB, pressupondo que durante a sinalização da perspectiva A, o corpo do sinalizante co-indexa o papel de agente, assumindo uma alta posição de foco na hierarquia. Contudo, na sinalização da perspectiva B, com a mudança da marcação de corpo, por meio de '*role-shift*' (mudança de perspectiva), o corpo do sinalizante passa a indexar o tema para mostrar o argumento da 'parte do corpo afetada', retirando o foco do agente. Para Kegl (1990), essa mudança de perspectiva gera uma mudança de hierarquia entre os papéis de agente e tema, passivizando a perspectiva B.

Analisando a BSL, Morgan *et al.* (2002), sugerem que estruturas com verbos AB seriam, na verdade, estruturas bissentenciais com mudança de perspectiva, porém sem a passivação da segunda oração. Como evidência, os autores observam que, apesar da des-focalização do agente, o verbo principal de ambas as perspectivas parte do agente (*e.g.* ^aVERBO_b), apesar da elevação do paciente para a posição de foco. Morgan *et al.* concluem que, ainda que a sinalização de B se assemelhe à uma construção de passiva com a troca hierárquica dos papéis temáticos por meio da indexalização no corpo do sinalizante, o verbo principal mantém sua configuração argumental com a distribuição prototípica dos papéis temáticos, embora o agente esteja subespecificado. Portanto, as estruturas com verbos AB seriam estruturas complexas que apresentam mudança de perspectiva, mas com concordância típica com o agente⁶⁸.

Por não haver um consenso sobre estruturas AB, não descartaremos aqui a hipótese de que estas sejam CVSs. Voltaremos à questão no capítulo 5, no com base em dados de Libras.

⁶⁸ Para mais detalhes sobre a concordância nas línguas de sinais, ver Barberà & Hofherr (2017).

3.3.

Sequências com reduplicação verbal

Nas línguas naturais, independente da modalidade, processos de reduplicação são produtivos, envolvendo os diferentes níveis da gramática. Em LSs, a reduplicação pode alterar morfologicamente a classe gramatical de um item lexical⁶⁹, realizar a flexão de plural de um sinal, alterar a flexão aspectual de um verbo⁷⁰, bem como denotar relações de reciprocidade⁷¹. Consideramos, na presente pesquisa, uma manifestação sintática de reduplicação de verbos, conhecida como sanduíche de verbo (*'verb sandwiches'* (FISCHER & JANIS, 1990)). Esse fenômeno é identificado em diferentes LSs, como ASL (FISCHER & JANIS, 1990; MATSUOKA, 1997, 1999), NSL (VIBEKE BØ, 2010), língua de sinais flamenga (VGT - VERMEERBERGEN & LEESON, 2011) e língua de sinais russa (RSL - KIMMELMAN, 2011).

Sanduíches de verbo consistem na repetição de dois itens verbais separados por um objeto ou por um adjunto, como os exemplos em (34) da ASL e (35) da RSL.

- (34) PARTY FINISH, H-A-R-O-L-D SWEEP
 FESTA ACABAR, HAROLD VARRER

FLOOR SWEEP-INSTR.CLbroom
 CHÃO VARRER-INSTR.CLvassoura

'After the party, Harold sweeps up the floor (with a broom).'

'Depois da festa, Harold varre o chão (com uma vassoura).'

(PFAU & STEINBACH, 2011:3)

⁶⁹ A reduplicação de verbos, em algumas LSs, pode derivar substantivos. Enquanto o movimento dos verbos é alongado, nos substantivos derivados, o movimento tende a ser mais tenso e curto. (SUPALLA & NEWPORT, 1978; QUADROS & KARNOPP, 2004; KIMMELMAN, 2009, RIBERALLONC *et al.* 2019).

⁷⁰ A repetição do movimento dos verbos (e de outras marcas) pode denotar uma relação aspectual (cf. KLIMA & BELLUGI, 1979). Ver, também, Malaia & Milković (2021).

⁷¹ Pfau & Steinbach (2003, 2011) afirmam que a reduplicação de verbos (estabelecendo concordância repetida, porém invertida) em DGS pode expressar uma relação de reciprocidade.

- (35) GIRL CL:STAND STILL CL:STAND
 MENINA CL:EM.PÉ AINDA CL:EM.PÉ
 ‘The girl is still standing.’
 ‘A menina ainda está de pé.’

(KIMMELMAN, 2011:10)

Fischer & Janis (1990) descrevem as construções com sanduíche de verbos como configurações [S-V₁-O-V₂], com reduplicação verbal, e V₂ apresentando uma carga morfológica distinta de V₁. Em (34), o V₁ SWEEP (‘VARRER’) ocorre como um verbo lexical, enquanto V₂ SWEEP-INSTR.CLbroom (‘VARRER-INSTR.CLvassoura’) se configura como um classificador de instrumento de vassoura. Matsuoka (1997) e Kimmelman (2011) sugerem que a reduplicação verbal é desencadeada pela carga morfológica do verbo principal. Para Kimmelman, em casos em que V₂ é mais marcado morfológicamente, V₁ seria o elemento de base e V₂ o elemento duplicado. Contudo, em (35), em que V₁ e V₂ são ocorrências idênticas, não é claro qual verbo seria o elemento de base.

Fischer e Janis (1990) sugerem uma dupla inserção do verbo nas posições V₁ ou V₂, mas não de itens idênticos, já que a duplicação ocorre para apresentação de marcas gramaticais específicas (PFAU & STEINBACH, 2011).

Matsuoka (1997, 1999) subdivide as construções sanduíche em duas categorias: sanduíche com marcação aspectual, onde o segundo verbo apresenta alteração morfológica de aspecto, exemplo em (36) (ASL), e sanduíche de verbos lexicais, sendo V₂ um verbo classificador ou com uma informação lexical extra, como em (34) acima, dado da ASL.

- (36) STUDENT NAME S-A-L-L-Y TYPE HER TERM PAPER
aluno nome Sally escrever seu trimestre artigo
 TYPE_[asp:cont]
escrever

‘The student named Sally is typing her term paper.’

‘A aluna chamada Sally está digitando seu trabalho final.’

(FISCHER & JANIS, 1990:280)

A distinção entre os verbos duplicados não é observada em outras línguas, como na NSL (VIBEKE BØ, 2010). Assim, alguns estudos diferenciam ‘sanduíches de verbos’, aos moldes de Fischer e Janis (1990), de ‘construções sanduíches’, que, para Smith (2011:11-12), são construções com verbos ‘idênticos’.⁷²

Ainda que a literatura não identifique essas construções como CVSSs, o estudo desenvolvido por Benedicto *et al.* (2008) aponta interações com CVSSs, descrevendo o fenômeno como CVSSs-sanduíches, em que um dos verbos da seriação se repete no final da sentença, como nos dados em (37) da LSC e (38) da LSA.

- (37) a. 1-1+UP_DOWN_ALT<RTtoFRONT>I 1+GO<>i
 1-1+CIMA_BAIXO_ALT<RTparaFRENTE>I 1+IR<>i
 1-1+UP_DOWN_ALT<>i
 1-1+CIMA_BAIXO_ALT<>i

‘(A person) goes limping by (from the right to the front).’

‘(Uma pessoa) passa mancando (da direita para a frente).’

- b. 1+GO<1toFRONT>I 1-1+UP_DOWN_ALT<>I
 1+IR<1paraFRENTE>I 1-1+CIMA_BAIXO_ALT<>I
 1+GO<>i(FADE)
 1+IR<>i(DESAPARECER)

‘(A person) goes limping (to the front).’

‘(Uma pessoa) vai mancando (para a frente).’

(BENEDICTO *et al.*, 2008:118-119)

- (38) a. PERSONAy CORRER 1y+GO_UP CORRER
 PESSOAy CORRER 1y+IR_CIMA CORRER

‘A person ran up (the hill).’

‘Uma pessoa subiu correndo (a colina).’

⁷² Smith (2011) considera como ‘construções sanduíche’ aquelas em que há a repetição ‘idêntica’ de verbos no início e no final da sentença. Por verbos ‘idênticos’ se entende que todos os parâmetros de sinalização e os marcadores não-manuais são os mesmos, considerando a taxa de imprecisão de sinalização.

- b. *PERSONAy 1y+GO_UP CORRER 1y+GO_UP
 PESSOAY 1y+IR_CIMA CORRER 1y+IR_CIMA

'A person ran up (the hill).'

'Uma pessoa subiu correndo (a colina).'

(BENEDICTO *et al.*, 2008:119)

Voltaremos a essas construções no capítulo 5, adicionando à discussão os dados da Libras sobre construções com reduplicada de foco enfático (NUNES & QUADROS, 2004b; LILLO-MARTIN & QUADROS, 2005) e apresentaremos as análises sintáticas propostas para essas construções no capítulo 6.

3.4.

Conclusões do capítulo

Tradicionalmente, os estudos sobre as construções com verbos seriados têm se debruçado sobre as diferenças entre CVSs e sentenças com coordenação e subordinação assindéticas. Entretanto, alguns dos testes aplicáveis às línguas orais para identificar as construções seriadas não parecem efetivos às LSs, como observado por Lau (2012), que identifica testes de escopo do advérbio de tempo e de negação marcador de aspecto FINISH e presença das marcas não-manuais de monossentença, como testes válidos em línguas de sinais. Voltaremos aos testes de Lau (2012) no capítulo 5, quando discutiremos os dados de Libras.

As estruturas AB não têm recebido a devida atenção na literatura das LSs. Portanto, para uma melhor caracterização dessas estruturas voltaremos a elas no capítulo 5.

Por fim, as CVSs-sanduíche foram amplamente debatidas por Benedicto *et al.* (2008) em LSC, LSA e ASL, a partir de uma análise de movimento sintático e apagamento. No capítulo 5, analisaremos essas construções em Libras adicionando a contribuições de Nunes & Quadros (2004b) e Lillo-Martin & Quadros (2005) sobre as construções com reduplicação de foco enfático.

4.

CVSs com empilhamento verbal em Libras: metodologia de coleta de dados

O presente capítulo e o próximo são dedicados ao estudo de CVSs em Libras. Como não há investigações prévias sobre o fenômeno na língua em questão, realizamos uma coleta seguida de uma descrição dos dados de Libras a fim de que esses contribuam para o nosso entendimento sobre a gramática geral das CVSs. Devido à complexidade e especificidade da metodologia utilizada para coleta de dados, optamos por apresentá-la em um capítulo separado da apresentação e da análise dos dados obtidos. Assim, neste capítulo, descrevemos a metodologia geral adotada em todas as tarefas controladas aplicadas aos sinalizantes Surdos que voluntariamente participaram da nossa coleta de dados.

Na seção 4.1. apresentamos as questões de pesquisa que nortearam o estudo. Na seção 4.2 discutimos as dificuldades encontradas na escolha da metodologia para a coleta de dados e na seção 4.3 descrevemos a metodologia adotada. Na seção 4.4 apresentamos a estruturação das tarefas de julgamento repetido de aceitabilidade gramatical, com as principais questões que guiaram a proposição de cada tarefa, a fase da prospecção de dados e o design experimental. A discussão dos dados obtidos será apresentada no capítulo 5.

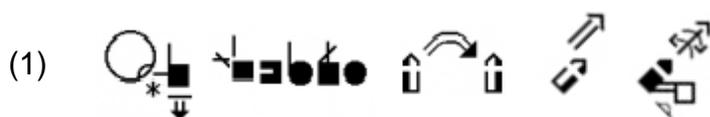
4.1.

Empilhamento verbal em Libras: questões e hipóteses

Como vimos no capítulo 2, construções com verbos seriados ainda são pouco estudadas em LSs. Em Libras, ainda não há estudos descritivos ou teóricos sobre o fenômeno. No entanto, com base em dados informais, extraídos de conversas com um sinalizante Surdo adulto nativo⁷³

⁷³ Embora Souza (2016) não tenha identificado diferença significativa na competência morfosintática entre Surdos que tiveram acesso precoce aos dados primários da Libras e Surdos cujos pais eram Surdos sinalizantes, os participantes dessa pesquisa eram surdos que tinham a Libras como 'língua de herança', considerando não apenas o papel linguístico dessa língua, mas

(doravante denominado P01 – participante 01), consideramos, no primeiro momento da pesquisa, a relevância de realizar um estudo exploratório de construções semelhantes às CVSs, como a sentença em (1), a qual se configura como uma estrutura com dois verbos justapostos, sinalizados no mesmo *locus* espacial, que aparentemente estão compartilhando os mesmos argumentos [P-E-D-R-O] e [MORRO].



ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b _aIR_b _aSUBIR_{b-CL-skate}

‘Pedro subiu o morro de skate ontem.’

Observe que os verbos _aIR_b e SUBIR_{CL-skate} são verbos que podem encabeçar sentenças de modo independente, como verbos principais.



P-E-D-R-O_a CASA_b _aIR_b

‘Pedro subiu para a sua casa.’



P-E-D-R-O_a MORRO_b _aSUBIR_{b-CL-skate}

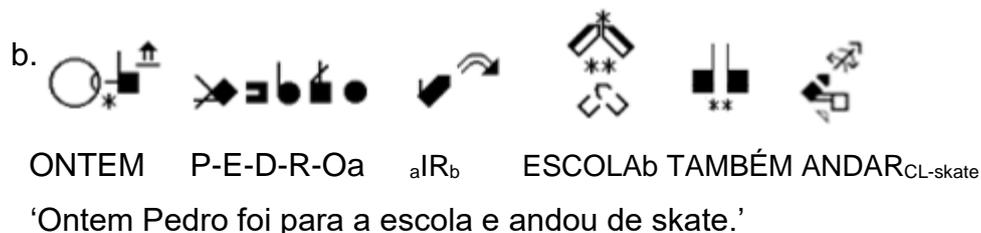
‘Pedro subiu o morro de skate.’

Ainda, (1) não parece ser uma coordenação verbal, pois a inserção de um coordenador manual aberto, como TAMBÉM, leva à agramaticalidade (4a), embora a sinalização aberta de um coordenador lexical seja plenamente aceitável em estruturas coordenadas, como em (4b).



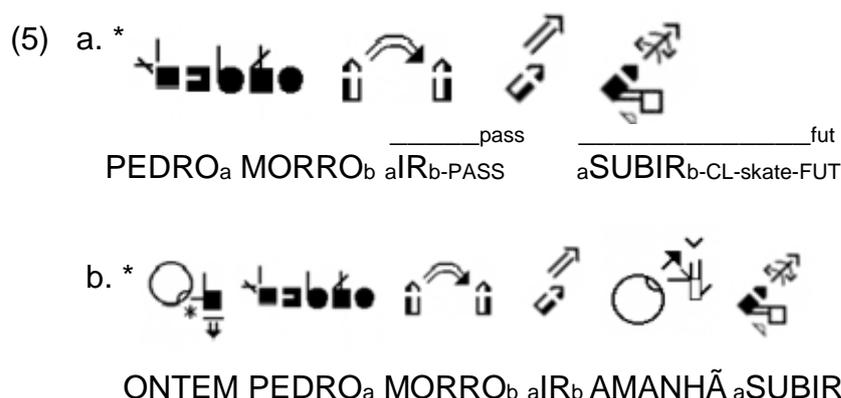
ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b _aIR_b TAMBÉM _aSUBIR_{b-CL-skate}

também seu lugar de afeto, de pertencimento e de construções de subjetividade (ver QUADROS, 2017).



A sentença em (1) apresenta restrição, também, quanto à marcação de tempo em V_1 e V_2 , com o advérbio de tempo ONTEM tendo escopo sobre os dois verbos da série. Note que em Libras não há um afixo manual que marca explicitamente o tempo verbal, havendo apenas marcadores de aspecto (BRITO, 1995; QUADROS, 1995; QUADROS, 1999; FELIPE, 1999; QUADROS & KARNOPP, 2004). A marcação de tempo nessa língua, portanto, é feita por meio de (i) advérbios lexicais de tempo; (ii) movimento não-manual, com o tronco (e.g., para frente: marcação de tempo futuro; para trás: marcação de tempo passado; posição neutra: marcação de tempo ou de referência atemporal); e (iii) verbos auxiliares com marcação de tempo (e.g., V-A-I).

Independente da marcação utilizada, sentenças multiverbais como (1) não licenciam marcadores de tempo distintos para cada um dos verbos, como nos mostram os dados em (5).



Em contraste, estruturas com coordenação encoberta, como (6), licenciam marcadores de tempo distintos para cada predicado coordenado.

- (6) IX_a ESTAR RIO-DE-JANEIRO CASA MUDAR AGORA SÃO-PAULO
 'Eu estava no Rio de Janeiro, me mudei e agora estou em São Paulo.'
- The image shows seven handwritten signs in sequence. The first sign is a diamond with an asterisk. The second is a diamond with an asterisk and two arrows pointing down. The third is a diamond with a circled asterisk and two arrows pointing down. The fourth is a diamond with two asterisks. The fifth is a diamond with an arrow pointing up and another pointing down. The sixth is a diamond with an arrow pointing up and another pointing down, with the word 'pass' written below. The seventh is a diamond with an arrow pointing up and another pointing down, with the word 'neutro' written below.

Além do comportamento do escopo do advérbio de tempo, em estruturas como em (1), o escopo da negação também parece ser amplo, sobre ambos os verbos da estrutura, quando ocorre em posição pós-V₂.

- (7) a. ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b aIR_b aSUBIR_{b-CL-skate} NÃO
 'Ontem Pedro não subiu o morro de skate.'
- _____Neg
- b. ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b aIR_b SUBIR_{CL-skate}
 'Ontem Pedro não subiu o morro de skate.'
- c. * ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b aIR_b NÃO SUBIR_{CL-skate}
- _____Neg
- d. * ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b aIR_b SUBIR_{CL-skate}
- ___Neg
- e. * ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b aIR_b SUBIR_{CL-skate}

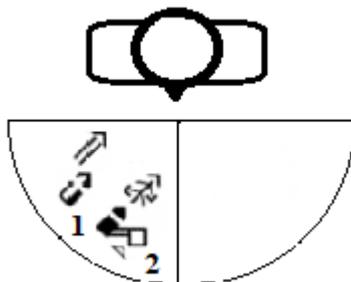
De modo geral, em Libras, a negação pode ser expressa por um sinal manual (e.g., NÃO, NUNCA, NADA) ou pelo balançar da cabeça durante a sinalização da cláusula negada (QUADROS, 1999; QUADROS & KARNOPP, 2004, ARROTÉIA, 2006; QUADROS, 2019). Nas construções semelhantes a (1), a negação pode se manifestar no final da sentença, mas com escopo sobre todos os verbos da série (7a), ou pode ser expressa pelo balançar da cabeça simultaneamente à sinalização do predicado multiverbal (7b). Entretanto, não é possível negar apenas um dos verbos, como nos mostra a agramaticalidade dos dados em (7c-e). Em contraste, as coordenadas *bona fide* não apresentam essa restrição, sendo possível negar apenas um dos predicados coordenados.

- (8) a. _____Neg
 ONTEM P-E-D-R-O_a aIR_b ESCOLA_b [COORD-SHIFT] ANDAR_{CL-skate}
 'Ontem Pedro foi para a escola e não andou de skate.'
- b. _____Neg
 ONTEM P-E-D-R-O_a aIR_b ESCOLA_b [COORD-SHIFT] ANDAR_{CL-skate}
 'Ontem Pedro não foi para a escola e andou de skate.'

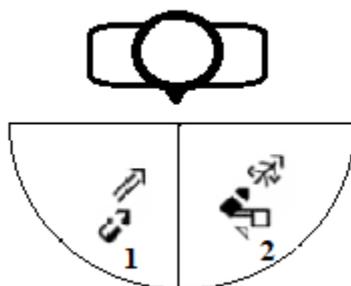
Como apresentado na seção 3.1.1, as LSs podem coordenar estruturas abertamente por meio de um sinal manual lexical, como em (4b), ou por Coord-L (*i.e.*, 'boia de lista'), ou de forma encoberta, por meio da distribuição dos elementos no espaço à frente do sinalizador (*i.e.*, *Coord-shift*) (LIDDEL, 2003; LIDDELL *et al.*, 2007; DAVIDSON, 2013; ZORZI, 2018a). Os mesmos tipos de coordenação são produtivos em Libras (cf. CAPOVILLA & RAPHAEL, 2006; SILVA, 2019), assim como exemplificado nos dados em (8).

Entretanto, em (1) não ocorre a marca manual explícita (Coord-L) para coordenar V_1 e V_2 , nem a distribuição dos verbos no espaço à frente do sinalizador (*Coord-shift*). Crucialmente, observa-se que a inserção desses elementos coordenadores torna a sentença agramatical. Representamos o espaço de sinalização de (1) em (9a), no qual não há evidências de coordenadores manuais ou não-manuais e os verbos compartilham (e se sobrepõem) no mesmo ponto referencial. Em (9a) há, ainda, a leitura de um evento único '*Pedro subiu o morro de skate*'. Em (9b) os verbos são sinalizados em pontos distintos no espaço à frente do sinalizador, com a inserção aberta do coordenador não-manual *Coord-shift*. Diferente de (9a), (9b) configura a leitura coordenada de dois eventos distintos '*Pedro foi para o morro e subiu de skate*'. Contudo, em (9c) a interpretação de evento único com a inserção de *Coord-shift* é inconsistente.

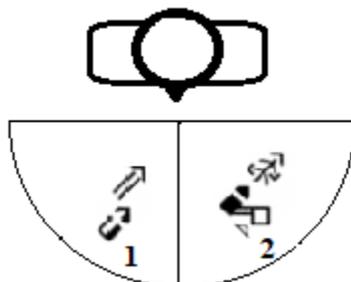
(9) a.

ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b aIR_b aSUBIR_{b-CL-skate}

b.

ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b aIR_b [COORD-SHIFT] aSUBIR_{b-CL-skate}

c.

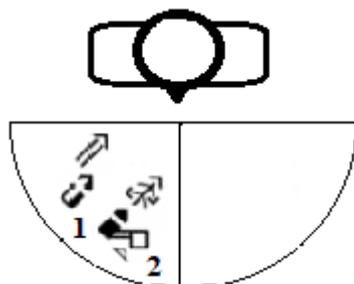
#ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b IR_{para-cima} [COORD-SHIFT]
SUBIR_{skate}

Considerando as sentenças em (9), a única estrutura aceitável com empilhamento verbal é aquela em que não há elemento coordenador manual (Coord-L) ou espacial (Coord-*shift*) (ou marcadores prosódicos não-manuais específicos de fronteira sentencial)⁷⁴, na qual os verbos são

⁷⁴ Em nossos dados, identificamos que o empilhamento verbal é uma das propriedades necessárias para a identificação de uma CVS em Libras. Entretanto, a coordenação em Libras também pode ocorrer empilhando os verbos no mesmo *locus* espacial, porém essa deve ser acompanhada de uma marcação não-manual específica, como uma pausa entre os elementos sinalizados e um assentir curto da cabeça. Portanto, embora o empilhamento verbal seja uma propriedade, essa não é suficiente para a identificação de uma CVS, pois deve ser acompanhada de marcadores não-manuais de monossentenças, ou seja, sem pausas prosódicas ou marcações não-manuais específicas de fronteiras sintáticas. Apresentamos essa discussão na seção 5.1.1 do capítulo 5.

empilhados no mesmo *locus* de sinalização, conforme (9a), repetido em (10), abaixo.

(10)



ONTEM P-E-D-R-O_a MORRO_b IR_{para-cima} SUBIR_{skate}
 'Pedro andou de skate e subiu o morro ontem.'

Assim, no que se segue vamos nos referir às sentenças semelhantes à (1) como construções com empilhamento verbal, lançando primeiramente a hipótese de que tanto sentenças com coordenação de predicados quanto sentenças com empilhamento verbal são produtivas em Libras, tratando-se, portanto, de estruturas gramaticalmente distintas, uma vez que, como indica a tabela abaixo, tais estruturas são diferentes quanto à disposição dos predicados no espaço de sinalização.

Disposição no espaço de sinalização de estruturas multiverbais	
<p>Estrutura coordenada</p> <p>VP₁ – sintagma verbal 1</p>	<p>Estrutura empilhada</p> <p>VP₂ – sintagma verbal 2</p>

Tabela 6: Estruturas coordenadas e estruturas com empilhamento verbal em Libras: realização dos verbos no espaço de sinalização

Além disso, conforme argumenta Silva (2019:45), as construções coordenadas por justaposição em Libras devem ser acompanhadas por um aceno de cabeça demorado, o qual evidencia a coordenação (SILVA,

2019:45). Contudo, em sentenças como (1), não há a saliência de marcadores não manuais entre os verbos sobrepostos e não há indicação não-manual de fronteira sintática de elementos coordenados. Portanto, (1) parece possuir um contorno entonacional semelhante ao de monossentenças.

Outro aspecto que se destaca na estrutura em (1), é o fato de que os verbos $IR_{\text{para-cima}}$ $SUBIR_{\text{skate}}$ denotam um evento único ('*subir de skate*') e não dois ('*ir e subir de skate*').

Assim, dado que (1) se caracteriza (i) pelo não licenciamento marcadores de coordenação (manuais ou não-manuais); (ii) pelo aparente compartilhamento argumental; (iii) por ter escopo amplo da negação e dos marcadores de tempo e aspecto; (iv) pela ausência de marcadores não-manuais entonacionais que evidenciem fronteiras sentenciais; e (vii) por denotar um evento único, é natural que consideremos a hipótese de que construções com empilhamento verbal em Libras são construções com verbos seriados, aos moldes descritos anteriormente no capítulo 2.

Para uma adequação descritiva do fenômeno em análise e testagem das nossas hipóteses, é necessário investigar se as sentenças como (1), comparadas às sentenças coordenadas, estão sujeitas às mesmas restrições observadas em CVSs de línguas orais e de LSs, além de verificarmos as considerações sobre a arquitetura sintáticas dessas sentenças.

Na condução de nossa investigação, recorreremos às orientações da metodologia experimental, com o intuito de adotar procedimentos de coleta dos dados menos sujeitos às inadequações empíricas. No que se segue apresentaremos a metodologia adotada.

4.2.

Metodologia de coleta de dados

Toda a coleta de dados adotada partiu da aplicação de uma tarefa experimental: a tarefa *off-line* de julgamento de aceitabilidade gramatical (TJAG). A TJAG tem sido amplamente adotada em sintaxe experimental, em diversas línguas, incluindo em línguas de sinais (FREITAS &

BARBOSA, 2013; SANTANA & GROLLA, 2018; LOPES & MOTA, 2019; EMMOREY *et al.* 1995; BOUDREAUULT & MAYBERRY, 2006; SCHLENKER *et al.*, 2013; SCHLENKER, 2014; SCHLENKER, 2016; DIAS, 2015).

Na aplicação das TJAGs, optamos pelo uso de escala Likert de 5 pontos, onde o valor mínimo (1) consiste em rejeição plena do item julgado e o valor máximo (5), em aceitação plena do item.

Seguindo os cuidados necessários para uso de TJAGs em estudos gramaticais (SCHUTZE, 1996; OLIVEIRA & SÁ, 2013), os experimentos envolveram os seguintes passos: (a) calibragem dos estímulos a partir de uma prospecção feita com sinalizante Surdo adulto nativo em Libras, (b) elaboração do *design* das TJAGs a serem aplicadas; (c) aplicação das TJAGs com uso de método *playback*, (d) análise dos resultados obtidos (capítulo 5) *vis-à-vis* a literatura sobre CVSs em línguas orais e de sinais (capítulo 2).

É importante indicar de antemão que, dado a dificuldade na composição de amostras expressivas de ‘nativos Surdos’ em estudos sobre Libras, coletamos dados de apenas um sinalizante, com uso do método *playblack*. Nossas observações e conclusões teóricas sobre os dados coletados serão feitas com base nos valores dados aos itens experimentais pelo participante dos experimentos realizados, ainda que, como na TJAG-2, a tarefa seja composta por mais de um item experimental por condição. Desse modo, no capítulo 5, todos os dados citados serão dados experimentais acompanhados do valor atribuído pelo participante ao item, com a configuração (**Jn: XX**), onde J é um índice para ‘julgamento’, n indica a etapa em que o julgamento foi realizado e XX é o valor da escala Likert atribuído pelo participante ao item de teste apresentado.

O projeto da presente investigação foi apresentado e aprovado, em sua totalidade, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (parecer número 33/2019 – protocolo 01/2019).

4.3.

Materiais e método

Participantes

A Comunidade Surda brasileira é linguisticamente heterogênea. Essa heterogeneidade é resultante de diversos fatores, como políticas públicas de saúde e de educação bilíngue; variabilidade de idade no diagnóstico da surdez; variação do tipo de surdez e da condição auditiva entre os indivíduos da comunidade; acesso aos dados linguísticos primários nos primeiros anos de vida; diferentes níveis de bilinguismo; idade cronológica; escolaridade; dentre diversos outros fatores.

Essa heterogeneidade tem efeitos, muitas vezes, não considerados na coleta de dados em estudos linguísticos sobre LSs, como indicado em Souza (2016). Portanto, para obtenção de dados mais seguros, decidimos, com base nos resultados discutidos em Souza (2016), que todo o processo de coleta seria conduzido com participantes adultos Surdos nativos de Libras, considerando como nativo, sinalizantes expostos aos dados linguísticos primários antes dos dois anos de idade. Portanto, na presente pesquisa, todos os participantes são Surdos sinalizantes adultos, filhos de pais Surdos sinalizantes, expostos à Libras desde o nascimento. Além disso, controlamos também os seguintes fatores sociolinguísticos:

- *idade*: entre 40-55 anos de idade
- *formação acadêmica*: graduação de Licenciatura em Letras-Libras
- *atuação profissional*: com experiência no ensino da Libras
- *nível de bilinguagem*: bilíngues com proficiência em Libras e língua portuguesa na modalidade escrita;
- *localização*: cidade do Rio de Janeiro/RJ

Todos os participantes, três no total (P01, P02, P03), foram convidados a participar da pesquisa de forma voluntária, assinando o

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – anexo 01), entregue a eles em duas vias, versão em língua portuguesa e em Libras⁷⁵.

Dados sociolinguísticos dos participantes da pesquisa			
Dados dos participantes	P1	P2	P3
Sexo	Masculino	Feminino	Feminino
Idade de exposição à Libras	Desde o nascimento	Desde o nascimento	Desde o nascimento
Idade cronológica	45 anos	52 anos	42 anos
Formação Acadêmica	Licenciatura em Letras-Libras	Licenciatura em Letras-Libras	Licenciatura em Letras-Libras
Tempo de atuação como professor de Libras⁷⁶	18 anos	27 anos	10 anos
Autoconsideração de proficiência da língua de sinais	Ótimo	Ótimo	Ótimo
Autoconsideração de proficiência da língua portuguesa escrita⁷⁷	Regular	Bom	Bom
Residência	RJ	RJ	RJ
Atividade na Comunidade Surda	muito ativa	muito ativa	muito ativa

Tabela 7: *Dados sociolinguísticos dos participantes da pesquisa*

Selecionamos o participante P01 para participar como consultor prévio dos itens alvo das TJAGs elaboradas e para as reflexões iniciais sobre o fenômeno em investigação. P01 teve participação irrestrita no fornecimento de dados na fase de prospecção. Portanto, sua contribuição foi como consultor, e não como participante.

Método

A coleta de dados realizada ocorreu em duas fases: (i) fase de prospecção empírica, com participação de P01; (ii) fase de testagem, com participação de P02 e P03. Na fase de testagem foram realizadas TJAGs *off-line* com uso de método *playback*.

⁷⁵ Versão em Libras do TCLE usado para as tarefas experimentais 01, 02 e 03: <https://drive.google.com/file/d/1GaJZmz6flm4UdwWK0Z-FUHOby4iJEK9U/view>

⁷⁶ Embora sejam conhecidos os riscos da possível identificação dos itens de teste pelos participantes por serem professores de Libras, selecionamos para a participação dessa análise Surdos que tivessem formação em Letras-Libras e com uma carreira de ensino dessa língua. Essa escolha se justifica pela exposição ampla e frequente à língua brasileira de sinais.

⁷⁷ Embora seja evidente nossos esforços para a inclusão de participantes com um perfil sociolinguístico homogêneo, é inerente à comunidade Surda os efeitos de interferência intermodal, uma vez que essa comunidade é composta por sujeitos com alta variabilidade de conhecimento e uso da Libras e da língua portuguesa.

Fase de prospecção empírica

Todas as tarefas realizadas foram precedidas por uma fase de prospecção empírica, com consulta a P01 sobre a gramaticalidade de diferentes tipos de estruturas, verificando, inclusive a aceitabilidade dos itens alvo. O participante P01 é um sujeito Surdo, 'nativo' em Libras, filho de pais Surdos sinalizantes, adulto, do sexo masculino, fluente em português escrito e professor de Libras no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/RJ). Conforme especificado na tabela acima.

Dada a dificuldade em encontrar informantes para os testes realizados, consideramos a fase de prospecção empírica necessária para verificação prévia da existência (ou não) das sentenças analisadas e suas possíveis estruturas sintáticas.

Nas prospecções, foram incluídos itens experimentais de cada TJAG aplicado, considerando apenas os fenômenos analisados. Por exemplo, na TJAG-1, foram testadas construção com empilhamento verbal e construções com coordenação de predicado, tendo em vista as restrições apresentadas por Lau (2012) para as CVSs (ver seção 3.1.3). Portanto, antes da aplicação da TJAGs, fizemos uma prospecção com P01 para verificar a existência, em Libras, de empilhamento verbal e coordenação de predicados em Libras, bem como as restrições apresentadas por Lau sobre essas estruturas.

Nessas prospecções, buscamos também identificar e neutralizar possíveis variáveis externas que não estavam sendo testadas, mas que poderiam interferir nos resultados obtidos. As sentenças testadas na prospecção prévia de cada tarefa, bem como as respostas de P01 estão disponíveis nos anexos 4, 7 e 10.

Os julgamentos coletados de P01 foram binários, 'aceitável' ou 'inaceitável', para a aceitabilidade dos itens considerados. Esses julgamentos não foram considerados como resultados para efeito de análise teórica (seção 6.2), a qual se baseou apenas nos resultados obtidos na aplicação das tarefas experimentais.

Após julgamento dos dados apresentados, foram realizadas sessões de discussão sobre as estruturas e os itens experimentais com P01 (Fig.

2), objetivando o refinamento dos estímulos usados nas TJAGs, com detecção e exclusão de variáveis intrusivas.



Fig. 2: seção de prospecção com P01

TJAGs - Estímulos experimentais

Com base nos dados obtidos nas fases de prospecção, elaboramos as TJAGs aplicadas na pesquisa. Todas as TJAGs aplicadas consistem em um conjunto de estímulos, sentenças em Libras, gravadas em vídeo por um sinalizante Surdo adulto nativo. As sentenças das tarefas contaram com 50% de itens alvo e 50% de distratores. Os distratores consistiam em estruturas relativas e com subordinação, plenamente aceitáveis, com inadequação de marcadores não-manuais, com inadequação de marcadores referenciais e com inadequações na configuração dos classificadores⁷⁸.

Todas as sentenças (alvos e distratoras) foram previamente randomizadas, sendo precedidas por itens de treino.

Com o objetivo de neutralizar possíveis efeitos relativos à acomodação pragmática dos itens experimentais, os vídeos que compuseram as TJAGs foram apresentados na seguinte ordem: (a) introdução do experimentador (Fig. 2); (b) vídeos de uma pequena história contextualizadora (história 1 – Fig. 8) introduzindo os referentes citados nos estímulos experimentais; (c) vídeos de itens de treino; (d) vídeos com os itens experimentais aleatorizados, sendo todos os itens apresentados um

⁷⁸ A configuração dos itens distratores é variável conforme a quantidade de itens alvo propostos na tarefa. Para os itens distratores de cada TJAG, ver a seção destinada à cada experimento no capítulo 5.

por vídeo. Depois de um breve descanso, o participante assistia um novo vídeo, de uma segunda história contextualizadora (história 2 – Fig. 9), introduzindo os referentes citados nos estímulos experimentais seguintes. Em seguida, o participante via os vídeos com itens experimentais aleatorizados, os quais foram apresentados um de cada vez. As histórias foram incluídas com objetivo de acomodar pragmaticamente os estímulos experimentais. Não foi usada a datilologia, sendo os sinais de nomes próprios produzidos com articulação ancorada ao corpo na região da face (Marcos e Carmem na bochecha; Tiago e Júlia no olho), conforme as figuras 3, 4, 5 e 6.

Apresentação do experimentador gravada em vídeo



Fig 3: *Introdução às tarefas experimentais. Apresentação do experimentador*

Olá! Me chamo Isaac e você está sendo convidado para participar de uma avaliação de Libras. Uma amiga minha vai contar duas histórias em Libras e, em seguida, irá sinalizar algumas frases sobre o ocorrido nas histórias. Você deverá avaliar se ela está sinalizando certo. Para isso para cada sentença que ele te der, você vai dar uma nota de 1-5, em que 1 é PÉSSIMO e 5 é ÓTIMO.

Caso você queira, a qualquer momento, antes de avaliar alguma sentença, você poderá rever as histórias que foi contada.

Tabela 8: *Apresentação do experimentador*

Texto de introdução com o sinal dos personagens (gravada por P02)



Fig. 4: Sinal de Tiago



Fig. 5: Sinal de Marcos

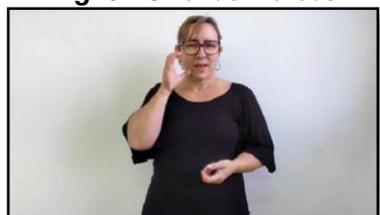


Fig. 6: Sinal de Carmem



Fig. 7: Sinal de Julia

Vou contar para você a história de quatro amigos muito atentados. Eles estudam juntos desde pequenos e atualmente estão na 6ª série. Eles têm entre 11 e 12 anos de idade. São quatro, dois meninos e duas meninas:

- Tiago: (sinal 'T no olho') - É o mais calmo do grupo e o mais estudioso.
- Marcos: (sinal 'M na bochecha') Gosta muito de esportes, mas não gosta de estudar. Ele também gosta da Carmem, mas...SHH! Isso é um segredo.
- Carmem: (sinal 'C no queixo'), é a mais agitada do grupo, nunca para quieta! Ah! E é muito comilona. Uma menina teimosa!
- Julia: (sinal 'J no olho'), gosta de aventuras. Anda de patins, de bicicleta, de skate. Ela é muito radical e bem relaxada.

Veja agora as histórias dessa trupe.

Tabela 9: Apresentação dos personagens das histórias

**Primeira história contextualizadora, gravada por P02:
'Festa de aniversário da Julia no parque de diversões'**



Fig. 8: P02 sinalizando a primeira história contextualizadora

Julia está fazendo aniversário de 12 anos e pediu aos seus superamigos (Tiago, Marcos e Carmem) para irem à sua festa. Todo mundo confirmou que iria à festa, que seria em um sábado de tarde em um parque de diversões.

De manhã, Tiago e Marcos, que são vizinhos, estavam andando de bicicleta juntos. Eles pararam para comer um pastel com caldo de cana e descansar um pouco. Quando voltaram para casa, Tiago passou muito mal. Ele disse para Marcos que estava indo ao banheiro e que não estava bem. Por isso, Tiago não foi na festa da Júlia. Mas, Marcos foi.

Carmem, a melhor amiga da Júlia, chegou mais cedo na festa e não parava de comer. Júlia estava muito feliz e pulou a tarde inteira! Ia para todo lado pulando. Ela pediu à sua amiga Carmem para ir com ela na Montanha Russa e ela foi pulando para lá. Então, Julia ficou cansada e foi se sentar um pouco para descansar. Ela se sentou de forma desleixada e, sua mãe disse que, por ser uma mocinha, deveria cruzar a perna ao sentar-se. Já a Carmem, que não parava quieta, e não sentou hora nenhuma, foi comer mais cachorro-quente e andar de patins.

Quando Marcos chegou na festa, ele viu a Carmen andando de patins e foi falar com ela. Mas, acabou que eles trombaram um no outro e caíram no chão. Marcos estava bem, logo se levantou sem nenhum arranhão, mas, a Carmem estava com o pé doendo.

Por fim, Carmem teve que ir ao hospital e o Marcos foi também para acompanhar sua 'paixão secreta'. Lá no hospital, a Carmem disse que tinha comido muito cachorro-quente e brincado a tarde inteira. O médico botou gesso no pé dela.

A Julia ficou sentada sozinha na festa.

Veja as sentenças a seguir, relatando o que ocorreu na história, e avalie se elas foram sinalizadas adequadamente, de acordo com a história contada.

Tabela 10: Primeira história: 'festa de aniversário da Júlia no parque de diversões'.

**Segunda história contextualizadora, gravada por P02:
'As crianças na escola'**



Fig. 9: P02 sinalizando a segunda história contextualizadora

Um mês depois do aniversário de Júlia, todo mundo voltou ao normal.

Tiago e Marcos precisavam estudar para uma prova que foi ontem, e deveriam ler um livro. Marcos foi na livraria anteontem e comprou duas edições desse livro, uma para ele e outra que ele revendeu para Tiago. Ele avisou ao Tiago do livro e, embora o Tiago tenha dito que não iria comprar o livro dele, acabou comprando.

Ontem, Tiago estava nervoso, ele pegou o uniforme que estava todo amarrotado, passou e foi para a escola.

Marcos, não queria fazer a prova. Sonolento, ele pegou o livro, abriu, rabiscou e o guardou na mochila, jogando-a no chão. O uniforme, ele dobrou sujo e guardou no guarda-roupa e foi para o quarto dormir.

Júlia disse para os pais que iria para a escola com sua amiga Carmem. Júlia foi de bicicleta para a escola e Carmem de patins, pois ela pensou que estava curada do pé. Mas, chegando na escola, o pé da Carmem voltou a doer e, então, elas voltaram para a casa da Julia. Os pais da Julia não estavam em casa. Então Julia achou melhor ir em seu skate para o hospital com a Carmem, que tentou ir de patins, mas não deu conta e foi mancando. O mesmo médico a atende e deu uma bronca nela por não parar quieta.

Veja as sentenças a seguir, relatando o que ocorreu na história, e avalie se elas foram sinalizadas adequadamente, de acordo com a história contada.

Tabela 11: Segunda história: 'as crianças na escola'.

Todas as TJAGs foram compostas pelos mesmos itens distratores semelhantes, mudando apenas as sentenças alvo. As TJAGs foram aplicadas com uma distância temporal mínima 15 dias entre elas.

Método Playback

A coleta de dados iniciou-se durante a pandemia e, dadas as restrições sociais impostas, realizou-se primeiramente uma coleta piloto, conduzida *online*, com estímulos experimentais (vídeos) e produzidos pelo autor da presente tese (professor do INES, fluente em Libras, com 20 anos de experiência em tradução e interpretação Libras-portuguesa). No entanto, considerando a fragilidade das observações obtidas neste piloto,

dados que os participantes foram expostos aos estímulos produzidos por um sinalizante 'não-nativo', optamos por descartar os resultados.

Em 2022, com a abertura social, pós-pandemia, aplicamos a primeira TJAG, com estímulos gravados por uma participante Surda 'nativa' (P02), a uma amostra de 5 Surdos adultos 'nativos'. As observações, obtidas, entretanto, revelavam grande inconsistência dos julgamentos, o que não nos permitiram construir generalizações e consequentes hipóteses. Os julgamentos basearam-se, muitas vezes, em variáveis não relevantes, como a velocidade da sinalização, ou em considerações sobre o produtor dos estímulos enquanto sinalizante de Libras. Por essa razão, optamos por usar um método de coleta com maior controle de tais variáveis. Passamos, assim, a incluir, em todas as tarefas realizadas a fase de prospecção descrita acima e adotamos o método de reprodução (*playback*) nas aplicações das TJAGs.

O método *playback* foi criado e desenvolvido pelo pesquisador Phillip Schlenker (*University of New York/EUA, Institut Jean Nicod/França*) para coleta de dados em ASL (SCHLENKER *et al.*, 2013; SCHLENKER, 2014; SCHLENKER, 2016). O método consiste em julgamento repetido de aceitabilidade quantitativa e em julgamento inferencial repetido. Schlenker (2016) descreve o método como envolvendo as seguintes etapas (cf. figura 10): (1) um consultor de LS sinaliza um conjunto de estímulos, que são gravadas em vídeos; (2) o mesmo consultor assiste aos seus próprios vídeos e avalia de forma quantitativa (binária) a aceitabilidade dos itens sinalizados; (3) após alguns dias, depois de esvaziamento da memória, o mesmo consultor é convidado a fornecer uma nova avaliação quantitativa de aceitabilidade dos dados julgados anteriormente. Este processo pode ser repetido múltiplas vezes com o mesmo consultor ou com consultores diferentes.

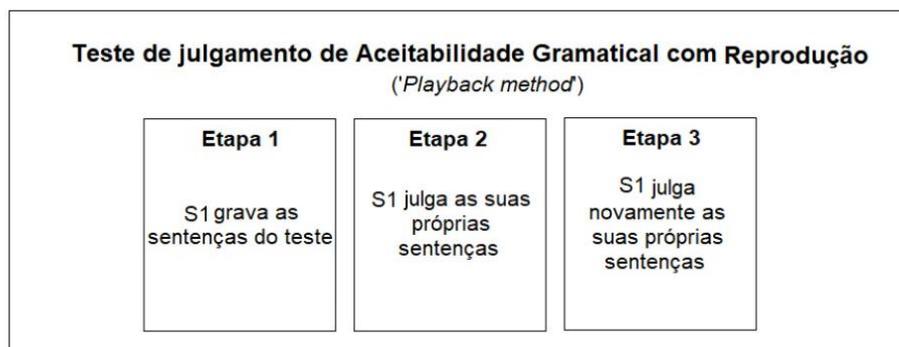


Fig. 10: Versão de Schlenker (2016, 2018) do método *playback* para a coleta de dados⁷⁹

Schlenker argumenta que o método *playback* é eficaz, embora trabalhe com uma amostra não significativa da população de falantes/sinalizantes da língua em análise, sendo aplicado a poucos sinalizantes (um ou dois). A repetição do processo de julgamento de aceitabilidade permite apuração da estabilidade nos julgamentos dados, por se tratar de julgamentos introspectivos coletados de forma mais sistemática e refinada (SCHLENKER, 2018).

Dadas as dificuldades relatadas acima, na presente pesquisa, optamos por adotar o método *playback* na aplicação das TJAGs usadas na nossa investigação, fazendo alguns ajustes. Depois das fases de prospecção com P01, as aplicações das tarefas de julgamento de aceitabilidade se deram em cinco etapas: (1) P02 grava, em vídeos, os estímulos - apresentação dos personagens, as histórias, as sentenças alvos e as distratoras; (2) P03 é exposto aos estímulos gravados por P02, fornecendo julgamento de aceitabilidade para todas as sentenças apresentadas, com uso de escala Likert de 5 pontos; (3) após um período mínimo de 15 dias (visando o esvaziamento da memória do participante), P03 regrava os estímulos dados, fornecendo correções lexicais, se necessário; (4) novamente, após um período mínimo de 15 dias, P03 fornece um novo julgamento de aceitabilidade para sentenças gravadas por si mesmo, com uso da escala Likert adotada; (5) m seguida, P03 discute

⁷⁹ Para se referir à versão de Schlenker usamos o índice S1 para o sujeito da pesquisa. Em nossas tarefas adotamos o índice PXX para se referir ao participante voluntário da pesquisa,

com o experimentador os seus julgamentos, comparado os julgamentos das sentenças gravadas por si mesmo com os julgamentos das sentenças gravadas por P02. Portanto, usamos o seguinte esquema de testagem:

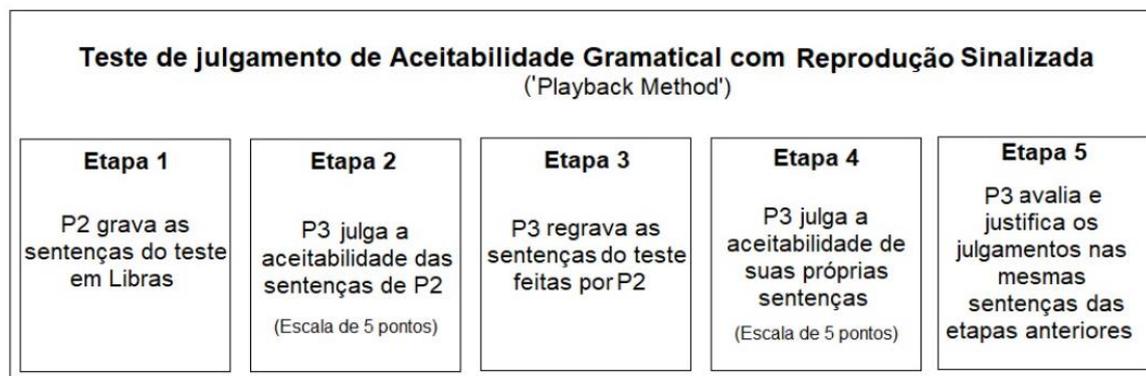


Fig. 11: Método playback adotado nessa pesquisa para a coleta de dados

Material

Nas aplicações das TJAGs, usamos o seguinte material:

- Laptop (Asus);
- *Powerpoint* (versão da Microsoft 365) para apresentação dos estímulos (um por *slide*);
- Câmera de vídeo (câmera de celular *Iphone 11*) para gravação dos estímulos;
- Plataforma *Zoom meeting*, quando aplicada a tarefa remotamente;
- Tripé para apoio da câmera;
- Folhas de resposta com tabela com 5 colunas para anotação, pelo experimentador, dos julgamentos oferecidos com base na escala Likert adotada (cf. anexo 2)⁸⁰;
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com as orientações, riscos e consentimento da aplicação do teste (cf. anexo 01).

⁸⁰ Uma vez que os testes foram realizados pela plataforma *Zoom meeting*, o participante informava em Libras a nota atribuída ao dado apresentado e o experimentador tomava nota na folha de respostas. Todas as testagens foram gravadas com a ciência dos participantes.

4.4.

Estruturação dos Testes de Aceitabilidade Gramatical

4.4.1.

TJAG-1: empilhamento verbal: coordenação ou seriação?

Com base nas discussões levantadas nos capítulos 2 e 3, algumas questões guiaram a elaboração da primeira tarefa experimental, considerando a seguinte questão:

- I. Construções com empilhamento verbal em Libras são estruturas com seriação ou com coordenação encoberta?

Fase de prospecção

De acordo a metodologia descrita nas seções 4.2 e 4.3, a elaboração da TJAG-1 foi precedida por uma prospecção de dados, com o participante P01, a fim de calibrar os dados de testagem, verificando se sentenças com empilhamento verbal e com coordenação são naturalmente produzidas em Libras, bem como calibrar os itens lexicais selecionados para a elaboração dos estímulos experimentais envolvidos na tarefa, considerando a diversidade tipológica das CVSs na literatura.

Primeiramente, realizamos uma conversa informal com P01, apresentando a sentenças com empilhamento verbal sem contextualização prévia, de acordo com os tipos de CVSs - simétricas e assimétricas, descritos por Veenstra & Muysken (2017). Foi apresentada uma sentença de cada tipo, interagindo com morfema de negação, advérbios de tempo e marcador aspectual FINISH (PRONTO em Libras), de acordo com a descrição feita por Lau (2012) para a identificação de CVSs em HKSL. Não consideramos marcas não-manuais específicas para CVSs, pois não identificamos claramente tais marcadores para uma primeira testagem. Abaixo, apresentamos alguns dos dados verificados com P01, enfatizando as posições da negação e de advérbios. P01 fez uso de escala binária

(aceitável/inaceitável) em seus julgamentos. Nos dados a seguir marcamos com (*) as sentenças que foram julgadas como inaceitáveis por P01.

(11) *Assimétrica - V_{2Menor} (Tipo 1 em Veenstra & Muysken (2017))*

- a. JOÃO_a LIVRO COMPRAR₀DAR_b MARIA_b
'João comprou o livro (e deu) para a Maria'
- b. JOÃO_a LIVRO COMPRAR₀DAR_b MARIA_b **NÃO**
- c. *JOÃO_a LIVRO COMPRAR **NÃO**₀DAR_b MARIA_b
- d. *JOÃO_a LIVRO COMPRAR **NÃO**₀DAR_b MARIA_b **NÃO**
- e. JOÃO_a LIVRO COMPRAR₀DAR_b MARIA_b **PRONTO**
- f. *JOÃO_a LIVRO COMPRAR **PRONTO**₀DAR_b MARIA_b

(12) *Assimétrica - V_{1Menor} (Tipo 2 em Veenstra & Muysken (2017))*

- a. VESTIDO_b CARLOS_a bPEGAR_a LAVAR_{CL-roupa}
'Carlos pegou o vestido (e) lavou (o vestido).'
- b. VESTIDO_b CARLOS_a bPEGAR_a LAVAR_{CL-roupa} **HOJE**
- c. **HOJE** VESTIDO_b CARLOS_a bPEGAR_a LAVAR_{CL-roupa}
- d. *VESTIDO_b CARLOS_a bPEGAR_a **HOJE** LAVAR_{CL-roupa}
- e. *VESTIDO_b CARLOS_a bPEGAR_a **ONTEM** LAVAR_{CL-roupa} **HOJE**
- g. VESTIDO_b CARLOS_a bPEGAR_a LAVAR_{CL-roupa} **PRONTO**
- h. *VESTIDO_b CARLOS_a bPEGAR_a **PRONTO** LAVAR_{CL-roupa}

(13) *Simétrica - V_{2Resultativo} (Tipo 3 em Veenstra & Muysken (2017))*

- a. JOÃO_a aESPANCAR_b MARIA_b MORRER
'João espancou Maria (e) (Maria) morreu.'
- b. JOÃO_a aESPANCAR_b MARIA_b MORRER **NÃO**
- c. *JOÃO_a aESPANCAR_b MARIA_b **NÃO** MORRER
- d. *JOÃO_a aESPANCAR_b MARIA_b **NÃO** MORRER **NÃO**
- e. JOÃO_a aESPANCAR_b MARIA_b MATAR_b **PRONTO**
- f. *JOÃO_a aESPANCAR_b **PRONTO** MARIA_b MATAR_b

(14) *Simétrica - Sem restrição verbal* (Tipo 4 em Veenstra & Muysken (2017))

- a. MARIA_a ESTUDAR LER
'Maria estudou (e) leu.'
- b. **ONTEM** MARIA_a ESTUDAR LER
- c. MARIA_a ESTUDAR LER **ONTEM**
- d. *MARIA_a ESTUDAR **ONTEM** LER
- e. *MARIA_a ESTUDAR **ONTEM** LER **HOJE**
- f. MARIA_a ESTUDAR LER **PRONTO**
- g. *MARIA_a ESTUDAR **PRONTO** LER

Dos itens apresentados a P01, foram considerados aceitáveis as sentenças com empilhamento verbal categorizadas conforme os tipos de CVSs de Veenstra & Muysken (2017), assumindo que a posição final da negação, do advérbio de tempo e do marcador aspectual PRONTO teriam escopo sobre toda a sentença. Entretanto, P01 rejeitou esses elementos na posição interveniente, como previsto por Lau (2012) nas CVSs da HKSL. A negação reduplicada e o emprego de dois advérbios de tempo distintos nessas construções também não tiveram aceitação.

Sentenças completivas (15), relativas (16) e coordenadas simétricas (17) e assimétricas (18) também foram julgadas. Dois tipos de coordenadas foram considerados: simétricas (17), em que a inversão dos sintagmas coordenados não altera a interpretação da sentença, e assimétricas (18), em que a inversão dos sintagmas coordenados afeta a interpretação.

(15) *Subordinada*

MÃE_a aMANDAR_b FILHO_b TOMAR_{CL-banho}
'A mãe mandou o filho tomar banho.'

(16) *Relativa*

MULHER_a IX_a aAJUDA_b ESCOLA_b COMPRAR CARRO_r
'A mulher que ajudou a escola comprou um carro.'

(17) *Coordenada simétrica*

- a. MARIA_a COMER BOLO [COORD-SHIFT] BEBER REFRIGERANTE
'Maria comeu o bolo e bebeu o refrigerante.'
- b. MARIA_a COMER BOLO [COORD-SHIFT]
BEBER REFRIGERANTE **NÃO**
'Maria não comeu o bolo e bebeu o refrigerante.'
- c. MARIA_a COMER BOLO [COORD-SHIFT]
NÃO BEBER REFRIGERANTE
'Maria comeu o bolo e não bebeu o refrigerante.'
- d. MARIA_a COMER BOLO [COORD-SHIFT]
BEBER REFRIGERANTE **DEPOIS**
'Maria comeu o bolo e bebeu o refrigerante depois.'
- e. **DEPOIS** MARIA_a COMER BOLO [COORD-SHIFT]
BEBER REFRIGERANTE
'Depois Maria o comeu bolo e bebeu o refrigerante.'
- f. MARIA_a COMER BOLO [COORD-SHIFT]
DEPOIS BEBER REFRIGERANTE
'Maria comeu o bolo e depois bebeu o refrigerante.'
- g. **AGORA** MARIA_a COMER BOLO [COORD-SHIFT]
DEPOIS BEBER REFRIGERANTE
'Agora Maria come o bolo e depois beberá o refrigerante.'

(18) *Coordenada assimétrica*

- a. LUCAS_a ACORDAR [COORD-SHIFT] TOMAR_{CL-café}
'Lucas acordou e tomou café.'
- b. LUCAS_a ACORDAR [COORD-SHIFT] TOMAR_{CL-café} **PRONTO**
'Lucas acordou e tomou café (fez isso).'
- c. LUCAS_a ACORDAR **PRONTO** [COORD-SHIFT] TOMAR_{CL-café}
'Lucas acordou (fez isso) e tomou café.'
- d. LUCAS_a ACORDAR [COORD-SHIFT] TOMAR_{CL-café} **HORA 1-0**
'Lucas acordou e tomou café às 10:00h.'
- e. **HORA 1-0** LUCAS_a ACORDAR [COORD-SHIFT] TOMAR_{CL-café}
'Às 10:00h Lucas acordou e tomou café.'
- f. LUCAS_a ACORDAR [COORD-SHIFT] **HORA 1-0** TOMAR_{CL-café}
'Lucas acordou e às 10:00h tomou café.'
- g. **MANHÃ** LUCAS_a ACORDAR [COORD-SHIFT] **TARDE** TOMAR_{CL-café}
'De manhã o Lucas acordou e de tarde tomou café.'

A primeira conversa informal com P01 nos guiou para a estruturação da primeira prospecção formal de dados que, em sequência, gerou o *design* do TJAG-1. A partir das sentenças apresentadas acima, P01 fez ajustes nos contextos dados e comentários sobre itens lexicais que podem aparecer nessas construções. Na prospecção formal de dados (anexo 04), também foram julgadas como aceitáveis a posição final da negação, do advérbio de tempo e do marcador aspectual PRONTO, com escopo amplo. Elementos em posição interveniente (entre V_1 e V_2) foram considerados inaceitáveis.

Quanto às construções multiverbais, como em (15) - (18), essas foram consideradas aceitáveis em Libras por P01. Sobre as coordenadas, P01 considerou que em posição final, a negação e o marcador aspectual PRONTO têm escopo amplo, já na posição interveniente, é escopo restrito. Para os advérbios de tempo, as posições final e inicial foram aceitáveis com escopo amplo, a posição interveniente também é aceita, mas com escopo restrito. Além disso, o emprego de dois advérbios distintos é plenamente aceitável.

Embora as construções com empilhamento verbal acima tenham sido aceitas por P01, não foi possível inserir na testagem da TJAG-1 todos os tipos de CVSs, considerando a diversidade do fenômeno investigado. Assim, foi necessário realizar um recorte metodológico nessa investigação e, para a composição dos itens do experimento, testamos, portanto, apenas estruturas do tipo 1 (CVS assimétricas) e do tipo 4 (CVS simétricas), como apresentaremos a seguir.

Design experimental da TJAG-1

Na elaboração do Tarefa 1, não foi possível testar todos os 4 tipos de configurações com empilhamento verbal, exemplificados em (11)-(15), dado o número de itens experimentais e a disponibilidade de tempo dos nossos informantes. Assim, selecionamos para testagem somente estruturas do tipo 1 - assimétricas com V_{2Menor} , e do tipo 4 - simétricas sem restrição sobre o tipo de verbo, exemplo (11). Estruturas do tipo 1 têm sido amplamente analisadas em LSs como CVSs de movimento (*motion-SVC*)

(SUPALLA, 1990; BENEDICTO *et al.*; 2008; LAU, 2012; COUVEE & PFAU, 2018; e outros). Por isso, testamos estruturas de movimento, com configuração [$V_{manner} V_{path}$], em que o V_1 denota o modo (*manner*) do evento e o verbo menor denota percurso/trajetória (*path*). Por outro lado, as configurações simétricas do tipo 4 foram incluídas nas testagens por terem sido pouco estudadas em LSs. Nesses dois tipos de estruturas foram inseridos negação, advérbio de tempo e marcador aspectual (PRONTO) em posição inicial, interveniente e final.

Sentenças subordinadas (15) e relativas (16) foram usadas como distratoras e sentenças coordenadas, simétricas (17) e assimétricas (18), como itens alvo, para comparação com sentenças com empilhamento verbal. Portanto, foram verificadas as seguintes configurações sintáticas. V_L e V_G significam verbo Lexical (de classe ampla) e verbo gramatical (de classe restrita).

Design experimental da TJAG-1				
Empilhamento verbal: coordenação ou seriação?	Negação	Final	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} V _{path} NEG]
			CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} V _{L2} NEG]
			Coordenação simétrica	[V ₁ Coord-shift V ₂ NEG]
			Coordenação assimétrica	[V ₁ Coord-shift V ₂ NEG]
		Interviente	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} NEG V _{path}]
			CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} NEG V _{L2}]
			Coordenação simétrica	[V ₁ NEG Coord-shift V ₂]
			Coordenação assimétrica	[V ₁ NEG Coord-shift V ₂]
	Advérbio de tempo	Final	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} V _{path} ADV]
			CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} V _{L2} ADV]
			Coordenação simétrica	[V ₁ Coord-shift V ₂ ADV]
			Coordenação assimétrica	[V ₁ Coord-shift V ₂ ADV]
Interviente		CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} ADV V _{path}]	
		CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} ADV V _{L2}]	
		Coordenação simétrica	[V ₁ ADV Coord-shift V ₂]	
		Coordenação assimétrica	[V ₁ ADV Coord-shift V ₂]	
Marcador aspectual PRONTO	Final	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} V _{path} ASP]	
		CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} V _{L2} ASP]	
		Coordenação simétrica	[V ₁ Cord-shift V ₂ ASP]	
		Coordenação assimétrica	[V ₁ Coord-shift V ₂ ASP]	
	Interviente	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} ASP V _{path}]	
		CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} ASP V _{L2}]	
		Coordenação simétrica	[V ₁ ASP Coord-shift V ₂]	
		Coordenação assimétrica	[V ₁ ASP Coord-shift V ₂]	

Tabela 12: Design experimental do TJAG-1

Para cada condição, testamos apenas 1 sentença - 24 itens alvo e 24 distratoras⁸¹. 48 itens no total divididos em dois conjuntos com uma situação contextualizadora para cada um (24 itens para cada conjunto). Das sentenças distratoras, metade eram relativas e metade completivas, sendo 12 plenamente aceitáveis, 4 aceitáveis com inadequação de marcas não-manuais, 4 inaceitáveis com inadequação de indexicalização, 4 completamente inaceitáveis, com inadequação de indexicalização, de

⁸¹ Considerando que os itens experimentais foram apresentados em vídeo para a participante P03, para evitar a sobrecarga e o cansaço ao longo da testagem, optamos por um item por condição experimental, com o mesmo número de itens para as distratoras.

classificadores verbais, de sinais de nomes próprios e de sinais de substantivos comuns.

Os dados abaixo exemplificam as sentenças alvo e distratoras testadas⁸² seguidas de seus julgamentos⁸³.

(19) *Sentenças com empilhamento verbal*

- a. TIAGO_a ANDAR_{CL-bicicleta} aIR_b FESTA **NÃO**
 ‘Tiago não pedalou (e) foi para a festa.’
 (J1: 2 / J2: 5)
- b. *CARMEM_a SENTAR_{CL-pessoa} **NÃO** CACHORRO-QUENTE
 COMER_{CL}
 ‘Carmem não sentou (e) comeu o cachorro-quente.’
 (J1: 2 / J2: 2)
- c. **ANTEONTEM** MARCOS_a LIVRO COMPRAR VENDER
 ‘Marcos comprou (e) leu o livro anteontem.’
 (J1: 2 / J2: 4)
- d. CARMEM_a MANCAR_{CL-pessoa} **TARDE** aIR_b HOSPITAL_b
 ‘Carmem (foi) mancou para o hospital de tarde.’
 (J1: 5 / J2: 5 – leitura de coordenação encoberta)
- e. TIAGO_a UNIFORME PASSAR_{CL-roupa} VESTIR_{CL-camisa} **PRONTO**
 ‘Tiago passou (e) vestiu o uniforme.’
 (J1: 5 / J2: 5)
- f. CARMEM_a ANDAR_{CL-pessoa.mancar} **PRONTO** aIR_b HOSPITAL_b
 ‘Carmem mancou (e) foi para o hospital.’
 (J1: 4 / J2: 4 – leitura de coordenação encoberta)

(20) *Sentenças coordenadas*

- a. TIAGO_a ANDAR_{CL-bicicleta} [COORD-SHIFT] aIR_b FESTA_b **NÃO**
 ‘Tiago andou de bicicleta (e) não foi para a festa.’
 (J1: 4 / J2: 4)
- b. **ANTEONTEM** MARCOS_a LIVRO COMPRAR [COORD-SHIFT]
 VENDER
 ‘Anteontem Marcos comprou (e) leu o livro.’
 (J1: 3 / J2: 4)

⁸² Todos os itens testados na TJAG-1 estão disponíveis no anexo 05.

⁸³ O julgamento de P02 para os itens testados na TJAG-1 estão disponíveis no anexo 06.

(21) *Distratoras*

- a. CARMEM_a FALAR IX_a CACHORRO-QUENTE COMER_{CL}
 ‘Carmem falou que ela comeu cachorro- quente.’
 (J1: 3 / J2: 4)
- b. *MENINA_a ANDAR_{CL-mancar-2-pernas} IX_b aIR_b HOSPITAL_c
 ‘A menina que estava mancando, ela foi ao hospital.’
 (J1: 2 / J2: 2)
- c. *TIAGO_a FALAR IX_{cima} ANDAR_{CL-carro} BANHEIRO_c
 ‘Tiago falou que ia ao banheiro.’
 (J1: 1 / J2: 1)
- d. *MENINA_a SENTAR_{CL} HORA NADA IX_b CAIR_{CL-objeto.redondo}
 ‘A menina que não sentou hora nenhuma, ela caiu.’
 (J1: 1 / J2: 1)

Os estímulos foram gravados em vídeos por P02 e a aplicação da tarefa seguiu o método *playback* apresentado na seção 4.3, sendo os itens randomizados, e julgados por P03 com uso de escala Likert de 5 pontos (etapa 1 de julgamento).

4.4.2.**TJAG-2: foco nas CVSSs-sanduíches**

Como discutimos no capítulo 3, Fischer & Janis (1990) e Matsuoka (1997, 1999) argumentam que, em construções com sanduíche verbal, o verbo copiado deve conter uma informação morfossintática adicional (*e.g.*, aspecto e/ou classificador), como ilustrado em (22) e (23), dados de ASL. Entretanto, segundo a caracterização de Smith (2011), ambos os verbos da sentença devem ser cópias idênticas.

- (22) STUDENT NAME S-A-L-L-Y TYPE HER
 ESTUDANTE NOME S-A-L-L-Y ESCREVER DELA
 TERM PAPER TYPE[asp:cont] (...)
 TEXTO ARTIGO ESCREVER[asp:cont] (...)
 'A student named Sally is typing her term paper.'
 'Uma aluna chamada Sally está digitando seu trabalho final.'
 (FISCHER & JANIS, 1990:280)
- (23) ELIZABETH EAT R-I-C-E EAT-WITH- CHOPSTICKS++(...)
 ELIZABETH COMER A-R-R-O-Z COMER-COM-HASHI++(...)
 'While Elizabeth is eating her rice with chopsticks(...)'
 'Enquanto Elizabeth está comendo seu arroz com hashi(...)'
 (FISCHER & JANIS, 1990:284)

Benedicto *et al.* (2008) identificam que a reduplicação ocorre, também, em CVSs (CVSs-sanduíches) em ASL, LSA e LSC. Para CVSs de movimento na LSC, os autores observam uma ordem flexível e apresentam as seguintes configurações possíveis:

- (i) [V_{manner} V_{path} V_{manner}]
- (ii) [V_{path} V_{manner} V_{path}]

Para Benedicto *et al.* (2008) a reduplicação resulta de operações de movimento (*merge* interno), sendo, portanto, a cópia de V₁ pronunciada para a ASL, LSA e LSC. Argumentam também que as ordens [V_{path} V_{manner}] ou [V_{manner} V_{path}] são ambas possíveis para a ASL e para a LSC, enquanto apenas a configuração [V_{manner} V_{path}] é licenciada em LSA. Essa caracterização se distancia de HKSL, onde a ordem [V_{manner} V_{path}] é rígida e CVSs-sanduíches não são licenciadas (LAU, 2012).

Vale notar que os estudos realizados até o momento sobre CVSs-sanduíche em LSs se restringem a um conjunto específico de construções e configurações. Não foram encontrados, por exemplos, estudos sobre reduplicação em CVSs simétricas. Além disso, não é claro se a

reduplicação se restringe a V₁, ou se V₂, ou ambos os verbos podem ser reduplicados.

Não há observações sobre CVSS-sanduíches em Libras, embora o fenômeno da reduplicação já tenha sido estudado (QUADROS, 1999; NUNES & QUADROS, 2004b; LILLO-MARTIN & QUADROS, 2005).

- (24) [ANN LIKE ICE-CREAM LIKE]hn
 [ANN GOSTAR SORVETE GOSTAR]hn
 ‘Ann LIKES ice-cream.’
 ‘Ann GOSTA de sorvete.’

- (25) I LOSE BOOK [LOSE]hn
 EU PERDER LIVRO [PERDER]hn
 ‘I LOST the book.’
 ‘Eu PERDI o livro.’

(NUNES & QUADROS, 2004b:2)

Adotando uma sintaxe minimalista, Nunes & Quadros (2004b) e Lillo-Martin & Quadros (2005) analisam os dados (28) e (29) como estruturas de foco enfático, com mais de uma cópia do verbo sendo pronunciada.

Assim, não sabemos ainda se estruturas seriadas em Libras podem ser reduplicadas e quais as características sintáticas do fenômeno. Portanto, com base nas observações de Benedicto *et al.* (2008), para CVSS-sanduíches em ASL, LSC e LSA, e nas observações de Nunes & Quadros (2004b) e de Lillo-Martin & Quadros (2005), para reduplicação em Libras, elaboramos a segunda tarefa experimental do nosso estudo (TJAG-2), para verificar as seguintes questões:

- I. Estruturas seriadas, simétricas e assimétricas, podem ser reduplicadas? Em outras palavras, Libras licencia CVSS-sanduíches?
- II. Em que medida as CVSS-sanduíches de Libras se comportam como estruturas de foco?

Nesta fase, verificamos a produtividade de construções simples com foco com e sem a saliência do marcador não-manual para foco no verbo reduplicado (NUNES & QUADROS, 2004b; LILLO-MARTIN & QUADROS, 2005). Verificamos também a possibilidade de reduplicação de V_1 , V_2 e do complexo $[V_1 V_2]$ em CVSs dos tipos 1 e 4, apresentados na TJAG-1. Nos itens com CVSs do tipo 1, verificamos as ordens $[V_{\text{manner}} V_{\text{path}}]$ e $[V_{\text{path}} V_{\text{manner}}]$.

Os *backgrounds* contextualizadores e as sentenças distratoras do TJAG-1 foram reutilizados em todas as etapas do TJAG-2. Os itens de verificação, bem como as respostas da fase de prospecção da TJAG-2 estão disponíveis no anexo 07.

Para sentenças com reduplicação verbal simples, foram consideradas as seguintes configurações:

- *Cópia verbal com e sem marcador não-manual de foco enfático*

- (26) a. *MARCOS_a aIR_b FESTA_b aIR_b
 'Marcos foi à festa, foi.
 b. MARCOS_a aIR_b FESTA_b <aIR_b>_{foc}

- *Cópia com marcador aspectual com/sem marcador não-manual de foco enfático*

- (27) a. *MARCOS_a aIR_b FESTA_b aIR_b ASP.cont
 b. MARCOS_a aIR_b FESTA_b <aIR_b ASP.cont>_{foc}

- *Cópia com classificador com/sem marcador não-manual de foco enfático*

- (28) a. MARCOS_a aIR_b FESTA_b IR_b-CL-pessoa
 b. MARCOS_a aIR_b ASP.cont FESTA_b <aIR_b ASP.cont>_{foc}

P01 julgou como aceitável apenas sentenças com o marcador de foco. A inclusão da informação morfológica de aspecto somente na cópia foi julgada como inaceitável, independentemente de o marcador de foco estar presente ou não. A marca de aspecto pode estar no verbo e em sua

cópia, mas não na cópia apenas. Nas configurações com classificador na cópia, a presença do foco torna a sentença inaceitável. No entanto vale salientar que, para P01, estruturas com $V_{1\text{copy}+\text{CL}}$ são interpretadas como introdução de informação nova, e não como ênfase no evento denotado pelo verbo. As sentenças com adição de classificadores na cópia não podem ser sinalizadas para respostas de perguntas enfáticas e a marca de foco é opcional.

Portanto, os dados coletados na fase de prospecção vão ao encontro daqueles apresentados por Nunes & Quadros (2004b) e de Lillo-Martin & Quadros (2005), quando a presença de marca de foco obrigatória, e indicam que Libras se comporta como a língua de sinais norueguesa (NSL – VIBEKE BØ, 2010), em que o verbo e sua cópia reduplicada devem ser idênticos em relação às marcas morfossintáticas de aspecto e de classificadores. Libras distancia-se, portanto, da caracterização de Fischer & Janis (1990).

Depois das sentenças simples com reduplicação verbal, foram apresentadas ao consultor CVS-sanduíches, com a configuração [SUJ V_1 V_2 OBJ $V_{1/2\text{copy}}$], considerando seriadas do tipo 1 e 4, com manipulação de informações gramaticais na cópia: marcação de foco, incorporação de aspecto no movimento do verbo e acréscimo de morfema classificador.

Para as CVSs tipo 1, foram apresentados pares de sentenças nas ordens [V_{path} V_{manner}] e [V_{manner} V_{path}]. A alteração da ordem dos verbos nas CVSs do tipo 4 não foi adotada, pois resultaria em incongruência semântica entre os subeventos realizados. Também não incluímos sentenças com incorporação de classificador em V_{path} reduplicado, pois o acréscimo de um item classificador à raiz verbal modificaria o verbo, forçando leitura de informação nova e não de foco enfático, como informado por P01 para as configurações simples. Portanto, para as CVSs, consideramos os seguintes tipos de configuração:

- *Cópia idêntica de V_1 apenas com inserção de foco enfático*

(29) a. CARMEM_a IR_b MANCAR_{CL-pessoa} HOSPITAL_b <_aIR_b>_(foc)

‘Carmem foi (e) mancou (para) o hospital, foi.’

- b. CARMEM_a ANDAR_{CL-patins} aIR_b ESCOLA_b <ANDAR_{CL-patins}>_(foc)
 ‘Carmem andou (de patins) (e) foi para a escola, andando (de patins).’
- c. TIAGO_a ABRIR_{CL.livro} LER LIVRO_b <ABRIR_{CL.livro}>_(foc)
 ‘Tiago abriu (o livro) (e) leu o livro, abriu (o livro).’

- *Cópia idêntica de V₂ apenas com inserção de foco enfático*

- (30) a. JULIA_a aIR_b ANDAR_{CL-skate} CASA_b <ANDAR_{CL-skate}>_(foc)
 ‘Julia foi (e) andou (de skate) para casa, andou (de skate).’
- b. JULIA_a ANDAR_{CL-patins} aIR_b ESCOLA_b <aIR_b>_(foc)
 ‘Julia andou (de patins) (e) foi para a escola, foi.’
- c. TIAGO_a ABRIR_{CL-livro} LER LIVRO_b <LER>_(foc)
 ‘Tiago abriu (o livro) (e) leu o livro, leu (o livro).’

- *Cópia de V₁ com marcador de aspecto*

- (31) a. CARMEM_a aIR_b MANCAR_{CL-pessoa} HOSPITAL_b <aIR_{b-Asp.cont}>_(foc)
 ‘Carmem foi (e) mancou (para) o hospital, indo.’
- b. CARMEM_a ANDAR_{CL-patins} aIR_b ESCOLA_b <ANDAR_{CL-patins.Asp.cont}>_(foc)
 ‘Carmem andou (de patins) (e) foi para a escola, andando (de patins).’
- c. TIAGO_a ABRIR_{CL.livro} LER LIVRO_b <ABRIR_{CL.Asp.cont}>_(foc)
 ‘Tiago abriu (o livro) (e) leu o livro, abrindo (o livro).’

- *Cópia de V₁ com morfema classificador*

- (32) a. CARMEM_a ANDAR_{CL-patins} aIR_b ESCOLA_b <ANDAR_{CL-patins.CL-corpo}>_(foc)
 ‘Carmem andou (de patins) (e) foi para a escola, andou (de patins).’
- b. TIAGO_a ABRIR_{CL-livro} LER LIVRO_b <ABRIR_{CL-manual.livro}>_(foc)
 ‘Tiago abriu (o livro) (e) leu o livro, abriu (o livro).’

De acordo com os julgamentos e com a descrição dos dados elaborados por P01, Libras não tem uma ordem rígida para CVSs de movimento, sendo aceitáveis as configurações [V_{path} V_{manner}] e [V_{path} V_{manner}], assemelhando-se, portanto, à LSC (Benedicto *et al.*, 2008). Entretanto, quando V₂ é um V_{manner}, ele não pode ser reduplicado. Temos,

assim, a seguinte caracterização para reduplicação de verbo em CVSs do tipo 1:

- √ [V_{path} V_{manner} OBJ <V_{path}>foc]
- √ [V_{manner} V_{path} OBJ <V_{manner}>foc]
- √ [V_{manner} V_{path} OBJ <V_{path}>foc]
- X * [V_{path} V_{manner} OBJ <V_{manner}>foc]

De acordo com o consultor, a marca não-manual de foco enfático é obrigatória também nas CVSs-sanduíches; e, assim como nos casos de reduplicação simples, nas CVSs do tipo 1, se apenas a cópia recebe a informação de aspecto, tais sentenças com reduplicação tonam-se inaceitáveis. Entretanto, em contraste com os dados das sentenças simples, foram consideradas aceitáveis as sentenças com a configuração [V_{manner} V_{path} OBJ <V_{manner}-ASP.cont>foc]⁸⁴. Quando a informação adicional é um classificador⁸⁵, a configuração [V_{manner} V_{path} OBJ <V_{manner}-CL-corpo>foc] é aceitável⁸⁶, porém interpretada como estrutura de informação nova, distanciando-se da caracterização em discussão⁸⁷.

Os dados obtidos com P01, indicam, portanto, que CVSs simétricas (tipo 4) são menos restritivas que as CVSs assimétricas (tipo 1) quando há a reduplicação verbal. Assim como nas CVSs assimétricas, a marcação não-manual de foco enfático é obrigatória, como exemplificam os dados em (33). No entanto, em CVSs simétricas, o acréscimo da informação aspectual somente na cópia (*i.e.*, [V_{L1} V_{L2} OBJ <V_{L1}-ASP.cont>foc]⁸⁸) é aceitável, como ilustra aceitabilidade de (34). O acréscimo de informação morfossintática de classificador na cópia ([V_{L1} V_{L2} OBJ <V_{L1}-CL>foc]) também é aceitável, porém com leitura de informação nova.

⁸⁴ Sentenças com a configuração com a reduplicação de V₂ e com o acréscimo de informação aspectual, como [V_{manner} V_{path} OBJ <V_{path}-ASP.cont>foc] e [V_{path} V_{manner} OBJ <V_{manner} -ASP.cont>foc] não foram incluídas nessa testagem.

⁸⁵ Como as CVSs de movimento exigem um verbo locativo para denotar movimento (*path*) e um verbo classificador para expressar o modo (*manner*) da trajetória, a informação classificadora adicional que adotamos nessa pré-testagem se refere a um classificador de corpo.

⁸⁶ A configuração [V_{path} V_{manner} OBJ <V_{manner}-CL-corpo>foc] não foi incluída na testagem.

⁸⁷ Não consideramos nessa pré-testagem CVSs com reduplicação do verbo de caminho (*path*), com as configurações [V_{path}+ V_{manner} +O+ <V_{path} -CL-corpo>foc] e [V_{path}+ V_{manner} +O+ <V_{path} -CL-corpo>foc], uma vez que o acréscimo de um morfema classificador à raiz do verbo de movimento denotaria em uma informação completamente nova, desviando-se do objetivo dessa prospecção de dados.

⁸⁸ A configuração [V_{L1} + V_{L2} + O + <V_{L2}-ASP.cont>foc] não foi incluída na testagem.

- (33) a. MARCOS_a a VER_b ASSISTIR CARMEM_b <_aVER_b>_{foc}
 ‘Marcos viu (e) assistiu Carmem, viu.’
 b. *MARCOS_a a VER_b ASSISTIR CARMEM_b a VER_b
- (34) MARCOS_a a VER_b ASSISTIR CARMEM_b <_aVER_b.Asp.cont>_{foc}
 ‘Marcos viu (e) assistiu Carmem, vendo.’

Por fim, verificamos com P01 CVSs simétricas e assimétricas com reduplicação dos dois verbos da série, considerando, para as assimétricas, as sequências [V_{path} V_{manner}] e [V_{manner} V_{path}].

(35) *Cópia da sequência verbal*

- a. JULIA_a a IR_b ANDAR_{CL-bicicleta} ESCOLA_b <₀IR₂ ANDAR_{CL-bicicleta}>_{foc}
 ‘Julia foi (e) andou (de bicicleta) para a escola, foi (e) andou (de bicicleta).’
- b. *CARMEM_a MANCAR_{CL-pessoa} a IR_b HOSPITAL_b <MANCAR_{CL-pessoa} a IR_b>_{foc}
 ‘Carmem mancou (e) foi para o hospital, mancou (e) foi.’
- c. *TIAGO_a PASSAR_{CL} VESTIR_{CL-ROUPA} UNIFORME <PASSAR_{CL}
 VESTIR_{CL-ROUPA}>_{foc}
 ‘Tiago passou (e) vestiu o uniforme, passou (e) vestiu.’

A reduplicação total foi rejeitada por P01, com exceção da configuração [V_{path} V_{manner} OBJ [V_{path} V_{manner}]].

Com as considerações de P01 para as CVSs com reduplicação, a TJAG-2 foi elaborada.

TJAG-2 - Design experimental

Foram consideradas CVSs com reduplicação total ou parcial da sequência verbal (*i.e.*, cópia de V₁ e/ou V₂), com marcação de foco na cópia (*head nod* - hn): [SUJ V₁ V₂ OBJ [V_{1/2copy}]_{hn}], [SUJ V₁ V₂ OBJ [V_{1copy}

$V_{2copy}]_{hn}]$.⁸⁹ Para as CVSs do tipo 1, foram testadas apenas sentenças com o verbo IR (V_{path}) com as ordens [$V_{path} V_{manner}$] e [$V_{manner} V_{path}$].

Foram testadas as seguintes condições:

<i>Design experimental do TJAG-2: CVSs-sanduiche</i>			
Tipo de reduplicação verbal	V1 copy	VL VL	C1 [$V_1 V_2 OBJ [V_{1copy}]_{hn}$]
		VL VG	C2 [$V_{manner} V_{path} OBJ [V_{manner}]_{hn}$]
		VG VL	C3 [$V_{path} V_{manner} OBJ [V_{path}]_{hn}$]
	V2 copy	VL VL	C4 [$V_1 V_2 OBJ [V_{2copy}]_{hn}$]
		VL VG	C5 [$V_{manner} V_{path} OBJ [V_{path}]_{hn}$]
		VG VL	C6 [$V_{path} V_{manner} OBJ [V_{manner}]_{hn}$]
	V1 copy + V2 copy	VL VL	C7 [$V_1 V_2 OBJ [V_{1copy} V_{2copy}]_{hn}$]
		VL VG	C8 [$V_{manner} V_{path} OBJ [V_{manner} V_{path}]_{hn}$]
		VG VL	C9 [$V_{path} V_{manner} OBJ [V_{path} V_{manner}]_{hn}$]

Tabela 13: TJAG-2: configurações de CVSs sanduiches testadas

Foram elaboradas e testadas três sentenças por configuração. No total foram testadas 54 sentenças (27 alvos, 27 distratoras), divididas em dois blocos (27 itens por bloco), de acordo com as situações contextualizadoras utilizadas na tarefa.

Como dito anteriormente, os contextos de background e as distratoras da TJAG-1 foram reutilizadas na TJAG-2.

Os dados abaixo exemplificam sentenças alvo da tarefa:⁹⁰

- (36) a. TIAGO_a COMPRAR COMER PASTEL [COMPRAR]_{hn}
 ‘Tiago comprou (para comer) um pastel (ele comprou).’
 (J1: 3 / J2: 5 / J3: 5)

⁸⁹ Uma vez que não é clara a natureza da reduplicação de verbos em CVSs-sanduiche, marcaremos as estruturas com $]_{hn}$, indicando a presença do marcador não-manual ‘assentir com a cabeça’, que teria escopo sobre o sintagma entre colchetes, ao invés de $<>_{foc}$.

⁹⁰ Os itens do TJAG-2 estão integralmente disponibilizados no anexo 08.

- b. JULIA_a PULAR_{CL-pessoa} aIR_b BRINQUEDO_b [PULAR_{CL-pessoa}]_{hn}
 ‘Júlia pulou (indo) para os brinquedos (ela pulou).’
 (J1: 5 / J2: 5 / J3: 5)
- c. TIAGO_a aIR_b CORRER_{CL-pessoa} BANHEIRO_b [aIR_b]_{hn}
 ‘Tiago foi (correndo) ao banheiro (ele foi).’
 (J1: 4 / J2: 5 / J3: 5)
- d. MÉDICO_a aVER_b EXAMINAR P-É CARMEM_b [EXAMINAR]_{hn}
 ‘O médico viu (para examinar) o pé da Carmem (examinou).’
 (J1: 5 / J2: 4 / J3: 4)
- e. CARMEM_a MANCAR_{CL-pessoa} aIR_b HOSPITAL_b [aIR_b]_{hn}
 ‘Carmem mancou (indo) para o hospital (ela mancou).’
 (J1: 5 / J2: 5 / J3: 5)
- f. CARMEM_a aIR_b ANDAR_{CL-patins} ESCOLA_b [ANDAR_{CL-patins}]_{hn}
 ‘Carmem foi (andando) de patins para a escola (andando de patins).’
 (J1: 5 / J2: 4 / J3: 5)
- g. MARCOS_a DOBRAR_{CL-roupa} GUARDAR UNIFORME [DOBRAR_{CL-roupa}
 GUARDAR]_{hn}
 ‘Marcos dobrou (para guardar) o uniforme (dobrou e guardou).’
 (J1: 3 / J2: 3 / J3: 3)
- h. JULIA_a ANDAR_{CL-skate} aIR_b HOSPITAL_b [ANDAR_{CL-skate} aIR_b]_{hn}
 ‘Julia andou de skate (indo) para o hospital (andou de skate indo).’
 (J1: 3 / J2: 4 / J3: 5)
- i. CARMEM_a aIR_b ANDAR_{CL-pessoa.mancar} HOSPITAL_b [aIR_b ANDAR_{CL-pessoa.mancar}]_{hn}
 ‘Carmem foi (mancando) para o hospital (foi mancando).’
 (J1: 5 / J2: 5 / J3: 5)

Os itens foram verificados por P01 e P02, gravados por P02 e, depois de aleatorizados, apresentados a P03, que os julgou (etapa de julgamento 1) após um período de quinze dias, P03 regravou as sentenças e realizou um novo julgamento (etapa de julgamento 2). P03 não propôs mudanças nos itens apresentados na tarefa. Após o segundo julgamento, P03 fez uma avaliação geral, comparando as notas nas duas etapas de julgamento.

4.5.

Resumo do capítulo

Por ainda não termos uma descrição completa de estrutura com empilhamento verbal em Libras, para a coleta de dados, optamos por aplicar uma tarefa experimental de julgamento de aceitabilidade gramatical com a técnica *playback*, contando com a participação de três Surdos adultos nativos de Libras (um consultor na fase de prospecção de dados, um produtor/sinalizador para a gravação das sentenças de teste, um participante avaliador). Foram elaboradas, portanto, duas tarefas de julgamento repetido de aceitabilidade gramatical com objetivos de verificar as diferenças entre as estruturas com empilhamento verbal e as estruturas multiverbais de coordenação e de averiguar a hipótese de que estruturas com empilhamento verbal são CVSs, observando o seu comportamento sintático e semântico.

A TJAG-1 consistiu em identificar a produtividade, ou não, de CVSs em Libras, diferenciando-as de construções com coordenação encoberta. Para isso, testamos estruturas com empilhamento verbal que se assemelham às CVSs do tipo 1 e do tipo 4 (cf. VEENSTRA & MUYSKEN, 2017), interagindo com os modificadores de negação, advérbio de tempo e com o marcador aspectual PRONTO (cf. testes de Lau (2012)). A TJAG-2 buscou verificar se CVSs simétricas e assimétricas em Libras licenciariam a reduplicação (cópia) de um dos, ou de ambos, verbos (*i.e.*, CVSs-sanduíche).

No próximo capítulo apresentamos os dados obtidos nas tarefas aplicadas.

5.

Estruturas com empilhamento verbal em Libras: análise descritiva

A coleta de dados em Libras foi realizada com uso de duas tarefas de julgamento repetido de aceitabilidade gramatical (TJAGs), com a metodologia descrita no capítulo 4. Nesse capítulo apresentaremos os resultados obtidos na fase de pré-testagem para a verificação de CVSs simétricas em Libras (5.1), bem como a coleta de dados da primeira testagem (5.2), destinada a verificar se as construções multiverbais anteriormente observadas na língua se comportam gramaticalmente como CVSs, e da segunda testagem (5.3), na qual verificamos a produtividade e a caracterização de sentenças com sanduíche verbal na Libras. Reportamos na seção 5.4 uma prospecção de dados de sequências com verbos AB, a qual foi abandonada de nossa análise por se distanciar das estruturas em investigação nessa tese. Na seção 5.5, por fim, apresentamos as conclusões do capítulo com o resumo dos resultados obtidos na coleta de dados.

No que segue apresentamos os resultados das tarefas e discutimos os dados coletados, concluindo que Libras também licencia CVSs simétricas e assimétricas.

5.1.

Tipos semânticos de CVSs

Verificamos inicialmente se em Libras há a produção de CVSs semelhantes aos tipos semânticos identificados por Baker & Stewart (2002). Para isso, foram elaborados quatro contextos com algumas sentenças com empilhamento verbal (ver tabela 13) que se assemelhassem às CVSs consequenciais (CVSC), CVSs, propositivas/finais (CVSP) e resultativas (CVSR). Em seguida verificamos com P01 as interpretações dessas construções, especialmente se são naturalmente produzidas em Libras. Nessa fase as respostas de P01 foram

binárias (aceitável/inaceitável), seguidas da justificativa de P01 para a (in)aceitabilidade.

As CVSCs configuram um macroevento composto por dois eventos expressos por dois verbos transitivos que compartilham ambos os argumentos, sendo o objeto e o sujeito do segundo verbo encoberto. Semanticamente, o sujeito/agente realiza um conjunto de ações (subeventos) em que a segunda é temporalmente seguida da primeira e implicada por ela. Semelhante às CVSCs, as CVSPs expressam um evento composto por dois verbos transitivos. Nesse tipo, o objeto de V_2 também não é manifesto e interpretado como o objeto de V_1 e ambos os verbos compartilham o mesmo sujeito/agente. No entanto, essa se distancia da CVSC, pois o subevento expresso por V_2 é o propósito do subevento expresso por V_1 , não tendo sua ocorrência vinculada ou efetivamente realizada (ou afirmada). As CVSR denotam um evento único, no qual a ação é realizada em V_1 (verbo transitivo) sobre o objeto (tema) resulta no estado desse, expresso por V_2 (verbo inacusativo).

A partir de cada contexto, foram elaboradas uma ou duas sentenças de cada tipo de CVSs com a configuração de Baker & Stewart (2002), mantendo a estrutura [S+ V_1 +O + V_2] para todas as sentenças. A seguir, apresentamos os contextos e algumas das sentenças verificadas pelo participante P01 para cada tipo de CVS. Os contextos, as sentenças e os julgamentos dados por P01 estão integralmente disponíveis no anexo 03.

Contextos da prospecção de tipos de CVSs	
Contexto 1	Marcos é um ótimo médico cirurgião que trabalha em um hospital. Ele examina cuidadosamente os pacientes, os opera e os cura. Pedro, porém, é um médico cirurgião ruim. Ele tem medo de operar, pois já matou um paciente. Então, ele examina, mas não opera.
Contexto 2	Tiago ia para a floresta fazer uma caminhada. Então, ele comprou batata em palitos e fritou para comer na trilha. Então, ele guardou a batata em sua mochila, mas, quando ele abriu a mochila e segurou a batata ela estava esfarelada e, então, ele a jogou no lixo.
Contexto 3	A mãe foi com seu filho ao shopping. Ele é muito levado. A mãe estava olhando algumas roupas para seu filho. Ela pegou uma blusa para comprar, mas quando chegou no caixa, ela pegou o cartão para pagar, mas o cartão não tinha crédito, então, ela não comprou a blusa. Enquanto isso o menino estava brincando na loja, jogou um perfume no chão, que quebrou. Viu um manequim, o empurrou e ele caiu. Quando o segurança viu a bagunça, foi chamar a atenção do menino, mas ele pegou uma blusa, jogou nele e saiu correndo. Mas, o piso estava molhado e ele caiu. Quando a mãe viu a situação, foi rapidamente até o menino, o segurou e bateu nele. Ela mandou o seu filho levantar o manequim que estava no chão e foram embora.
Contexto 4	A mãe foi com seu filho para a praça de alimentação. A mãe puxou a cadeira e se sentou para ver as opções para comer. Ela comprou um lanche para seu filho e um prato feito para ela comer. O atendente colocou os itens na bandeja e deu para a mãe. A mãe comeu o PF que estava muito gostoso. Mas, quando o filho pegou o lanche para comer, a mãe sentiu um cheiro ruim e não deixou o menino comer. O filho, com raiva, empurrou o lanche e ele caiu no chão. A mãe se levantou, brigou com o menino e tirou o chinelo para bater nele. Mas, o menino começou a chorar e ela não bateu nele. A mãe o abraçou e explicou que o lanche estava estragado. Ela pediu um lanche novo para o filho e eles comeram felizes.

Tabela 14: Contextos para a verificação de diferentes tipos de CVSs

(1) CVSC

- a. TIAGO_a COMPRAR BATATA_b JOGAR_b FOGO
'Tiago comprou batata (e) fritou.'
- b. MENINO_a PEGAR_a BLUSA_b JOGAR_c
'O menino pegou a blusa (e) jogou (a blusa).'
- c. MÃE_a SEGURAR_{CL} MENINO_b BATER_b
'A mãe segurou o menino (e) bateu (nele).'
- d. MÃE_a PUXAR_{CL} CADEIRA_b SENTAR⁹¹
'A mãe puxou a cadeira (e) sentou.'

⁹¹ A relação consequencial em uma CVS não deve ser observada apenas pela grade argumental dos verbos que a compõe, mas, pelas relações semânticas entre os eventos denotados pelos verbos. Entretanto, a sentença em (32d) deve ser eliminada do rol das CVSCs, não pelo fato de que o verbo SENTAR não seja transitivo, mas por não se caracterizar, aparentemente, como um verbo de postura em Libras (ver LOVESTRAND, 2021), sendo, portanto, um verbo menor.

(2) CVSP

- a. ?PEDRO_a EXAMINAR_b PACIENTE_b OPERAR
'Pedro examinou o paciente (para) operar.'
- b. TIAGO_a SEGURAR_{CL-caixa} BATATA_b COMER_{CL-palito-(ação.interrompida)}
'Tiago segurou a batata (para) comer.'
- c. # TIAGO_a SEGURAR_{CL-caixa} BATATA_b COMER_{CL-palito}
- d. MÃE_a bPEGAR_a BLUSA COMPRAR
'A mãe pegou a blusa (para) comprar.'
- e. MÃE_a bPEGAR_a CARTÃO_b PAGAR⁹²
'A mãe pegou o cartão (para) pagar (com ele)'
- f. FILHO_a PEGAR_{CL} LANCHE COMER_{CL-coisa.oval-(ação.interrompida)}
'O filho pegou o lanche (para) comer.'
- g. # FILHO_a PEGAR_{CL} LANCHE COMER_{CL-coisa.oval}
- h. MÃE_a TIRAR_{CL} CHINELO BATER_{CL.b-(ação.interrompida)}
'A mãe tirou o chinelo (para) bater.'
- i. # MÃE_a TIRAR_{CL} CHINELO BATER_{CL.b}

(3) CVSR

- a. MARCOS_a OPERAR PESSOA-DOENÇA_b FORTALECER
'Marcos operou o paciente (e) (o paciente) melhorou.'
- b. MENINO_a aEMPURRAR_b MANEQUIM_b CAIR_{CL-pessoa}
'O Menino empurrou o manequim (e) (o manequim) caiu.'
- c. MENINO_a JOGAR_{CL-coisa-pequena,para-o-chão} PERFUME ESPATIFAR_{CL}
'O menino jogou o perfume (e) (o perfume) quebrou'.
- d. MÃE_a aBRIGAR_b FILHO_b CHORAR

'A mãe brigou com o filho (e) (ele) chorou.'

O participante considerou em sua análise que estruturas do tipo CVSC, CVSP e CVSR são plenamente aceitáveis em Libras, porém com algumas ressalvas sobre a CVSP. Conforme as considerações de P01, semanticamente, não é aceitável a sinalização de um verbo classificador com realização plena da ação sem que essa não tenha ocorrido. O dado em (2c), por exemplo, é inconsistente, pois '*Tiago*' não poderia finalizar a ação de '*comer*' (*i.e.*, morder o lanche) se, de fato, isso não tivesse real

⁹² A tradução para a língua portuguesa da sentença (31e) seria algo como '*a mãe pegou-pagou (a blusa) com cartão*'. Portanto, nesta sentença, o argumento compartilhado é o instrumento.

ocorrência. Desse modo, os verbos classificadores COMER, em (2c) e em (2g), e BATER, em (2i), denotam uma interpretação inconsistente, pois expressa uma ação não necessariamente realizada e com interpretação duvidosa, pois sabe-se, considerando o contexto dado, que os agentes não realizaram os eventos. Portanto, para a aceitabilidade dessas sentenças, o verbo classificador na posição de V₂ deve ser interrompido para a interpretação semântica de finalidade. Para CVSP em que a posição de V₂ é ocupada por um verbo simples (*i.e.*, sem concordância, invariável), como COMPRAR (em (2d)) e PAGAR (em (2e)), há uma dupla interpretação semântica, conforme P01, de realização, ou não, do subevento. O dado em (2a) foi julgado como ‘duvidoso’ pelo participante, embora o verbo OPERAR se enquadre na categoria de verbos simples. Para P01, o contexto apresentado não oferece a pistas para a interpretação de que ‘Pedro analisou o paciente para que esse fosse operado, porém ele não realizaria a operação’.

As CVSR, exemplificadas em (3), se mostraram produtivas em Libras. Entretanto, a sintaxe dessas construções não é tão clara, uma vez que se assemelham aos predicados complexos⁹³, tipo de construção apresentada no capítulo 1. Construções com verbos seriados devem ser compostas por raízes verbais independentes que constituem um macroevento composto por subeventos, enquanto construções com predicados complexos resultam da fusão de predicados, constituindo um único evento e um único predicado. Conceitualmente, construções resultativas parecem apresentar a configuração [X causa [Y torna-se Z]] (RAPOPORT, 1990; HOEKSTRA 1988), denotando um evento único (KRAUßE, 2020), como no dado em (3a) e (3c), rerepresentados em (4).

- (4) a. [MARCOS_a]_x [OPERAR]_{causa} [PESSOA-DOENÇA_b]_y [FORTALECER]_{efeito}
então[CURAR]_z
‘Marcos operou o paciente (e) (o paciente) melhorou.’

⁹³ Para a discussão sobre a exclusão de estruturas com predicados complexos do rol das CVSSs, ver a sessão 1.1 do capítulo 1.

- b. [MENINO_a]_x [JOGAR_{CL-coisa-pequena.para-o-chão}]_{causa} [PERFUME]_y
 [ESPATIFAR_{CL}]_{efeito} então [QUEBRAR]_z
 ‘O menino jogou o perfume (e) (o perfume) quebrou’.

Embora essas construções se assemelhem aos predicados complexos, a decisão quanto a natureza dessas não é trivial (NYAMPONG, 2015; BUTT *et al.*, 2021). Observe o dado em (4b), por exemplo. Esse pode ser interpretado como um evento único (*e.g.*, ‘quebrar’) ou como uma série de eventos subsequentes (*e.g.*, ‘jogar e espatifar’). Caso o dado em (4b) seja assumido como um evento único, esse deverá ser tratado como um PC. Porém, do contrário, seria uma CVS com uma ação que desencadeia um resultado e, portanto, uma CVSR. Os dados testados nessa fase de consulta com P01 fornecem questões que nos levam para uma análise empírica que, embora necessária e complementar, se distanciaria das análises propostas nessa tese. Portanto, deslocamos a discussão e a análise das CVSR para uma pesquisa futura.

5.2.

TJAG-1: resultados obtidos

Como apresentado no capítulo 4 dessa tese, a metodologia *playback* para a coleta de dados passou por cinco etapas e uma etapa de pré-testagem. Os itens propostos, refinados por P01 (fase de prospecção), foram gravados por P02 (etapa 1) e receberam o primeiro julgamento de P03 (etapa 2). Após um período de quinze dias, P03 regravou as sentenças de P02 (etapa 3), propondo algumas alterações nos itens testados na regravação das sentenças e, após um período de quinze dias, realizou um novo julgamento, porém, dessa vez, das sentenças filmadas por ela (etapa 4). A tabela abaixo descreve as notas atribuídas aos itens alvo por condição experimental do primeiro TJAG⁹⁴.

⁹⁴ Considerando que para o TJAG-1 foi proposto apenas um item por condição, as notas apresentadas se referem ao julgamento atribuído ao item testado.

Notas atribuídas no julgamento por P01 na TJAG-1							
			Tipo de sentença		Estrutura	J1	J2
Empilhamento verbal: coordenação ou seriação?	Negação	Final	C1	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} V _{path} NEG]	2	5
			C2	CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} V _{L2} NEG]	3	4
			C3	Coordenação simétrica	[V ₁ Coord-shift V ₂ NEG]	4	4
			C4	Coordenação assimétrica	[V ₁ Coord-shift V ₂ NEG]	2	4
		Interviente	C5	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} NEG V _{path}]	1	4
			C6	CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} NEG V _{L2}]	2	2
			C7	Coordenação simétrica	[V ₁ NEG Coord-shift V ₂]	2	2
			C8	Coordenação assimétrica	[V ₁ NEG Coord-shift V ₂]	1	5
	Advérbio de tempo	Final	C9	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} V _{path} ADV]	2	4
			C10	CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} V _{L2} ADV]	2	4
			C11	Coordenação simétrica	[V ₁ Coord-shift V ₂ ADV]	3	2
			C12	Coordenação assimétrica	[V ₁ Coord-shift V ₂ ADV]	3	4
		Interviente	C13	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} ADV V _{path}]	5	5
			C14	CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} ADV V _{L2}]	4	4
			C15	Coordenação simétrica	[V ₁ ADV Coord-shift V ₂]	4	5
			C16	Coordenação assimétrica	[V ₁ ADV Coord-shift V ₂]	4	4
	Marcador aspectual PRONTO	Final	C17	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} V _{path} ASP]	4	5
			C18	CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} V _{L2} ASP]	5	5
			C19	Coordenação simétrica	[V ₁ Cord-shift V ₂ ASP]	1	1
			C20	Coordenação assimétrica	[V ₁ Coord-shift V ₂ ASP]	2	5
		Interviente	C21	CVS tipo 1 - [V _L V _G]	[V _{manner} ASP V _{path}]	4	4
			C22	CVS tipo 4 - [V _{L1} V _{L2}]	[V _{L1} ASP V _{L2}]	5	5
			C23	Coordenação simétrica	[V ₁ ASP Coord-shift V ₂]	1	4
			C24	Coordenação assimétrica	[V ₁ ASP Coord-shift V ₂]	2	2

Tabela 15: Julgamento de P03 para os itens da TJAG-1

O método adotado nos possibilitou analisar qualitativamente os resultados obtidos a partir dos julgamentos atribuídos aos itens experimentais. Na fase 3 da testagem P03 propôs as seguintes alterações: a suavização dos marcadores não manuais das sentenças coordenadas; a mudança do negador lexical de negação NÃO por NENHUM em alguns itens alvo (e.g. (5)) e a preferência da posição do advérbio de tempo no início da sentença (e.g. (6)), que resultou na alta aceitabilidade desses itens no segundo julgamento, em relação ao primeiro julgamento. Após o

segundo julgamento, foram apresentados à P03 as sentenças e as notas diferentes por condição testada a fim de que a participante justificasse a baixa/alta nota atribuída a alguns itens no primeiro julgamento e a mudança da atribuição da nota no segundo julgamento (etapa 5).

(5) *Condição 4* - coordenada assimétrica [V_1 +Coord-shift + V_2 + **NEG**]

- a. JULIA_a SENTAR_{CL} COORD-SHIFT CRUZAR_{CL-perna} **NÃO**
'Julia sentou e não cruzou a perna.'
(J1:2)
- b. JULIA_a SENTAR_{CL} COORD-SHIFT CRUZAR_{CL-perna} **NENHUM**
'Julia sentou e nem cruzou a perna.'
(J2:4)

(6) *Condição 10* - CVS tipo 4 - [V_{L1} + V_{L2} +**ADV**]

- a. MARCOS_a LIVRO COMPRAR_a VENDER_b **ANTEONTEM**
'Marcos, o livro, comprou (e) vendeu anteontem.'
(J1:2)
- b. **ANTEONTEM** MARCOS_a LIVRO COMPRAR_a VENDER_b
'Anteontem o Marcos, o livro, comprou (e) vendeu.'
(J2:4)

Além das considerações sobre itens lexicais, posição do ADV e de marcadores não-manuais, algumas sentenças com empilhamento verbal, as quais denotaram um macroevento composto por dois subevento, receberam a interpretação de eventos distintos (coordenados) sequenciados. Ainda que, no vídeo, a sinalização seja com verbos empilhados no espaço de sinalização, a participante advertiu que em Libras a distribuição dos conjuntos no espaço de sinalização (*Coord-shift*) não é a única forma de coordenação, sendo possível coordenar estruturas por meio de uma breve pausa entre os conjuntos, denotando eventos distintos. Apesar de não termos incluído de modo controlado o teste específico de marcas não-manuais para distinguir estruturas de coordenação de seriação de verbos - teste específico para LSs proposto por Lau (2012) - na última fase do experimento, a participante P03 tornou evidente que o contorno

prosódico de monossentenças é um dos fatores determinantes para a distinção dessas estruturas.

A tabela 17 reporta os dados de construções com empilhamento verbal que, assumindo que essas seriam CVSs, seriam inaceitáveis pela participante, considerando a previsão de Lau (2012) para NEG, ADV e o marcador lexical de ASP na posição interveniente. Entretanto, devido à pausa prosódica de bissentenças, os itens alvo receberam a interpretação de estruturas com coordenação e, portanto, com escopo restrito.

<i>Itens experimentais com julgamento bissentencial</i>					
Condição	Estrutura	Nota atribuída		Previsão Para CVS	Considerações de P03
		Fase 3	Fase 4		
(C5)	[V _{manner} + NEG + V _{path}]	1	4	Inaceitável	Prosódia bissentencial
(C13)	[V _{manner} + ADV +V _{path}]	2	5	Inaceitável	Prosódia bissentencial
(C14)	[V _{L1} + ADV + V _{L2}]	4	4	Inaceitável	Prosódia bissentencial
(C21)	[V _{manner} + ASP +V _{path}]	4	4	Inaceitável	Prosódia bissentencial
(C22)	[V _{L1} + ASP +V _{L2}]	5	5	Inaceitável	Prosódia bissentencial

Tabela 16: *Leitura prosódica bissentencial para estruturas com elementos intervenientes.*

A condição (C6), apresentado abaixo em (7a), teve baixa aceitação em ambos os julgamentos (2 em ambas as fases). Entretanto, a mesma sentença é repetida em (C7) como coordenação simétrica, em (7b), e recebeu julgamento semelhante (2 em ambas as fases). P03 justifica sua baixa aceitabilidade em (7a) e (7b) pela ausência de informações contextuais, sendo obrigatório o acréscimo do sinal de EM-PÉ_{CL} antes do sinal de COMER_{CL}. Uma vez que Carmem não se sentou, a informação da posição da menina seria obrigatória, como em (7c). Não é clara se a aceitabilidade baixa para (C6) se deve a relações contextuais ou à posição da negação interveniente.

(7) a. **(C6)** CVS tipo 4 - [V_{L1} + **NEG** + V_{L2}]CARMEM SENTAR_{CL} **NÃO** CACHORRO-QUENTE COMER_{CL}

'Carmem não sentou (e) comeu o cachorro-quente.'

(J1:2 / J2: 2)

b. **(C7)** Coordenação simétrica - [V_{L1} + **NEG** + V_{L2}]CARMEM SENTAR_{CL} **NÃO** [COORD-SHIFT]CACHORRO-QUENTE COMER_{CL}

'Carmem não sentou e comeu o cachorro-quente.'

(J1:1 / J2: 5)

c. Correção proposta por P03

CARMEM SENTAR_{CL} **NÃO** [COORD-SHIFT]CACHORRO-QUENTE EM-PÉ_{CL} COMER_{CL}

'Carmem não sentou e em pé comeu o cachorro-quente.'

Além de (C7), apesar das fases anteriores de refinamento, a aceitabilidade de outros itens experimentais também não está de acordo com a nossa previsão, recebendo uma interpretação duvidosa por algum item lexical inadequado ou por questões contextuais, como apresentado na tabela 18 e nos dados abaixo.

<i>Itens experimentais com interpretação inconsistente</i>					
Condição	Estrutura coordenada	Nota atribuída		Previsão	Considerações de P03
		Fase 3	Fase 4		
(C7)	Simétrica [V ₁ + NEG +Coord-shift+V ₂]	2	2	aceitável	problema contextual: deveria se dizer EM-PÉ COMER
(C11)	Simétrica [ADV +V ₁ +Coord-shift+V ₂]	3	2	aceitável	
(C19)	Simétrica [V ₁ +Coord-shift+V ₂ + ASP]	1	1	aceitável	Sentenças com significado inconsistente (#)
(C24)	Assimétrica [V ₁ + ASP +Cord-shift+V ₂]	2	2	aceitável	

Tabela 17: Considerações de P03 sobre itens inconsistentes

(8) **(C7)** Coordenação simétrica - [V_{L1} + **NEG** + V_{L2}]

#CARMEM SENTAR_{CL} **NÃO** [COORD-SHIFT]
 CACHORRO-QUENTE COMER_{CL}
 'Carmem não sentou e comeu o cachorro- quente.'

(9) **(C11)** Coordenação simétrica - [**ADV** +V₁ +Coord-shift +V₂]

#**TARDE** JULIA_a PULAR_{CL} [COORD-SHIFT]
_aIR_b MONTANHA-RUSSA_b
 'De tarde, Julia pulou e foi na montanha-russa.'

(10) **(C19)** Coordenação simétrica - [V₁ +Coord-shift +V₂ + **ASP**]

#JULIA_a ANDAR_{CL-skate} COORD-SHIFT
_aIR_b HOSPITAL_b **PRONTO**
 'Julia andou de skate e foi para o hospital (fez isso).'

(11) **(C24)** Coordenação assimétrica - [V₁ + **ASP** +Coord-shift +V₂]

#CARMEMA ANDAR_{CL-patins} **PRONTO** [COORD-SHIFT]
_aIR_b HOSPITAL_b
 'Carmem andou de patins (fez isso) e foi para o hospital.'

Como descrito anteriormente, o item da condição (C7), em (8), foi julgado como inaceitável pela incompletude informacional da sentença. O item da condição 11, em (9), não é semanticamente interpretável, assim como nos itens das condições (C19), em (10), e (C24), em (11).

O julgamento de P03 se manteve estável e adequado aos níveis de aceitabilidade das sentenças distratoras propostas, o que aponta que a participante não manteve seus julgamentos nas extremidades da escala, ou que estava desatenta à gramaticalidade dos itens apresentados. Os julgamentos de P03 para os itens alvo e distratores estão integralmente disponíveis no anexo 06.

Os julgamentos atribuídos durante a testagem, bem como as considerações da informante no final da tarefa (ver anexo 06), nos levam às seguintes conclusões sobre a aceitabilidade das configurações testadas:

Configurações com empilhamento verbal:

- (12) NEG final: aceitável
- [V_{manner} V_{path} **NEG**] (escopo amplo)
 - [V_{L1} V_{L2} **NEG**] (escopo amplo)
- (13) NEG interveniente: inaceitável
- [V_{L1} **NEG** V_{L2}]
- (14) ADV Inicial : aceitável
- [**ADV** V_{manner} V_{path}] (escopo amplo)
 - [**ADV** V_{L1} V_{L2}] (escopo amplo)
- (15) ADV interveniente: inaceitável
- [V_{manner} **ADV** V_{path}] (aceitável apenas com leitura de coordenação)
 - [V_{L1} **ADV** V_{L2}] (aceitável apenas com leitura de coordenação)
- (16) ADV final : aceitável
- [**ADV** V_{manner} V_{path}] (escopo amplo)
 - [**ADV** V_{L1} V_{L2}] (escopo amplo)
- (17) PRONTO final : aceitável
- [V_{manner} V_{path} **ASP**] (escopo amplo)
 - [V_{L1} V_{L2} **ASP**] (escopo amplo)

(18) PRONTO interveniente: inaceitável

- [V_{manner} **ASP** +V_{path}] (aceitável apenas com leitura de coordenação)
- [V_{L1} **ASP** V_{L2}] (aceitável apenas com leitura de coordenação)

Configurações com coordenação

(19) NEG final: aceitável

- [V₁ Coord-shift V₂ **NEG**] (escopo amplo)
- [V₁ Coord-shift V₂ **NEG**] (escopo amplo)

(20) NEG Interveniante: aceitável

- [V₁ **NEG** Coord-shift V₂] (escopo restrito)

(21) ADV inicial: aceitável

- [**ADV** V₁ Coord-shift V₂] (escopo amplo)

(22) ADV Interveniante: aceitável

- [V₁ **ADV** Coord-shift V₂] (escopo restrito)
- [V₁ **ADV** Coord-shift V₂] (escopo restrito)

(23) PRONTO (aspecto) Final: aceitável

- [V₁ Coord-shift V₂ **ASP**] (escopo amplo)

(24) PRONTO (aspecto) interveniente: aceitável

- [V₁ **ASP** Coord-shift V₂] (escopo restrito)

A tabela 18 abaixo resume as diferenças entre os dois tipos de construção.

Modificador		Coordenadas		Empilhadas	
		Simétrica	Assimétrica	Simétrica	Assimétrica
NEG	Interveniente	✓	✓	*	*
	Final	✓	✓	✓	✓
ADV	Inicial	✓	✓	✓	✓
	Interveniente	✓	✓	*	*
	Final	✓	✓	✓	✓
ASP	Interveniente	✓	✓	*	*
	Final	✓	✓	✓	✓

Tabela 18: Diferenças entre os resultados para construções empilhadas e coordenadas

Concluimos, portanto, que sentenças com verbos empilhados não têm o mesmo comportamento que coordenadas. Dado o que vimos nos capítulos 2, essas sentenças se comportam como seriadas, uma vez que: o marcador aspectual lexical, a negação e o advérbio de tempo têm escopo amplo, não podendo ocorrer em posição interveniente. Note, portanto, que as coordenadas se distanciam das CVSs por aceitarem esses elementos em posição interveniente, tendo, portanto, escopo restrito. Também, ainda que não testado, nas produções, observaram-se prosódia e marcas não-manuais de monossentenças e a sequência verbal denota um único evento. Portanto, de agora em diante, vamos tratar as estruturas com empilhamento verbal em Libras como CVSs.

Na próxima subseção discutiremos estruturas simétricas, considerando os tipos semânticos propostos por Baker & Stewart (2002), e no capítulo 6 (seção 6.2), apresentaremos a nossa proposta de análise sintática para CVSs, simétricas e assimétricas, considerando os dados de Libras coletados nessa TJAG.

5.3.

TJAG-2: resultados obtidos

A tabela abaixo descreve as notas (ver capítulo 4) atribuídas às configurações:

Design			Configurações	Item	J1	J2	J3	
Tipo de reduplicação verbal	V1copy	VL VL	C1	[V ₁ V ₂ OBJ [V _{1copy}] _{hn}]	(C1-1)	3	5	5
					(C1-2)	5	3	5
					(C1-3)	3	3	3
		VL VG	C2	[V _{manner} V _{path} OBJ [V _{manner}] _{hn}]	(C2-1)	5	5	5
					(C2-2)	5	5	5
					(C2-3)	5	4	5
		VG VL	C3	[V _{path} V _{manner} OBJ [V _{path}] _{hn}]	(C3-1)	4	5	5
					(C3-2)	4	5	5
					(C3-3)	4	5	5
	V2copy	VL VL	C4	[V ₁ V ₂ OBJ [V _{2copy}] _{hn}]	(C4-1)	5	5	5
					(C4-2)	5	4	4
					(C4-3)	4	3	5
		VL VG	C5	[V _{manner} V _{path} OBJ [V _{path}] _{hn}]	(C5-1)	5	5	5
					(C5-2)	4	5	5
					(C5-3)	4	5	5
		VG VL	C6	[V _{path} V _{manner} OBJ [V _{manner}] _{hn}]	(C6-1)	3	4	5
					(C6-2)	4	5	5
					(C6-3)	5	4	5
	V1copy +V2copy	VL VL	C7	[V ₁ V ₂ OBJ [V _{1copy} V _{2copy}] _{hn}]	(C7-1)	2	3	2
					(C7-2)	5	5	5
					(C7-3)	3	3	3
		VL VG	C8	[V _{manner} V _{path} OBJ [V _{manner} V _{path}] _{hn}]	(C8-1)	3	4	5
					(C8-2)	3	4	5
					(C8-3)	5	4	5
		VG VL	C9	[V _{path} V _{manner} OBJ [V _{path} V _{manner}] _{hn}]	(C9-1)	4	4	4
					(C9-2)	5	5	5
					(C9-3)	4	4	4

Tabela 19: TJAG-2: Nota atribuída pelo Julgamento de P03 coletados por condição

Com base nesses dados, conclui-se que Libras licencia reduplicação de V₁ nas CVSs assimétricas tipo 1, sem restrição quanto à posição do verbo de classe restrita (V_G), e nas CVSs simétricas tipo 4. Na última etapa da tarefa, a participante argumentou que as notas atribuídas à configuração [V₁ V₂ OBJ [V_{1copy}]_{hn}] foram ocasionadas por um equívoco de julgamento na etapa 1 e um por equívoco do uso do espaço de sinalização na

regravação (etapa 2). Esse resultado se aproxima da previsão obtida na fase de prospecção com o consultor P01.

A reduplicação de V_2 foi aceita em todas as configurações, incluindo configurações com V_{manner} na posição de V_2 sendo reduplicado, configuração que havia sido rejeitada por P01 na fase de prospecção. Portanto, concluímos que Libras se assemelha a LSC (BENEDICTO *et al.*, 2008), apresentando ordem flexível quanto a posição dos verbos nas CVSS assimétricas. As CVSS-sanduíches em Libras podem ter, portanto, as seguintes configurações:

- √ V_{path} V_{manner} OBJ $\langle V_{path} \rangle_{foc}$
- √ V_{manner} V_{path} OBJ $\langle V_{manner} \rangle_{foc}$
- √ V_{manner} V_{path} OBJ $\langle V_{path} \rangle_{foc}$
- √ V_{path} V_{manner} OBJ $\langle V_{manner} \rangle_{foc}$

As CVSS assimétricas com reduplicação na sequência verbal total também foram aceitas. A flutuação da nota para a configuração [V_{manner} V_{path} OBJ [V_{manner} V_{path}]_{hn}], na (C8), ocorreu, segundo P03, apenas pelo sinal de ‘escola’, sinalizado de forma reduzida (ESTUDAR) ao invés do sinal composto completo (CASA-ESTUDAR). Note que, em comparação às outras configurações, a configuração [V_1 V_2 OBJ [V_{1copy} V_{2copy}]_{hn}] recebeu nota mais baixa em todas as etapas de julgamento. P03 comentou que a repetição de ambos os verbos neste caso é desnecessária e inadequada. Para esta condição, foram testadas as sentenças em (21), onde as notas atribuídas estão entre parênteses.

- (25) a. #TIAGO_a PASSAR_{CL-roupa} VESTIR UNIFORME [PASSAR_{CL-roupa} VESTIR]_{hn}
 ‘Tiago passou (e) vestiu o uniforme, passou (e) vestiu.’
 (J1: 2 / J2: 3 / J3: 2)
- b. TIAGO_a ABRIR_{CL} LER LIVRO ABRIR_{CL} LER
 ‘Tiago abriu (e) leu o livro, abriu (e) leu.’
 (J1: 5 / J2: 5 / J3: 5)
- c. #MARCOS_a DOBRAR_{CL} GUARDAR UNIFORME [DOBRAR_{CL} GUARDAR]_{hn}
 ‘Marcos dobrou (e) guardou o uniforme, dobrou (e) guardou.’
 (J1: 3 / J2: 3 / J3: 3)

Como se vê, apenas (52b) é de fato aceitável. Nossa hipótese é que essa sentença pode ter recebido leitura indevida de coordenação, uma vez que os resultados apresentados na tabela 18 indicam não aceitabilidade da condição $[V_1 V_2 O [V_{1copy} V_{2copy}]_{hn}]$.

A TJAG-2 não inclui configurações com acréscimo de informação aspectual ou de classificador na cópia. Esses dados não foram incluídos na etapa de testagem por terem sido excluídos na fase prospecção.

De modo geral, os dados coletados na TJA-2 indicam que:

- I. Estruturas simples com reduplicação verbal existem em Libras e são estruturas de foco, corroborando com os dados de Nunes & Quadros (2004b) e de Lillo-Martin & Quadros (2005);
- II. CVSs-sanduíches, simétricas e assimétricas, também são licenciadas em Libras, com a seguinte caracterização geral:
 - a. reduplicação (cópia) parcial ou total da sequência verbal é possível
 - b. Libras se assemelha à LSC, sendo flexível na ordem dos verbos em CVSs assimétricas de movimento (verbos de *path* e *manner*)
 - c. essa flexibilidade na ordem não altera o processo de reduplicação
 - d. a forma morfossintática da cópia tem de ser idêntica à do verbo copiado
 - e. a presença da marca do foco não-manual é obrigatória na cópia
 - f. a obrigatoriedade do marcador de foco indica que tanto as sentenças simples como as CVSs-sanduíches são estruturas de foco.

Portanto, no próximo capítulo (seção 6.2), com base nos dados coletados na TJAG-2 e na contribuição de Nunes & Quadros (2004b) e de Lillo-Martin & Quadros (2005), faremos uma proposta sintática para CVSs-sanduíches.

5.4.

Mudança de perspectiva e a sequência de verbos AB

A última tarefa considerada na nossa pesquisa sobre Libras foi a verificação de construções complexas com mudança de perspectiva (verbos AB). Nosso objetivo foi verificar a existências dessas estruturas, considerando a descrição de Bellugi *et al.* (1989), apresentada no capítulo 3 (seção 3.2).

Como discutido anteriormente, as sentenças com verbos AB são estruturas com aparente reduplicação verbal em que o segundo verbo (B) expressa a ação do primeiro verbo (A) sob outra perspectiva. Os dois verbos selecionam os mesmos argumentos. No entanto, o argumento 'parte do corpo afetada'⁹⁵ é indexado ao corpo do sinalizante durante a sinalização da segunda perspectiva⁹⁶.

De acordo com Morgan *et al.* (2002), em BSL, a sinalização das duas perspectivas é obrigatória. Em contrapartida, em LIS (Slonimska & Capirci, 2019) são produtivas sentenças independentes com apenas as perspectivas dos argumentos externo e interno. Slonimska & Capirci afirmam ainda que, em menor proporção (22,73% dos dados coletados), são produtivas sentenças que tem como ponto de partida a perspectiva B, formando estruturas BA.

Bellugi *et al.* (1989) propõem que construções AB sejam analisadas como CVSs, apresentando estrutura de monossentença. Contudo, Kegl (1990), com base dados de ASL, refuta a caracterização de Bellugi *et al.* (1989), indicando que, apesar dos verbos sequenciados selecionarem os mesmos argumentos, construções AB seriam estruturas bissentenciais.

A passivização é um processo gramatical que, semanticamente, induz a perspectiva da qual o evento é visto. Na voz ativa, o argumento externo é o foco do evento descrito e tem alto grau de controle. Na voz passiva, o

⁹⁵ Morgan et al. (2002:662) assumem que é produtiva a sinalização da 'parte do corpo afetada' com um sinal lexical, como FACE, CABEÇA ou OMBRO após o verbo no lugar da indexação do argumento no corpo do sinalizante. Contudo, os autores afirmam que sinalizantes nativos da BSL adultos apresentam uma preferência pela incorporação da parte do corpo à raiz do verbo em detrimento a um sinal lexical. Devido a essa observação e por não identificarmos na literatura dados de verbos AB em que a parte do corpo é sinalizada separadamente com um sinal lexical, abandonamos essa configuração dessa pesquisa.

⁹⁶ Para mais detalhes sobre as construções com verbos AB, ver seção 3.2 do capítulo 3.

argumento externo é rebaixado sintaticamente e semanticamente (MORGAN *et al.*, 2002). A partir de hierarquia de controle pelos participantes do evento (argumentos externo e interno), Kegl (1990) pressupõem que, durante a sinalização da perspectiva A, o corpo do sinalizante co-indexa o papel do argumento externo (agente), enfatizando-o na hierarquia. Contudo, na sinalização da perspectiva B, com a mudança da marcação de corpo, por meio de *'role-shift'* (mudança de perspectiva), o corpo do sinalizante passa a indexar o argumento interno, para mostrar o argumento da *'parte do corpo afetada'*, des-enfatizando o argumento externo.

Morgan *et al.* (2002) consideram que, apesar da des-enfatização do agente, o verbo principal nas duas perspectivas mantém a semântica do agente como inicializador do evento e mantém a concordância morfossintática com o mesmo (e.g. $a\text{VERBO}_b$). Portanto, estruturas com verbos AB são estruturas complexas que apresentam mudança de perspectiva no segundo verbo, com concordância típica de voz ativa.

Não foram identificados estudos sobre Libras que ofereçam dados de sentenças com mudança de perspectiva, com verbos AB. Infelizmente, não há, também, estudos conclusivos sobre passivação de sentenças em Libras. Quadros *et al.* (2023) afirmam que não há estruturas completamente análogas às sentenças passivas nessa língua, embora a literatura aponte algumas estratégias adotadas para a sinalização dessas construções, como a topicalização do paciente (MIRANDA, 2014), a des-focalização do agente e a marcação do agente pelo pronome enfático ELE-MESMO (QUADROS *et al.*, 2023).

Investigando a compreensão por Surdos adultos de estruturas passivas em língua portuguesa na modalidade escrita, Miranda (2014) conclui que os sujeitos testados não apresentaram compreensão clara dessas estruturas, com apenas um dos participantes adotando estruturas ativas com foco no objeto como a tradução de passivas para a Libras da sentença *"a foto foi beijada pelo homem"*, como exemplificado na figura 12, exemplo (26). Entretanto, como conclui o autor, mudança de ordem não necessariamente indica passivação da estrutura.



Fig. 12: Foco do objeto como estratégia de passivação (Miranda, 2014:62)

(26) FOTO_{máquina} RETRATO_a HOMEM_b BEIJAR_{b-retrato}

‘A foto do retrato, o homem beijou.’

Testando *code-blending* (português brasileiro-Libras) em sinalizantes Codas⁹⁷, Quadros *et al.* (2023) apresentam dados de produção, incluindo passivas. Partindo da hipótese de que não há construções passivas verdadeiras na língua, os autores identificam algumas estratégias adotadas pelos participantes para a produção de sentenças análogas a essas em Libras durante o processo de *code-blending*, como sentenças com a des-focalização do sujeito com concordância neutra, exemplo (27a), e o uso de ELE-MESMO (‘por ele mesmo’) para a marcação do argumento externo (27b), embora (27b) não seja naturalmente produtiva. É importante observar, como fazem Quadros *et al.*, que as estratégias de des-focalização não resultam em estruturas passivas em Libras, embora possam sobrepôr passivas curtas em processo de *code-blending*.

(27) a. CARTEIRA HOMEM IX(ele) ROUBAR(down-up)

DV(carreira-no-bolso) man he stolen

wallet(wallet-into-pocket)

Carteira homem ele foi roubada

‘The wallet of the man was stolen.’

‘A carteira do homem foi roubada.’

⁹⁷ No estudo de Quadros *et al.* (2023) são testados participantes Codas (*children of deaf adults*), bilíngues bimodais, que cresceram em ambiente familiar em que em pelo menos um dos pais é um surdo sinalizante.

b. DEM	LIVRO	ESCREVER
<i>that</i>	<i>book</i>	<i>write</i>
<i>aquele</i>	<i>livro</i>	<i>escrito</i>
ELE-MESMO		FS (Machado)
<i>by-himself</i>		<i>m-a-c-h-a-d-o</i>
		<i>Machado</i>

‘That book was written by Machado.’

‘Aquele livro foi escrito por Machado.’

(QUADROS *et al*, 2023:120)

Dada a escassez de estudos sobre a passivização em Libras, em nossa investigação procuramos responder as questões:

- I. Como são estruturas passivas em Libras?
- II. Sentenças com verbos AB são produtivas em Libras?
- III. Se sim, apenas verbos transitivos com argumentos indexados no corpo (na perspectiva) licenciam tais construções, ou podem ocorrer com outros tipos de verbos?
- IV. São produtivas as perspectivas A, B, AB e BA?
- V. Essas se comportam como CVSs, como argumenta Bellugi *et al.* (1989), ou sentenças bissentencias com a passivação da segunda sentença (cf. KEGL, 1990)?

Para responder a essas perguntas, projetamos uma terceira tarefa de julgamento de aceitabilidade gramatical dentro do escopo da nossa pesquisa.

Prospecção de dados

Na fase de prospecção de dados, foram realizadas duas seções de consulta com P01. Na primeira seção, analisamos a produtividade de sentenças com verbos AB na língua, considerando as configurações e os tipos de verbos licenciados. Retomando a proposta de Kegl (1990), verificamos também sentenças na voz ativa plenamente aceitável em

Libras, e os processos de ‘passivização’ dessas sentenças por meio de *role-shift*, acompanhado de marcas não manuais explícitas, como direcionalidade do olhar e da cabeça. Na segunda seção, com base na literatura sobre seriadas AB, apresentamos três contextos amplos em Libras, dos quais foram elaboradas treze sentenças com verbos AB com o argumento ‘parte do corpo afetada’ indexado ao corpo do sinalizante durante a sinalização da perspectiva B.

Para a primeira seção com P01, foram elaborados cinco microcontextos envolvendo uma mãe e um filho em diferentes situações. Ancorados nesses contextos, sentenças com cinco tipos de verbos (um para cada microcontexto) foram testados em diferentes configurações: ativa (perspectiva A); possível passiva (perspectiva B) com e sem argumento externo adjunto; perspectiva AB e perspectiva BA com e sem o argumento externo. Para as estruturas com mudança de perspectiva foram testados pares com e sem a rotação do tronco ‘*role-shift*’. A amostra que compôs o conjunto de dados testados continha um verbo transitivo sem concordância (AMAR), um verbo transitivo com concordância regular (AJUDAR), um verbo bitransitivo com concordância regular (DAR), um verbo com concordância reversa (BUSCAR) e um verbo classificador (BATER). Para o verbo classificador, em construções passivas, AB e BA, considerou-se a presença e a ausência do argumento ‘parte do corpo afetada’. Os dados testados estão apresentados abaixo, exemplos (28)-(32)⁹⁸.

⁹⁸ Para os verbos de concordância, adotamos os índices (1) e (2) para marcar a concordância gramatical estabelecida pelo verbo ao invés da concordância espacial (a) e (b) para que o dado seja reportado com maior precisão. Portanto, para a apresentação dos dados da prospecção de dados de sequências AB, os verbos apresentarão a notação [1VERBO₂].

TJA-3: contextos de background	
Microcontextos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Uma mulher adotou uma criança. Ela ama muito a criança como um filho. Mas, a criança, não a ama. 2. A criança chegou em casa com dever de casa para fazer. Ela pediu ajuda para a mãe. 3. A escola ligou para a mãe e pediu para que buscasse seu filho na escola, pois brigou com os amigos. 4. Por causa da briga, quando chegou em casa, a mãe disciplinou o menino, batendo nele. 5. Para melhorar o comportamento de seu filho, a mãe comprou e deu um livro de orientações para ele.

Tabela 20: TJAG-3: *Microcontextos para a verificação de estruturas ativas, passivas e AB.*

- (28) MÃE_a AMAR IX_b FILHO_b
'A mãe ama o filho.'
- (29) a. MÃE_a ₁AJUDAR₂ FILHO_b
'A mãe ajudou o filho.'
b. FILHO_b MÃE_a ₁AJUDAR₂
'O filho, a mãe ajudou.'
- (30) a. MÃE_a ₁DAR₂ LIVRO_c FILHO_b
'A mãe deu um livro para o filho.'
b. LIVRO MÃE_a ₁DAR₂ FILHO_b
'Um livro, a mãe deu para o filho.'
- (31) MÃE_a ₂BUSCAR₁ FILHO_b
'A mãe buscou o filho.'
- (32) a. MÃE_a ₁BATER₂ FILHO_b
'A Mãe bateu no filho.'
b. MÃE_a FILHO_b ₁BATER₂
'A mãe, no filho, bateu.'

As sentenças na perspectiva A (voz ativa), foram plenamente aceitas, especialmente de ordem SVO, como previsto por Quadros & Karnopp (2004). Sentenças com topicalização, como em (29b), (30b) e (32b), também foram consideradas gramaticais.

Todas as sentenças na voz ativa mantiveram a posição do tronco do sinalizante em posição neutra, mantendo a perspectiva A. Ainda que a mudança de ordem básica ocorra, com a promoção estrutural do argumento interno, como em (29b), a interpretação se mantém na perspectiva A, com topicalização. Em conformidade às observações de Janzen *et al.* (2001) para a ASL, e de Miranda (2014) para a Libras, notamos que a mudança de posição dos argumentos não resulta em passivação nessas nas LSs.

Estudos em LSs identificam o *role-shift* como um marcador de mudança de perspectiva e, possivelmente, de passivação de sentenças. Assim, testamos, para cada tipo de verbo considerado acima, sentenças com mudança de perspectiva (*role-shift*⁹⁹) com a presença e a ausência do argumento externo. Em sentenças em que o agente não é claramente identificado, como em (33a) à (37a), tem-se uma leitura de sujeito nulo indeterminado (*e.g.*, ALGUÉM), não explícito na posição de sujeito, como discutido por Leeson & Saeed (1999), para a LSI e Barberà & Hofherr (2015) para a LSC. Adotamos, ainda, sentenças com o marcador IX-MESMO seguido do dêitico IX para manter uma marcação explícita do papel do agente na sentença, como na pesquisa de Quadros *et al.* (2023). As sentenças testadas e os julgamentos de P01 estão exemplificadas em (33)-(37), e estão disponíveis integralmente com as respostas de P01 no anexo 10.

- (33) a. * FILHO_b [RS-b AMAR]
 ‘O filho é amado.’
 b. * FILHO_b [RS-b MÃE_a AMAR]
 ‘O filho, pela mãe, é amado.’
 c. * FILHO_b [RS-b AMAR IX-MESMO IX_a MÃE_a]
 ‘O filho é amado pela mãe (por ela mesma).’

- (34) a. * FILHO_b [RS-b 2AJUDAR₁]
 ‘O filho foi ajudado.’

⁹⁹ Para a reportar os dados testados, adotamos [RS-x] para identificar a ocorrência de role-shift, trocando a perspectiva para o referente marcado com o índice (x).

- b. * FILHO_b [_{RS-b} MÃE_a 2AJUDAR₁]
 ‘O filho, pela mãe, foi ajudado.’
- c. * FILHO_b [_{RS-b} 2AJUDAR₁ IX-MESMO_a IX_a MÃE_a]
- (35) a. *LIVRO_c FILHO_b [_{RS-b} 2DAR₁]
 ‘O livro, para o filho, foi dado.’
- b. *LIVRO_c FILHO_b [_{RS-b} 2DAR₁MÃE_a]
 ‘O livro, para o filho, foi dado pela mãe.’
- c. *LIVRO_c FILHO_b [_{RS-b} 2DAR₁ IX-MESMO_a IX_a MÃE_a]
 ‘O livro, para o filho, foi dado pela mãe (e foi por ela mesma).’
- (36) a. * FILHO_b [_{RS-b} 1BUSCAR₂]
 ‘O filho foi buscado.’
- b. * FILHO_b [_{RS-b} 1BUSCAR₂IX- MESMO_a IX_a MÃE_a]
 ‘O filho foi buscado pela mãe (e foi por ela mesma).’
- c. * FILHO_b [_{RS-b} 1BUSCAR₂MÃE_a]
 ‘O filho foi buscado pela mãe.’
- (37) a. * FILHO_b [_{RS-b} 2BATER₁]
 ‘O filho foi batido.’
- b. * FILHO_b [_{RS-b} 2BATER₁ -no.ombro]
 ‘O filho foi batido no ombro.’
- c. * FILHO_b [_{RS-b} 2BATER₁ MÃE_a]
 ‘O filho foi batido pela mãe.’
- d. * FILHO_b [_{RS-b} 2BATER₁ IX-MESMO_a IX_a MÃE_a]
 ‘O filho foi batido pela mãe (foi por ela mesma).’
- e. FILHO_b MÃE_a [_{RS-b} 2BATER₁ -no.ombro]
 ‘O filho, pela mãe, foi batido no ombro.’

Os dados em (38)-(42) exemplificam, no item (a), sentenças com verbos AB prototípicas. No item (b), há a mudança da ordem, gerando uma leitura BA, a qual é possível em LIS (SLONIMSKA & CAPIRCI, 2019). Foram apresentadas à P01 estruturas com verbos transitivos complexos na perspectiva AB e BA, com a ausência do argumento externo, as quais foram julgadas inaceitáveis. Os dados abaixo apresentam apenas as possíveis construções AB e BA típicas, com os argumentos explícitos na

perspectiva A, com estrutura ativa, aceita previamente por P01, e os argumentos encobertos na perspectiva B.¹⁰⁰

- (38) a. *MÃE_a AMAR IX_b FILHO_b [RS-b AMAR]
 ‘A mãe ama o filho, (o filho) é amado.’
 b. * [RS-b AMAR] MÃE_a AMAR IX_b FILHO_b
 ‘(O filho) é amado, a mãe ama o filho.’
- (39) a. *FILHO_b MÃE_a ₁AJUDAR₂ [RS-b ₂AJUDAR₁]
 ‘O filho, a mãe ajudou, (o filho) foi ajudado.’
 b. * [RS-b ₂AJUDAR₁] FILHO_b MÃE_a ₁AJUDAR₂
 ‘(O filho) foi ajudado, o filho, a mãe ajudou.’
- (40) a. *LIVRO_c MÃE_a ₁DAR₂ FILHO_b [RS-b ₂DAR₁]
 ‘O livro, a mãe deu para o filho, (o livro) foi dado (para o filho).’
 b. * [RS-b ₂DAR₁] LIVRO_c MÃE_a ₁DAR₂ FILHO_b
 ‘(O livro) foi dado (para o filho), o livro, a mãe deu para o filho.’
- (41) a. *MÃE_a ₂BUSCAR₁ FILHO_b [RS-b ₁BUSCAR₂]
 ‘A mãe buscou o filho, (o filho) foi buscado.’
 b. * [RS-b ₁BUSCAR₂] MÃE_a ₂BUSCAR₁ FILHO_b
 ‘(O filho) foi buscado, a mãe buscou o filho’
- (42) a. MÃE_a FILHO_b ₁BATER₂ [RS-b ₂BATER_{1-no.ombro}]
 ‘A mãe, no filho, bateu, (o filho) foi batido no ombro.’
 b. * [RS-b ₂BATER_{1-no.ombro}] MÃE_a FILHO_b ₁BATER₂
 ‘(O filho) foi batido no ombro, a mãe, no filho, bateu.’

Dos dados apresentados ao consultor P01, apenas a sequência verbal AB em (42a) foi plenamente aceita. P01 ainda ressaltou a necessidade da mudança de perspectiva por meio de *role-shift* para a introdução do argumento parte do corpo (‘no ombro’), sendo agramatical a sinalização da sentença sem a marcação não-manual da rotação do tronco para a mudança de perspectiva.

¹⁰⁰ As sentenças testadas, e o julgamento de P01, estão integralmente disponíveis no anexo 10.

Com o dado necessário para identificarmos uma sequência de AB em Libras, realizamos uma segunda seção com P01. Nessa, apresentamos três contextos de *background*, seguidos de sentenças AB com os verbos classificadores BATER, BEIJAR, ACARICIAR, BELISCAR, ARRANAHR, ESPETAR, MORDER, DAR-INJEÇÃO, PISAR, ESFAQUEAR, SEGURAR, PUXAR, ATIRAR e com o acréscimo do argumento ‘parte do corpo’ em V₂ após a marcação de mudança de perspectiva *role-shift*. Nessa prospecção, buscamos verificar se estruturas do tipo AB tem produtividade na língua. Os dados abaixo ilustram as sentenças apresentadas.

- (43) MÃE_a ₁BEIJAR₂ FILHO_b [_{RS-b} ₂BEIJAR_{1-testa}]
 ‘A mãe beijou o filho (e ele foi) beijado na testa.’
- (44) MENINO_a ₁MORDER₂ MENINA_b [_{RS-b} ₂MORDER_{1-antebraço}]
 ‘O menino mordeu a menina (e ele foi) mordido no braço.’
- (45) BANDIDO_a ₁SEGURAR₂ MULHER_b [_{RS-b} ₂SEGURAR_{1-cabelo}]
 ‘O bandido segurou a mulher (e ela foi) segurada no braço.’

Todas as sentenças foram plenamente aceitas por P01.

Assim, a verificação com P01 nos leva às seguintes observações:

- i. Sentenças ativas (perspectiva A) são plenamente aceitas, com preferência pela ordem SVO
- ii. A promoção do objeto para uma posição mais alta na estrutura não resulta em leitura na perspectiva B; ou seja, não é passivização
- iii. Sentenças AB não ocorrem com verbos sem concordância (e.g. AMAR), com concordância regular transitiva (e.g. AJUDAR) e bitransitiva (e.g. DAR) e com concordância reversa transitiva (e.g. BUSCAR)
- iv. Sentenças BA não são produtivas em Libras;
- v. Apesar da mudança de perspectiva para B, o verbo em sentenças AB mantém sua concordância na voz ativa;
- vi. Sentenças AB ocorrem com verbos classificadores, exigindo na perspectiva B, a indexalização do argumento ‘parte do corpo

afetada' no corpo do sinalizante e a mudança de perspectiva *role-shift* (e.g. BATER, BATER, BEIJAR, ACARICIAR, BELISCAR, ARRANAHR, ESPETAR, MORDER, DAR-INJEÇÃO, PISAR, ESFAQUEAR, SEGURAR, PUXAR, ATIRAR¹⁰¹).

Consideramos como configuração AB prototípica para a Libras a ordem: [S_a 1V₂ O_b [RS-b 2V₁-parte-do-corpo-afetada]], onde o *role-shift* é obrigatório, a sinalização de mudança de perspectiva AB não é obrigatória, sendo a produção independente tanto da perspectiva A quanto da perspectiva B. Ainda, sentenças complexas com perspectiva BA são inaceitáveis para todos os tipos de verbos testados.

Portanto, na fase prospecção, concluímos que sentenças com verbos AB, em Libras não são da mesma natureza que o fenômeno em investigação nessa tese. Desse modo, considerando o tópico da nossa pesquisa e questões relativas ao tempo de execução da investigação proposta, decidimos não levar adiante a coleta de dados para o tipo de sentenças em questão, ficando a continuação da descrição e análise do fenômeno para pesquisas futuras.

5.5.

Conclusões do capítulo

Relatamos neste capítulo os resultados obtidos das tarefas de julgamento de aceitabilidade gramatical realizadas para a obtenção de dados empíricos da Libras sobre as construções com verbos seriados nessa língua.

Identificamos na TJAG-1 que CVSs simétricas e assimétricas em Libras são produtivas e que não apresentam o mesmo comportamento de coordenadas encobertas (ver tabela 18 na seção 5.1.). Em CVSs em Libras, a negação, os advérbios de tempo e os marcadores lexicais de aspecto apresentam escopo amplo sobre toda a sentença, não podendo

¹⁰¹ A lista de verbos nessa conclusão não esgota os verbos que licenciam as construções com verbos AB. Citamos aqui apenas os verbos testados na fase de verificação de dados com P01.

ocorrer na posição interveniente. Em contraste, modificadores em coordenadas são aceitáveis também em posição interveniente e apresentam escopo restrito. Além disso, embora coordenadas possam empilhar verbos no mesmo *locus* espacial à frente do sinalizador, assim como em nossa hipótese para CVSs, nessas é evidente uma breve pausa seguida de marcadores prosódicos de fronteira sentencial, enquanto em CVSs há a manutenção de marcas não-manuais de monossentenças.

Na TJAG-2 os resultados sugerem que em Libras a reduplicação (cópia) de um dos, ou de ambos, verbos (*i.e.*, CVSs-sanduíche) é aceitável, desde que a cópia seja idêntica ao verbo copiado e acompanhada pela saliência de um marcador não-manual de foco enfático. A obrigatoriedade do marcador de foco na cópia nos dá indícios de que a reduplicação verbal em CVSs se distancia das construções tradicionalmente conhecidas como construções sanduíche (FISCHER & JANIS, 1990; MATSUOKA, 1997, 1999) e se aproximam de estruturas de foco (NUNES & QUADROS, 2004b; LILLO-MARTIN & QUADROS, 2005). Discutiremos a implicação dessa conclusão mais adiante no capítulo 6, reconfigurando a proposta de CVSs-sanduíche proposta por Benedicto *et al.* (2008). Quanto a sua configuração, em CVSs simétricas, a ordem da disposição dos verbos na série e de da cópia deve manter uma relação icônica da ocorrência dos subeventos denotados, enquanto para CVSs assimétricas, especificamente CVSs de movimento, a ordem entre V_{manner} e V_{path} é flexível.

Optamos por não prosseguir com a testagem da terceira tarefa proposta, uma vez que, na fase de prospecção de dados com P01, identificamos que as construções com verbos AB em Libras não se assemelham às CVSs, como previsto por Bellugi *et al.* (1989), pois sua configuração se assemelha às construções bissentenciais. Entretanto, essas estruturas não se aproximam, também, da configuração [ativa_{perspectiva-A} + passiva_{perspectiva-B}], como proposto por Kegl (1990) para a ASL, uma vez que o verbo da segunda partícula mantém a grade argumental de estruturas ativas. Além disso, a passivação de sentenças não foi identificada na literatura em Libras (MIRANDA, 2014; QUADROS *et al.*, 2023) ou em nossa testagem. Portanto, a natureza de estruturas com verbos AB em Libras permanece desconhecida.

No próximo capítulo retomaremos as principais análises sintáticas das CVSs em línguas orais e de sinais, adicionando, ao final, nossa proposta teórica considerados os dados de Libras, relatados este capítulo.

6.

A periferia do vP em construções com verbos seriados

Neste capítulo apresentamos uma análise sintática das CVSs, com foco nos dados de Libras, mas, iremos, antes de esboçar a nossa proposta (6.2), discutir algumas propostas anteriores, de modo a tecer um panorama geral dos desenvolvimentos teóricos na análise das e sobre as CVSs (6.2).

6.1. Análises anteriores

À luz de operações transformacionais, Stewart (1963), propõe que, nos casos em que múltiplos verbos transitivos estão linearmente adjacentes, compartilhando o mesmo objeto, ocorre o 'efeito de apagamento do objeto' (*Object Deletion Effect*). O objeto direto de V_2 ($V_3...V_n$) é apagado no componente transformacional. O autor toma, como evidência para a análise, dados do yorùbá (nigero-congolesa, Nigéria), como (1).

- (1) Wón bù omi mu
 they pour water drink
 eles derramar água beber

'They poured water and drank it.'

'Eles derramaram água (e) beberam.'

(STEWART, 1963, *appud* COLE, 2016:17)

Embora a análise de Stewart seja pioneira, sendo a primeira análise formal sobre as CVSs, ela foi, dentro do modelo de Regência e Ligação, descartada por estar na contramão do Princípio de Projeção (1981).¹⁰² Desde então, diferentes análises teóricas buscaram explicar as CVSs à luz

¹⁰² Princípio da Projeção (*The Projection Principle* - CHOMSKY 1981: 38):

- Suponha que α seja uma categoria lexical e β esteja na posição de um argumento;
- Se β é um constituinte imediato de uma projeção de nível de uma barra de α em algum nível sintático, então α θ -marca β em α^0 ;
- Se α θ -marca β como uma propriedade lexical, então α θ -marca β em todos os níveis sintáticos.

da teoria gerativa, propondo diferentes configurações sintáticas, ora com base em uma língua específica, ora com base em observações translinguísticas.

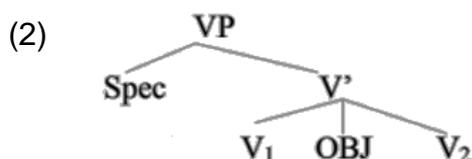
Nas próximas seções discutiremos as principais análises sintáticas das CVSs, considerando: (a) estruturas com ramificação ternária (seção 6.1.1); (b) estruturas com adjunção de SVs (seção 6.1.2); (c) estruturas com concha verbal (*vP shell* – LARSON (1988)) (seção 6.1.3); e (c) estruturas de concha verbal com especificação de núcleos funcionais (seção 6.1.4).

Essas configurações mapeiam duas operações sintáticas distintas propostas no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2004): concatenação de conjuntos (*set merge*) e concatenação de pares (*pair merge*). Estruturas sintáticas de coordenação e de adjunção resultam da concatenação de pares (*pair merge*), enquanto a subordinação é resultante de uma operação de concatenação de conjuntos (*set merge*), onde um dos constituintes é projetado, definindo o rótulo do conjunto formado.

6.1.1.

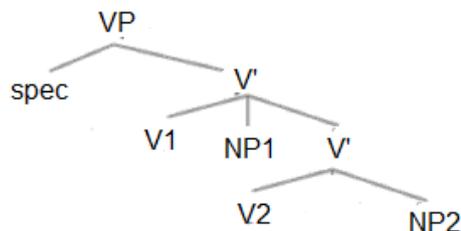
Ramificação ternária

Baseando-se em dados de línguas orais, Jansen *et al.* (1978), Sebba (1987) e Baker (1989) sugerem que as CVSs são estruturas com ramificação ternária, como em (2 - BAKER (1989)).



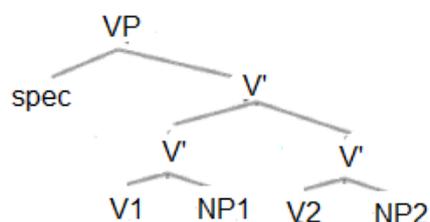
Baker pressupõe que essas são estruturas onde núcleos verbais projetam um único SV, com compartilhamento dos argumentos internos. Nessa configuração, o compartilhamento do objeto é obrigatório (ver seção 2.2.6), sendo atribuído papel temático de maneira dupla pelos dois verbos. Note que essa análise não elimina a ocorrência de verbos com valências diferentes. A estrutura em (3), por exemplo, abre a possibilidade de V₂ ser bitransitivo, compartilhando apenas o NP₁, objeto direto, com V₁.

(3)



Para estruturas semelhantes que descrevem eventos distintos, Baker (1989) as tratou como *coordenadas encobertas*, propondo para elas a estrutura em (4), onde não ocorre compartilhamento de argumentos.¹⁰³

(4)



Adgedor (1994) aponta corretamente que CVSs assimétricas são um problema para a análise de Baker, já que não há compartilhamento de argumento interno. Considere, para efeito de exemplificação, o dado em (5) de ewe (nigero-congolesa). Na proposta de Baker, a estrutura de (5) seria uma CVS sem argumento interno ou uma coordenada encoberta? Não é claro como o autor distingue essas duas possibilidades.

- (5) Xevia dzò dzó
bird the fly go
pássaro o voar ir
 'The bird flew away'
 'O pássaro voou.'

(AGBEDOR, 1994:124)

¹⁰³ Baker (1989) ajusta o Critério *Theta* (CHOMSKY, 1981) para permitir que V_1 e V_2 atribuam papel- θ para o argumento interno de V_1 e argumento externo de V_2 , como na estrutura em (2), mas, essa alteração não dá conta de prever a atribuição exata dos papéis *Theta* em sentenças com a configuração de (4).

A análise de Baker (1989) foi também fortemente criticada (ver BYRNE, 1991; AGBEDOR, 1994; COLLINS, 1997; DURIE, 1997; ABOH 2009, 2018), pelo fato das CVSs não se assujeitarem à restrição de estrutura coordenada (CSC), discutida na seção 2.2.1, exemplificada novamente em (6 - saramaccan (língua crioula, Suriname), por conveniência.

(6) a. Andíi a téi t_i kóti dí beée?

what 3SG take cut DET bread

a que 3SG pegar cortar DET pão

‘What did he cut the bread with?’

‘Com o que ele cortou o pão?’

b. Andíi a téi dí fáka kóti t_i?

what 3SG take DET knife cut

o.que 3SG take DET knife cut

‘What did he cut with the knife?’

‘O que ele cortou com a faca?’

(VEENSTRA & MUYSKEN, 2017:34)

Isto é, as diferenças entre as estruturas sintáticas propostas por Baker não explicam por que as CVSs, mas não as coordenadas, são insensíveis à CSC.

Ainda, com base em dados do gungbe (nigero-congolesa, Nigéria), Aboh (2009, 2018) argumenta que a restrição do compartilhamento do argumento interno não pode ser uma condição para a formação de uma CVS. Aboh (2009) oferece evidências de que há mais posições sintáticas entre V_1 e V_2 do que é previsto na análise de Baker, podendo ocorrer argumentos internos, marcadores TAM, advérbios, pronomes (clíticos), e a negação como vimos acima (subseção 2.2.5.2).

Outro problema empírico contra a estrutura sintática em (2) - (4) é a retomada pronominal dos argumentos interno e/ou externo. Considere, como exemplo, o dado em (7) de ghómálá’ (nigero-congolesa, Camarões).

A estrutura ternária em (2) não tem posição para o pronome resumptivo 'é', que ocorre pós- V₂, como no dado em (7).

- (7) Tǎnjê γèm Símō fwó é
Tagne arrest Simo hit 3SG.ACC
Tagne prender Simo bater 3SG.ACC
 'Tagne arrests Simo and hits him.'
 'Tagne prende Simo (e) bate nele.'

(MOKAM FOKO, 2020:25)

A análise de Baker apresenta ainda desvantagens teóricas, já que ramificações ternárias, além de violarem a binaridade estrutural (KAYNE, 1984), implica em parametrização por tipo de estrutura, línguas que licenciam ramificações ternárias (*i.e.*, línguas licenciadoras de CVSs) e línguas que não licenciam (*i.e.*, línguas não licenciadoras de CVSs). Como aponta Larson (1991), uma parametrização por tipo de ramificação implica em prever erroneamente que línguas que licenciam CVSs licenciam também ramificações ternárias em outros domínios estruturais, como sintagmas determinantes (SDs) e de sintagmas preposicionados (SPs).

6.1.2.

CVSs como estruturas de adjunção

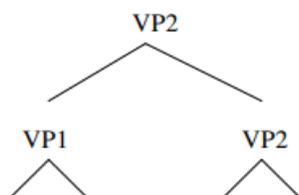
Apesar das críticas apontadas à proposição de Baker (1989), pesquisas posteriores, baseadas exclusivamente em línguas orais, apresentaram propostas teóricas mantendo uma configuração similar à configuração de coordenação (*e.g.*, AGBEDOR, 1994; BAKER & STEWART, 2002; MUYSKEN & VEENSTRA, 2006). Muysken & Veenstra (2006) argumentam que as restrições impostas pelos efeitos de ilha se aplicariam apenas às estruturas com coordenação simétrica, desaparecendo em coordenações assimétricas. Muysken & Veenstra sugerem, portanto, que CVSs são estruturas coordenadas assimétricas.

Nas análises mais recentes, a estrutura de coordenadas assimétricas envolve a adjunção de constituinte, criando uma relação

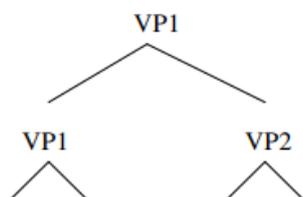
hierárquica entre eles, como proposto por Munn (1992)¹⁰⁴. Esse refinamento nas estruturas de coordenação contribui para a reconfiguração da proposta de Baker (1989), considerando o segundo componente verbal como adjunto ao primeiro, e o compartilhamento de argumentos como resultante de operadores nulos (HALE, 1991; LARSON, 1991; LAW & VEENSTRA, 1992; VEENSTRA, 1993; MUYSKEN & VEENSTRA, 1995; MUYSKEN & VEENSTRA, 2006).

Pressupondo-se uma análise de adjunção de SVs, existem duas estruturas possíveis para as CVSs: (8), em que SV₁ é adjunto de SV₂, ou (9) em que SV₂ é adjunto de SV₁:

(8) Adjunção de SV₁ a SV₂



(9) Adjunção de SV₂ a SV₁

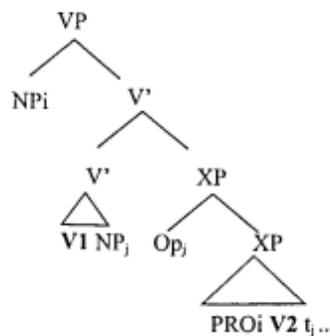


Considerando que os elementos com posição mais alta na estrutura sintática dominam os nódulos mais baixos, a diferença entre (8) e (9) resulta em diferentes restrições sintáticas entre os componentes do SV. Muysken & Veenstra (1995) defendem que (8) seria adequada para representar as CVSs, devido à possibilidade do argumento interno de V₁ servir como antecedente para um pronome na posição de objeto de V₂.

¹⁰⁴ É importante ressaltar que a diferença entre coordenação e adjunção é tênue e ainda em desenvolvimento. Munn (1992) sugere que coordenadas são estruturas de adjunção.

Mantendo a hipótese de compartilhamento do objeto de Baker (1989), muitas das propostas de adjunção sugerem que o compartilhamento do argumento interno de V_1 é mediado por um operador nulo co-indexado com o objeto de V_1 e adjungido ao predicado encabeçado por V_2 , como representado em (10) (LAW & VEENSTRA, 1992; VEENSTRA, 1993; BENEDICTO *et al.*, 2008). Larson (1991), Law & Veenstra (1992), Hale & Keyser (1993) e Baker & Stewart (1999, 2002), Muysken & Veenstra (2006) também defendem a mesma análise. Observe que, em (10), o compartilhamento de argumento externo também é realizado via inserção, na posição mais baixa ([spec, SX]), de uma categoria vazia (PRO) controlada pelo argumento externo de V_1 .

(10) (BENEDICTO *et al.*, 2008:114)



Análises de adjunção de V_2 a V_1 têm sido rejeitadas a partir de argumentos sintático-semânticos (PAUL, 2008; CLEARY-KEMP, 2015). Com base em dados de koro (sino-tibetana, Índia), Cleary-Kemp (2015) argumenta que as estruturas com adjunção não apresentam os efeitos esperados. Deveria se esperar que os adjuntos fossem permutáveis nesse tipo de estrutura, o que não ocorre em CVSs assimétricas, onde a inversão entre V_1 e V_2 é agramatical, podendo V_2 ser um verbo direcional, como exemplificado em (11).

(11) a. you \emptyset ngap i mul le kor
 1SG.SUJ REAL run REAL:3SG return go.to village
 1SG.SUJ REAL correr REAL:3SG voltar ir.para vilarejo

- b. *you \emptyset ngap le kor i mul
 1SG.SUJ REAL run go.to village REAL:3SG return
 1SG.SUJ REAL correr ir.para vilarejo REAL:3SG voltar
 ‘I ran back to the village’
 ‘Eu voltei correndo para o vilarejo.’

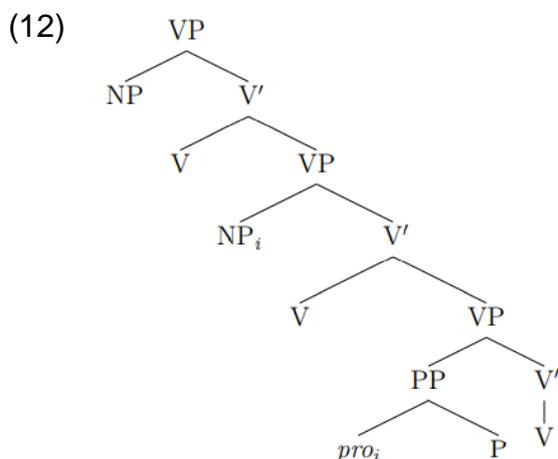
(CLEARY-KEMP, 2015:235)

Embora os dados de Libras indiquem que os componentes verbais de uma CVS assimétrica podem permutar de lugar (ver seção 6.2), a observação de Cleary-Kemp é pertinente. Consideramos ainda que, de modo geral, as estruturas de adjunção fazem uso *ad hoc* de categorias vazias (operadores nulos e PRO), não apresentando justificativas ou evidências independentes para a inserção delas na estrutura proposta.

6.1.3.

CVSs como subordinação de SVs

A análise de CVSs como subordinação de SVs tem sido adotada e refinada por diversos pesquisadores, como Larson (1991) Collins (1997), Nishiyama (1998), Stewart (2001), Carstens (2002), Baker & Stewart (2002) e Collins (1997, 2002). Nessas análises, as CVSs são derivadas da operação de concatenação de pares (*pair merge*), onde V_2 é complemento de V_1 , como em (12), estrutura proposta por Collins (1997).



Collins (1997) aborda o compartilhamento do argumento interno por meio de controle obrigatório de um pronome nulo (*pro*), ‘desplanificando’ a ramificação ternária de Baker (1989)¹⁰⁵. O autor justifica a presença de *pro* na posição de argumento interno de V₂ com base nos dados de ewe (nigero-congolesa, Gana), onde se observa a presença da partícula *yi*, atribuidora de Caso inerente à sintagmas nominais.

- (13) me nya ãevi-E dzo (yi)
 I chase child-DEF leave yi
 eu perseguir criança-DEF deixar yi
 ‘I chased the child away.’
 ‘Eu afastei a criança.’

(COLLINS, 1997:470)

Essa partícula é opcional, mas Collins pressupõe que ela está sempre presente (quando nula é representada pela categoria *p*, como em (12)), mesmo que fonologicamente nula, sendo necessário para atribuição/marcação de caso inerente a *pro*.

Baker & Stewart (2002), analisando dados da língua edo (nigero-congolesa, Nigéria), seguem uma abordagem semelhante, propondo a inserção de categorias vazias em posições argumentais de CVsS consequenciais e de finalidade. Para os autores, CVsS apresentam variação estrutural que resulta em relações semânticas distintas, podendo ser resultativas (14), consequenciais (15) e de finalidade (propositivas) (16).¹⁰⁶

- (14) Ozo gha gbe ewe wu
 Ozo FUT hit goat die
 Ozo FUT bater cabra morrer
 ‘Ozo will strike the goat dead.’
 ‘Ozo bater na cabra (e) (ela) morrerá.’

(BAKER & STEWART, 2002:3)

¹⁰⁵ Ver Larson (1991), Nishiyama (1998), Stewart (2001) e Collins (1997, 2002).

¹⁰⁶ Para mais detalhes dessas construções ver Baker & Stewart (2002).

- (15) Musa du etsi kun
 Musa cook yam sell
 Musa cozinhar inhame vender
 'Musa cooked a yam and sold it.'
 'Musa cozinhou o inhame (e) vendeu.'

(BAKER & STEWART, 2002:2)

- (16) Musa wan nangi ya tsigbè
 Musa catch goat give medicine
 Musa pegar cabra dar remédio
 'Musa caught a goat to give it medicine.'
 'Musa pegou uma cabra (para) dar remédio'

(BAKER & STEWART, 2002:3)

Os autores sugerem que as CVSs resultativas são construções subordinadas, enquanto as consecutivas e as de finalidade são estruturas de adjunção com uma categoria nula na posição do argumento interno de V_2 .¹⁰⁷ Embora a proposta dos autores cubra um conjunto amplo de línguas onde se observam estruturas semanticamente semelhantes (CLEARY-KEMP, 2015:226), assumir um conjunto distinto de análises para um fenômeno multifacetado sugere não haver uma estrutura sintática específica para as CVSs, tornando sua caracterização por demais ampla.

A proposição de categorias nulas foi muito produtiva em análises usando o arcabouço da teoria da Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981, 1986), mas compreender a natureza destas categorias, como exigido pelo Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), tornou-se um problema. Por exemplo, a natureza do *pro* controlado proposto por Collins não é clara. Primeiro, não é claro que essas línguas sejam de objeto nulo, assim como não é claro que o suposto *pro* se comporte como um elemento controlado em outras estruturas. Do ponto de vista estrutural, a análise de Collins não é compatível com uma configuração de controle, já que o antecedente do

¹⁰⁷ Em contraste a Baker (1989) que trata o fenômeno de modo unificado, Stewart (1998) e Baker & Stewart (1999, 2002) fornecem evidências de que as CVSs não parecem ser um tipo exclusivo de construção, mas parecem manifestar diferentes estruturas.

- d. *GIRL RUN QUICKLY ^{puffed cheek} be_towards_a+CL_SEM: a_human_entity
 MENINA CORRER RÁPIDO está_para_a+CL_SEM:entidade_humana
 (escopo sobre SV₂)
 ‘The girl ran quickly.’
 ‘A menina correu rapidamente.’

(LAU, 2012:382)

A gramaticalidade entre (18a) e (18b) é tomada como evidencia para a análise de subordinação proposta por Lau (2012).

- (18) a. SISTER EGG-CAKE BUY ₀GIVE₃ MOTHER
 IRMÃ OVO-BOLO COMPRAR ₀DAR₃ MÃE
 ‘The sister bought a birthday cake (and) gave (it) to mother.’
 ‘A irmã comprou um bolo de aniversário (e) deu (ele) para a mãe.’

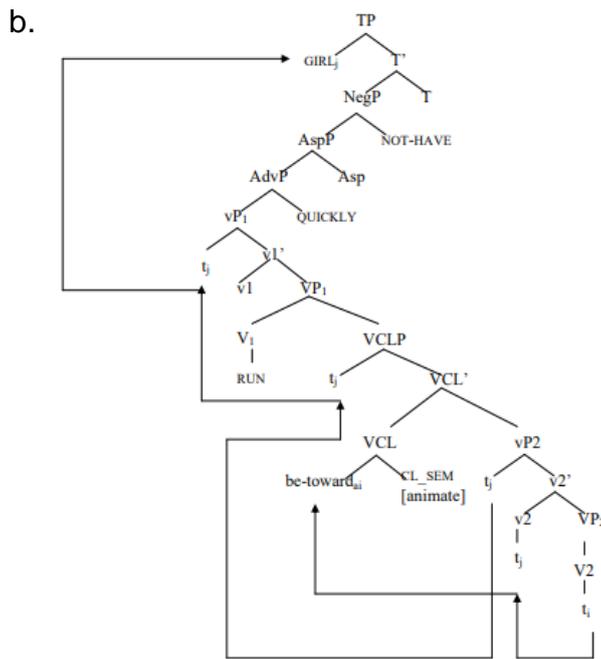
- b. *SISTER EGG-CAKE BUY
 IRMÃ OVO-BOLO COMPRAR

(LAU, 2012:393)

De acordo com Lau, CVSs de movimento (19) têm a estrutura subjacente em (19b). Lau adota a teoria de Hosntein (2001) de movimento para a posição temática, derivando, assim o compartilhamento do argumento externo entre V₁ e V₂. Voltaremos a proposta de Lau, na seção 6.2, onde apresentamos a nossa análise, que também pressupõe movimento para posição temática.

- (19) a. GIRL RUN be_towards_a+CL_SEM: a_human_entity QUICKLY
 MENINA CORRER está_para_a+CL_SEM:entidade_humana RÁPIDO
 NOT-HAVE
 NÃO
 ‘The girl did not ran quickly.’
 ‘A menina não correu rapidamente.’

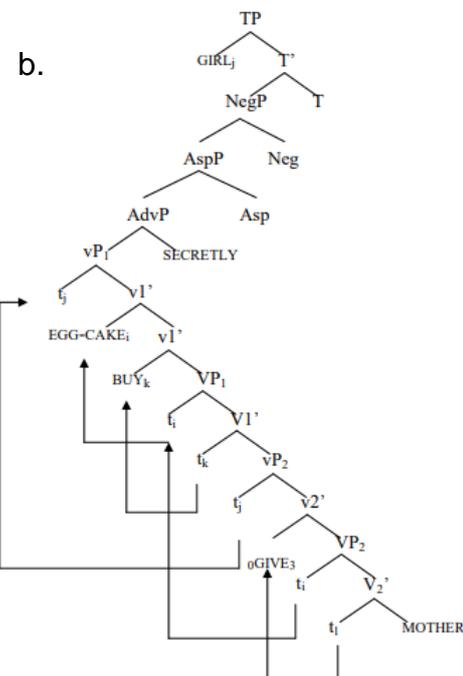
(LAU, 2012:383)



Seguindo o mesmo raciocínio formal, o compartilhamento do argumento interno, para *GIVE-CVS* (20a) e *TAKE-CVS* (tema), é decorrente da estrutura sintática em (20b).

- (20) a. GIRL EGG-CAKE BUY ₀GIVE₃ MOTHER SECRETLY
 MENINA OVO-BOLO COMPRAR ₀DAR₃ MÃE SECRETAMENTE
 'The girl secretly bought a birthday cake (and) gave (it) to mother.'
 'A menina comprou um bolo de aniversário (e) deu (ele) para a Mãe secretamente.'

(LAU, 2012:394)



Em contraste, nas estruturas simétricas, o compartilhamento do argumento interno é licenciado por uma categoria vazia inserida na posição de complemento de V_2 , co-referencial ao argumento interno de V_1 . Nas CVSs resultativas, a categoria vazia em questão é realizada por um pronome pleno, como em (21).

- (21) RUBBISH-BIN, WIND { BLOW
CL_SASS: a_cylindrical_object }
LATA-DE-LIXO, VENTO { SOPRAR
CL_SASS: objeto-cilindrico }
- QUICKLY fall+ CL_SASS: a_cylindrical_object NOT-HAVE
RAPIDAMENTE cair CL_SASS: objeto-cilindrico NÃO-TER
- ‘As far as the rubbish bin is concerned, the wind didn’t blow (it) and it didn’t fall.’
- ‘No que diz respeito à lata de lixo, o vento não soprou (ele) e ele não caiu.’
- (LAU, 2012:421)

Sobre a análise de Lau, indicamos que, nas CVSs assimétricas (ver seção a seguir), não há evidências robustas para a projeção de dois SVs, estando o segundo subordinado ao primeiro. O teste de não interveniência adverbial não é seguro, já que, em muitas línguas, incluindo o português brasileiro, adjuntos podem ocorrer entre o verbo e seu complemento, como exemplifica os dados em (22).

- (22) a. O João disse aos gritos que ele ama a Maria.
b. Eu queria desesperadamente ganhar na loteria.

Observe também que não é claro que V_2 seja sempre obrigatório em HKSL. Em (20), por exemplo, a presença de V_2 indica uma estrutura seriada, mas não é claro que a sentença seria agramatical sem V_2 . Essa observação é importante, já que, como discutido no capítulo 2, os verbos que compõem uma CVS devem ser verbos independentes na língua. Note,

por fim, que não há evidência para inserção de uma categoria vazia em CVSs simétricas.

6.1.4.

CVSs como estruturas com especificação de núcleos funcionais

A proposta de Collins (1997, 2002) é refinada por Aboh (2009). Primeiramente, o autor exclui a hipótese do compartilhamento obrigatório de argumentos, considerando em CVSs, um dos verbos funciona como um verbo gramatical, não projetando, portanto, uma estrutura argumental plena. O autor atribui a sentença em (23a), gungbe (nigero-congolesa Nigéria), a estrutura em (23b), em que V_1 realiza o núcleo de aspecto que toma como complemento a estrutura projetada por V_2 , com V_2 movendo-se para o núcleo de uma projeção de aspecto intermediária. Portanto, Aboh estende as projeções de V_2 possibilitando a ocorrência de categorias funcionais (AsP e FP) entre V_1 e V_2 . O objeto direto é gerado como complemento de V_2 e move-se para o especificador do AspP mais baixo para checagem de um traço EPP (CHOMSKY, 1995).

(23) a. Àsibá dâ lésì dù.

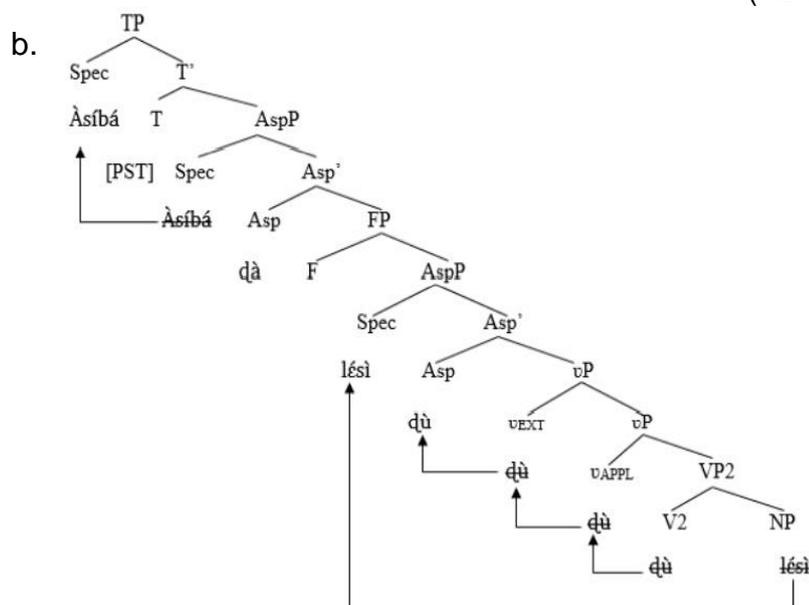
Asiba cook/prepare/made rice eat

Asiba cozinhar/preparar/fazer arroz comer

Asiba cook/prepare/made rice eat ‘

‘Asiba cozinhou/preparou/fez o arroz comer.’ [i.e., ela comeu o arroz.]

(ABOH, 2018:4)



A análise de Aboh toma como ponto de partida o problema da entrada lexical em CVSs identificada por Awóyalé (1988:1):

“Cada sentença contendo uma construção com verbos seriados deve, antes de tudo, ser examinada em relação às entradas léxicas completas dos verbos individualmente, especialmente as suas estruturas argumentais, para que possamos determinar exatamente o que cada verbo contribui para o todo. A isso vamos nos referir como o problema de entrada lexical” (AWÓYALÉ, 1988:1)¹⁰⁹

Tal questionamento foi pouco explorado pela literatura nos últimos anos, sendo recuperado por Aboh e reformulado do seguinte modo: embora os verbos em CVSs possam operar como verbos principais em sentenças independentes, quando em uma CVS, esses manteriam plenamente sua estrutura lexical? Considerando, com base em gungbe (nigero-congolesa, Nigéria), que a posição de V_1 deve ser preenchida por um conjunto restrito de verbos, os quais não impõem restrições de seleção do mesmo modo quando encabeçam predicados como verbos principais. Desse modo, Aboh assume que V_1 não atribui papel *Theta* para o SN a sua direita, o qual não cumpre sua função semântica de tema, sendo interpretado apenas como argumento interno de V_2 . Assim, a relação temática se dá apenas com V_2 , sendo V_1 um item funcional que denota o modo pelo qual o evento em V_2 é realizado.

Isso significa que, para Aboh, as construções com verbos seriados são estruturas complexas em que um verbo lexical pleno entra na estrutura como um verbo funcional, esvaziado de suas propriedades argumentais e semânticas. Portanto, a concepção tradicional de ‘verbos seriados’ seria equivocada.

Desse modo, Aboh (2009) exclui a possibilidade de uma estrutura sintática específica para as CVSs¹¹⁰. Essas estruturas estão disponíveis,

¹⁰⁹ Tradução do autor do original: “Every sentence containing a serial verb construction should first of all be looked at in relation to the full lexical entries of the individual verbs, especially their predicate argument structures, so that we ascertain exactly what each verb contributes to the whole. This we will refer to as the lexical entry problem.” (AWÓYALÉ, 1988:1)

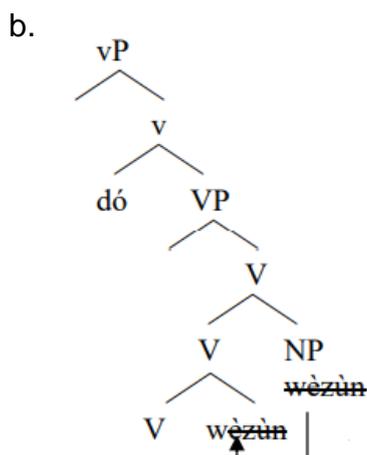
¹¹⁰ Em sua análise, Aboh (2009) conclui que as CVSs representam uma subfamília, que ele chama de construções de verbo objeto (*Object Verb Constructions -OVCs*). Contudo, em análises mais recentes, Aboh (2018) busca observar que as OVCs e as CVSs possuem estruturas sintáticas semelhantes, propondo uma unificação entre elas, uma vez que essas se diferem apenas por uma partícula no final da sentença. Ver Aboh (2018).

portanto, apenas em línguas em que o verbo pode funcionar como um marcador de aspecto, sendo o parâmetro de variação entre línguas seriadas e não-seriadas relativo à entrada lexical dos verbos, e não relativo a um conjunto de propriedades sintáticas específicas.

Aboh (2015, 2018) refina a análise apresentada em Aboh (2009), reforçando a proposta em (23b), aproximando as CVSs de estruturas com verbos de complemento inerente (NWACHUKWU, 1987; ESSEGBEY 1999, 2003, 2010). O autor sugere que em gbe, (nigero-congolesa, oeste africano), exemplo em (25), o verbo funcional *dó* ('V_[plantar]') é um verbo leve que seleciona um SV vazio. Dadas as suas propriedades semânticas, embora sem manifestação morfofonológica, o V vazio licencia a inserção de um SD (*wèzùn* - 'corrida'), que o lexicaliza. Portanto, para Aboh a derivação de uma estrutura com verbo de complemento inerente resulta da relação composicional [*v* + N].

- (25) a. Kòfí nó dó wèzùn ganjí
Kofi HAB V_[plant] race well
Kofi HAB V_[plantar] corrida bem
 'Kofi often runs well'
 'Kofi geralmente corre bem.'

(ABOH, 2018:15)



Assim, para Aboh a língua gbe (nigero-congolesa, oeste africano), apresenta um conjunto de verbos que podem ser inseridos em posições funcionais (como, *v* e Asp). Nas CVSs *V*₁ é inserido como núcleo de aspecto, na periferia funcional de *V*₂, que é um verbo lexical.

CLEARY-KEMP (2015), argumenta que as análises de Aboh não explicam o porquê de apenas um dos componentes verbais de uma CVS poder funcionar como verbos principais. De acordo com a autora, a proposta de Aboh exige duplicação de entradas lexicais, não explicando, de fato, o porquê de V_1 , se apresentar como itens gramaticais nas CVSs. Esta observação não nos parece importante já que gramaticalização de itens lexicais é um processo recorrente nas línguas naturais. Por exemplo, o verbo *pegar* do português brasileiro ocorre tanto com um item gramatical, instanciando a categoria de verbo leve ou de aspecto (PEDERNEIRA, 2014; RODRIGUES, 2023), como mostra o dado abaixo.

- (26) a. A Maria pegou o livro que estava na estante.
b. A maria pegou uma gripe.

O que Aboh argumenta é que apenas línguas onde ocorre gramaticalização de verbos, apresentando uma dupla entrada lexical, podem ter CVSs. Não entendemos essa proposta como sendo problemática do ponto de vista do funcionamento da gramática ou da formação do léxico de uma língua.

Vale ressaltar, no entanto, que a proposta de Aboh não parece dar conta de todos os dados apresentados na literatura como CVSs. Existem, como discutido nos capítulos 2, CVSs em que não é claro que V_1 ou V_2 é um item gramatical. Considere, com exemplo, os dados da língua edo, discutido por Baker, repetido abaixo como (27), não é trivial analisar *sè* ou *eran* como um item funcional.

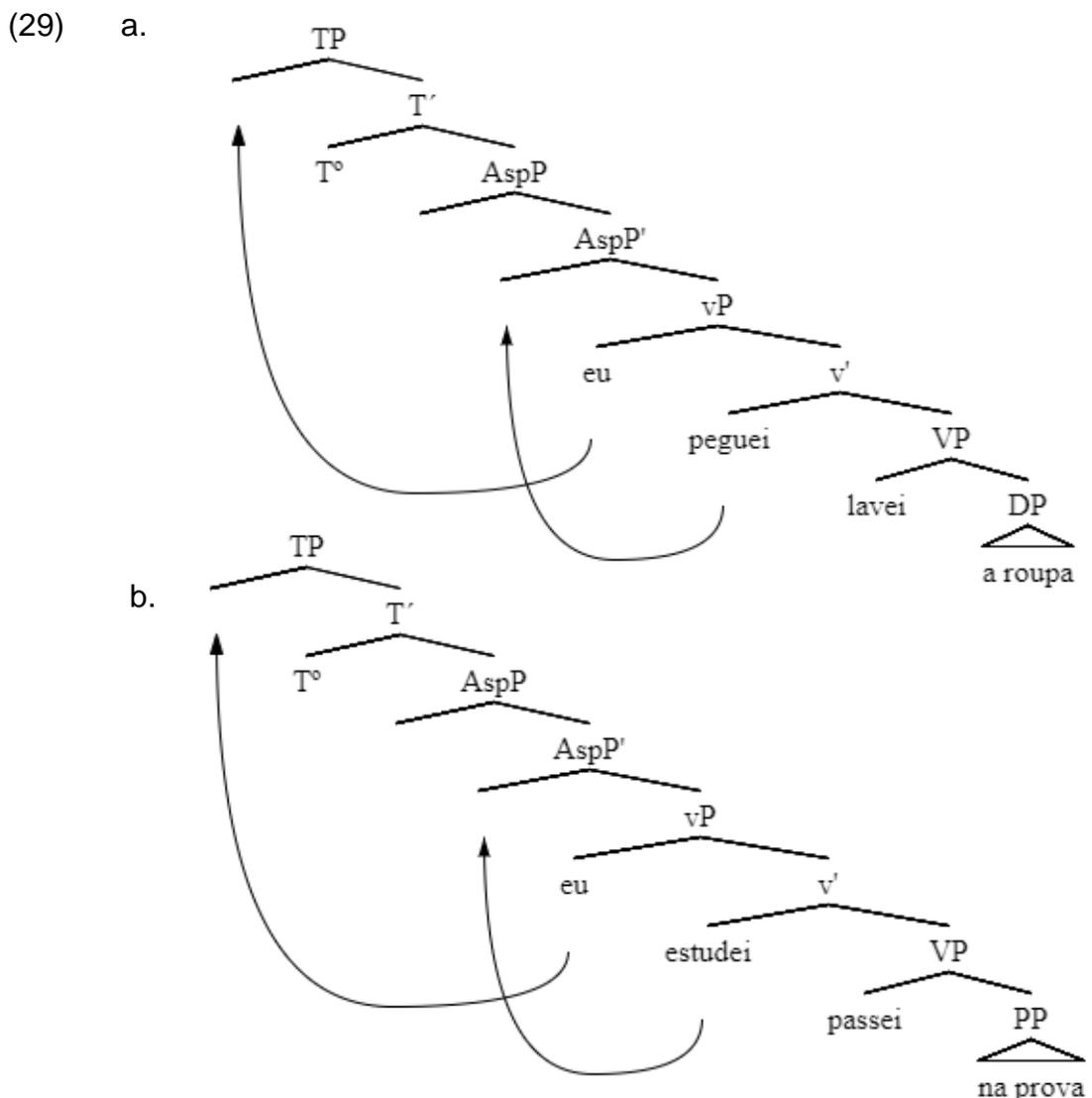
- (27) Bólá sè eran tà
Bola cook meat sell
Bólá cozinhar carne vender
 'Bola cooked some meat and sold it.'
 'Bólá cozinhou um pouco de carne (e) vendeu.'

(BAKER, 1989:529)

Para que a análise do Aboh seja aplicada às CVSs simétricas, um dos verbos precisa ocorrer na periferia à esquerda do SV projetado pelo outro. Baker analisa estruturas com (27) como uma CVS consecutiva.

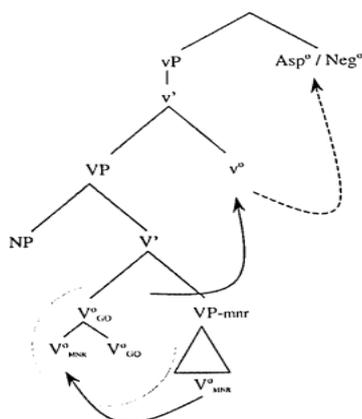
Rodrigues (2023) argumenta que a análise de Aboh embora funcione em relação ao argumento interno, não especifica o comportamento do argumento externo, que parece estar semanticamente vinculado aos dois eventos denotados. A autora, considerando dados do português brasileiro de CVSs assimétricas (28a) e simétricas (28b), propõem a estrutura em (29), onde o verbo menor (V_1) é inserido como núcleo do vP , movendo-se em seguida para o núcleo do AspP. Já nas estruturas simétricas, V_1 projeta uma estrutura argumental plena, tomando o sintagma verbal projetado por V_2 como complemento.

- (28) a. Eu peguei lavei a roupa.
b. Eu estudei passei na prova.



Benedicto *et al.* (2008), analisando em CVSs em ASL, LSC e LSA apresentam a estrutura em (30), onde ocorre o movimento verbal para Asp/Neg. Sendo LSC e LSA línguas de núcleo final, o verbo de modo do movimento (V-MNR) é adjungido à esquerda do verbo de caminho, formando um núcleo complexo, que se move para v^0 e, em alguns casos, para Asp^0 (ou Neg^0).

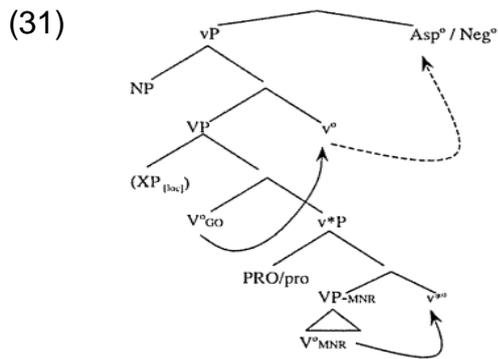
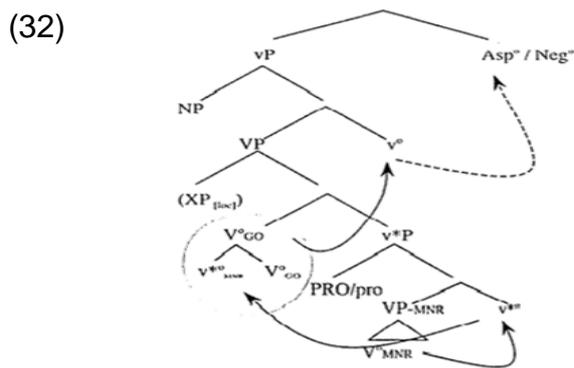
(30)

(BENEDICTO *et al.*, 2008:123)

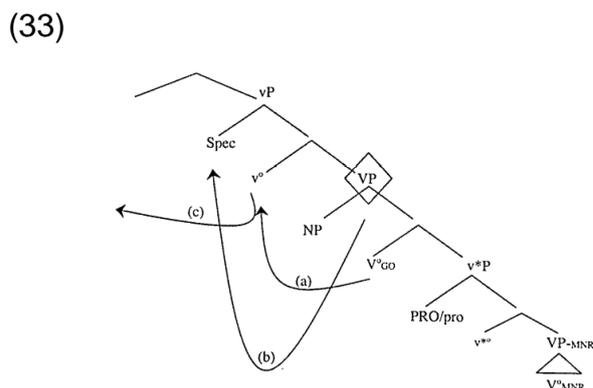
Adotando a teoria da cópia (CHOMSKY, 1995) os autores acomodam as diferenças entre LSC e LSA quanto à reduplicação verbal. A LSC licenciaria uma cópia manifesta de V-MNR, enquanto na LSA, essa é apagada. Ainda, a reduplicação de V-GO licencia a estrutura sanduichada [NP V-GO V-MNR V-GO] em LSC.

Aos moldes de Benedicto (2002) e de Benedicto & Brentari (2004), os autores assumem que os classificadores são núcleos funcionais (núcleos de vP)¹¹¹ concatenados à raiz verbal. Com essa modificação, duas derivações são consideradas: (31) com um único movimento de V, e (32) com múltiplas incorporações de V. De acordo com a análise defendida, essas derivações ocorrem em LSC e LSA, línguas de núcleo final.

¹¹¹ Benedicto *et al.* (2008) assumem que construções classificadoras são núcleos funcionais inseridos em terminações verbais, correspondendo à uma categoria inserida em vP ao invés de VP . Assim, consideram que classificadores de parte do corpo, quando fundidos com núcleos verbais, formam um predicado inergativo, enquanto classificadores de entidades inteiras, um predicado inacusativo. Já os morfemas classificadores são inseridos em v^0 (v^* para agentivos e v para inacusativos).

(BENEDICTO *et al.*, 2008:124)(BENEDICTO *et al.*, 2008:124)

Para ASL, língua de núcleo inicial, Benedicto *et al.*, em oposição a Supalla (1990), consideram que as ordens [V-MNR V-GO] e [V-GO V-MNR] são ambas gramaticais (ver seção 3.1.4), propondo que a língua licencia a estrutura (33).

(BENEDICTO *et al.*, 2008:128)

Observe que, nesta análise, embora a ordem [V-MNR + V-GO] seja gramatical também em LSC e LSA, não ocorrem, nestas línguas, movimento o movimento do SV (cf. (33)). Essa diferença, para Benedicto *et al.*, se dá pelo fato de V-MNR em ASL, contrário a LSC e LSA, não

apresentar concordância de caminho (*path*), sendo articulado no espaço neutro de sinalização.

Os autores enfatizam que as estruturas propostas permitem o licenciamento de CVSs-sanduíche [V-_{GO} + V-_{MNR} + V-_{GO}] em línguas de núcleo inicial, refletindo apenas não-apagamento de cópia em PF. A configuração sanduichada [V-_{MNR} + V-_{GO} + V-_{MNR}] não ocorre porque não há movimento de núcleo de V-_{MNR}.

Couvee & Pfau (2018) não desenvolvem uma análise sintática para os dados de NGT, mas defendem que, nesta língua, CVSs são estruturas em que o verbo fixo se comporta como um verbo menor, elemento gramaticalizado, funcionando como verbo leve, marcador de tempo, de aspecto ou de concordância.

No que se segue apresentaremos uma análise para CVSs como foco nos dados de Libras.

6.2.

CVSs e especificação de núcleos funcionais na periferia do vP

Conforme apresentado no capítulo 5, Libras licencia estruturas simétrica e assimétrica (TJAG-1). Nas estruturas assimétricas, dos verbos é flexível: [V_{Manner} V_{Path}], em (34), [V_{Path} V_{Manner}], em (35). Além disso, os resultados do TJAG- 2 (capítulo 5) mostram que CVSs podem ocorrer com reduplicação verbal.

(34) TIAGO_a ANDAR_{CL-bicicleta} aIR_b FESTA
 ‘Tiago não pedalou (e) foi para a festa.’

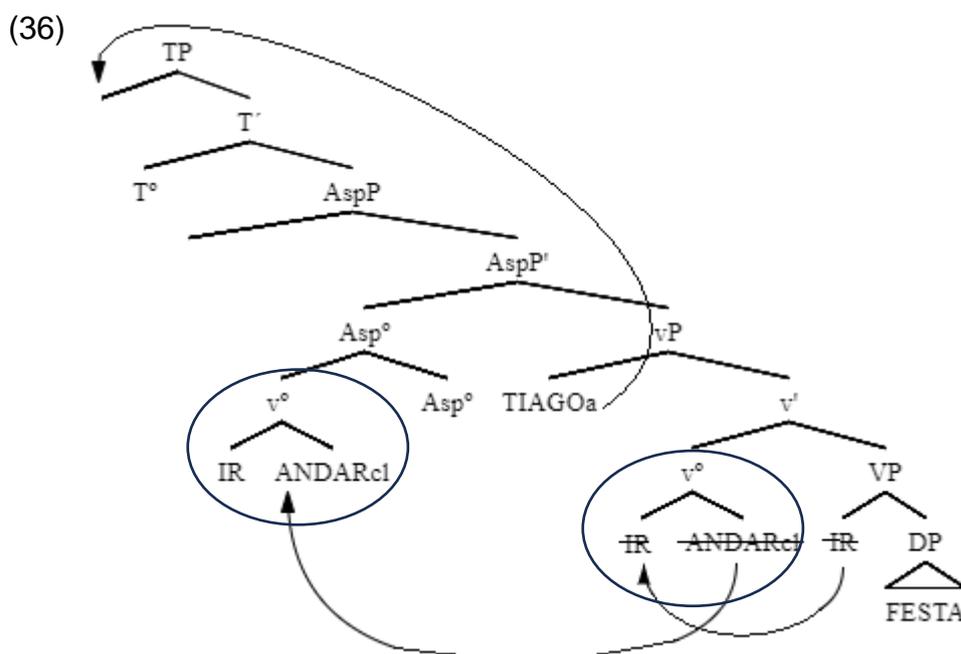
(35) TIAGO_a aIR_b ANDAR_{CL-bicicleta} FESTA_b
 ‘Tiago pedalou (e) foi para a festa.’

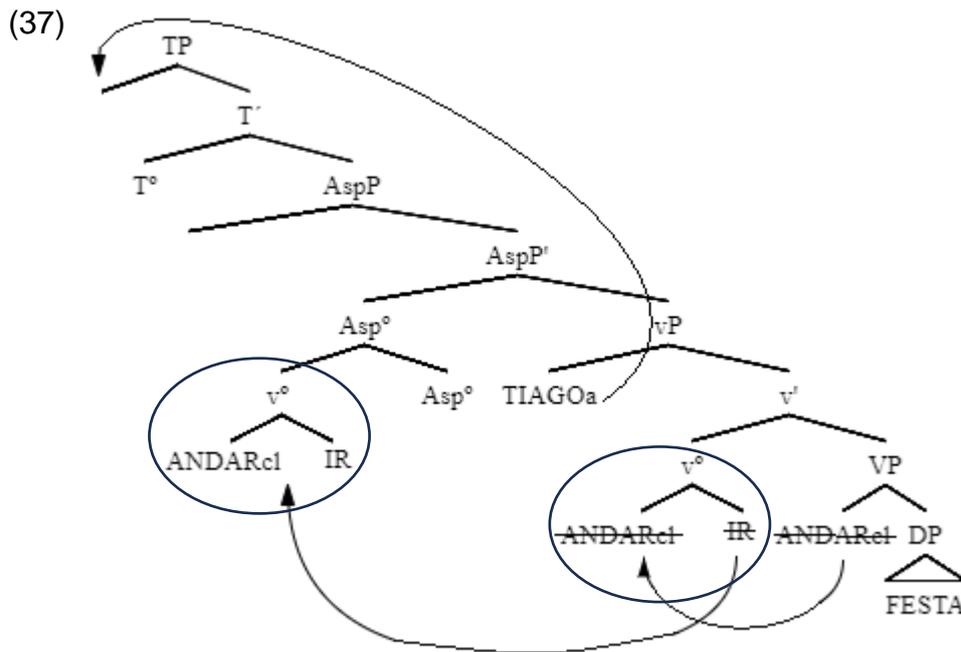
Na próxima seção, analisaremos construções sem reduplicação, deixando os casos de reduplicação para a seção seguinte.

6.2.1.

CVSs simétricas e assimétricas

Considerando primeiramente as CVSs simétricas e assimétricas sem reduplicação, sugerimos uma análise nos moldes de Aboh e análises posteriores (BENEDICTO *et al.*, 2008; COUVÉE & PFAU 2018; RODRIGUES, 2023), em que um dos verbos é um item funcional, que não projeta uma estrutura argumental plena. Na nossa análise, diferente da proposta de Benedicto *et al.* (2008), consideramos que tanto os verbos de *path* como verbos de *manner* podem ser realizadores de *vou* atuarem como verbos plenos. Se assim for, a flexibilidade observada na ordem ($[V_{Path} V_{Manner}]$, $[V_{Manner} V_{Path}]$) resulta dessa atuação dupla dos verbos, que, pode, ser inseridos em posições diferentes na estrutura. A ordem $[V_{Path} V_{Manner}]$ reflete a estrutura em (36), enquanto a ordem $[V_{Manner} V_{Path}]$ reflete a estrutura em (37). Tanto em (36) como em (37), o apagamento de cópias para fins de linearização ocorre de maneira canônica, com apagamento das cópias mais baixas.





Para a acomodação de dados com negação em posição final, exemplo em (39), observamos primeiramente que essa é a posição canônica da negação (cf. ARROTÉIA, 2005; QUADROS, 2019). Portanto é possível que em Libras a negação seja realizada por uma categoria adjunta à direita do núcleo de NegP.

A posição final da negação em línguas de sinais tem sido analisada como resultado de movimento de VP para a posição de especificador de NegP, como adotado por Wood (1999) para a ASL e por Oomen *et al.* (2018) para a NGT. Se essa análise estiver certa e se puder ser aplicada aos dados de Libras, então o que temos, em CVSs, é movimento de AspP para o especificador de NegP. No entanto, como não temos uma análise explicativa para o comportamento da negação em Libras, não iremos desenvolver a questão aqui, considerando uma análise mais simples, com a negação ocorrendo como um adjunto à direita e, portanto, linearizada no final da sentença.

- (38) a. TIAGO_a ANDAR_{CL-bicicleta} aIR_b FESTA **NÃO**
 'Tiago não pedalou (e) foi para a festa.'

De modo semelhante, analisaremos a posição final do marcador lexical aspectual PRONTO, plenamente aceitável e com escopo espalhado

sobre ambos os verbos da cadeia seriada, dando em (39), como adjunção à direita.

- (39) JULIA_a ANDAR_{CL-skate} aIR_b HOSPITAL **PRONTO**
 ‘Julia andou de skate (e) foi para o hospital (e fez isso).’

A posição do advérbio de tempo em Libras tem sido atestada na posição final ou inicial na sentença (QUADROS, 1999; QUADROS & KARNOPP, 2004; QUADROS, 2000; LOURENÇO & QUADROS, 2020). Apesar da aceitabilidade desse tipo advérbios em posição final, durante nossa coleta de dados, tanto a participante P03 quanto o consultor P01, indicaram preferência pela posição inicial. Lourenço & Quadros (2020) sugerem que a posição inicial do advérbio é resultado da adjunção à esquerda de uma projeção funcional acima de TP (AgrsP, na análise dos autores).

- (40) **TARDE** JULIA_a PULAR_{CL-pessoa} aIR_b MONTANHA-RUSSA_b
 ‘Júlia pulando foi para a montanha-russa de tarde.’

Se a análise acima estiver no caminho certo, podemos considerar que CVSs simétricas apresentam a mesma configuração sintática. No entanto, nessas estruturas, apenas V_1 parece se comportar como elemento gramaticalizado. V_2 se comporta como um verbo com rigidez lexical, não podendo ser inserido na estrutura como categoria funcional, como em v^0 ou Asp^0 . Desse modo, em CVSs assimétricas a ordem $V_1 V_2$ é rígida.

6.2.2.

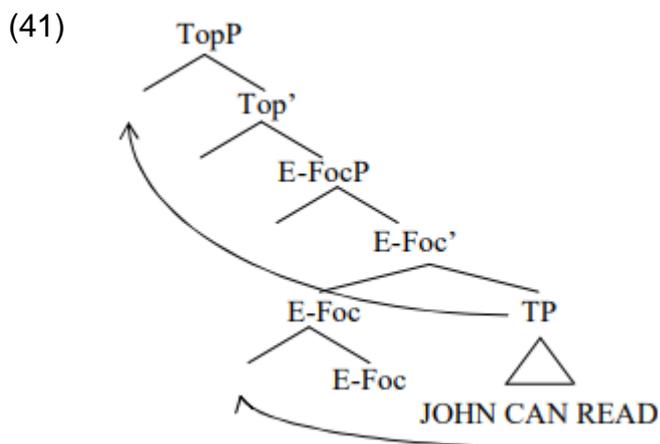
CVSs-sanduíche: interação entre apagamento de cópias e realização em PF de traço de foco

A configuração sintática CVSs-sanduíche de movimento foi proposta por Benedicto *et al.* (2008) a partir de uma análise de um único ou de múltiplos movimentos-V (*V-movement*). Entretanto, não existem evidências

robustas para sanduichar uma estrutura seriada nos moldes propostos pelos autores.

Na presente tese, resgatando as observações de Nunes & Quadros (2004b) e Lillo-Martin & Quadros (2005) sobre reduplicação verbal, iremos propor que a reduplicação dos verbos de uma CVS resulta da presença de traço de foco na estrutura. De acordo com o que apresentamos no capítulo 5 (seção 5.2.1), em Libras, configurações em que reduplicação verbal, simples ou múltipla, não carrega marcação não-manual de foco enfático (e.g. assentir da cabeça) são julgadas como agramaticais. Ademais, as sentenças alvo da TJAG-2 mantiveram o marcador não-manual no(s) elemento(s) reduplicado(s), sendo consideradas plenamente aceitáveis pela nossa informante P03.

Lillo-Martin & Quadros (2005) argumentam que sentenças com reduplicação de foco-enfático em Libras e ASL têm a estrutura em (41). Partindo da análise de Nunes & Quadros (2004b), Lillo-Martin & Quadros assumem que a reduplicação com foco enfático envolve topicalização de TP com movimento do verbo para o núcleo de uma categoria funcional responsável por foco (E-FocP).



Conforme apresentando no capítulo 5, em Libras, CVSs licenciam reduplicação apresentando o seguinte padrão:

- (42)
- Em CVSs assimétricas é possível da reduplicação parcial e total da sequência verbal;
 - Em CVSs simétrica é possível apenas reduplicação parcial;

- c. As formas reduplicadas devem ser marcadas com foco por um marcador não-manual.

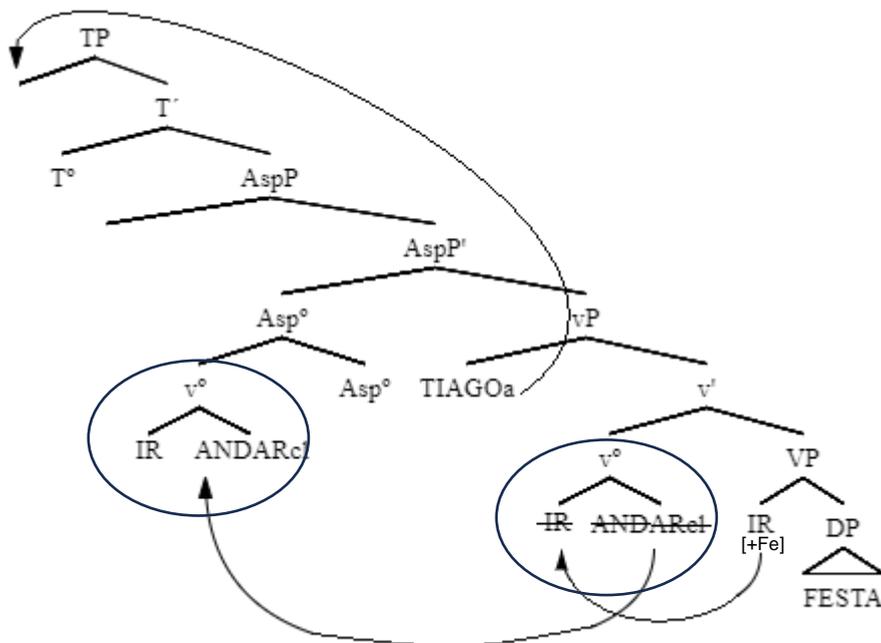
Os dados abaixo ilustram os padrões de reduplicação obtidos:

- (43) *CVS assimétrica com reduplicação de V₁*
 JULIA_a PULAR_{CL-pessoa aIR_b} BRINQUEDO_b <PULAR_{CL-pessoa}>E-foc
 ‘Júlia pulou (indo) para os brinquedos (ela pulou).’
- (44) *CVS assimétrica com reduplicação de V₂*
 CARMEM_a MANCAR_{CL-pessoa aIR_b} HOSPITAL_{b aIR_b}>E-foc
 ‘Carmem mancou (indo) para o hospital (ela mancou).’
- (45) *CVS assimétrica com reduplicação de [V₁ V₂]*
 JULIA_a ANDAR_{CL-skate aIR_b} HOSPITAL<sub>b [ANDAR_{CL-skate aIR_b]}>E-foc
 ‘Julia andou de skate (indo) para o hospital (andou de skate indo).’</sub>
- (46) *CVS simétrica com reduplicação de V₁*
 TIAGO_a COMPRAR COMER PASTEL COMPRAR_{>E-foc}
 ‘Tiago comprou (para comer) um pastel (ele comprou).’
- (47) *CVS simétrica com reduplicação de V₂*
 MÉDICO_{a aVER_b} EXAMINAR [PÉ CARMEM_b] EXAMINAR_{>E-foc}
 ‘O médico viu (para examinar) o pé da Carmem (examinou).’
- (48) *CVS simétrica com reduplicação de [V₁ V₂]*
 *MÉDICO_{a aVER_b} EXAMINAR [PÉ CARMEM_b] EXAMINAR_{>E-foc}

Na seção anterior, sugerimos, em consonância com pesquisadores que analisam CVSs como estruturas envolvendo formas verbais gramaticalizadas, que a estrutura de CVSs assimétricas em Libras envolvem movimento dos dois verbos para aspectos, enquanto nas CVSs simétricas V₂ não se move. Se adotarmos a proposta de Nunes & Quadros (2004b) e de Lillo-Martin & Quadros (2005), para analisar os dados acima,

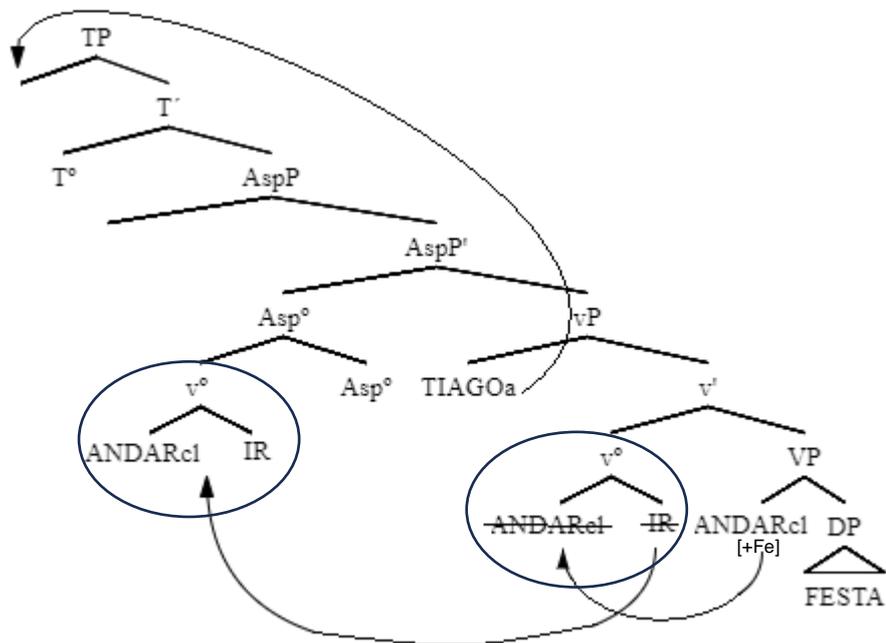
teremos de propor que em estruturas assimétricas AspP é topicalizado, enquanto uma das cópias mais baixas de V_1 e/ou V_2 movem-se para uma posição intermediária de foco (E-Foc). Embora essa análise seja possível, os dados coletados por nós não apresentam evidências de movimento de AspP para TopP, nem de movimento dos núcleos verbais para posições intermediárias. Portanto, iremos, nesta tese, implementar uma análise mais simples. Considerando, o traço de foco enfático (Fe) como um traço de borda de uma projeção máxima. Em (49), como F_e é atribuído ao VP, IR que sobrevive ao apagamento em PF, pois hospeda o traço em questão, tornando-se, portanto, uma cópia distinta.

(49) Padrão $[[V_{path} V_{manner}] [V_{path}]]$



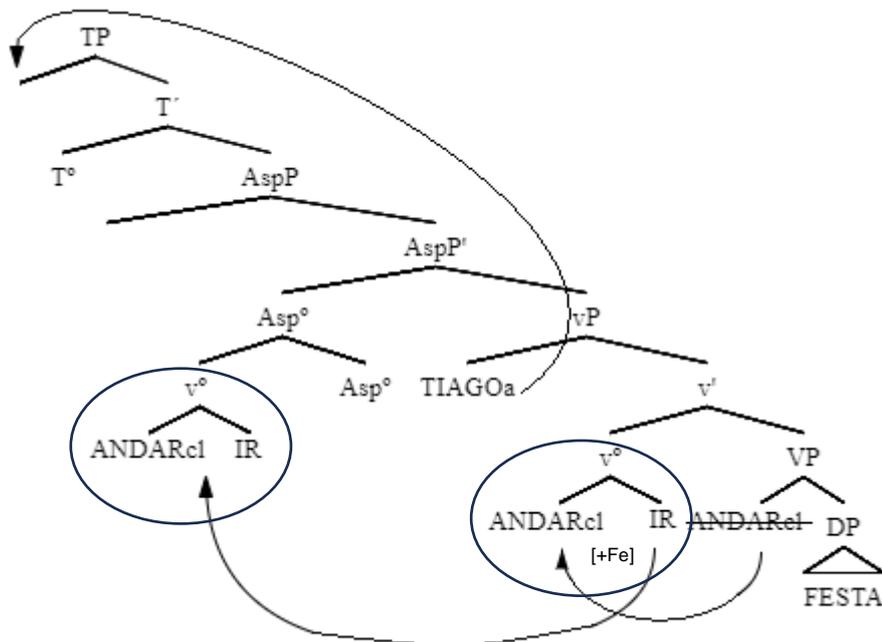
De igual modo, o verbo de *manner* é reduplicado, como na representação em (50).

(50) Padrão $[[V_{manner} V_{path}] [V_{manner}]]$



Nas estruturas como reduplicação total, reduplicação de $[V_1 \text{ e } V_2]$, consideramos que Fe está em vP , portanto a cópia mais baixa do núcleo complexo $[ANDAR_{CL} IR]$ sobrevive ao pagamento em PF.

(51)



As CVSs simétricas com reduplicação seguem o mesmo padrão de análise, no entanto é interessante que a reduplicação total não ocorre nessas construções. Não temos ainda uma boa explicação para tal restrição. Os padrões observados acima, indicam que nas CVSs assimétricas, há uma projeção de estruturas complexas, com V_1 e V_2 apresentando mais de uma cópia. Além disso, a possibilidade de V_1 reduplicar em posição final sugere movimento para a esquerda do VP, nucleado por V_2 . Por razões de tempo, não iremos desenvolver essa análise, deixando-a para pesquisas futuras.

6.3.

Conclusão do capítulo

Em concordância com as análises recentes sobre CVSs, no presente capítulo esboçamos uma análise focada nos dados de Libras, sugerindo que as CVSs são estruturas em que um dos verbos funciona com uma categoria gramaticalizada. Nos casos de estruturas com reduplicação, sugerimos uma análise, na qual o foco enfático é tratado como um traço de borda atribuído às projeções máximas. Assim, o apagamento de V_1 e/ou de V_2 depende de qual projeção máxima carrega do traço em questão.

7.

Conclusões finais

Neste estudo translinguístico e intermodal acerca das construções com verbos seriados, propomos uma descrição unificada das propriedades estruturais das Construções com Verbos Seriados (CVSs), incorporando contribuições empíricas oriundas de dados coletados por meio de uma abordagem experimental na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esta língua de sinais, até então, carecia de investigações acerca desse fenômeno linguístico. O escopo do presente trabalho visa caracterizar sistematicamente o fenômeno com base em dados de línguas de diferentes modalidades, buscando identificar as características rígidas (universais), os aspectos sintáticos, semânticos e fonológicos das CVSs. Dentre essas características, destacam-se a ausência de um conector (coordenador ou subordinador), a semântica de um macro-evento único composto por subeventos, o compartilhamento de argumentos, a compartilhamento da camada funcional da estrutura sentencial, e a prosódia monossentencial.

Os resultados revelaram que as CVSs são estruturas monossentenciais com uma série de dois (ou mais) verbos, apresentando variações entre as línguas nas propriedades da sequência verbal, como a reduplicação (ou não) de informações de Tempo-Aspecto-Modalidade (TAM) e negação, e a realização (ou não) pronominal co-referencial de argumentos.

Ao aplicar tarefas de julgamento de aceitabilidade gramatical repetido, utilizando a técnica *playback*, a fim de descrever as estruturas em Libras, identificamos que estruturas com empilhamento verbal em Libras são, de fato, CVSs, distinguindo-se de estruturas multiverbais de coordenação encoberta. Vale ressaltar que, embora seja possível o empilhamento verbal em estruturas coordenadas, estas apresentam uma breve pausa seguida de marcadores prosódicos não-manuais de fronteira sentencial, ao passo que nas CVSs há um contorno entonacional de monossentenças.

Analisando as CVSs assimétricas (tipo 1) e simétricas (tipo 4) em Libras, aplicamos testes validados por Lau (2012) para a distinção entre

CVSs e estruturas multiverbais. A TJAG-1 revelou que CVSs simétricas e assimétricas em Libras não apresentam o mesmo comportamento de coordenadas encobertas. Na TJAG-2, observamos que as CVSs em Libras licenciam a reduplicação de um ou ambos os verbos, apresentando variações na ordem entre V_{manner} e V_{path} , conforme o tipo de CVS.

Por meio de análises recentes sobre CVSs, propomos uma análise sintática abrangente para CVSs assimétricas em Libras, considerando o verbo menor da cadeia seriada como uma categoria gramaticalizada inserida na periferia de vP . A reduplicação é interpretada como resultado de uma relação de foco enfático. Esta pesquisa, embora não tenha atingido todos os seus objetivos iniciais, oferece evidências empíricas e teóricas para análises futuras que visem integrar dados de línguas de diferentes modalidades sobre CVSs.

Recomendamos futuras verificações por meio do cruzamento dos dados coletados com produções espontâneas de surdos sinalizantes, utilizando o Corpus de Libras, para enriquecer e consolidar as análises. Identificamos, por fim, um amplo campo de investigação sobre estruturas ainda não estudadas em Libras, como sequências verbais AB, CVSs resultativas, e estruturas eventivas com predicados complexos, indicando possíveis direções para pesquisas futuras.

Referências bibliográficas

- ABOH, O. E. **Clause structure and verb series**. *Linguistic Enquiry*, 40 (1):1-33. 2009.
- ABOH, O. E. **The Emergence of Hybrid grammar: Language Contact, Change and Creation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- ABOH, O. E. **What if your roots are polyfunctional? The lexical entry problem in Benue-Kwa**. In Oluseye Adesola, Akinbiyi Akinlabi & Olanike O. Orié (eds.), *Data-rich linguistics: Papers in honor of Yiwola Awoyale*, 83-116. Newcastle: Cambridge Scholars Publishers, 2018.
- AGBEDOR, P. **Verb serialization in Ewe**. *Nordic Journal of African Studies*, 3 (1):115-135. 1994.
- AHLGREN, I.; BERGMAN, B. **Reference in Narratives**. En: Ahlgren, Inger, B. Bergman; M. Brennan (eds.). *Papers from the Fifth International Symposium of Sign Language Research*. Durham: ISLA, 1992.
- AIKHENVALD, A. Y. **The languages of the Amazon**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- AIKHENVALD, A. Y. **Serial verb constructions in typological perspective**. In Aikhenvald, A. Y. and Dixon, R. M. W., editors, *Serial Verb Constructions: A Cross-Linguistic Typology*, pages 1–68. Oxford University Press, Oxford, 2006b.
- AIKHENVALD, A. Y. **Serial verbs**. *Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory*. Oxford University Press, Oxford, UK, 2018.
- AIKHENVALD, A.; MUYSKEN, P. C. (eds). **Multi-verb Constructions**. A View from the Americas. Leiden, Boston: Brill, 2011.
- AMEKA, F. K. **Ewe serial verb constructions in their grammatical context**. *Serial Verb Constructions: A Cross-linguistic Typology*, ed. by Alexandra Y. Aikhenvald & R. M. W. Dixon, 124–143. Oxford & New York: Oxford University Press. 2006

- ANDERSON, Gregory. **Auxiliaries and Auxiliary Verb Constructions**. In: ANDERSON, Gregory D. S. (Org.). *Auxiliary Verb Constructions*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 1-38.
- ARROTÉIA, J. **O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)**. MA Thesis, Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- AWOBULUYI, D. **The modifying serial construction: A critique**. *Studies in African Linguistics*. 1973.
- AWOYALE, Y. **Complex Predicates and Verb Serialization**. University of Ilorin and MIT, Cambridge, Massachusetts, 1988.
- BAAH, J. **Iconicity in Verb Serialization**. Re-analyzing Akan SVCs, 2015.
- BAIRD, L. **Motion serialization in Keo**. *Serial Verb Constructions in Austronesian and Papuan Languages*, ed. by Gunter Senft, 55–74. Canberra: Pacific Linguistics, 2008.
- BAKER, M. & STEWART, O. T. **Verb Movement, Objects, and Serialization**. *North East Linguistics Society*: Vol. 29: Iss. 1, Article 3, 1999.
- BAKER, M. & STEWART, O.T. **A serial verb construction without constructions**. MS. R. University, p. 1-59, 2002.
- BAKER, M. **Object Sharing in Serial Verb Constructions**. In *Linguistic Inquiry* 20. pp. 513-553, 1989.
- BAMGBOSE, A. **On Serial Verbs and Verbal Status**. *Journal of West African Linguistics* 9. pp.17-48, 1974.
- BAMGBOSE, A. **The modifying serial construction: A reply**. *Studies in African Linguistics*, 4(2):207–217, 1973.
- BARBERÀ, G.; HOFHERR, P. C. **“Backgrounded agents in sign language: passives or impersonals?”**, 2015.
- BARBERÀ, G.; HOFHERR, P. C. **Backgrounded agents in Catalan Sign Language (LSC): Passives, middles, or impersonals?**. *Language* 93. 767-798. 2017.
- BECK, S. **Comparison constructions**. In C. Maienborn, K. von Heusinger, & P. Portner (Eds.), *Semantics: An international handbook of natural language meaning* (Vol. 2, Chap. 53, pp. 1341–1390). Berlin: Mouton de Gruyter, 2011.

- BELLUGI, U., POIZER, H.; KLIMA, E. **Language, modality and the brain.** Trends in neurosciences - reviews – TINS, vol. 12, n° 10, p. 380-388, 1989.
- BENEDICTO E.; BRENTARI D. **Where did all the arguments go? Argument changing properties of classifiers.** in American Sign Language. Natural Language and Linguistic Theory, 2004.
- BENEDICTO, E. **Verbal Classifier Systems: the exceptional case of Mayangna auxiliaries.** In Proceedings of WSCLA 7th, UBC Working Papers in Linguistics 10, 2002.
- BENEDICTO, E., CVEJANOV, S.; QUER J. **The Morphosyntax of Verbs of Motion in Serial Constructions: A Crosslinguistic Study in Three Signed Languages.** In J.Quer (ed) Signs of the time. Selected papers from TISLR 2004. Signum Verlag (Germany), 2008.
- BIRCHALL, J. **Argument marking patterns in South American languages.** Utrecht: Netherlands Graduate School of Linguistics, 2014.
- BISANG, W. **Serial verb constructions.** Language and Linguistics Compass 3.3:792–814, 2009.
- BISANG, W. **Das Verb im Chinesischen, Hmong, Vietnamesischen, Thai und Khmer.** Tübingen: Niemeyer, 1992.
- BØ, V. **Verb sandwich constructions in Norwegian Sign Language.** Master thesis, 2010.
- BOS, H.F. **Serial verb constructions in Sign Language of the Netherlands.** Ms., University of Amsterdam. 1996/2016.
- BOUDREAULT, P.; MAYBERRY, R. **Grammatical processing in American Sign Language: Age of first-language acquisition effects in relation to syntactic structure.** Language and Cognitive Processes - LANG COGNITIVE PROCESS. 21. 10.1080/01690960500139363, 2006.
- BOWDEN, J. **Taba: description of a South Halmahera language.** Canberra: Pacific Linguistics, 2001.
- BRANCHINI C.; L. MANTOVAN. **A Grammar of Italian Sign Language (LIS).** Venice: Edizioni Ca' Foscari, 2020.

- BRANCHINI, C., DONATI, C., PFAU, R. & STEINBACH, M. **Relatively similar: Relative clause typology and sign languages**, 2007.
- BRENTARI, D. **A prosodic model of sign language phonology**. Cambridge: MIT Press, 1998.
- BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: 68 Revista Trama - Volume 7 - Número 14 - 2º Semestre de 2011 p. 57 - 68 Templo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.
- BUTT, B.; KHAN, M. A.; MAHMOOD, S.; HAMID, A.; HUSSAIN, A. **Serial Verb Construction vs Complex Predicates in Punjabi: An Integrated Analysis of Event Structure**. Eurasian Journal of Applied Linguistics, v7 n2 p1-21, 2021.
- BUTT, M. **The Light Verb Jungle**. In Harvard Working Papers in Linguistics, ed. G. Aygen, C. Bower, and C. Quinn. 1–49. Volume 9, Papers from the GSAS/Dudley House Workshop on Light Verbs, 2003.
- BYRNE, Francis. **Approaches to ‘Missing’ Internal (and External) Arguments in Serial Structure: Some Presumed Difficulties**. In Development and Structures of Creole Languages: Essays in honor of Derek Bickerton, ed. by Francis Byrne and Thom Huebner, 207-222. Amsterdam: John Benjamins, 1991
- CAESAR, R. O. **Serial Verb Constructions in Dangme**. Journal of Literature, Languages and Linguistics. Vol. 20, 2016.
- CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira: Vol. I: Sinais de A a L, Vol. II: Sinais de M a Z** (3a. ed., Vols. 1, 2). São Paulo: Edusp, MEC, 2006.
- CARSTENS, V. **Antisymmetry and word order in serial constructions**. Language, 78(1):3–50, 2002.
- CHANG, C. H.-H. **On serial verbs in Mandarin Chinese: VV compounds and co-verbial phrases**. In Joseph, B. D. and Zwicky, A., editors, When Verbs Collide: Papers from the (1990) Ohio State Mini-Conference on Serial Verbs, volume 39 of Ohio State University Working Papers in Linguistics, pages 288–315, 1990.

- CHEN, X. **On the Syntax of Serial Verb Constructions in Chinese**. PhD thesis, University of Georgia, 1993.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures**. Holland: Foris Publications, 1981.
- CHOMSKY, N. **The Generative Enterprise Revisited: Discussions with Riny Huybregts, Henk van Riemsdijk, Naoki Fukui and Mihoko Zushi**. New York, NY: Mouton de Gruyter, 2004.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.
- CHRISTALLER, J. G. **A Grammar of the Asante and Fante Language called Tshi (Chwee, Twi)**. Gold Coast: Basel German Evangelical Mission, 1875.
- CLARK, M. **Serialization in mainland Southeast Asia**. In Luksaneeyanawin, S., editor, *Pan Asiatic Linguistics*, volume 1, pages 145–159, Bangkok. Chulalongkorn University, 1992.
- CLEARY-KEMP, J. **Serial Verb Constructions Revisited: A Case Study from Koro**. Tese de Doutorado. Universidade da California, 2015.
- COLE, D. J. **Lao serial verb constructions and their event representations**. PhD thesis, University of Iowa, IA, 2016.
- COLLINS, C. **Argument sharing in serial verb constructions**. *Linguistic Inquiry* 28.3:461–497, 1997.
- COLLINS, C. **Multiple verb movement in ðHoan**. *Linguistic Inquiry* 33.1:1–29, 2002.
- COMRIE, B. **Serial verbs in Haruai (Papua New Guinea) and their theoretical implications**. In Janine Bouscaren and Jean-Jacques Franckel and Stéphane Roberts (eds.), *Langues et langage, problèmes et raisonnement en linguistique: Mélanges offerts à Antoine Culioli*, 25-37. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- CORINA, D.; SANDLER, W. **On the nature of phonological structure in sign language**. *Phonology*. 10. 165 - 207. 10.1017/S0952675700000038, 1993.

- CORRAL ESTEBAN, A. **Multi-verb constructions in Cheyenne**, pp. 305-46 of Nolan, Brian and Elke Diedrichsen (eds.). *Argument realization in complex predicates and complex events*. Amsterdam: John Benjamins, 2017.
- COSTELLO, B. **Language and modality: Effects of the use of space in the agreement system of lengua de signos española (Spanish Sign Language)**. *Sign Language & Linguistics*. 19, pp. 270-279, 2016.
- COUVEE, S. & PFAU, R. **Structure and Grammaticalization of Serial Verb Constructions in Sign Language of the Netherlands — A Corpus-Based Study**. *Front. Psychol.*, 17 July, 2018.
- CROWLEY, T. **Serial verbs and prepositions in Bislama**. In Verhaar, J. W. M., editor, *Melanesian Pidgin and Tok Pisin*, pages 57–89, 1990.
- CROWLEY, T. **Serial Verbs in Oceanic: A Descriptive Typology**. Oxford & New York: Oxford University Press, 2002.
- CROWLEY, T. **Serial verbs in Paamese**. *Studies in Language* 11.1:35–84, 1987
- DAI, J. X.-L. **Syntactic constructions in serial verb expressions in Chinese**. In Joseph, B. D. and Zwicky, A., editors, *When Verbs Collide: Papers from the (1990) Ohio State Mini-Conference on Serial Verbs*, volume 39 of *Ohio State University Working Papers in Linguistics*, pages 316–339, 1990.
- DAVIDSON, K. **'and' or 'or': General use coordination in ASL**. In: *Semantics and Pragmatics*, 6, 2013.
- DEFINA, R. **Serial verb constructions and their subtypes in Avatime**. *Studies in Language* 40.648–80, 2016.
- DELPLANQUE, A. **Le mythe des series verbales**, *Faits de langues*, 1998.
- DEN DIKKEN, M. **On the syntax of locative and directional adpositional phrases**. Ms. CUNY, 2003.
- DIAS, A. F. A. **A construção de tópico na Língua de Sinais Brasileira: uma abordagem psicolinguística**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, UFF, 2015.

- DOURADO, L. **Construções com predicados complexos em Panará (Jê)**, pp. 41-55 of *Línguas Jê: estudos vários*, edited by Lodovico dos Santos and Ismael Pontes (eds.). Londrina: Ed. UEL, 2002.
- DURIE, M. '**Grammatical structures in verb serialization**', pp. 289–354 of *Complex Predicates*, edited by A. Alsina, J. Bresnan, and P. Sells. Stanford: CSLI, 1997.
- DURIE, M. '**Verb serialization and “verbal prepositions” in Oceanic languages**', *Oceanic Linguistics* 27:1–23, 1988.
- EMMOREY, K., CORINA, D., BELLUGI, U. **Differential processing of topographic and referential functions of space**. In K. Emmorey & J. Reille. *Language Gesture and Space*. Hillsdale, NJ: LEA Publishers, 1995.
- ENFIELD, N. J. **Encoding three-participant events in the Lao clause**. *Linguistics*, 45(3):509–538. Routledge, New York.; 2007.
- ENFIELD, N. J. **The anatomy of meaning: Speech, gesture, and composite utterances**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- ENFIELD, N. J. **Verbs and multi-verb constructions in Lao**. In Diller, A. V. N., Edmondson, J. A., and Luo, Y., editors, *The Tai-Kadai Languages*, pages 83–183. Routledge, New York, 2008.
- ENGBERG-PEDERSEN, E. **Point of view expressed through shifters**. In EMMOREY K.; REILLY J. (eds.), *Language, gesture, and space*, 133-154. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1995.
- ENGBERG-PEDERSEN, E. ***Space in Danish Sign Language: The Semantics and Morphosyntax of the Use of Space in a Visual Language***. SIGNUM-Press, Hamburg. 1993.
- ESSEGBEY, J. **Inherent Complement Verbs and the Basic Double Object Construction in Gbe**. In E. ABOH, & J. ESSEGBEY (Eds.), *Topics in Kwa Syntax* (pp. 177-193). Dordrecht: Springer, 2010.
- ESSEGBEY, J. **Inherent complement verbs revisited: Towards an understanding of argument structure constructions in Ewe** (Vol. series 10). MPI Dissertation, 1999.
- ESSEGBEY, J. **On Definiteness Asymmetry in Double Object Constructions**. In K. Lébikaza (Ed.), *Actes du 3e Congrès Mondial de*

- Linguistique Africaine, Lomé 2000 (pp. 127-144). Cologne: Rüdiger Köppe Verlag, 2003,
- EZENWAFOR, C.I. **Serial Verb Construction in Etulo**. Theory and Practice in Language Studies, Vol. 9, No. 9, pp. 1221- 1230, 2019.
- FAN, Y. **Serial Verb Construction in Mandarin Chinese and Jinjiang Southern Min**. PhD Dissertation. University of Manchester, 2016.
- FARACLAS, N. **Nigerian Pidgin**. London: Routledge, 1996.
- FELIPE, T. A. **Introdução à gramática da LIBRAS**. In: MEC/SEESP. (Org.). Educação Especial - Língua Brasileira - Série Atualidades Pedagógicas - 4. 2ª ed. Brasília, V. III, p.81-123, 1999.
- FISCHER, S. D.; JANIS, W. **Verb sandwiches in ASL**. In Siegmund Prillwitz & Thomas Vollhaber (eds.), Current trends in European sign language research: Proceedings of the 3rd European Congress on Sign Language Research, Hamburg, 1989, 279–294. Hamburg: Signum, 1990.
- FOLEY, W. A. **Events and serial verb constructions**. Complex Predicates: Cross-linguistic Perspectives on Event Structure, ed. by Mengistu Amberber, Brett J. Baker & Mark Harvey, 79–109. Cambridge & New York: Cambridge University Press, 2010.
- FOLEY, W. A.; OLSON, M. **Clausehood and verb serialization**. In Nichols, J. and Woodbury, A., editors, Grammar Inside and Outside the Clause: Some Approaches to Theory from the Field, pages 17–60. Cambridge University Press, Cambridge, 1985.
- FORMAN, M. L. **Verb serialization, word order typology, and Zamboangueno: A comparative approach**. Oceanic Linguistics, 32(1):163–182, 1993.
- FRANÇOIS, A. **Serial Verb Constructions in Mwotlap**. In: AIKHENVALD, Alexandra. DIXON, R.M.W. (org). Serial Verb Constructions: A cross-linguistic typology. Oxford University Press, 2006.
- FRANÇOIS, A. **Serial verb constructions in Mwotlap**. R.M.W. Dixon & Alexandra Aikhenvald (eds). Serial Verb Constructions: A cross-linguistic typology, Oxford: Oxford University Press, pp.223- 238, 2005.

- FREITAS, M. A.; BARBOSA, M. F. M. **A alternância do diminutivo -inho/-zinho no português brasileiro: um enfoque variacionista.** Alfa 57 (2), 577-605, 2013.
- GARCÍA, G. **Serial Verb in Southeastern Tepehuan.** Proceeding of the III Conference of Indigenous Language of Latin America (CILLA). University of Texas at Austin. Electronic publication, 2008.
- GIVON, T. **Serial verbs and syntactic change: Niger-Congo.** In Charles N. Li (ed.), Word Order and Word Order Change. Austin: University of Texas Press, 47–112. 1975.
- GIVON, T. **Some substantive issues concerning verb serialization: Grammatical vs. cognitive packaging.** In Lefebvre, C., editor, Serial Verbs: Grammatical, Comparative and Cognitive Approaches, volume 8 of Studies in the Sciences of Language, pages 137–184, 1991.
- GÖKGÖZ, K. **Negation – theoretical and experimental perspectives.** In: QUER, J.; PFAU, R.; HERRMANN, A. (Eds.). The Routledge Handbook of Theoretical and Experimental Sign Language Research. Oxford: Routledge, p. 266-294. 2021.
- GÖKSEL, A.; KELEPIR, M. **Observations on clausal complementation in Turkish Sign Language.** In Pfau R., M. Steinbach & A. Herrmann (eds.), A matter of complexity: Subordination in sign languages. Berlin: De Gruyter Mouton, 65-94, 2016.
- GUÉRIN, V. M. P. R. **A Grammar of Mavea: An Oceanic Language of Vanuatu.** Honolulu: University of Hawaii Press, 2011.
- HALE, K. **Misumalpan verb sequencing.** In C. LEFEBVRE (Ed.), Serial verbs: Grammatical, comparative and cognitive approaches (pp. 1-36). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins publishing, 1991.
- HALE, K.; KEYSER, S. **On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations.** In K. HALE, & J. KEYSER (Eds.), View from Building 20. Current Studies in Linguistics. Cambridge: MIT Press, 1993.
- HANSELL, M. **Serial verbs and complement constructions in Mandarin: A clause linkage analysis.** In Van Valin, Jr., R. D., editor, Advances in Role and Reference Grammar, volume 82 of Current Issues in Linguistic Theory, pages 197–234, 1993.

- HASPELMATH, M. **The serial verb construction: comparative concept and cross-linguistic generalizations.** *Lang. Linguist.* 17, 291–319, 2016.
- HELLWIG, B. **Serial verb constructions in Goemai.** In Aikhenvald, A. Y. and Dixon, R. M. W., editors, *Serial Verb constructions: A Cross-Linguistic Typology*, pages 88–107. Oxford University Press, Oxford, 2006.
- HOEKSTRA, T. **Small clause results.** *Lingua* 74: 101-139, 1988.
- HOPPERDIETZEL, J.; KLINGLER, N. **On the prosodic integration of serial verb constructions in Daakaka (Oceanic).** Paper presented at Phonologie und Phonetik Tagung 15 (P&P15), Heinrich-Heine-University Düsseldorf, 2019.
- HORNSTEIN, N. **Move! A Minimalist Theory of Construal.** Blackwell, Malden/Oxford, 2001.
- HUANG, C.-T.J. **Logical relations in Chinese and the theory of grammar.** Cambridge: Massachusetts Inst. of Technology. (Doctoral dissertation), 1982.
- HULST, H. van der. **Units in the analysis of signs.** *Phonology*, Cambridge, v. 10, n. 2, p. 209-241, 1993.
- HYSLOP, C. **The Lolovoli dialect of the North-East Ambae language, Vanuatu.** *Pacific Linguistics*, 515. Canberra: Australian National University, 2001.
- INGRAM, A. **A grammar of Anamuxra.** Ph.D. thesis. The University of Sydney, 2001.
- JANSEN, B., KOOPMAN, H.; MUYSKEN, P. **Serial verbs in the Creole languages.** *Amsterdam Creole Studies*, 2(2):125–159, 1978.
- JANTUNEN, T. **Clausal coordination in Finnish Sign Language.** *Studies in Language* 40: 204-234, 2016.
- JANZEN, T.; O’DEA, B.; SHAFFER, B. **The Construal of Events: Passives in American Sign Language.** *Sign Language Studies*, Washington, v. 1, n. 3. p. 281-310, 2001.
- JARKEY, N. **Cotemporal serial verb constructions in White Hmong.** In Amberber, M., Baker, B., and Harvey, M., editors, *Complex*

- Predicates: Cross-Linguistic Perspectives on Event Structure, pages 110–134. Cambridge University Press, Cambridge, 2010.
- JARKEY, N. ***Serial verb constructions in White Hmong***. Leiden: Brill, 2015.
- JARKEY, N. **Serial verb constructions in White Hmong: a functional approach**. Ph.D. dissertation. University of Sydney. 1991.
- JENSEN, C. **Comparative Tupi-Guarani Morphosyntax**. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (Eds). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, v. 4. p. 491-618, 1998.
- JOHNSTON, T. & SCHEMBRI, A. ***Australian Sign Language: An Introduction to Sign Language Linguistics***. Cambridge: Cambridge University Press, 2007
- KAYNE, R. **Connectedness and binary branching**. Dordrecht: Foris, 1984.
- KEGL, J.A. **Predicate Argument Structure in ASL**. In Lucas, C. (ed.) *Sign Language Research: Theoretical Issues*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1990.
- KENDON, A. **Gesture: Visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- KENDON, A. **Some reasons for studying gesture**. *Semiotica* 62.3–28, 1986.
- KILIAN-HATZ, C. **Serial verb constructions in Khwe (Central-Khoisan)**. *Serial Verb Constructions: A Cross-linguistic Typology*, ed. by Alexandra Y. Aikhenvald & R. M. W. Dixon, 108–123. Oxford & New York: Oxford University Press, 2006.
- KIMMELMAN, V. **Parts of speech in Russian Sign Language: The role of iconicity and economy**. *Sign Language & Linguistics* 12(2). 161–186. DOI: <http://doi.org/10.1075/sll.12.2.03kim>, 2009b.
- KIMMELMAN, V. **Word order in Russian Sign Language**. Sign Klamer, Marian. 1998a. *A grammar of Kambera*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011.
- KLAMER, M. **A grammar of Kambera**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 1998a.

- KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Harvard University Press, Cambridge, MA, 1979.
- KRAUßE, D. **Serial Verbs, Coverbs, Preverbs, Complex Verbs and Complex Predicates: Are they all the same?** 2020.
- KROEGER, P. R. **Analyzing syntax: A lexical functional approach**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.
- LARSON, R. **“On the double object construction”**. *Linguistic Inquiry* 19: 335-391, 1988.
- LARSON, R. **Some Issues in Verb Serialization**. In C. LEFEBVRE (ed) *Serial Verbs: Grammatical, Comparative and Cognitive Approaches*. Amsterdam: John Benjamins. 1991.
- LAU, P. **Serial Verb Constructions in Hong Kong Sign Language**. Ph.D. dissertation, Hong Kong: The Chinese University of Hong Kong, 2012.
- LAW, P. **A note on the serial verb construction in Chinese**. *Cahiers de linguistique - Asie orientale*, 25(2):199–233. Lefebvre, C., editor (1991). *Serial Verbs: Grammatical, Comparative and Cognitive Approaches*, volume 8 of *Studies in the Sciences of Language*. John Benjamins, Amsterdam; Philadelphia, 1996.
- LAW, P.; VEENSTRA, T. **On the Structure of Serial Verbs Constructions**. *Linguistic Analysis* 22, pp.185-217, 1992.
- LASZAKOVITS, S., QUADROS, R. M., NOSCHESE, E. J., & LILLO-MARTIN, D. **Object shift in ASL and Libras**. In S. Laszakovits & Z. Shen (Eds.), *The size of things II: Movement, features, and interpretation* (pp. 43–65). Berlin: Language Science Press, 2023.
- LEGELAND, I., HARTMANN, K.; PFAU, R. **Word order asymmetries in NGT coordination: The impact of Information Structure**. FEAST. *Formal and Experimental Advances in Sign language Theory*. 2. 10.31009/FEAST.i2.05, 2018.
- LEVELT, W. J. M. **Speaking: From intention to articulation**. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.
- LEVELT, W. J. M., ROELOFS, A. & MEYER, A. S. **A theory of lexical access in speech production**. *Behavioral Brain Sciences*, 22, 1-75, 1999.

- LI, C. & THOMPSON, S. A. **Mandarin Chinese. A Functional Reference Grammar.** University of California Press, Berkeley. Li, K. L. (2002). On Cantonese causative constructions: Iconicity, grammaticalization and semantic structures. Master's thesis, The University of Hong Kong. Li, Y. 1981.
- LI, C. & THOMPSON, S. A. **Serial Verb Constructions in Mandarin Chinese: Coordination or Subordination?** Papers from the Comparative Syntax Festival, Chicago Linguistics Society 9. 96-113. (In You'll Take the High Node and I'll Take the Low Node). 1973.
- LIDDELL, S. K. **American Sign Language Syntax.** The Hague: Mouton, 1980.
- LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LIDDELL, S. K. **Non manual sign sand relative clauses in American Sign Language.** In Understanding Language through Sign Language Research, ed P. Siple (New York, NY: Academic Press), 59–90, 1978.
- LIDDELL, S. K.; R. E. JOHNSON. **American Sign Language: The Phonological Base.** In: VALLI, C. e C. LUCAS (org.). (2000). Linguistics of American Sign Language: an introduction. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press, 1989.
- LIDDELL, S., VOGT-SVENDSEN, M.; BERGMAN, B. **A Crosslinguistic Comparison of Buoys. Evidence from American, Norwegian, and Swedish Sign Language,** 2007.
- LIKERT, R. **A Technique for the Measurement of Attitudes,** Volume 22, No. 140 of Archives of Psychology, New York, 1932.
- LILLO-MARTIN, D. **Processing Spatial Anaphora: Referent Reactivation with Overt and Null Pronouns in American Sign Language.** Language and Cognitive Processes, v. 10, p. 631-664, 1995.
- LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. D. **The acquisition of focus constructions in American Sign Language and Língua de Sinais Brasileira.** In: A. Burgos, M. R. Clark-Cotton; S. Ha (Orgs.). Proceedings of the 29th Boston University Conference on Language Development. Somerville, MA: Cascadilla Press, p. 365-375, 2005.

- LOPES, C. R. dos S.; Mota, M. A. **A percepção e a aceitabilidade de formas de tratamento no português europeu (PE): uma abordagem experimental.** Working papers em linguística 20 (2), 135-174, 2019.
- LORD, C. **Historical Change in serial verb construction in languages of West Africa.** Unpublished doctoral dissertation, University of California at Los Angeles, 1989.
- LORD, C. **Historical Change in Serial Verb Constructions.** John Benjamins, Amsterdam; Philadelphia, 1993.
- LOURENÇO, G.; QUADROS, R. M. **The syntactic structure of the clause in Brazilian sign language.** In: Ronice Müller de Quadros. (Org.). Brazilian Sign Language Studies. 1ed. Boston/Berlin/Munich/Preston: De Gruyter Mouton / Ishara Press, v. p. 131-154, 2020.
- LOVESTRAND, J. **Serial Verb Constructions.** Annual Review of Linguistics, Vol. 7, Issue 1, pp. 109-130, 2021.
- LUKE, K. K.; BODOMO, A. **A Comparative Study of the Semantics of Serial Verb Constructions in Cantonese and Dagaare.** In: Languages in Contrast 3:2, 165-180, 2001.
- MALAIA, Avie E.; MILKOVIĆ, Marina. **Aspect: theoretical and experimental perspectives.** In: QUER, Josep; PFAU, Roland; HERRMANN; Annika (Eds.). The Routledge Handbook of Theoretical and Experimental Sign Language Research. 1ed. 2021.
- MALAIA, E; MARINA M. **Aspect: Theoretical and experimental perspectives.** In QUER, J.; PFAU, R.; HERRMANN, A. (eds.), The Routledge Handbook of Theoretical and Experimental Sign Language Research, 194–212. Routledge, 2021.
- MATISOFF, J. A. **Verb concatenation in Lahu: The syntax and semantics of 'simple' juxtaposition.** Acta Linguistica Hafniensia 12: 69-120, 1969.
- MATSUOKA, K. **The Lexical Verb Sandwich in American Sign Language and the Hybrid Feature.** In Rebecca Daly and Anastasia Riehl (Eds.) ESCOL'99, 142-148. Storrs: Cornell University, 1999.
- MATSUOKA, K. **Verb Raising in American Sign Language.** Lingua. 103:127-149. 1997.

- MATTHEWS, S. **On serial verb constructions in Cantonese**. In Dixon, A. Y. A. R., editor, *Serial Verb Constructions: A Cross-Linguistic Typology*, pages 69–87. Oxford University Press, Oxford, 2006.
- MCKAY, G. **‘Ndjébbana’**. *The Handbook of Australian languages*, vol. 5, edited by R. M. W. Dixon and Barry J. Blake. Melbourne: Oxford University Press pp. 155–354, 2000.
- MCNEILL, D. **Hand and mind: What gestures reveal about thought**. Chicago: University of Chicago, 1992.
- MEAKINS, F. **The development of asymmetrical serial verb constructions in an Australian mixed language**. *Linguistic Typology* 14: 1-38, 2010.
- MEISTER, E. **An Investigation of Multi-Verb Constructions in Hmong Ntsuab**. PhD thesis, Payap University, Chiang Mai, Thailand, 2010.
- MEYERHOFF, M. **Another look at the typology of serial verb constructions: The grammaticalization of temporal relations in Bislama (Vanuatu)**. *Oceanic Linguistics*, 40(2):247– 268. 2001.
- MIRANDA, J. P. V. **Voz passiva em libras? Ou outras estratégias de topicalização?** xi, 80 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — UnB, Brasília, 2014.
- MOKAM FOKO, M. C. **The Morphosyntax of Ghómálá’ Verbs: Focus on Inherent Complement Verbs and Serial Verb Constructions**. Dissertação (Mestrado) - THE UNIVERSITY OF YAOUNDE I, [S. I.], 2020.
- MORGAN, G., HERMAN; WOLL, B. (Eds.). **Directions in sign language acquisition (Vol. 2)**. John Benjamins Publishing Company, 2002.
- MUANSUWAN, N. **Directional serial verb constructions in Thai**. In Flickinger, D. and Kathol, A., editors, *Proceedings of the 7th International HPSG Conference, UC Berkeley (22-23 July, 2000)*, pages 229–246, Stanford. CSLI, 2001.
- MUNN, A. A null operator analysis of ATB gaps. *Linguistic Review* 9(1). 1–26, 1992.
- MUSA, S. U. **Classificatory Analysis of Serial Verb Constructions in Fulfulde Maare**, 2018.

- MUYSKEN, P.; VEENSTRA, T. **Serial verbs**, Arends, J., Pieter C. Muysken and N. Smith (eds.). 1995. *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam: Joun Benjamins. pp. 289-301. 1995.
- MUYSKEN, P.; VEENSTRA, T. **Serial verbs**. *The Blackwell Companion to Syntax*, Vol. IV, ed. by Martin Everaert & Henk C. van Riemsdijk, 234–270. Malden: Blackwell. 2006.
- NEIDLE, C., KEGL, J., MACLAUGHLIN, D., BAHAN, B.; LEE, R. G. **The syntax of american sign language. Functional categories and hierarchical structure**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- NISHIYAMA, K. **V-V compounds as serialization**. *Journal of East Asian Linguistics* 7.3: 175–217, 1998.
- NUNES, J.; QUADROS, R. M. **Focus duplication of WH-elements in Brazilian Sign Language**. Presented at NELS 35, Storrs CT. 2004b.
- NWACHUKWU, P. **The argument structure of Igbo verbs**. *Lexicon projects working papers*, 18, 1987.
- NYAMPONG, O. B. **Serial verb constructions in Krio and Akan**. Unpublished Master's thesis in linguistics, Department of Language and Literature, Norwegian University of Science and Technology, 2015.
- NYST, V. **A descriptive analysis of Adamorobe sign language (Ghana)**, 2007.
- NYST, V. **The Significance of African Sign Languages for African Linguistics and Sign Language Studies**. *Selected Proceedings of the 43rd Annual Conference on African Linguistics: Linguistic Interfaces in African Languages*. Edited by Ólaniké Óla Orié and Karen W. Sanders Cascadilla, 2013.
- OLIVEIRA, C. S. F.; SÁ, T. M. M. **Métodos off-line em psicolinguística: julgamento de aceitabilidade**. *ReVeLe* - nº 5 – maio/2013.
- OOMEN, M., PFAU, R., ABOH, E. O. **High and low negation in Sign Language of the Netherlands**. *FEAST*, 1, 39-47, 2018.
- PADDEN, C. **Grammatical theory and signed languages**. In F. Newmeyer (Ed.), *Linguistics: The Cambridge Survey* (Vol. II). Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1988.

- PADDEN, C. **The relation between space and grammar in ASL verb morphology.** In: Sign Language research – theoretical issues. Washington: Gallaudet University Press, p.118-132, 1990.
- PAUL, W. **The serial verb construction in Chinese: A tenacious myth and a Gordian knot.** *The Linguistic Review*, 25:367–411, 2008.
- PAWLEY, A.; LANE, J. **From event sequence to grammar: Serial verb constructions in Kalam.** In Siewierska, A. and Song, J. J., editors, *Case, Typology, and Grammar: in Honor of Barry J. Blake*, pages 201–228. John Benjamins, Amsterdam; Philadelphia, 1998.
- PEDERNEIRA, I. **Verbos leves no Português Brasileiro: Uma nova proposta.** *Revista Lingüística Rio*, 1, p. 9-16. 2014.
- PFAU, R. **Applying morphosyntactic and phonological readjustment rules in natural language negation.** In: Meier, R.P. et al. (eds.), *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 263-295, 2002.
- PFAU, R. Non-manuals and tones: A comparative perspective on suprasegmentals and spreading. *Linguistica* 11. 19–58, 2016.
- PFAU, R.; STEINBACH, M. 2011. **Grammaticalization in sign languages.** In: Narrog, H. & B. Heine (eds.), *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 683-695, 2011.
- PFAU, R.; STEINBACH, M. **Optimal reciprocals in German Sign Language.** *Sign Language & Linguistics* 6 (1), 3-42, 2003.
- PIZZUTO, E., GIURANNA, E., GAMBINO, G. **Manual and Non-Manual Morphology in Italian Sign-Language: Grammatical Constraints and Discourse Processes.** In: LUCAS, C. *Sign language research: Theoretical issues*. Washington, D.C., p. 83-102, 1990.
- PYOUN, J. **The Syntax and Semantics of Korean Serial Verb Constructions: A Corpus-Based Analysis.** Master's thesis, San Diego State University, San Diego, CA, 2011.
- QUADROS, R. M.; QUER, J. **A caracterização da concordância nas línguas de sinais.** In: SALLES, H. M. M. L. & NAVES, R. R. *Estudos de língua de sinais brasileira e aquisição do Português (L2) por 88 surdos*. Goiânia: Cãnone Editorial. p. 27- 52, 2010.

- QUADROS, R. M.; QUER, J. **Revertendo os verbos reversos e seguindo em frente: sobre concordância, auxiliares e classes verbais em línguas de sinais**. In: Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. TISLR 9, pp. 69-85, 2008.
- QUADROS, R. M.; SILVA, J.; MACHADO, R. Chapter 5. **A corpus-based analysis of coordinate structures in Libras**, 2023.
- QUADROS, R. M. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição**. PUCRS, 1995.
- QUADROS, R. M. de. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**. 3. ed. Canoas: Textura, 2000.
- QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.
- QUADROS, R. M. **Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais**. Penso Editora, 2017.
- QUADROS, R. M. **Phrase structure of Brazilian sign language**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUER, J. **Negation**. In Pfau et al. (eds.) 2012, 316–339, 2012.
- QUER, J. **Operadores negativos en Lengua de Signos Catalana**. Ms. ICREA & Universitat de Barcelona, 2003.
- QUER, J. **The expression of negation in sign languages**. In Déprez V. & Espinal M. T. (eds.), *The Oxford Handbook of Negation*, Oxford: Oxford University Press, 2020.
- QUER, J.; CECCHETTO, C.; PFAU, R.; DONATI, C.; STEINBACH, M.; GERACI, C. **SignGram blueprint. A guide to sign language grammar writing**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017.
- QUER, J.; STEINBACH, M. **Handling Sign Language Data: The Impact of Modality**. *Frontiers in Psychology*, 10, 483-483, 2019.
- RAPOPORT, A. **The Meaning of the Built Environment: A Nonverbal Communication Approach** (2nd ed.). Tucson, AZ: University of Arizona Press, 1990.

- RIBERA-LLONC E.; ESPINAL M.T.; QUER, J. **The noun-verb distinction in Catalan Sign Language: an exo-skeletal approach**. *Sign Lang Linguist.* Oct;22(1):1-43, 2019.
- RIDDLE, E. **'Parataxis in White Hmong'**, pp. 65–76 of Joseph and Zwicky (eds), 1990.
- RISSMAN, L.; HORTON, L.; FLAHERTY, M.; SENGHAS, A.; COPPOLA, M.; BRENTARI, D; GOLDIN-MEADOW, S. **The communicative importance of agent-backgrounding: Evidence from homesign and Nicaraguan Sign Language**. Elsevier, 2020.
- RODRIGUES, C. **Possessor raising and structural variations within the vP domain**, *Glossa: a journal of general linguistics* 8(1). doi: <https://doi.org/10.16995/glossa.9131>, 2023.
- RODRIGUES, C.; SAAB, A. **South-American Languages in a Formal Perspective**. 10.1007/978-3-031-22344-0_1, 2023.
- ROSE, F. **The origin of serialization: The case of Emerillon**. *Studies in Language*, 33(3):644–684. Rosenbaum, P. S., 2009.
- ROSS, D.; LOVETRAN, J. **What do serial verbs mean? A worldwide survey**. Paper presented at Syntax of the World's Languages VIII (SWL8), INALCO, Paris, 2018.
- ROSS, J. R. **Constraints on Variables in Syntax**. Tese de Doutorado, MIT, 1967.
- SAEED, J.; LEESON, L. **Detransitivisation in Irish Sign Language**, 1999.
- SAHOO, K. **Argument Sharing in Oriya Serial Verb Constructions**. 10.1075/slcs.77.13sah, 2006.
- SANDLER, W. **Phonological Representation of the Sign: Linearity and Nonlinearity in American Sign Language**, 1989.
- SANTANA, R. S.; GROLLA, E. **A aceitabilidade do singular nu pré-verbal em português brasileiro**. *Linguística* 14 (2), 194-214, 2018.
- SCHACHTER, P. **A non-transformational account of serial verbs**. *Studies in African Linguistics. Supplement 5*, 253–70, 1974.
- SCHLENKER, B. A., SCHLENKER, P. A. & SCHLENKER, K. A. **Antecedents of academic engagement and the implications for college grades**. *Learning and Individual Differences* 27, p. 75–81. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.lindif.2013.06.014>, 2013.

- SCHLENKER, P. **Featural variables**. *Nat. Lang. Linguist. Theory* 34:1067, 2016.
- SCHLENKER, P. **Gesture Projection and Cosuppositions**. *Linguistics and Philosophy* 41(3). 295–365, 2018.
- SCHLENKER, P. **Iconic features**. *Nat. Lang. Semant.* 22:299–356, 2014.
- SCHÜTZE, C. T. **The Empirical Base of Linguistics: Grammaticality Judgments and Linguistic Methodology**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- SEBBA, M. **The Syntax of Serial Verbs**. John Benjamins, Amsterdam, 1987.
- SENFT, G. **Serial verb constructions in Austronesian and Papuan languages**. Canberra: Pacific Linguistics, 2008
- SENGHAS, A.; COPPOLA, M. **Children creating language: How Nicaraguan Sign Language acquired a spatial grammar**. *Psychological Science*, N°12, p. 323–328, 2001.
- SEUREN, P. **Serial verb constructions**. In Joseph, B. D. and Zwicky, A., editors, *When Verbs Collide: Papers from the (1990) Ohio State Mini-Conference on Serial Verbs*, volume 39 of Ohio State University Working Papers in Linguistics, pages 14–33, 1990.
- SILVA, C. C. **Coordenação aditiva e adversativa em libras**. 109 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- SLOBIN, D. I.; HOITING, N. **Reference to movement in spoken and signed languages: Typological considerations**. Paper presented at the 20th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, University of California, Berkeley, 1994.
- SLONIMSKA, A., & CAPIRCI, O. **Encoding transitive actions in Italian Sign Language: Agent's or patient's perspective?**. Talk presented at the 7th conference of Scandinavian Association for Language and Cognition (SALC7). Aarhus, Denmark, 2019.
- SMITH, N. A. **Linguistic structure prediction**. *Synthesis lectures on human language technologies*. Vol. 4. Stroudsburg (PA): Morgan & Claypool Publishers, p. 1–274, 2011.

- SOUZA, I. G. M. **Concordância verbal e a hipótese do período crítico em Libras**: Um estudo teórico-experimental. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2016.
- STAHLKE, H. F. W. **Serial verbs**. *Studies in African Linguistics* 1.1:60–99, 1970.
- STEEVER, S. B. **The Serial Verb Formation in the Dravidian Languages**. Delhi: Motilal Banarsidass, 1988.
- STEWART, J. M. **Some restrictions on objects in Twi**. *Journal of African Languages*, 2(2):145–149, 1963.
- STEWART, O. **The Serial Verb Construction parameter**. New York: Garland, 2001.
- STEWART, O. **The serial verb construction parameter**. Ph.D. thesis, McGill University, Montréal, 1998.
- STOKOE, W. **Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf**. *Studies in Linguistics*, nº 8 University of Buffalo, 1960.
- SUDMUK, C. **The Syntax and Semantics of Serial Verb Constructions in Thai**. 2005.
- SUPALLA, T. **Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego, 1982.
- SUPALLA, T. **Serial Verbs of Motion in ASL**. in FISCHER, S.; SIPLE, P. (ed.) *Theoretical Issues in Sign Language Research*. *Linguistics S.D.* Vol. 1, Chicago, University of Chicago Press, pp. 127-152, 1990.
- SUPALLA, T. & NEWPORT, E. **How many seats in a Chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language**. In P. Siple (ed.) *Understanding Language Through Sign Language Research*. New York: Academic Press, 1978.
- SUPALLA, T. **Morphology of verbs of motion and location in American Sign Language**. In *Proceedings of the Second National Symposium of Sign Language Research and Teaching*. 1978.
- SUPALLA, T. **The classifier system in American Sign Language**. In: CRAIG, Colette. (Ed.) *Typological studies in language: noun classes*

and categorization. N^o 7, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, pp. 181-214, 1986.

- TAKAHASHI, E. **Beyond Statistical Learning in the Acquisition of Syntax**. Ph.D. Dissertation. University of Maryland, 2009.
- TANG, G. **Verbs of Motion and Location in Hong Kong Sign Language: Conflation and Lexicalization**, in Karen Emmorey (ed) *Perspectives on Classifier constructions in Sign Languages*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 143-65, 2003.
- TANG, G.; LAU, P. **Coordination and subordination**. In: Roland Pfau, Markus Steinbach & Bencie Woll (Eds.), *Sign language: An international handbook*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2012, p. 340–365, 2012.
- TAO, L. **Serial Verb Construction in Mandarin Chinese: The interface of syntax and semantics**. Proceedings of the 21st North American Conference on Chinese Linguistics (NACCL-21). Volume 2. Edited by Yun Xiao. Smithfield, Rhode Island: Bryant University. Pages 209-228, 2009.
- THOMPSON, H. **The lack of subordination in American Sign Language**. New York: Academic Press, pp 181-195, 1977.
- THORNES, Timothy J. **A Northern Paiute Grammar with Texts**. PhD dissertation, University of Oregon. Trask, R. L. 1998. The typological position of Basque: Then and now. *Language Sciences* 20:313-324, 2003.
- VAN GIJN, I. **The Quest for Syntactic Dependency: Sentential Complementation in Sign Language of the Netherlands**. Ph.D. dissertation, Amsterdam: University of Amsterdam (Utrecht: LOT), 2004.
- VEENSTRA, T. **Serial verb constructions, parameter settings and thematic restrictions on argument sharing**. In F. Drijkonigen & K. Hengeveld (eds.) *Linguistics in the Netherlands 1993*. Amsterdam: Benjamins. 153-64, 1993.
- VEENSTRA, T. **Serial Verbs in Saramaccan. Predication and Creole Genesis**. Ph.D. dissertation, University of Amsterdam, Amsterdam (Den Haag: Holland Academic Graphics), 1996.

- VEENSTRA, T., MUYSKEN, P. **Serial verb constructions**. The Wiley Blackwell companion to syntax, second edition. Publisher: Wiley Online Library, 2017.
- VELUPILLAI, V. **An introduction to linguistic typology**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., 2012.
- VERMEERBERGEN, M. & LEESON, L. (2011). **European Signed Languages – Towards a Typological Snapshot**. 10.1515/9783110220261.269, 2011.
- VERMEERBERGEN, M. **Rood kool tien persoon. Morfo-syntactische aspecten van de Vlaams-Belgische Gebarentaal**. Ph. D. thesis. Brussel: Vrije Universiteit Brussel, 1996.
- WANG, X. **Notes about serial verb construction in Chinese**. California Linguistic Notes, 32(1):1–15, 2007.
- WESTERMANN, D.H. **A study of the Ewe language**. London: Oxford University Press, 1930.
- WILBUR, R. B.; ABNER, N.; WOOD S.; KOULIDOBROVA H. **When BEAT is ‘exceed’: verbal comparison in American Sign Language**. FEAST 1: 59-69, 2018.
- WOOD, S. K. **Semantic and syntactic aspects of negation in ASL**. West Lafayette, IN: Purdue University Master’s thesis, 1999.
- YEE, P. L.S. **Serial verb constructions in Hong Kong sign language**. Presented at the Theoretical Issues in Sign Language Research (TISLR) 10, Purdue University, 30th September to 2nd October, 2010.
- ZORZI, G. **Coordination and gapping in Catalan Sign Language (LSC)**. Tese de doutorado, Universitat Pompeu Fabra. 2018.
- ZORZI, G. **Coordination in Catalan Sign Language: a syntactic account for conjunction**. FEAST. Formal and Experimental Advances in Sign language Theory, Vol. 2, p. 132-142, 2018.
- ZORZI, G. **Gapping vs VP-ellipsis in Catalan Sign Language**. FEAST 1. 2018. pp.70-81, 2018.



ANEXO 01

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Empilhamento verbal em Libras: seriação ou coordenação?**”. A pesquisa tem como responsável o Doutorando Isaac Gomes Moraes de Souza (isaacgms@hotmail.com), pesquisador do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, cujo endereço é Rua Marquês de S. Vicente, Ed. Pe. Leonel Franca, 3º andar - Gávea - Rio de Janeiro, CEP: 22451-900; +55 (21) 3527-1297, sob orientação da prof. Dra. Cilene Rodrigues (crodrigues@puc-rio.br). A pesquisa está sendo realizada no âmbito do INCOg - Grupo Interdisciplinar de Estudos em Neurociências e Cognição, da PUC-Rio.

Nesta pesquisa, você irá executar uma tarefa de julgamento de sentenças, na qual terá os seguintes procedimentos: você visualizará sentenças em Libras na tela de um computador e colocará as respostas em uma ficha, dando nota de 1 a 5 para cada sentença, onde 1 é ruim e 5 é bom. A atividade não tem nenhum caráter de avaliação de desempenho mental e/ou de conhecimento da língua, e sua duração deve ser em torno de 20 minutos. Nosso objeto é acessar e descrever, por meio de experimentos como este, a gramática internalizada por falantes de Libras.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho experimental que envolve seres humanos, há a possibilidade de danos físicos, psíquicos, morais, intelectuais, sociais e culturais, durante ou após a realização do experimento. Caso ocorra qualquer desconforto físico ou mental durante ou depois da realização do experimento, você deverá contatar o pesquisador e relatar o ocorrido. Se o desconforto ocorrer durante a realização da tarefa experimental, você deve parar o experimento imediatamente. O pesquisador garantirá a assistência necessária. Dado que a pesquisa está sendo realizada no âmbito do INCOg, eventuais casos de situações de desconforto cognitivo ou emocional serão encaminhados à equipe de psicólogos que compõe o INCOg.

Você deverá fornecer nome, endereço, telefone e e-mail de contato caso queira participar das etapas posteriores da pesquisa. No entanto, todas as informações fornecidas têm caráter confidencial, de modo que não haverá nenhum tipo de identificação individual dos participantes. O nome ou material que identifica os participantes não será liberado em hipótese alguma. Os resultados finais serão relatados por meio de valores estatísticos, e estarão à disposição dos participantes quando a



pesquisa for concluída.

Você não terá qualquer perda ou vantagem financeira ao participar deste estudo. Sua participação não lhe trará benefícios diretos; todavia, os dados obtidos serão relevantes para a compreensão de como se efetivam os processos de produção e compreensão de sentenças por falantes de **Libras – Língua Brasileira de Sinais**.

Enfatizamos que você pode solicitar esclarecimentos sobre a presente pesquisa, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e sua recusa em participar não acarretará penalidades de nenhuma ordem. Também não haverá qualquer tipo de mudança relativa à forma como você é tratado(a) ou atendido(a) pelo pesquisador.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra permanecerá em sua posse.

Caso necessite, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (CEPq-PUC-Rio) pelo telefone (21) 3527-1618.



DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, _____,
portador(a) do documento de identidade _____, de maneira livre, esclarecida e voluntária, concordo em participar da pesquisa “**Empilhamento verbal em Libras: seriação ou coordenação?**”, acima explicitada. Estou ciente do assunto, do objetivo do estudo, dos procedimentos, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Está claro que minha participação é isenta de despesas ou vantagens financeiras e que minha imagem e/ou dados pessoais não serão usados, permanecendo em sigilo. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de interromper minha participação ou retirar meu consentimento, sem penalização ou prejuízo algum. Declaro também que recebi uma via original do termo de consentimento livre e esclarecido, em português e em Libras, tendo sido me dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas, tanto em língua portuguesa, quanto em Libras. Declaro ainda que, em caso de qualquer questão relativa aos aspectos éticos desta pesquisa, bem como dúvidas que surjam posteriormente, poderei consultar diretamente a profa. Dra. Cilene Rodrigues e Isaac Gomes Moraes de Souza, responsáveis pela pesquisa, no Departamento de Letras da PUC-Rio Rua Marquês de S. Vicente, Ed. Pe. Leonel Franca, 3º andar - Gávea - Rio de Janeiro, CEP: 22451-900; +55 (21) 3527-1297, ou o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (CEPq-PUC-Rio) pelo telefone (21) 3527-1618.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Contatos:

Pesquisador: Isaac G. M. de Souza
Telefone: (21) 98101-8355
E-mail: isaaacgms@hotmail.com

Orientadora: Cilene Rodrigues
Telefone: (21) 98055-1025
E-mail: crodrigues@puc-rio.br

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-
Rio (CEPq-PUC-Rio)
Telefone: (21) 3527-1618

ANEXO 02

Ficha de Julgamento



TAREFA _____

Sentença 1

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Sentença 2

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Sentença 3

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Sentença 4

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Sentença 5

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Sentença 6

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Sentença 7

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Sentença 8

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Sentença 9

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Sentença 10



Sentença 11



Sentença 12



Sentença 13



Sentença 14



Sentença 15



Sentença 16



Sentença 17



Sentença 18



Sentença 19



Sentença 20



Sentença 21



Sentença 22



Sentença 23



Sentença 24



Sentença 25



Sentença 26



Sentença 27



Sentença 28



Sentença 29



Sentença 30



Sentença 31



Sentença 32



Sentença 33



Sentença 34



Sentença 35



Sentença 36



Sentença 37



Sentença 38



Sentença 39



Sentença 40



Sentença 41



Sentença 42



Sentença 43



Sentença 44



Sentença 45



Sentença 46



Sentença 47



Sentença 48



Sentença 49



Sentença 50



Sentença 51



Sentença 52



Sentença 53



Sentença 54



ANEXO 03

Tipos de CVSS Simétricas em LIBRAS

PROSPECÇÃO DA PRODUTIVIDADE DE VARIAÇÕES NAS CVSS SIMÉTRICAS						
	Tipo de CVS	Sentença	Interpretação esperada	Julgamento		
				√	X	
TIPOS de CVSS	Contexto 1	Marcos é um ótimo médico cirurgião que trabalha em um hospital. Ele examina cuidadosamente os pacientes, os opera e os cura. Pedro, porém, é um médico cirurgião ruim. Ele tem medo de operar, pois, já matou um paciente. Então, ele examina, mas não os opera.				
	CVSC	(1) MARCOS _a EXAMINAR _b PACIENTE _b OPERAR 'Marcos examinou o paciente (e) operou.'	Marcos examinou o paciente e o operou.	x		
	CVSP	(2) MARCOS _a EXAMINAR _b PACIENTE _b OPERAR 'Marcos examinou o paciente (para) operar.'	Marcos examinou o paciente para a operação, mas não o operou necessariamente.	?		
		(3) PEDRO _a EXAMINAR _b PACIENTE _b OPERAR 'Pedro examinou o paciente (para) operar.'	Pedro examinou o paciente para a operação, mas não o operou.		?	
	CVSR	(4) MARCOS _a OPERAR PACIENTE _b MELHORAR 'Marcos operou o paciente (e) (ele) melhorou.'	Marcos operou o paciente e, por isso, ele ficou melhor/curado.	x		
		(5) PEDRO _a OPERAR PACIENTE _b MORRER 'Pedro operou o paciente (e) (ele) morreu.'	Pedro operou um paciente e, por isso, ele morreu.	x		
	Contexto 2	Tiago ia para a floresta fazer uma caminhada. Então, ele comprou batata em palitos e fritou para comer na trilha. Então, ele guardou a batata em sua mochila, mas, quando ele abriu a mochila e segurou a batata ela estava esfarelada e, então, ele a jogou no lixo.				
	CVSC	(6) TIAGO _a COMPRAR BATATA _a JOGAR _b FOGO _b 'Tiago comprou batata (e) fritou.'	Tiago comprou batata frita e as fritou.	x		
	CVSP	(7) TIAGO _a SEGURAR _{CL} BATATA COMER _{CL} 'Tiago segurou a batata (para) comer.'	Tiago segurou as batatas para comê-las, mas não as comeu necessariamente.		x	
		(8) TIAGO _a COMPRAR BATATA _a JOGAR _b FOGO _b 'Tiago comprou batata (para) fritar.'	Tiago comprou batata frita para fritar, mas não as fritou.		x	
CVSR	(9) TIAGO _a GUARDAR BATATA ESFARELAR 'Tiago guardou a batata (e) (ela) esfarelou.'	Tiago guardou as batatas fritas e, por isso, elas esfarelaram.	?			

PROSPECÇÃO DA PRODUTIVIDADE DE VARIAÇÕES NAS CVSS SIMÉTRICAS

Tipos de CVSS	Tipo de CVS	Sentença	Interpretação	Julgamento	
				√	X
Tipos de CVSS	Contexto 3	A mãe foi com seu filho ao shopping. Ele é muito levado. A mãe estava olhando algumas roupas para seu filho. Ela pegou uma blusa para comprar, mas quando chegou no caixa, ela pegou o cartão para pagar, mas o cartão não tinha crédito, então, ela não comprou a blusa. Enquanto isso o menino estava brincando na loja, jogou um perfume no chão, que quebrou. Viu um manequim, o empurrou e ele caiu. Quando o segurança viu a bagunça, foi chamar a atenção do menino, mas ele pegou uma blusa, jogou nele e saiu correndo, mas o piso estava molhado e ele caiu. Quando a mãe viu a situação, foi rapidamente até o menino, o segurou e bateu nele. Ela mandou o seu filho levantar o manequim que estava no chão e foram embora.			
	CVSC	(10) MENINO _a PEGAR _b BLUSA _b aJOGAR _c 'O menino pegou a blusa (e) jogou.'	O menino pegou a blusa para jogar e fez isso.	x	
		(11) MÃE _a SEGURAR _b MENINO _b BATER 'A mãe segurou o menino (e) bateu (nele).'	A mãe segurou o menino para bater nele e fez isso.	x	
	CVSP	(12) MÃE _a PEGAR _b BLUSA _b COMPRAR 'A mãe pegou a blusa (para) comprar.'	A mãe pegou a blusa com a intenção de comprar, mas não comprou necessariamente.	x	
		(13) MÃE _a PEGAR _b CARTÃO _b PAGAR 'A mãe pegou o cartão para pagar.'	A mãe pegou o cartão para pagar, mas não pagou necessariamente.	x	
	CVSR	(14) MENINO _a EMPURRAR _{CL} MANEQUIM _b CAIR _{CL} 'O menino empurrou o manequim (e) (ele) caiu.'	O menino empurrou o manequim e, por isso, ele caiu.	x	
		(15) MENINO _a JOGAR _{CL} PERFUME ESPATIFAR _{CL} 'O menino jogou o perfume (e) (ele) quebrou.'	O menino jogou o perfume e, por isso, ele quebrou.	x	
	Contexto 4	A mãe foi com seu filho para a praça de alimentação. A mãe puxou a cadeira e se sentou para ver as opções para comer. Ela comprou um lanche para seu filho e um prato feito para ela comer. O atendente colocou os itens na bandeja e deu para a mãe. A mãe comeu o PF que estava muito gostoso. Mas, quando o filho pegou o lanche para comer, a mãe sentiu um cheiro ruim e não deixou o menino comer. O filho, com raiva, empurrou o lanche e ele caiu no chão. A mãe se levantou, brigou com o menino e tirou o chinelo para bater nele. Mas, o menino começou a chorar e ela não bateu nele. A mãe o abraçou e explicou que o lanche estava estragado. Ela pediu um lanche novo para o filho e eles comeram felizes.			
	CVSC	(16) MÃE _a PUXAR _{CL} CADEIRA SENTAR 'A mãe puxou a cadeira (e) sentou.'	A mãe puxou a cadeira para sentar e fez isso.	x	
		(17) MÃE _a COMPRAR P-F COMER 'A mãe comprou um prato feito (e) comeu.'	A mãe comprou um prato feito para comer e fez isso.	x	
	CVSP	(18) FILHO _a PEGAR _{CL} LANCHE COMER _{CL} 'O filho pegou o lanche (para) comer.'	O filho pegou o lanche com a intenção de comer, mas não o fez necessariamente.	?	
		(19) MÃE _a TIRAR _{CL} CHINELO BATER _b 'A mãe tirou o chinelo (para) bater.'	A mãe tirou o chinelo para bater no filho, mas não o fez necessariamente.	?	
	CVSR	(20) FILHO _a EMPURRAR LANCHE- BANDEJA CAIR _{CL} 'O filho empurrou a bandeja do lanche (e) (ela) caiu.'	O filho empurrou a bandeja do lanche e, conseqüentemente, ela caiu.	x	
		(21) MÃE _a BRIGAR _b FILHO _b CHORAR 'A mãe brigou com o filho (e) (ele) chorou.'	A mãe brigou com o filho e, por isso, ele chorou.	x	

Observações de P01

- (1) (EXAMINAR e OPERAR são ações separadas, deve ser adicionado um TAMBÉM. Não é possível ter uma leitura seriada)
- (2) (Falta algo entre EXAMINAR e OPERAR, como o auxiliar de tempo V-A-I)
- (3) (Impossível, pois PEDRO não opera. Mas, se adicionar o V-A-I, a operação ocorrerá, mas o paciente morrerá!)
- (7) (Só pode sinalizar o que efetivamente aconteceu. Se não acontecer, deve se fazer o sinal de DESISTIR)
- (8) (Só é possível a leitura consequencial)
- (9) (Ele não viu. Como sabe que esfarelou?)
- (18) Não completar a ação “fechando a boca”
- (19) Não completar a ação de bater

ANEXO 04

Respostas de P01 da prospecção para o TJAG-1

Prospecção formal do TJAG-1

ITENS ALVO

TIPO DE CONSTRUÇÃO		NOTA	SENTENÇA	OBSERVAÇÃO
NEG final	[CVS V _L V _G]	5	TIAGO ANDAR _{CL-bicicleta} 0IR ₃ FESTA NÃO	
	[Coord. +S]	5	TIAGO ANDAR _{CL-bicicleta} COORD-SHIFT 0IR ₃ Festa NÃO	
NEG interveniente	[CVS V _L V _G]	1	MARCOS MANCAR NÃO 0IR ₃ HOSPITAL	Interpretação inconsistente em 'MANCAR NÃO', faltando um complemento (frase afirmativa) pós negação ex. 'NÃO FOI, FALTAR'
	[Coord. -S]	1	MARCOS ANDAR _{CL-patins} NÃO COORD-SHIFT IR HOSPITAL	Interpretação inconsistente
NEG Final	[CVS V _L V _L]	7	JULIA SENTAR _{CL} CRUZAR-PERNA _{CL} NÃO	
	[Coord. -S]	5	JULIA SENTAR _{CL} COORD-SHIFT CRUZAR-PERNA _{CL} NÃO.	
NEG interveniente	[CVS V _L V _L]	1	CARMEM SENTAR _{CL} NÃO CACHORRO-QUENTE COMER _{CL}	Interpretação inconsistente. Faltou um complemento (frase afirmativa) pós negação ex: 'CARMEM SENTAR NÃO, FICAR-DE-PÉ COMER CACHORRO-QUENTE'
	[Coord. +S]	1	CARMEM SENTAR _{CL} NÃO COORD-SHIFT CACHORRO-QUENTE COMER _{CL}	Interpretação inconsistente. 'NÃO SENTAR....?' COORD-shift inadequado, faltando algo entre as sentenças
ADV final	[CVS V _L V _G]	7	JULIA PULAR _{CL} 0IR ₃ MONTANHA-RUSSA TARDE	

		[Coord. +S]	6	JULIA PULAR _{CL} COORD-SHIFT _o IR ₃ MONTANHA-RUSSA DE TARDE	
	ADV interveniente	[CVS V _L V _G]	2	CARMEM MANCOU _{CL} TARDE _o IR ₃ HOSPITAL	ADV deve ser no início ou no final. Não pode ser interveniente
		[Coord. -S]	1	CARMEM ANDAR _{CL-patins} TARDE COORD-SHIFT IR HOSPITAL	ADV deveria ser no início
	ADV final	[CVS V _L V _L]	1	MARCOS LIVRO COMPRAR VENDER ANTEONTEM	Faltou um levantamento de sobancelha para ter 'vírgula' entre as frases. Não poderia ser continuo. (forçou uma leitura de coordenação).
		[Coord. -S]	6	MARCOS LIVRO COMPRAR VENDER ANTEONTEM	
	ADV interveniente	[CVS V _L V _L]	1	TIAGO LIVRO COMPRAR ANTEONTEM LER	Não teceu comentários
		[Coord. +S]	6	TIAGO LIVRO COMPRAR ANTEONTEM COORD-SHIFT LER	
	PRONTO final	[CVS V _L V _G]	7	JULIA ANDAR _{CL-skate} _o IR ₃ HOSPITAL PRONTO	
		[Coord. +S]	7	JULIA ANDAR _{CL-bicleta} _o IR ₃ HOSPITAL PRONTO	
	PRONTO interveniente	[CVS V _L V _G]	1	CARMEM ANDAR _{CL-pessoa.mancar} PRONTO _o IR ₃ HOSPITAL	Não teceu comentários
		[Coord. -S]	7	CARMEM ANDAR _{CL-patins} PRONTO COORD-SHIFT _o IR ₃ HOSPITAL	
	PRONTO final	[CVS V _L V _L]	6	TIAGO UNIFORME PASSAR VESTIR PRONTO	
		[Coord. -S]	6	TIAGO UNIFORME PASSAR COORD-SHIFT VESTIR PRONTO	
	PRONTO interveniente	[CVS V _L V _L]	7	MARCOS LIVRO ABRIR PRONTO RASBICOU	Assumiu que é ruim, apesar da nota 7.
		[Coord. +S]	6	MARCOS LIVRO ABRIR _{CL-livro} PRONTO COORD-SHIFT RABISCAR	

ITENS DISTRATORES

DISTRATORES			J1
D1	gramatical	CARMEM _a aFALAR _b MÉDICO _b IX _a CACHORRO-QUENTE COMER _{CL}	1
D2		MENINO _a PASSAR-MAL IX _a aIR _b FESTA NÃO	7
D3		JULIA _a PEDIR AMIGO+ POSS _a VIR _{PL} FESTA	7
D4		MENINA _a ANDAR _{CL-patins} IX _a CAIR	6
D5		TIAGO _a CONFIRMAR IX _a aIR _b FESTA	7
D6		MENINO _a COMER PASTEL IX _a FICAR CASA	4
D7	Agramaticalidade de referente e de classificador	JULIA _a IX _a QUERER MULHER-PESSOA _b AMIGO POSS _b oIR ₃ MONTANHA-RUSSA JUNTO	5
D8		MENINO _a ANDAR _{CL-bicicleta} JUNTO TIAGO _b IX _b oIR ₃ FESTA	7
D9		MARCOS _a aVER _c CARMEM _b ANDAR _{CL-patins-CONT}	7
D10		MENINA _a PULAR _{CL} IX _a aIR _b MONTANHA-RUSSA _c	1
D11		TIAGO _a FALAR IX _{cima} PRECISAR aIR _b BANHEIRO _c	5
D12		MENINA _a SENTAR _{CL} HORA NADA IX _b CAIR _{CL-objeto.redondo}	1
D13	gramatical	CARMEM _a PENSAR PÉ POSS _a CURAR	3
D14		MENINO _a NERVOSO IX _a aIR _b ESCOLA	7
D15		JULIA _a aAVISAR _b PAI-MÃE _b CARMEM JUNTO oIR ₃ ESCOLA	6
D16		MENINA _a ANDAR _{CL-patins} IX _a PÉ DOER	4
D17		MARCOS _a aAVISAR _b IX _a aCOMPRAR LIVRO	7
D18		MENINO _a UNIFORME SUJO GUARDAR IX _a FICAR CASA	6
D19		JULIA _a ACHAR BOM IX _b ANDAR _{CL-skate} JUNTO CARMEM _b HOSPITAL _c	2

D20	Agramaticalidade de referente e de classificador	MENINO _a VENDER LIVRO IX _a aIR _b ESCOLA _c NÃO	1
D21		TIAGO _a aDIZER _b MARCOS _b IX _c COMPRAR LIVRO NÃO	3
D22		MENINA _a BICICLETA ANDAR _{CL-patins} IX _a aIR _b ESCOLA	5
D23		TIAGO _a ROUPA _b PASSAR _{CL-pano.no.chão} IX _{cima} AMARROTADA	2
D24		MENINA _a ANDAR _{CL-mancar-2-pernas} IX _b aIR _b HOSPITAL _c	6

Prospecção informal sobre o fenômeno

Escopo da negação	CVS tipo 1	J _a LIVRO COMPRAR _o DAR _b M _b NÃO	*J _a LIVRO COMPRAR NÃO _o DAR _b M _b
	CVS tipo 2	C _a VESTIDO PEGAR LAVAR NÃO	*C _a VESTIDO PEGAR NÃO LAVAR
	CVS tipo 3	J _á ESPANCAR M _b MATAR _b NÃO	*J _á ESPANCAR NÃO M _b MATAR _b
	CVS tipo 4	M _a ESTUDAR LER NÃO	*M _a ESTUDAR NÃO LER
	Coordenação simétricas	Ma COMER BOLO BEBER REFRIGERANTE NÃO	Ma COMER BOLO NÃO BEBER REFRIGERANTE
	Coordenação assimétricas	La ACORDAR TOMAR-CAFÉ NÃO	La ACORDAR NÃO TOMAR-CAFÉ
	subordinação	MÃE MANDAR FILHO TOMAR-BANHO NÃO	MÃE MANDAR NÃO FILHO TOMAR-BANHO
	relativa	MULHERa IXa aAJUDA1 ESCOLA COMPRAR CARRO NÃO	MULHERa IXa aAJUDA1 ESCOLA NADA COMPRAR CARRO
Escopo do advérbio de tempo	CVS tipo 1	HOJE J _a LIVRO COMPRAR _o DAR _b M _b	*J _a LIVRO COMPRAR HOJE _o DAR _b M _b
	CVS tipo 2	AMANHÃ C _a VESTIDO PEGAR LAVAR	*C _a VESTIDO PEGAR AMANHÃ LAVAR
	CVS tipo 3	ANO-PASSADO J _á ESPANCAR M _b MATAR _b	* ANO- J _á ESPANCAR M _b PASSADO MATAR _b
	CVS tipo 4	ONTEM M _a ESTUDAR LER	*M _a ESTUDAR ONTEM LER
	Coordenação simétrica	AGORA Ma COMER BOLO BEBER REFRIGERANTE	AGORA Ma COMER BOLO DEPOIS BEBER REFRIGERANTE
	Coordenação assimétrica	MANHÃ La ACORDAR TOMAR-CAFÉ	MANHÃ La ACORDAR TARDE TOMAR-CAFÉ
	subordinação	AGORA MÃE MANDAR FILHO TOMAR-BANHO	AGORA MÃE MANDAR DEPOIS FILHO TOMAR-BANHO
	relativa	ANTEONTEM MULHERa IXa aAJUDA1 ESCOLA COMPRAR CARRO	ANTEONTEM MULHERa IXa aAJUDA1 ESCOLA HOJE COMPRAR CARRO
Escopo de PRONTO	CVS tipo 1	J _a LIVRO COMPRAR _o DAR _b M _b PRONTO	*J _a LIVRO COMPRAR PRONTO _o DAR _b M _b
	CVS tipo 2	C _a VESTIDO PEGAR LAVAR PRONTO	*C _a VESTIDO PEGAR PRONTO LAVAR
	CVS tipo 3	J _á ESPANCAR M _b MATAR _b PRONTO	*J _á ESPANCAR PRONTO M _b MATAR _b

	CVS tipo 4	Ma ESTUDAR LER PRONTO	*Ma ESTUDAR PRONTO LER
	Coordenação simétricas	Ma COMER BOLO BEBER REFRIGERANTE PRONTO	Ma COMER BOLO PRONTO BEBER REFRIGERANTE
	Coordenação assimétricas	La ACORDAR TOMAR-CAFÉ PRONTO	La ACORDAR PRONTO TOMAR-CAFÉ
	subordinação	MÃE MANDAR FILHO TOMAR-BANHO PRONTO	MÃE MANDAR PRONTO FILHO TOMAR-BANHO
	relativa	MULHERa IXa aAJUDA1 ESCOLA COMPRAR CARRO PRONTO	MULHERa IXa aAJUDA1 ESCOLA PRONTO COMPRAR CARRO

DISTRATORAS			
6 sem marcadores, 6 com negação, 6 com adv. Tempo, 6 com PRONTO/JÁ			
1	La VIAJAR FRANÇAb IXa ESTUDAR IXb	13	ANO 2023 La VIAJAR FRANÇAb IXa ESTUDAR IXb
2	Ma TER CACHORRO PITBUL DOIS	14	ANTIIGAMENTE Ma TER CACHORRO PITBUL DOIS
3	Ja COMPRAR MESA VIDRO	15	Ja COMPRAR MESA VIDRO ONTEM
4	Ca BUSCAR Ja ESCOLA	16	HOJE Ca BUSCAR Ja ESCOLA
5	La DOENTE IXa FALTAR TRABALHO	17	SEMANA-PASSADA La DOENTE IXa FALTAR TRABALHO
6	Ma IR PRAIA IPANEMA	18	Ma IR PRAIA IPANEMA AMANHÃ
7	La VIAJAR FRANÇAb IXa ESTUDAR IXb NÃO	19	La VIAJAR FRANÇAb PRONTO IXa ESTUDAR IXb
8	Ma TER- NÃO CACHORRO PITBUL DOIS	20	Ma TER CACHORRO PITBUL DOIS JÁ
9	Ja COMPRAR MESA VIDRO NÃO	21	Ja COMPRAR MESA VIDRO PRONTO
10	Ca BUSCAR Ja ESCOLA NADA	22	Ca BUSCAR Ja ESCOLA PRONTO
11	La DOENTE IXa FALTAR TRABALHO NÃO-TER	23	La DOENTE IXa FALTAR TRABALHO JÁ
12	Ma IR PRAIA IPANEMA NÃO	24	Ma IR PRAIA IPANEMA JÁ

ANEXO 05

TJAG-1: itens experimentais

Diferenciando CVSs (construções com empilhamento verbal) de estruturas multiverbais

Design experimental do TJAG-1: empilhamento verbal					
Empilhamento verbal: coordenação ou seriação?	Negação	Final	CVS tipo 1 - [V _L +V _G]	(C1)	[V _{manner} +V _{path} + NEG]
			CVS tipo 4 - [V _{L1} +V _{L2}]	(C2)	[V _{L1} +V _{L2} + NEG]
			Coordenação simétrica	(C3)	[V ₁ +[COORD-SHIFT] +V ₂ + NEG]
			Coordenação assimétrica	(C4)	[V ₁ +[COORD-SHIFT] +V ₂ + NEG]
		Interviente	CVS tipo 1 - [V _L +V _G]	(C5)	[V _{manner} + NEG + V _{path}]
			CVS tipo 4 - [V _{L1} +V _{L2}]	(C6)	[V _{L1} + NEG + V _{L2}]
			Coordenação simétrica	(C7)	[V ₁ + NEG +[COORD-SHIFT] +V ₂]
			Coordenação assimétrica	(C8)	[V ₁ + NEG + [COORD-SHIFT] +V ₂]
	Advérbio de tempo	Final	CVS tipo 1 - [V _L +V _G]	(C9)	[V _{manner} +V _{path} + ADV]
			CVS tipo 4 - [V _{L1} +V _{L2}]	(C10)	[V _{L1} +V _{L2} + ADV]
			Coordenação simétrica	(C11)	[V ₁ +[COORD-SHIFT] +V ₂ + ADV]
			Coordenação assimétrica	(C12)	[V ₁ +[COORD-SHIFT] +V ₂ + ADV]
		Interviente	CVS tipo 1 - [V _L +V _G]	(C13)	[V _{manner} + ADV +V _{path}]
			CVS tipo 4 - [V _{L1} +V _{L2}]	(C14)	[V _{L1} + ADV + V _{L2}]
			Coordenação simétrica	(C15)	[V ₁ + ADV +[COORD-SHIFT] +V ₂]
			Coordenação assimétrica	(C16)	[V ₁ + ADV +[COORD-SHIFT] +V ₂]
	Marcador aspectual PRONTO	Final	CVS tipo 1 - [V _L +V _G]	(C17)	[V _{manner} +V _{path} + ASP]
			CVS tipo 4 - [V _{L1} +V _{L2}]	(C18)	[V _{L1} +V _{L2} + ASP]
			Coordenação simétrica	(C19)	[V ₁ +Cord-shift +V ₂ + ASP]
			Coordenação assimétrica	(C20)	[V ₁ +[COORD-SHIFT] +V ₂ + ASP]
		Interviente	CVS tipo 1 - [V _L +V _G]	(C21)	[V _{manner} + ASP +V _{path}]
			CVS tipo 4 - [V _{L1} +V _{L2}]	(C22)	[V _{L1} + ASP +V _{L2}]
			Coordenação simétrica	(C23)	[V ₁ + ASP +[COORD-SHIFT] +V ₂]
			Coordenação assimétrica	(C24)	[V ₁ + ASP +[COORD-SHIFT] +V ₂]

ITENS ALVO

Condição 1 – CVS tipo 1 [V_{manner}+V_{path} + NEG]

Sentença: TIAGO_a ANDAR_{CL-bicicleta} aIR_b FESTA_b **NÃO**

‘Tiago não pedalou (e) foi para a festa.’

Condição 2 - CVS tipo 4 [V_{L1} +V_{L2}+ NEG]

Sentença: JULIA_a SENTAR_{CL} CRUZAR-PERNA_{CL} **NÃO**

‘Julia não sentou (e) cruzou a perna.’

Condição 3 - Coordenação simétrica [V₁+[COORD-SHIFT] +V₂ + NEG]

Sentença: TIAGO_a ANDAR_{CL-bicicleta} [COORD-SHIFT] aIR_b FESTA_b **NÃO**

‘Tiago andou de bicicleta e não foi para a festa.’

Condição 4 - Coordenação assimétrica [V₁+[COORD-SHIFT] +V₂ + NEG]

Sentença: JULIA_a SENTAR_{CL} [COORD-SHIFT] CRUZAR-PERNA_{CL} **NÃO**

‘Julia não sentou e não cruzou a perna.’

Condição 5 - CVS tipo 1 [V_{manner}+ NEG + V_{path}]

Sentença: MARCOS_a MANCAR_{CL} **NÃO** aIR_b HOSPITAL_b

‘Marcos não mancou (e) foi para o hospital.’

Condição 6 - CVS tipo 4 [V_{L1} + **NEG** + V_{L2}]

Sentença: CARMEM_a SENTAR_{CL} **NÃO** CACHORRO-QUENTE

COMER_{CL}

‘Carmem não sentou (e) comeu o cachorro- quente.’

Condição 7 - Coordenação simétrica [V_1 + **NEG** + [COORD-SHIFT] + V_2]

Sentença: CARMEM_a SENTAR_{CL} **NÃO** [COORD-SHIFT]

CACHORRO-QUENTE COMER_{CL}

‘Carmem não sentou e comeu cachorro- quente.’

Condição 8 - Coordenação assimétrica [V_1 + **NEG** + [COORD-SHIFT] + V_2]

Sentença: MARCOS_a ANDAR_{CL-patins} **NÃO** [COORD-SHIFT] aIR_b

HOSPITAL_b

‘Marcos não andou de patins e foi para o hospital.’

Condição 9 - CVS tipo 1 [V_{manner} + V_{path} + **ADV**]

Sentença: JULIA_a PULAR_{CL} aIR_b MONTANHA-RUSSA_b **TARDE**

‘Júlia pulando foi para a montanha- russa de tarde.’

Condição 10 - CVS tipo 4 [V_{L1} + V_{L2} + **ADV**]

Sentença: MARCOS_a LIVRO_b COMPRAR VENDER **ANTEONTEM**

‘Marcos comprou (e) vendeu o livro anteontem.’

Condição 11 - Coordenação simétrica [V_1 + [COORD-SHIFT] + V_2 + **ADV**]

Sentença: JULIA_a PULAR_{CL} [COORD-SHIFT] aIR_b

MONTANHA-RUSSA_b **DE-TARDE**

‘Júlia pulou e foi para a montanha-russa de tarde.’

Condição 12 - Coordenação assimétrica [V_1 + [COORD-SHIFT] + V_2 + **ADV**]

Sentença: MARCOS_a LIVRO_b COMPRAR [COORD-SHIFT]

VENDER **ANTEONTEM**

‘Marcos comprou o livro anteontem e vendeu.’

Condição 13 - CVS tipo 1 [V_{manner} + **ADV** + V_{path}]

Sentença: CARMEM_a MANCAR_{CL} **TARDE** aIR_b HOSPITAL_b

‘Carmem mancou de tarde (e) foi para o hospital.’

Condição 14 - CVS tipo 4 [V_{L1} + **ADV** + V_{L2}]

Sentença: TIAGO_a LIVRO COMPRAR **ANTEONTEM** LER

‘Tiago comprou o livro anteontem (e) leu.’

Condição 15 - Coordenação simétrica [V_1 + **ADV** + [COORD-SHIFT] + V_2]

Sentença: TIAGO_a LIVRO_b COMPRAR **ANTEONTEM**

[COORD-SHIFT] LER

‘Tiago comprou o livro anteontem e leu.’

Condição 16 - Coordenação assimétrica [V_1 + **ADV** +[COORD-SHIFT] + V_2]

Sentença: CARMEM_a ANDAR_{CL-patins} **TARDE** [COORD-SHIFT]

aIR_b HOSPITAL

‘Carmem patinou de tarde e foi para o hospital.’

Condição 17 - CVS tipo 1 [V_{manner} + V_{path} + **ASP**]

Sentença: JULIA_a ANDAR_{CL-skate} aIR_b HOSPITAL **PRONTO**

‘Julia andou de skate (e) foi para o hospital (e fez isso).’

Condição 18 - CVS tipo 4 [V_{L1} + V_{L2} + **ASP**]

Sentença: TIAGO_a UNIFORME PASSAR_{CL} VESTIR_{CL} **PRONTO**

‘Tiago passou (e) vestiu o uniforme (e fez isso).’

Condição 19 - Coordenação simétrica [V_1 +Cord-shift + V_2 + **ASP**]

Sentença: JULIA_a ANDAR_{CL-bicleta}[COORD-SHIFT] aIR_b

HOSPITAL_b **PRONTO**

‘Julia pedalou e foi para o hospital.’

Condição 20 - Coordenação assimétrica [V_1 +[COORD-SHIFT] + V_2 + **ASP**]

Sentença: TIAGO_a UNIFORME PASSAR_{CL} [COORD-SHIFT]

VESTIR_{CL} **PRONTO**

‘Tiago passou e vestiu o uniforme.’

Condição 21 - CVS tipo 1 [V_{manner} + **ASP** + V_{path}]

Sentença: CARMEM_a ANDAR_{CL-pessoa.mancar} **PRONTO** _aIR_b HOSPITAL_b
'Carmem mancou (fez isso) (e) foi para o hospital.'

Condição 22 - CVS tipo 4 [V_{L1} + **ASP** + V_{L2}]

Sentença: MARCOS_a LIVRO_b ABRIR_{CL} **PRONTO** RASBICAR_{CL}
'Marcos abriu o livro (fez isso) (e) rabiscou.'

Condição 23 - Coordenação simétrica [V_1 + **ASP** + [COORD-SHIFT] + V_2]

Sentença: MARCOS_a LIVRO_b [COORD-SHIFT] ABRIR_{CL} **PRONTO**
[COORD-SHIFT] RASBICAR_{CL}
'Marcos abriu o livro e rabiscou.'

Condição 24 - Coordenação assimétrica [V_1 + **ASP** + [COORD-SHIFT] + V_2]

Sentença: CARMEM_a ANDAR_{CL-patins} **PRONTO** [COORD-SHIFT]
_aIR_b HOSPITAL_b
'Carmem andou de patins e foi para o hospital.'

ITENS DISTRATORES

Sentença Dist1S: CARMEM_a FALAR IX_a

CACHORRO-QUENTE COMER_{CL}

‘Carmem falou que ela comeu cachorro-quente.’

Sentença Dist2R: MENINO_a PASSAR-MAL IX_a NÃO_a IR_b FESTA_b

‘O menino que passou mal, ele não foi para a festa.’

Sentença Dist3S: JULIA_a PEDIR AMIGO+ POSS_a VIR_{PL} FESTA_b

‘Julia pediu que os amigos fossem à festa dela.’

Sentença Dist4R: MENINA_a ANDAR_{CL-patins} IX_a CAIR_{CL}

‘A menina que andou de patins, ela caiu.’

Sentença Dist5S: TIAGO_a CONFIRMAR IX_a IR_b FESTA_b

‘Tiago confirmou que iria à festa.’

Sentença Dist6R: MENINO_a COMER PASTEL IX_a FICAR CASA_b

‘O menino que comeu pastel, ele ficou em casa.’

*Sentença Dist7S: JULIA_a QUERER MULHER PESSOA_b AMIGO

POSS_b IR_b MONTANHA-RUSSA_b JUNTO

‘Julia queria que a amiga dela (amiga) vá na montanha-russa com ela.’

*Sentença Dist8R: MENINO_a ANDAR_{CL-bicicleta} JUNTO TIAGO_b IR_b IR_b FESTA_b

‘O menino que andou de bicicleta com Tiago, ele (Tiago) foi à festa.’

**Sentença Dist9S: MARCOS_a aVER_c CARMEM_b ANDAR_{CL-patins-CONT}
'Marcos viu que a Carmem estava andando de patins.'

**Sentença Dist10R: MENINA_a PULAR_{CL} IX_a aIR_b MONTANHA-RUSSA_c
'A menina que estava pulando, ela foi à montanha-russa.'

***Sentença Dist11S: TIAGO_a FALAR IX_{cima} aIR_b BANHEIRO_c
'Tiago falou que ele (sem referente) foi ao banheiro'

***Sentença Dist12R: MENINA_a SENTAR_{CL} HORA NADA IX_b
CAIR_{CL-objeto.redondo}
'A menina que não sentou hora nenhuma, ela caiu.'

Sentença Dist13S: CARMEM_a PENSAR PÉ POSS_a CURAR
'Carmem pensou que o pé dela estava curado.'

Sentença Dist14R: MENINO_a NERVOSO IX_a aIR_b ESCOLA_b
'O menino que estava nervoso, ele foi à escola.'

Sentença Dist15S: JULIA_a aAVISAR_b PAI-MÃE_b CARMEM JUNTO aIR_b
ESCOLA_b
'Julia avisou aos pais que iria com a Carmem para a escola.'

Sentença Dist16R: MENINA_a ANDAR_{CL-patins} IX_a PÉ DOER

‘A menina que andou de patins, ela ficou com o pé doendo.’

Sentença Dist17S: MARCOS_a AVISAR_b IX_a COMPRAR LIVRO

‘Marcos avisou (ao Tiago) que ele comprou o livro.’

Sentença Dist18R: MENINO_a UNIFORME GUARDAR IX_a FICAR

CASAb

‘O menino que guardou o uniforme, ele ficou em casa.’

*Sentença Dist19S: JULIA_a ACHAR BOM IX_b ANDAR_{CL-skate}

JUNTO CARMEM_b HOSPITAL_c

‘Julia achou que era melhor ir de skate com a Carmem para o hospital.’

*Sentença Dist20R: MENINO_a VENDER LIVRO IX_a IR_b ESCOLA_c NÃO

‘O menino que vendeu o livro, ele não foi à escola.’

**Sentença Dist21S: TIAGO_a DIZER_b MARCOS_b IX_a COMPRAR_a

LIVRO NÃO

‘Tiago disse ao Marcos que não iria comprar o livro.’

**Sentença Dist22R: MENINA_a BICICLETA ANDAR_{CL-patins} IX_a IR_b

ESCOLA_b

‘A menina que andou de bicicleta, ela foi à escola.’

**Sentença Dist23S: TIAGO_a ROUPA_b PASSAR_{CL-pano.no.chão} IX_{cima}

‘Tiago passou a roupa que estava amarrotada.’

***Sentença Dist24R: MENINA_a ANDAR_{CL-mancar-2-pernas} IX_b

aIR_b HOSPITAL_c

‘A menina que estava mancando, ela foi
ao hospital.’

ANEXO 06

TJAG-1: Julgamentos atribuídos

Teste de Negação (final vs. Interveniante)				J1	J2	Consideração de P01	
Negação	Final	CVS tipo 1 - [V _L + V _G]	(C1)	[V _{manner} + V _{path} + NEG]	2	5	MNM de P02 inadequada
		CVS tipo 4 - [V _{L1} + V _{L2}]	(C2)	[V _{L1} + V _{L2} + NEG]	3	4	NEG de P02 inadequada. Trocar por NENHUM.
		Coordenação simétrica	(C3)	[V ₁ + Coord-shift + V ₂ + NEG]	4	4	-
		Coordenação assimétrica	(C4)	[V ₁ + Coord-shift + V ₂ + NEG]	2	4	NEG de P02 inadequada. Trocar por NENHUM.
	Interveniante	CVS tipo 1 - [V _L + V _G]	(C5)	[V _{manner} + NEG + V _{path}]	1	4	NEG e MNM de P02 inadequada. Trocar por NENHUM. (Leitura forçada de coordenação)
		CVS tipo 4 - [V _{L1} + V _{L2}]	(C6)	[V _{L1} + NEG + V _{L2}]	2	2	-
		Coordenação simétrica	(C7)	[V ₁ + NEG + Coord-shift + V ₂]	2	2	Interpretação semântica inconsistente.
		Coordenação assimétrica	(C8)	[V ₁ + NEG + Coord-shift + V ₂]	1	5	MNM de P02 inadequada

Teste de ADV (final vs. Interveniante)				J1	J2	Consideração de P01	
Advérbio de tempo	Final	CVS tipo 1 - $[V_L + V_G]$	(C9)	$[V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + \text{ADV}]$	2	4	Posição do ADV. Preferência inicial.
		CVS tipo 4 - $[V_{L1} + V_{L2}]$	(C10)	$[V_{L1} + V_{L2} + \text{ADV}]$	2	4	Posição do ADV. Preferência inicial
		Coordenação simétrica	(C11)	$[V_1 + \text{Coord-shift} + V_2 + \text{ADV}]$	3	2	MNM de P02 e P03 inadequada
		Coordenação assimétrica	(C12)	$[V_1 + \text{Coord-shift} + V_2 + \text{ADV}]$	3	3	-
	Interveniante	CVS tipo 1 - $[V_L + V_G]$	(C13)	$[V_{\text{manner}} + \text{ADV} + V_{\text{path}}]$	5	5	ADV com escopo apenas sobre V_{path} (leitura forçada de coordenação)
		CVS tipo 4 - $[V_{L1} + V_{L2}]$	(C14)	$[V_{L1} + \text{ADV} + V_{L2}]$	4	4	ADV com escopo apenas sobre V_{L2} (leitura forçada de coordenação)
		Coordenação simétrica	(C15)	$[V_1 + \text{ADV} + \text{Coord-shift} + V_2]$	4	5	MNM de P02 inadequada
		Coordenação assimétrica	(C16)	$[V_1 + \text{ADV} + \text{Coord-shift} + V_2]$	4	4	-

Teste do marcador aspectual PRONTO (final vs. Interveniante)				J1	J2	Consideração de P01	
Marcador aspectual PRONTO	Final	CVS tipo 1 - [V _L +V _G]	(C17)	[V _{manner} +V _{path} + ASP]	4	5	MNM de P02 inadequada
		CVS tipo 4 - [V _{L1} +V _{L2}]	(C18)	[V _{L1} +V _{L2} + ASP]	5	5	-
		Coordenação simétrica	(C19)	[V ₁ +Cord-shift +V ₂ + ASP]	1	1	Sentença aceitável.
		Coordenação assimétrica	(C20)	[V ₁ +Coord-shift +V ₂ + ASP]	2	5	MNM de P02 inadequada
	Interveniante	CVS tipo 1 - [V _L +V _G]	(C21)	[V _{manner} + ASP +V _{path}]	4	4	Pausa interveniente torna a sentença gramatical (força uma leitura de coordenação).
		CVS tipo 4 - [V _{L1} +V _{L2}]	(C22)	[V _{L1} + ASP +V _{L2}]	5	5	ASP tem escopo apenas sobre V _{L1} . Marcação dupla de PRONTO seria aceitável (forçou uma leitura de coordenação).
		Coordenação simétrica	(C23)	[V ₁ + ASP +Coord-shift +V ₂]	1	4	MNM de P02 inadequada
		Coordenação assimétrica	(C24)	[V ₁ + ASP +Coord-shift +V ₂]	2	2	Interpretação semântica inconsistente.

DISTRATORAS				J1	J2
Plenamente aceitáveis	gramatical	Subordinada	D1	3	4
		Relativa	D2	4	5
		Subordinada	D3	5	4
Parcialmente inadequadas	Equívocos de MNM	Relativa	D4	5	5
		Subordinada	D5	1	4
		Relativa	D6	1	2
Inadequadas	inadequação de Indexação	Subordinada	D7	2	5
		Relativa	D8	4	5
		Subordinada	D9	4	5
Plenamente inaceitáveis	inadequações de Indexação e CL	Relativa	D10	2	5
		Subordinada	D11	1	1
		Relativa	D12	1	1
Plenamente aceitáveis	gramatical	Subordinada	D13	5	5
		Relativa	D14	3	5
		Subordinada	D15	4	5
Parcialmente inadequadas	Equívocos de MNM	Relativa	D16	3	3
		Subordinada	D17	1	2

		Relativa	D18	1	3
Inadequadas	inadequação de Indexação	Subordinada	D19	3	4
		Relativa	D20	1	2
		Subordinada	D21	2	2
Plenamente inaceitáveis	inadequações de Indexação e CL	Relativa	D22	2	1
		Subordinada	D23	2	3
		Relativa	D24	2	2

ANEXO 07

Prospecção de dados para o TJAG-2

Construções com reduplicação verbal

					√	X	
E-focus	2 verbos	V1+O+V1copy	VL+VL	V1+V1copy	(1) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA oIR₂</i>		X
					(2) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA <oIR₂>_{foc}</i>	x	
				V1+<V1 _{copy} > _{foc}	(3) <i>TIAGO_a LER LIVRO LER</i>		X
					(4) <i>TIAGO_a LER LIVRO <LER>_{foc}</i>	x	
				V1+V1 _{copy.asp}	(5) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA oIR₂ ASP</i>		X
					(6) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA <oIR₂ASP>_{foc}</i>		X
				V1+<V1 _{copy.asp} > _{foc}	(7) <i>TIAGO_a LER LIVRO LER_{asp}</i>		X
					(8) <i>TIAGO_a LER LIVRO <LER_{asp}>_{foc}</i>		X
				V1+V1 _{copy.CL}	(9) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA oIR₂ CL</i>	X	
					(10) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA <oIR₂CL>_{foc}</i>		X
				V1+<V1 _{copyCL} > _{foc}	(11) <i>TIAGO_a LER LIVRO LER_{cl}</i>	X	
					(12) <i>TIAGO_a LER LIVRO <LER_{CLp}>_{foc}</i>	X	

CVSS	3 verbos	V1+V2+O+V1Copy	VL+VG	$V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + \text{O} + V_{\text{path}}$	(13) CARMEM _a <i>o</i> IR ₂ MANCAR _{CL-pessoa} HOSPITAL _b <i>o</i> IR ₂		X
					(14) JULIA _a <i>o</i> IR ₂ ANDAR _{CL-skate} CASA _b <i>o</i> IR ₂		X
				$V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + \text{O} + V_{\text{manner}}$	(15) JULIA PULAR _{CL} <i>o</i> IR ₂ MONTANHA-RUSSA PULAR _{CL}		X
					(16) CARMEM _a ANDAR _{CL-patins} <i>o</i> IR ₂ ESCOLA _b ANDAR _{CL-patins}		x
				$V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + \text{O} + <V_{\text{path}}>_{\text{foc}}$	(17) CARMEM _a <i>o</i> IR ₂ MANCAR _{CL-pessoa} HOSPITAL _b <i><o</i> IR ₂ <i>>_{\text{foc}}</i>	X	
					(18) JULIA _a <i>o</i> IR ₂ ANDAR _{CL-skate} CASA _b <i><o</i> IR ₂ <i>>_{\text{foc}}</i>	X	
				$V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + \text{O} + <V_{\text{manner}}>_{\text{foc}}$	(19) JULIA PULAR _{CL} <i>o</i> IR ₂ MONTANHA-RUSSA <i><PULAR</i> _{CL} <i>>_{\text{foc}}</i>		X
					(20) CARMEM _a ANDAR _{CL-patins} <i>o</i> IR ₂ ESCOLA _b <i><ANDAR</i> _{CL-patins} <i>>_{\text{foc}}</i>	X	
				$V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + \text{O} + V_{\text{path.Asp.cont}}$	(21) CARMEM _a <i>o</i> IR ₂ MANCAR _{CL-pessoa} HOSPITAL _b <i>o</i> IR _{2.Asp.cont}		X
					(22) JULIA _a <i>o</i> IR ₂ ANDAR _{CL-skate} CASA _b <i>o</i> IR _{2.Asp.cont}		X
				$V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + \text{O} + V_{\text{manner.Asp.cont}}$	(23) JULIA PULAR _{CL} <i>o</i> IR ₂ MONTANHA-RUSSA PULAR _{CL.Asp.cont}		X
					(24) CARMEM _a ANDAR _{CL-patins} <i>o</i> IR ₂ ESCOLA _b ANDAR _{CL-patins.Asp.cont}	X	
				$V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + \text{O} + <V_{\text{path.Asp.cont}}>_{\text{foc}}$	(25) CARMEM _a <i>o</i> IR ₂ MANCAR _{CL-pessoa} HOSPITAL _b <i><o</i> IR _{2.Asp.cont} <i>>_{\text{foc}}</i>		X
					(26) JULIA _a <i>o</i> IR ₂ ANDAR _{CL-skate} CASA _b <i><o</i> IR _{2.Asp.cont} <i>>_{\text{foc}}</i>		X
				$V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + \text{O} + <V_{\text{manner.Asp.cont}}>_{\text{foc}}$	(27) JULIA PULAR _{CL} <i>o</i> IR ₂ MONTANHA-RUSSA <i><PULAR</i> _{CL.Asp.cont} <i>>_{\text{foc}}</i>		x
					(28) CARMEM _a ANDAR _{CL-patins} <i>o</i> IR ₂ ESCOLA _b <i><ANDAR</i> _{CL-patins.Asp.cont} <i>>_{\text{foc}}</i>	X	
				$V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + \text{O} + V_{\text{path.CL}}$	Path não recebe informação de CL		
					Path não recebe informação de CL		
				$V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + \text{O} + V_{\text{manner.CL-corpo}}$	(29) JULIA PULAR _{CL} <i>o</i> IR ₂ MONTANHA-RUSSA PULAR _{CL.CL-corpo}		X
					(30) CARMEM _a ANDAR _{CL-patins} <i>o</i> IR ₂ ESCOLA _b ANDAR _{CL-patins.CL-corpo}		X
$V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + \text{O} + <V_{\text{path.CL}}>_{\text{foc}}$	Path não recebe informação de CL						
	Path não recebe informação de CL						

				$V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + \text{O} + \langle V_{\text{manner.CL-corpo}} \rangle_{\text{foc}}$	(31) <i>JULIA PULAR_{CL} 0IR₂ MONTANHA-RUSSA <PULAR_{CL.CL-corpo}>_{foc}</i>		X	
				$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + V_{L1\text{copy}}$	(32) <i>CARMEM_a ANDAR_{CL-patins} 0IR₂ ESCOLA_b <ANDAR_{CL-patins.CL-corpo}>_{foc}</i>	X		
			VL+VL		$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy}} \rangle_{\text{foc}}$	(33) <i>MARCOS_a a VER_b ASSISTIR CARMEM_b a VER_b</i>		X
					$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy-Asp.cont}} \rangle_{\text{foc}}$	(34) <i>TIAGO_a ABRIR_{CL.livro} LER LIVRO_b ABRIR_{CL.livro}</i>		X
					$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy-CL}} \rangle_{\text{foc}}$	(35) <i>MARCOS_a a VER_b ASSISTIR CARMEM_b <a VER_b>_{foc}</i>	X	
					$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy-CLt}} \rangle_{\text{foc}}$	(36) <i>TIAGO_a ABRIR_{CL.livro} LER LIVRO_b < ABRIR_{CL.livro}>_{foc}</i>		X
					$V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + \text{O} + \langle V_{\text{manner}} \rangle_{\text{foc}}$	(37) <i>MARCOS_a a VER_b ASSISTIR CARMEM_b a VER_{bAsp.cont}</i>	X	
					$V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + \text{O} + \langle V_{\text{path}} \rangle_{\text{foc}}$	(38) <i>TIAGO_a ABRIR_{CL.livro} LER LIVRO_b ABRIR_{CL.Asp.cont}</i>		X
					$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy-CL}} \rangle_{\text{foc}}$	(39) <i>MARCOS_a a VER_b ASSISTIR CARMEM_b <a VER_{bAsp.cont}>_{foc}</i>	X	
					$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy-CLt}} \rangle_{\text{foc}}$	(40) <i>TIAGO_a ABRIR_{CL.livro} LER LIVRO_b < ABRIR_{CL.Asp.cont}>_{foc}</i>		X
				$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy-CL}} \rangle_{\text{foc}}$	(41) <i>MARCOS_a a VER_b ASSISTIR CARMEM_b a VER_{bCL-olho}</i>	X		
				$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy-CLt}} \rangle_{\text{foc}}$	(42) <i>TIAGO_a ABRIR_{CL.} LER LIVRO_b ABRIR_{CL.livro}</i>		X	
				$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy-CLt}} \rangle_{\text{foc}}$	(43) <i>MARCOS_a a VER_b ASSISTIR CARMEM_b <a VER_{bCL-olho}>_{foc}</i>	X		
				$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy-CLt}} \rangle_{\text{foc}}$	(44) <i>TIAGO_a ABRIR_{CL.} LER LIVRO_b < ABRIR_{CL.livro}>_{foc}</i>		X	
CVSS	3 verbos		VL+VG	$V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + \text{O} + \langle V_{\text{manner}} \rangle_{\text{foc}}$	(45) <i>JULIA_a 0IR₂ ANDAR_{CL-skate} CASA_b <ANDAR_{CL-skate}>_{foc}</i>		X	
				$V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + \text{O} + \langle V_{\text{path}} \rangle_{\text{foc}}$	(46) <i>JULIA_a ANDAR_{CL-patins} 0IR₂ ESCOLA_b <0IR₂>_{foc}</i>	X		
			VL+VL	$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L2\text{copy}} \rangle_{\text{foc}}$	(47) <i>TIAGO_a ABRIR LER LIVRO LER</i>	X		
				$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L2\text{copy}} \rangle_{\text{foc}}$	(48) <i>TIAGO_a PASSAR VESTIR ROUPA UNIFORME VESTIR</i>		X	

4 verbos	VL+VG	$V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + \text{O} + \langle V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} \rangle_{\text{foc}}$	(49) $JULIA_a \text{ } \textit{0IR}_2 \textit{ ANDAR}_{\text{CL-bicicleta}} \textit{ ESCOLA}_b \langle \textit{0IR}_2 \textit{ ANDAR}_{\text{CL-bicicleta}} \rangle_{\text{foc}}$	X	
		$V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + \text{O} + \langle V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} \rangle_{\text{foc}}$	(50) $CARMEM_a \textit{ MANCAR}_{\text{CL-pessoa}} \textit{ 0IR}_2 \textit{ HOSPITAL}_b \langle \textit{MANCAR}_{\text{CL-pessoa}} \textit{ 0IR}_2 \rangle_{\text{foc}}$		X
	VL+VL	$V_{L1} + V_{L2} + \text{O} + \langle V_{L1\text{copy}} + V_{L2\text{copy}} \rangle_{\text{foc}}$	(51) $TIAGO_a \textit{ ABRIR LER LIVRO} \langle \textit{ ABRIR LER} \rangle_{\text{foc}}$		X
			(52) $TIAGO_a \textit{ PASSAR VESTIR ROUPA UNIFORME} \langle \textit{PASSAR VESTIR} \rangle_{\text{foc}}$		X

	$V1 + \text{O} + \langle V1_{\text{copyasp}} \rangle_{\text{foc}}$	VL+VL	$V1_{\text{asp}} + \langle V1_{\text{copy.asp}} \rangle_{\text{foc}}$	(53) $TIAGO \textit{ LER}_{\text{asp}} \textit{ LIVRO} \langle \textit{LER}_{\text{asp}} \rangle_{\text{foc}}$	X	
				(54) $MARCOS \textit{ BEBER}_{\text{CL-copo.asp-cont}} \textit{ CANA} \langle \textit{BEBER}_{\text{CL-copo.asp-cont}} \rangle_{\text{foc}}$	X	

Considerações de P01 sobre as sentenças apresentadas

Sentença	√	X	Observação
(1) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA oIR₂</i>		X	Usado para confirmação, pós pergunta
(2) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA <oIR₂>_{foc}</i>	x		MNM FINAL é afirmativa
(3) <i>TIAGO_a LER LIVRO LER</i>		X	
(4) <i>TIAGO_a LER LIVRO <LER>_{foc}</i>	x		MNM final usada para respostas de perguntas
(5) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA oIR₂ ASP</i>		X	DIRIGIR IRasp QUEBRAR
(6) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA <oIR₂ASP>_{foc}</i>		X	?
(7) <i>TIAGO_a LER LIVRO LERAsp</i>		X	?
(8) <i>TIAGO_a LER LIVRO <LERAsp>_{foc}</i>		X	
(9) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA oIR₂ CL</i>	X		SE não for pergunta
(10) <i>MARCOS_a oIR₂ FESTA <oIR₂CL>_{foc}</i>		X	Nesse caso não tem MNM pq é uma informação NOVA
(11) <i>TIAGO_a LER LIVRO LERcL</i>	X		TIAGO LER LIVRO ABRIR LIVRO
(12) <i>TIAGO_a LER LIVRO <LERCLp>_{foc}</i>	X		TIAGO LER JORNAL ABRIR JORNAL
(13) <i>CARMEM_a oIR₂ MANCAR_{CL-pessoa} HOSPITAL_b oIR₂</i>		X	MNM obrigatória
(14) <i>JULIA_a oIR₂ ANDAR_{CL-skate} CASA_b oIR₂</i>		X	S V1 O V2 V1 + V1copy MNM obrigatória
(15) <i>JULIA PULAR_{CL} oIR₂ MONTANHA-RUSSA PULAR_{CL}</i>		X	Frase ruim
(16) <i>CARMEM_a ANDAR_{CL-patins} oIR₂ ESCOLA_b ANDAR_{CL-patins}</i>		x	MNM Obrigatória
(17) <i>CARMEM_a oIR₂ MANCAR_{CL-pessoa} HOSPITAL_b <oIR₂>_{foc}</i>	X		
(18) <i>JULIA_a oIR₂ ANDAR_{CL-skate} CASA_b <oIR₂>_{foc}</i>	X		
(19) <i>JULIA PULAR_{CL} oIR₂ MONTANHA-RUSSA <PULAR_{CL}>_{foc}</i>		X	Frase ruim
(20) <i>CARMEM_a ANDAR_{CL-patins} oIR₂ ESCOLA_b <ANDAR_{CL-patins}>_{foc}</i>	X		
(21) <i>CARMEM_a oIR₂ MANCAR_{CL-pessoa} HOSPITAL_b oIR₂.Asp.cont</i>		X	
(22) <i>JULIA_a oIR₂ ANDAR_{CL-skate} CASA_b oIR₂.Asp.cont</i>		X	

(23) JULIA PULAR _{CL} oIR ₂ MONTANHA-RUSSA PULAR _{CL} .Asp.cont		X	Frase ruim
(24) CARMEM _a ANDAR _{CL-patins} oIR ₂ ESCOLA _b ANDAR _{CL-patins} .Asp.cont	X		
(25) CARMEM _a oIR ₂ MANCAR _{CL-pessoa} HOSPITAL _b <oIR ₂ .Asp.cont >foc		X	Asp não tem sentido em V2
(26) JULIA _a oIR ₂ ANDAR _{CL-skate} CASA _b <oIR ₂ .Asp.cont >foc		X	Asp não tem sentido em V2
(27) JULIA PULAR _{CL} oIR ₂ MONTANHA-RUSSA <PULAR _{CL} .Asp.cont >foc		x	Frase ruim
(28) CARMEM _a ANDAR _{CL-patins} oIR ₂ ESCOLA _b <ANDAR _{CL-patins} .Asp.cont >foc	X		
Path não recebe informação de CL			
Path não recebe informação de CL			
(29) JULIA PULAR _{CL} oIR ₂ MONTANHA-RUSSA PULAR _{CL} .CL-corpo		x	Frase ruim
(30) CARMEM _a ANDAR _{CL-patins} oIR ₂ ESCOLA _b ANDAR _{CL-patins} .CL-corpo	X		CL de corpo tem MNM inerente
Path não recebe informação de CL			
Path não recebe informação de CL			
(31) JULIA PULAR _{CL} oIR ₂ MONTANHA-RUSSA <PULAR _{CL} .CL-corpo >foc		x	
(32) CARMEM _a ANDAR _{CL-patins} oIR ₂ ESCOLA _b <ANDAR _{CL-patins} .CL-corpo >foc	X		
(33) MARCOS _a a VER _b ASSISTIR CARMEM _b a VER _b		x	MARCOS _a a VER _b ASSISTIR CARMEM _b ANDAR _a VER _b Falta MNM
(34) TIAGO _a ABRIR _{CL.livro} LER LIVRO _b ABRIR _{CL.livro}		x	Semanticamente estranha: não pode abrir depois de ler
(35) MARCOS _a a VER _b ASSISTIR CARMEM _b <a VER _b >foc	X		
(36) TIAGO _a ABRIR _{CL.livro} LER LIVRO _b < ABRIR _{CL.livro} >foc		x	Semanticamente estranha
(37) MARCOS _a a VER _b ASSISTIR CARMEM _b a VER _b .Asp.cont	X		
(38) TIAGO _a ABRIR _{CL.livro} LER LIVRO _b ABRIR _{CL} .Asp.cont		X	TIAGO _a ABRIR _{CL.livro} LER LIVRO _b LER _{CL} .Asp.cont (seria bom)
(39) MARCOS _a a VER _b ASSISTIR CARMEM _b <a VER _b .Asp.cont >foc	X		

(40) TIAGO _a ABRIR _{CL.livro} LER LIVRO _b < ABRIR _{CL.Asp.cont} > _{foc}		X	TIAGO _a ABRIR _{CL.livro} LER LIVRO _b LER _{CL.Asp.cont} (seria bom)
(41) MARCOS _a a VER _b ASSISTIR CARMEM _b a VER _b CL-olho	X		MNM inerente
(42) TIAGO _a ABRIR _{CL} LER LIVRO _b ABRIR _{CL-livro}		X	
(43) MARCOS _a a VER _b ASSISTIR CARMEM _b <a VER _b CL-olho > _{foc}	X		MNM de confirmação
(44) TIAGO _a ABRIR _{CL} LER LIVRO _b < ABRIR _{CL.livro} > _{foc}		X	SEMANTICA
(45) JULIA _a 0IR ₂ ANDAR _{CL-skate} CASA _b <ANDAR _{CL-skate} > _{foc}		X	Não precisa repetir ANDARskate
(46) JULIA _a ANDAR _{CL-patins} 0IR ₂ ESCOLA _b <0IR ₂ > _{foc}	X		
(47) TIAGO _a ABRIR LER LIVRO LER	X		
(48) TIAGO _a PASSAR VESTIR ROUPA UNIFORME VESTIR		X	Não pode repetir VESTIR
(49) JULIA _a 0IR ₂ ANDAR _{CL-bicicleta} ESCOLA _b <0IR ₂ ANDAR _{CL-bicicleta} > _{foc}	x		
(50) CARMEM _a MANCAR _{CL-pessoa} 0IR ₂ HOSPITAL _b <MANCAR _{CL-pessoa} 0IR ₂ > _{foc}		X	Não precisa repetir MANCAR
(51) TIAGO _a ABRIR LER LIVRO < ABRIR LER > _{foc}		X	Não pode repetir ABRIR LER
(52) TIAGO _a PASSAR VESTIR ROUPA UNIFORME <PASSAR VESTIR> _{foc}		x	Não pode repetir PASSAR VESTIR
(53) TIAGO LER _{asp} LIVRO <LER _{asp} > _{foc}	X		
(54) MARCOS BEBER _{CL-copo.asp-cont} CANA <BEBER _{CL-copo.asp-cont} > _{foc}	X		

ANEXO 08

TJAG-2: itens experimentais

Sentenças Sandwich: CVSs em Libras com mais de dois verbos

<i>Design experimental do TJAG2: CVSs-sanduíche</i>			
Tipo de reduplicação verbal	V1copy	VL+VL	(C1) [V ₁ + V ₂ + O + [V _{1copy}] _{hn}]
		VL+VG	(C2) [V _{manner} + V _{path} + O + [V _{manner}] _{hn}]
		VG+VL	(C3) [V _{path} + V _{manner} + O + [V _{path}] _{hn}]
	V2copy	VL+VL	(C4) [V ₁ + V ₂ + O + [V _{2copy}] _{hn}]
		VL+VG	(C5) [V _{manner} + V _{path} + O + [V _{path}] _{hn}]
		VG+VL	(C6) [V _{path} + V _{manner} + O + [V _{manner}] _{hn}]
	V1copy + V2copy	VL + VL	(C7) [V ₁ + V ₂ + O + [V _{1copy} + V _{2copy}] _{hn}]
		VL+VG	(C8) [V _{manner} + V _{path} + O + [V _{manner} + V _{path}] _{hn}]
		VG+VL	(C9) [V _{path} + V _{manner} + O + [V _{path} + V _{manner}] _{hn}]

ITENS ALVO

CONDIÇÃO 1: Cópia de V1 (VL +VL): [V1+V2 +O+V1copy]

Sentença 1: TIAGO_a COMPRAR COMER PASTEL COMPRAR

‘Tiago comprou pastel (e) comeu, comprou.’

Sentença 2: MÉDICO_a aVER_b EXAMINAR_b P-É CARMEM_b aVER_b

‘Médico viu (e) examinou o pé da Carmem, viu.’

Sentença 3: MARCOS_a aVER_b ASSISTIR CARMEM_b aVER_b

‘Marcos viu (e) assistiu a Carmem, viu.’

CONDIÇÃO 2: Cópia de V1 (VL +VG): [V_{manner} + V_{path} +O + V_{manner}]

Sentença 4: CARMEM_a aMANCAR_{CL-pessoab} aIR_b HOSPITAL_b

aMANCAR_{CL-pessoab}

‘Carmem mancou (e) foi para o hospital, mancou.’

Sentença 5: JULIA_a PULAR_{CL} aIR_b BRINQUEDO_b PULAR_{CL}

‘Julia pulou (e) foi para o brinquedo, pulou.’

Sentença 6: MARCOS_a ANDAR_{CL-bicicleta} aIR_b FEIRA_b PASTEL

ANDAR_{CL-bicicleta}

‘Marcos andou de bicicleta (e) foi à barraca de pastel,
andou de bicicleta.’

CONDIÇÃO 3: Cópia de V1 (VG +VL): [V_{path} + V_{manner} + O + V_{path}]

Sentença 7: TIAGO_a aIR_b CORRER_{CL} BANHEIRO_a IR_b

‘Tiago foi (e) correu para o banheiro, foi.’

Sentença 8: MARCOS_a aIR_b aANDAR_{CL-pessoab} HOSPITAL_b aIR_b

‘Marcos foi (e) andou para o hospital, foi.’

Sentença 9: CARMEM_a aIR_b aMANCAR_{CL-pessoab} HOSPITAL_b aIR_b

‘Carmem foi (e) mancou para o hospital, foi.’

CONDIÇÃO 4: Cópia de V2 (VL +VL): [V1+V2 +O+V2copy]

Sentença 10: TIAGO_a COMPRAR COMER PASTEL COMER

‘Tiago comprou pastel (e) comeu, comeu.’

Sentença 11: MÉDICO_a aVER_b EXAMINAR_b P-É CARMEM_b EXAMINAR_b

‘Médico viu (e) examinou o pé da Carmem, examinou.’

Sentença 12: MARCOS_a aVER_b ASSISTIR CARMEM_b ASSISTIR

‘Marcos viu (e) assistiu a Carmem, assistiu.’

CONDIÇÃO 5: Cópia de V2 (VL +VG): [V_{manner} + V_{path} +O + V_{path}]

Sentença 13: CARMEM_a aMANCAR_{CL-pessoab} aIR_b HOSPITAL_b aIR_b

‘Carmem mancou (e) foi para o hospital, foi.’

Sentença 14: JULIA PULAR_{CL} aIR_b BRINQUEDO_b aIR_b

‘Julia pulou (e) foi para o brinquedo, foi.’

Sentença 15: MARCOS_a ANDAR_{CL-bicicleta} aIR_b FEIRA_b PASTEL aIR_b

‘Marcos andou de bicicleta e foi à barraca de pastel, foi.’

CONDIÇÃO 6: Cópia de V2 (VG +VL): [V_{path} + V_{manner} + O + V_{manner}]

Sentença 16: JULIA_a aIR_b ANDAR_{CL-bicicleta} ESCOLA_b ANDAR_{CL-bicicleta}
'Julia foi (e) andou de bicicleta para a escola, andou de bicicleta.'

Sentença 17: JULIA_a aIR_b ANDAR_{CL-skate} HOSPITAL_b ANDAR_{CL-skate}
'Julia foi (e) andou de skate para o hospital, andou de skate.'

Sentença 18: CARMEM_a aIR_b ANDAR_{CL-patins} ESCOLA_b ANDAR_{CL-patins}
'Carmem foi (e) andou de patins para a escola, andou de patins.'

CONDIÇÃO 7: Cópia de V1 + V2 (VL +VL): [V1+V2 +O+V1copy + V2copy]

Sentença 19: TIAGO_a PASSAR_{CL-roupa} VESTIR_{CL} UNIFORME
PASSAR_{CL-roupa} VESTIR_{CL}
'Tiago passou (e) vestiu o uniforme, passou (e) vestiu.'

Sentença 20: TIAGO_a ABRIR_{CL} LER LIVRO_b ABRIR_{CL} LER
'Tiago abriu (e) leu o livro, abriu e leu.'

Sentença 21: MARCOS_a DOBRAR_{CL} GUARDAR UNIFORME
DOBRAR_{CL} GUARDAR
'Marcos dobrou (e) guardou o uniforme, dobrou (e) guardou.'

CONDIÇÃO 8: Cópia de V1 +V2 (VL +VG): [V_{manner} + V_{path} +O + V_{manner} + V_{path}]

Sentença 22: JULIA_a ANDAR_{CL-skate} aIR_b HOSPITAL_b ANDAR_{CL-skate} aIR_b
'Julia andou de skate (e) foi para o hospital, andou de skate (e) foi.'

Sentença 23: CARMEM_a ANDAR_{CL-pessoa.mancar} aIR_b HOSPITAL_b
ANDAR_{CL-pessoa.mancar} aIR_b
'Carmem mancou (e) foi para o hospital, andou (e) foi.'

Sentença 24: CARMEM_a ANDAR_{CL-patins} aIR_b ESCOLA_b
ANDAR_{CL-patins} aIR_b
'Carmem andou de patins (e) foi para a escola, andou de patins (e) foi.'

CONDIÇÃO 9: Cópia de V1 +V2 (VG +VL): [V_{path} +V_{manner} +O V_{path} +V_{manner}]

Sentença 25: JULIA_a aIR_b ANDAR_{CL-skate} HOSPITAL_b aIR_b ANDAR_{CL-skate}
'Julia foi (e) andou de skate para o hospital, foi (e) andou de skate.'

Sentença 26: CARMEM_a aIR_b ANDAR_{CL-pessoa.mancar} HOSPITAL_b aIR_b
ANDAR_{CL-pessoa.mancar}
'Carmem foi (e) mandou para o hospital, foi (e) mancou.'

Sentença 27: CARMEM_a aIR_b ANDAR_{CL-patins} ESCOLA_b aIR_b
ANDAR_{CL-patins}
'Carmem foi (e) andou de patins para a escola, foi (e) andou de patins.'

ITENS DISTRATORES

Sentença Dist1R: MENINO_a PASSAR-MAL IX_a aIR_b NÃO FESTA
'O menino que passou mal, ele não foi para a festa.'

Sentença Dist2S: JULIA_a QUERER JUNTO MULHER-PESSOA_b
AMIGO aIR_b MONTANHA-RUSSA_b
'Julia queria que a amiga dela (amiga) vá na montanha-
russa com ela.'

Sentença Dist3R: MENINO_a ANDAR_{CL-bicicleta} JUNTO TIAGO_b IX_a aIR_b
FESTA_b
'O menino que andou de bicicleta com Tiago, ele
(Tiago) foi à festa.'

Sentença Dist4S: MARCOS_a aVER_b CARMEM_b ANDAR_{CL-patins-CONT}
'Marcos viu que a Carmem estava andando de patins.'

Sentença Dist5R: MENINA_a ANIVESÁRIO IX_a aVER_b
CHOCAR_{CL-pessoa2}
'A menina que fez aniversário viu Carmem e Marcos
se chocarem.'

Sentença Dist6S: TIAGO_a FALAR IX_a aIR_b BANHEIRO_b
'Tiago falou que ele foi ao banheiro.'

Sentença Dist7R: MENINA_a ANDAR₊₊ IX_a
CAIR_{CL-pessoa}
'A menina que não sentou hora nenhuma, ela caiu.'

**Sentença Dist8S: JULIA_a QUERER_a JUNTO_d MULHER-PESSOA_b

AMIGO_a IR_b MONTANHA-RUSSA_c

‘Julia queria que a amiga dela (amiga) vá na montanha-russa com ela.’

**Sentença Dist9R: MENINO_a ANDAR_{CL-bicicleta} JUNTO TIAGO_b IX_{cima}

aIR_b FESTA_b

‘O menino que andou de bicicleta com Tiago, ele (Tiago) foi à festa.’

**Sentença Dist10S: MARCOS_a aVER_c CARMEM_b ANDAR_{CL-patins-CONT}

‘Marcos viu que a Carmem estava andando de patins.’

***Sentença Dist11R: MENINA_a ANIVERSÁRIO IX_c aVER_b

CHOCAR_{CL-carro}

‘A menina que fez aniversário viu Carmem e Marcos se chocarem.’

***Sentença Dist12S: TIAGO_a FALAR IX_{cima} aIR_{BCL-carro} BANHEIRO_c

‘Tiago falou que ele foi ao banheiro’

***Sentença Dist13R: MENINA_a SENTAR_{CL} HORA NADA IX_b

CAIR_{CL-objeto.redondo}

‘A menina que não sentou hora nenhuma, ela caiu.’

Sentença Dist14R: MENINO_a GUARDAR_{CL} UNIFORME IX_a

FALTAR AULA

‘O menino que guardou o uniforme no armário, ele faltou a aula.’

Sentença Dist15S: MARCOS_a aDIZER_b TIAGO_b IX_a COMPRAR
LIVRO

‘Tiago disse ao Marcos que não ia comprar o livro.’

Sentença Dist16R: MARCOS_a NÃO-QUER PROVA IX_a
DORMIR

‘Marcos, que não queria fazer a prova, dormiu.’

Sentença Dist17S: MENINA_a aCONTAR_b MÉDICO_b P-É POSS_a DOER
REPETIR

‘A menina contou ao médico que seu pé estava
doendo novamente.’

Sentença Dist18R: MENINA_a ANDAR_{CL-bicileta} IX_a aIR_b
ESCOLA_b

‘A menina que andou de bicicleta, ela foi à escola.’

Sentença Dist19S: TIAGO_a ROUPA_b PASSAR_{CL-ferro} IX_a
AMARROTADA_{CL-roupa}

‘Tiago passou a roupa que estava amarrotada.’

Sentença Dist20R: MENINA_a ANDAR_{CL-mancar} IX_a aIR_b
HOSPITAL_b

‘A menina que estava mancando, ela foi ao hospital.’

*Sentença Dist21R: MENINO_a GUARDAR_{CL} ^{_____}QU UNIFORME IX_a FALTAR
AULA

‘O menino que guardou o uniforme no armário, ele
ficou em casa.’

**Sentença Dist22S: MARCOS_b DIZER₀ TIAGO_a IX_a bCOMPRAR_a
LIVRO
'Tiago disse ao Marcos que não ia comprar o livro.'

**Sentença Dist23R: MARCOS_a NÃO-QUER PROVA IX_{cima}
DORMIR_{CL}
'Marcos, que não queria fazer a prova, dormiu.'

**Sentença Dist24S: MENINA_a aCONTAR_b MÉDICO_b P-É POSS_b DOER
REPETIR
'A menina contou ao médico que seu pé estava
doendo novamente.'

***Sentença Dist25R: MENINA_a BICICLETA ANDAR_{CL-patins} IX_a aIR_b
ESCOLA_c
'A menina que andou de bicicleta, ela foi à escola.'

***Sentença Dist26S: TIAGO_a ROUPA_b PASSAR_{CL-pano.no.chão} IX_{cima}
AMARROTADA_{CL-roupa}
'Tiago passou a roupa que estava amarrotada.'

***Sentença Dist27R: MENINA_a ANDAR_{CL-mancar-2-pernas} IX_b aIR_b
HOSPITAL_c
'A menina que estava mancando, ela foi
ao hospital.'

ANEXO 09

TJAG-2: Julgamentos atribuídos

Design, condições e estrutura testada					Item	J1	Média	J2	Média	J3	Média	Observação	
CVS com sanduíche de verbos	Tipo de duplicação	V1 copy	VL+VL	(C1)	[V ₁ + V ₂ + O + V _{1copy}]	(C1-1)	3	3,7	5	3,7	5	4,3	Julgamento errado
						(C1-2)	5		3		5		Espaço inadequado
						(C1-3)	3		3		3		
			VL+VG	(C2)	[V _{manner} + V _{path} + O + V _{manner}]	(C2-1)	5	5,0	5	4,6	5	5,0	
						(C2-2)	5		5		5		
						(C2-3)	5		4		5		MNM inadequada
			VG+VL	(C3)	[V _{path} + V _{manner} + O + V _{path}]	(C3-1)	4	4,0	5	5,0	5	5,0	MNM inadequada
						(C3-2)	4		5		5		MNM inadequada
						(C3-3)	4		5		5		MNM inadequada
		V2 copy	VL+VL	(C4)	[V ₁ + V ₂ + O + V _{2copy}]	(C4-1)	5	4,6	5	4,0	5	4,7	
						(C4-2)	5		4		4		Contexto específico
						(C4-3)	4		3		5		Julgamento errado
			VL+VG	(C5)	[V _{manner} + V _{path} + O + V _{path}]	(C5-1)	5	4,3	5	5,0	5	5,0	
						(C5-2)	4		5		5		Julgamento errado
						(C5-3)	4		5		5		Julgamento errado
			VG+VL	(C6)		(C6-1)	3	4,0	4	4,5	5	5,0	Sinal errado(ESCOLA)

				$[V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + O + V_{\text{manner}}]$	(C6-2)	4		5		5		Sinal errado(ESCOLA)	
					(C6-3)	5		4		5		Sinal errado(ESCOLA)	
		V1copy + V2copy	VL+VL	(C7)	$[V_1 + V_2 + O + V_{1\text{copy}} + V_{2\text{copy}}]$	(C7-1)	2	3,3	3	3,7	2	3,3	Repetição inadequada
						(C7-2)	5		5		5		
						(C7-3)	3		3		3		
			VL+VG	(C8)	$[V_{\text{manner}} + V_{\text{path}} + O + V_{\text{manner}} + V_{\text{path}}]$	(C8-1)	3	3,6	4	4,0	5	5,0	Julgamento errado
						(C8-2)	3		4		5		Julgamento errado
						(C8-3)	5		4		5		Sinal errado(ESCOLA)
			VG+VL	(C9)	$[V_{\text{path}} + V_{\text{manner}} + O + V_{\text{path}} + V_{\text{manner}}]$	(C9-1)	4	4,3	4	4,3	4	4,3	
						(C9-2)	5		5		5		
						(C9-3)	4		4		4		

DISTRATORAS				J1	J2
Plenamente aceitáveis	gramatical	Relativa	D1	5	5
		subordinada	D2	4	2
		Relativa	D3	5	5
		subordinada	D4	5	5
		Relativa	D5	5	5
		subordinada	D6	4	4
Inadequadas	inadequação de Indexação	subordinada	D8	1	5
		Relativa	D9	2	3
		subordinada	D10	2	4
Plenamente inaceitáveis	inadequações de Indexação e CL	Relativa	D11	2	3
		subordinada	D12	1	2
		Relativa	D13	1	2
Plenamente aceitáveis	gramatical	Relativa	D14	2	5
		subordinada	D15	5	5
		Relativa	D16	5	5
		subordinada	D17	5	5
		Relativa	D18	5	5
		subordinada	D19	5	5
Parcialmente inadequadas	Equívocos de MNM	Relativa	D21	2	3
Inadequadas	inadequação de Indexação	subordinada	D22	3	4
		Relativa	D23	5	4
		subordinada	D24	5	5

Plenamente inaceitáveis	inadequações de Indexação e CL	Relativa	D25	1	1
		subordinada	D26	3	3
		Relativa	D27	3	2

ANEXO 10

Prospecção de dados – 3

Construções com verbos AB

		Tipo de estrutura	Sentença	V	X	
Verbo simples (AMAR)	Micro-contexto 1		Uma mulher adotou uma criança. Ela ama muito a criança como um filho. Mas, a criança, não a ama.			
	Ativa	Perspectiva A (a+p)		(1) MÃE1 AMAR IX FILHO2 (2) MÃE1 FILHO2 AMAR MÃE MESMO ix AMA FILHO	X x	x
		Perspectiva B (pass simples)		(3) FILHO2 AMAR		x
	Passivas (?)	Perspectiva B (passiva + agente preposicionado)		(4) FILHO2 MÃE1 AMAR (5) FILHO2 AMAR IX-MESMO IX (?) MÃE1		X x
		AB	C/ Role-shift	Perspectiva AB ([a+p] + [passiva simples])	(6) MÃE1 FILHO2 AMAR // AMAR	
	S/ Role-shift		(7) MÃE1 FILHO2 AMAR AMAR			X
	C/ Role-shift		Perspectiva AB ([a+p] + [passiva + agente preposicionado])	(8) MÃE1 FILHO2 AMAR // AMAR IX-MESMO IX MÃE1		X
	S/ Role-shift			(9) MÃE1 FILHO2 2BUSCAR1 aBUSCARb IX-MESMO IX MÃE1		X
	BA	C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva simples] + [a+p])	(10) FILHO2 AMAR // MÃE1 AMAR		X
		S/ Role-shift		(11) FILHO2 AMAR MÃE1 AMAR		X
		C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva + agente preposicionado] [a+p])	(12) FILHO2 AMAR IX-MESMO IX MÃE1 // AMAR		X
		S/ Role-shift		(13) FILHO2 AMAR IX-MESMO IX MÃE1 AMAR		x

Verbo regular (AJUDAR)		Tipo de estrutura		Sentença	v	x
		Micro-contexto 2	A criança chegou em casa com dever de casa para fazer. Ela pediu ajuda para a mãe.			
Ativa		Perspectiva A (a+p)	MÃE ₁ 1AJUDAR ₂ FILHO ₂ FILHO ₂ MÃE ₁ 1AJUDAR ₂	X X		
	Passivas (?)	Perspectiva B (pass simples)	FILHO ₂ 0AJUDAR ₂			x
Perspectiva B (passiva + agente preposicionado)		FILHO ₂ MÃE ₁ 2AJUDAR ₁ FILHO ₂ 2AJUDAR ₁ IX-MESMO MÃE ₁			x x	
AB	C/ Role-shift	Perspectiva AB ([a+p] + [passiva simples])	MÃE ₁ FILHO ₂ 1AJUDAR ₂ // 2AJUDAR ₁			X
	S/ Role-shift		MÃE ₁ FILHO ₂ 1AJUDAR ₂ 2AJUDAR ₁			X
	C/ Role-shift	Perspectiva AB ([a+p] + [passiva + agente preposicionado])	MÃE ₁ FILHO ₂ 1AJUDAR ₂ // 2AJUDAR ₁ IX-MESMO IX MÃE ₁			X
	S/ Role-shift		MÃE ₁ FILHO ₂ 1AJUDAR ₂ 2AJUDAR ₁ IX-MESMO IX MÃE ₁			X
BA	C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva simples] + [a+p])	FILHO ₂ aAJUDAR _b // MÃE ₁ 1AJUDAR ₂			X
	S/ Role-shift		FILHO ₂ aAJUDAR _b MÃE ₁ 1AJUDAR ₂			X
	C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva + agente preposicionado] [a+p])	FILHO ₂ aAJUDAR _b IX-MESMO IX MÃE ₁ // 1AJUDAR ₂			X
	S/ Role-shift		FILHO ₂ aAJUDAR _b IX-MESMO IX MÃE ₁ 1AJUDAR ₂			x

		Tipo de estrutura	Sentença	v	X	
		Micro-contexto 3	A escola ligou para a mãe e pediu para que buscasse seu filho na escola, pois brigou com os amigos.			
Verbo reverso (BUSCAR)	Ativa	Perspectiva A (a+p)	FILHO2 MÃE1 2BUSCAR1 MÃE1 2BUSCAR1 FILHO2	?		
				x		
	Passivas (?)	Perspectiva B (pass simples)	FILHO2 2BUSCAR0			x
		Perspectiva B (passiva + locativo)	FILHO2 2BUSCAR0 ESCOLAc			x
		Perspectiva B (passiva + agente preposicionado)	FILHO2 2BUSCAR1 IX-MESMO IX MÃE1 FILHO2 2BUSCAR1 MÃE1			X
		Perspectiva B (passiva +locativo+ agente preposicionado)	FILHO2 aBUSCARa ESCOLAc IX-MESMO IX MÃE1			X
		Perspectiva B (passiva + agente preposicionado+ locativo)	FILHO2 MÃE1 2BUSCAR1 ESCOLAc			X
	AB	C/ Role-shift	Perspectiva AB ([a+p] + [passiva simples])	MÃE1 FILHO2 2BUSCAR1 // 2BUSCAR1		X
		S/ Role-shift		MÃE1 FILHO2 2BUSCAR1 2BUSCAR1		X
		C/ Role-shift	Perspectiva AB ([a+p] + [passiva + agente preposicionado])	MÃE1 FILHO2 2BUSCAR1 // 2BUSCAR1 IX-MESMO IX MÃE1		X
S/ Role-shift		MÃE1 FILHO2 2BUSCAR1 2BUSCAR1 IX-MESMO IX MÃE1			X	
C/ Role-shift		Perspectiva AB ([a+p] + [passiva + locativo])	MÃE1 FILHO2 2BUSCAR1 // 2BUSCAR1 ESCOLAc		X	
S/ Role-shift			MÃE1 FILHO2 2BUSCAR1 2BUSCAR1 ESCOLAc		X	
C/ Role-shift		Perspectiva AB ([a+p] + [passiva + locativo + agente preposicionado])	MÃE1 FILHO2 2BUSCAR1 // 2BUSCAR1 ESCOLAc IX-MESMO IX MÃE1		X	
S/ Role-shift			MÃE1 FILHO2 2BUSCAR1 2BUSCAR1 ESCOLAc IX-MESMO IX MÃE1		X	
BA	C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva simples] + [a+p])	FILHO2 bBUSCAR0 // MÃE1 2BUSCAR1		X	
	S/ Role-shift		FILHO2 bBUSCAR0 MÃE1 2BUSCAR1		X	
	C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva + agente preposicionado] [a+p])	FILHO2 2BUSCAR1 IX-MESMO IX MÃE1 // 2BUSCAR1		X	
	S/ Role-shift		FILHO2 2BUSCAR1 IX-MESMO IX MÃE1 2BUSCAR1		X	
	C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva + locativo] + [a+p])	FILHO2 bBUSCAR0 ESCOLAc // MÃE1 2BUSCAR1		X	
	S/ Role-shift		FILHO2 bBUSCAR0 ESCOLAc MÃE1 2BUSCAR1		X	
	C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva + locativo + agente preposicionado] + [a+p])	FILHO2 2BUSCAR1 ESCOLAc IX-MESMO IX MÃE1 // 2BUSCAR1		X	
	S/ Role-shift		FILHO2 2BUSCAR1 ESCOLAc IX-MESMO IX MÃE1 2BUSCAR1		x	

Verbo CL manual com referente ancorado no corpo (BATER)		Tipo de estrutura		Sentença		v	X	
		Micro-contexto 4						
Verbo CL manual com referente ancorado no corpo (BATER)		Ativa		Perspectiva A (a+p)	(1) MÃE1 FILHO2 1BATER2 (2) FILHO2 IX2 MAE BATER	X		
		Passivas (?)		Perspectiva B (pass simples)		(2) FILHO2 0BATER2		x
				Perspectiva B (passiva + body part)		(3) FILHO2 0BATER2-ombro33		x
				Perspectiva B (passiva + agente preposicionado)		(4) FILHO2 1BATER2 MÃE1 (5) FILHO2 1BATER2 IX-MESMO IX MÃE1		x
				Perspectiva B (passiva +body part + agente preposicionado)		(6) FILHO2 MÃE1 1BATER2-ombro33 (7) FILHO2 1BATER2-ombro33 IX-MESMO IX MÃE1	X	x
				Perspectiva B (passiva + agente preposicionado+body part)		(8) FILHO2 1BATER2 MÃE1 OMBRO3 (??)		x
		AB		C/ Role-shift	Perspectiva AB ([a+p] + [passiva simples])	(9) MÃE1 FILHO2 1BATER2 // 1BATER		x
				S/ Role-shift		(10) MÃE1 FILHO2 1BATER2 1BATER2		x
				C/ Role-shift	Perspectiva AB ([a+p] + [passiva + agente preposicionado])	(11) MÃE1 FILHO2 1BATER2 // FILHO2 1BATER2 MÃE1		X
				S/ Role-shift		(12) MÃE1 FILHO2 1BATER2 FILHO2 1BATER2 MÃE1		x
				C/ Role-shift	Perspectiva AB ([a+p] + [passiva +body part])	(13) MÃE1 FILHO2 1BATER2 // 1BATER2-ombro3	x	
				S/ Role-shift		(14) MÃE1 FILHO2 1BATER2 1BATER2-ombro3		x
				C/ Role-shift	Perspectiva AB ([a+p] + [passiva +body part + agente preposicionado])	(15) MÃE1 FILHO2 1BATER2 // 1BATER2-ombro3 IXa-MESMA MÃE1		x
				S/ Role-shift		(16) MÃE1 FILHO2 1BATER2 1BATER2-ombro3 IXa-MESMA MÃE1		x
		BA		C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva simples] + [a+p])	(17) FILHO2 MÃE1 1BATER2 // 1BATER2		X
S/ Role-shift	(18) FILHO2 MÃE1 1BATER2 1BATER2					X		
C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva + agente preposicionado] [a+p])			(19) FILHO2 MÃE1 1BATER2 // 1BATER2		X		
S/ Role-shift				(20) FILHO2 MÃE1 1BATER2 1BATER2		X		
C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva +body part] + [a+p])			(21) FILHO2 MÃE1 1BATER2-ombro3 // 1BATER2		X		
S/ Role-shift				(22) FILHO2 MÃE1 1BATER2-ombro3 1BATER2		X		
C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva +body part + agente preposicionado] + [a+p])			(23) FILHO2 1BATER2-ombro3 IXa-MESMA MÃE1 // 1BATER2		x		
S/ Role-shift				(24) FILHO2 1BATER2-ombro3 IXa-MESMA MÃE1 1BATER2		X		

Verbo regular bitransitivo (DAR)		Tipo de estrutura		Sentença		v	x
		Micro-contexto 5		Para melhorar o comportamento de seu filho, a mãe comprou e deu um livro de orientações para ele.			
Ativa		Perspectiva A (a+p)		MÃE1 1DAR2 LIVRO FILHO2 LIVRO MÃE1 1DAR2 FILHO2		X x	
		Perspectiva B (pass simples)		LIVRO FILHO2 0DAR2			X
Passivas (?)		Perspectiva B (passiva + agente preposicionado)		LIVRO FILHO2 1DAR2 MÃE1 LIVRO FILHO2 1DAR2 IX-MESMO IX MÃE1			X X
		Perspectiva AB ([a+p] + [passiva simples])		LIVRO MÃE1 FILHO2 1DAR2 // 2DAR1 LIVRO MÃE1 FILHO2 1DAR2 2DAR1			X X
AB		C/ Role-shift	Perspectiva AB ([a+p] + [passiva + agente preposicionado])	LIVRO MÃE1 FILHO2 1DAR2 // 2DAR1IX-MESMO IX MÃE1			X
		S/ Role-shift		LIVRO MÃE1 FILHO2 1DAR2 2DAR1IX-MESMO IX MÃE1			X
BA		C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva simples] + [a+p])	LIVRO FILHO2 2DAR1 // MÃE1 1DAR2			X
		S/ Role-shift		LIVRO FILHO2 2DAR1 MÃE1 1DAR2			X
		C/ Role-shift	Perspectiva BA ([passiva + agente preposicionado] [a+p])	LIVRO FILHO2 2DAR1 IX-MESMO IX MÃE1 // 1DAR2			X
		S/ Role-shift		LIVRO FILHO2 2DAR1 IX-MESMO IX MÃE1 1DAR2			x

Prospecção de sentenças AB com verbos classificadores					
	Verbo	Locativo	Sentença	Julgamento	
				✓	X
Sentenças AB com verbos CL	Contexto 1		A mãe do Nicolas ama muito seu filho. Ela sempre mostra seu amor acariciando sua cabeça e beijando sua testa. Mas, Nicolas é muito levado e, as vezes, sua mãe o corrige dando tapinhas em seu braço ou beliscando sua orelha.		
	BATER	braço	(1) MÃE 1BATER2 FILHO // 1BATER2braço (2) PAI bater (coça) FILHO	X	
	BEIJAR	Testa	(2) MÃE 1BEIJAR2 FILHO // 1BEIJAR2testa	X	
	ACARICIAR	Cabeça/cabelo	(3) MÃE 1ACARICIAR2 FILHO // 1ACARICIAR2cabeça	X	
	BELISCAR	Orelha	(4) MÃE 1BELISCAR2 FILHO // 1BELISCAR2orelha	X	
	Contexto 2		Nicolas está na creche. Ele tem apenas dois anos. Lá as crianças estão aprendendo a conviver. Nicolas está sempre briga com sua coleguinha, a Sara. Um dia eles brigaram por causa de um brinquedo. O menino mordeu a menina no braço e ela, com raiva, aranhou o peito dele e espetou o seu olho com um lápis. Nicolas foi para a enfermaria e a enfermeira precisou dar uma injeção no braço do menino.		
	ARRANHAR	Peito	(5) MENINA 1ARRANHAR2 MENINO // 1ARRANHAR2peito	X	
	ESPETAR	Olho	(6) LÁPIS MENINA 1ESPETAR2 MENINO // 1ESPETAR2olho	X	
	MORDER	Antebraço	(7) MENINO 1MORDER2 MENINA // 1MORDER2antebraço	X	
	DAR-INJEÇÃO	Braço	(8) MULHER-ENFERMEIR@ 1DAR-INJEÇÃO2 MENINO // 1DAR-INJEÇÃO2braço	X	
	Contexto 3		Perto da escola do Nicolás é muito perigoso. Um dia sua mãe foi assaltada depois de deixar o menino na escola. O bandido seguiu a mulher, segurou ela pelos cabelos, puxou uma faca e esfaqueou no coração. Por sorte, tinha um policial próximo ao local que viu a cena. O bandido fugiu e o policial o seguiu e puxou o bandido pela camisa. Os dois começaram a brigar até que o policial sacou sua arma e atirou na barriga do bandido que caiu no chão. Depois, esperando a viatura, o policial pisou na cara do bandido que estava no chão.		
	PISAR	Cara	(9) POLICIAL 1PISAR2 BANDIDO // 1PISAR2cara	X	
	ESFAQUEAR	Coração/Peito	(10) FACA BANDIDO 1ESFAQUEAR2 MULHER // 1ESFAQUEAR2coração	X	
	SEGURAR	Cabelo	(11) BANDIDO 1SEGURAR2 MULHER // 1SEGURAR2cabelo	X	
	PUXAR	Blusa	(12) POLICIAL 1PUXAR2 BANDIDO // 1PUXAR2camisa	x	
ATIRAR	Barriga	(13) POLICIAL 1ATIRAR2arma2 BANDIDO // 1ATIRAR2barriga	X		